

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Gabriela Pontin Novaes

Cidade dos desejos: *Belle Époque*, Lazer e Imprensa em Piracicaba (1900-1914)

Curitiba
2010

Gabriela Pontin Novaes

Cidade dos desejos: *Belle Époque*, Lazer e Imprensa em Piracicaba (1900-1914)

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito para a obtenção do título de mestre em História.

Orientadora: Dra. Judite M. Barboza Trindade.

Curitiba
2010

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi o resultado de muitas leituras, pesquisas, conversas, mas também de muitas preocupações e inseguranças. Neste caminho repleto de altos e baixos tiveram muitas pessoas especiais que participaram deste processo e que não poderiam deixar de ser mencionadas. Os meus pais, que sem dúvida, foram os que mais me apoiaram e incentivaram em todas as fases do trabalho e da vida e que sem eles nada disso seria possível. Aos meus irmãos que sempre cuidaram de mim e que torcem pelo meu sucesso, assim como me orgulho dos deles. Em especial a minha irmã Camila, amiga e cúmplice de tantos momentos felizes. A todos os meus familiares que torcem por mim, em especial aos meus avós, pessoas de quem tenho enorme carinho e admiração. E ainda a minha família postiça os “Silva de Gregório” que passam bons momentos comigo.

À minha orientadora Judite M. B. Trindade que com seus conselhos, sua disposição, paciência e dedicação me ajudou com apontamentos pertinentes de forma sincera, amiga e muito divertida, querendo sempre o meu melhor.

Aos professores que me deram aulas e foram importantes para o meu desenvolvimento como a professora Marion Brepohl, Magnus Pereira, Fátima Fernandes, Renata Garraioni. Aos que participaram da banca de qualificação, que fizeram críticas e deram sugestões importantes para o crescimento e amadurecimento do trabalho como a professora Roseli Boschilia e Rafael A. Sêga.

Aos meus colegas de mestrado que se tornaram amigos como a Kety, Ana Luisa e Reginaldo. Parceiros em momentos de alegrias, de aulas, de confidências e de ótimas conversas.

Ao querido Fernando Matsunaga que com seu amor, carinho, paciência e companheirismo está sempre ao meu lado nos dias mais felizes e também nos momentos mais difíceis.

Agradeço também a secretária da pós Maria Cristina que nos auxilia esclarecendo nossas dúvidas com paciência e atenção. Aos funcionários da Biblioteca Municipal de Piracicaba e do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba que ajudaram na consulta das fontes. E ao incentivo financeiro dado pela Capes e pelo CNPq sem o qual seria tudo mais difícil.

*Para meus pais,
Luceli e Luiz Carlos.*

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi compreender como o imaginário da *Belle Époque* foi apreendido pela imprensa brasileira, tendo como foco a cidade de Piracicaba. Por meio do *Jornal de Piracicaba*, analisamos como o processo de modernização foi representado na cidade entre os anos de 1900 e 1914 e como essas visões sobre esse processo afetaram os discursos e a construção do lazer urbano.

No anseio por uma modernização que significava uma nova forma de viver e ver o mundo, o lazer foi importante. Diversas matérias nos mostraram que não queriam apenas mudanças estruturais na cidade, mas novas formas de se portar, com elegância, polidez e com uma cultura refinada. A construção do que seria uma “cultura elevada” serviu muitas vezes para se preservar *status* e privilégios.

A imprensa foi um importante meio de comunicação e formação de opinião, buscou enquadrar os habitantes da cidade a um modelo idealizado de civilização espelhado na Europa. Por meio dos jornais vemos um embate entre as diversas identidades que coexistiam na cidade. De um lado havia a construção de uma imagem positiva de certos hábitos, gostos e divertimentos, de outro um cenário de exclusão, estigma e repressão de outros. Por meio do lazer imposições foram questionadas e burladas. Através dos discursos sobre o lazer podemos perceber a polifonia existente na cidade, a riqueza e complexidade da experiência urbana.

Os autores norteadores da pesquisa foram Marshall Berman, Nicolau Sevcenko, Renato Ortiz e Sandra Jatahy Pesavento. Ajudaram a pensar sobre o tema da modernidade, as transformações, as novas configurações no mundo urbano, a construção de significados e as representações sobre os grupos que conviviam na cidade.

Palavras-chave: Modernização; Cidade; Lazer e Imprensa.

ABSTRACT

This research has the objective to understand how the imaginary of *Belle Époque* was apprehended by Brazilian press, with the focus in the city of Piracicaba. Using the *Jornal de Piracicaba*, we try to analyze how the modernization process was represented in the city between the years of 1900 to 1914 and how the visions about those processes affected the discourses and the constructions of urban leisure time. In the eager for a modernization that means a new way of living and sees the world, the leisure was important.

A number of reports appointed that they didn't wanted just structural changes in the city but also new ways of behavior with elegance, polite and refined culture. The construction of "high culture" was also used to preserve status and privileges.

The Press was an important way of communication and opinion formation to frame the city population in an idealized model of civilization based on the European molds. Through the newspapers we see a clash between the several identities that coexist in the city. In one side they try to build a positive image of certain habits, likes and funs. At the same time there were a set-up of exclusion, stigmatization and repression of others. The leisure was used to put in question and to hoax the impositions. Throughout the discourses about the leisure we can realize the existing polyphonies in the city, also the richness and the complexities of urban experiences.

The authors who guided this research were Marshall Berman, Nicolau Sevcenko, Renato Ortiz and Sandra Jatahy Pesavento. They helped to think about the theme of modernity, the transformations, the new settings in the urban world, the constructions of meanings and the representations of the group that lived in the city.

Keywords: Modernization, City, Leisure and Press.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. PIRACICABA NA <i>BELLE ÉPOQUE</i>	19
1.1. Novas propostas na área do lazer	32
2. (RE)INVENTANDO A CIDADE	49
2.1. O Lazer e a Distinção Social	74
3. PROBLEMAS E CONTRADIÇÕES	99
3.1 Entre Vadios, Viciados, Bêbados, Criminosos e Desordeiros	116
3.2 O Carnaval e as Divergências	147
CONCLUSÃO	163
BIBLIOGRAFIA	165

INTRODUÇÃO

O período que se convencionou chamar de *Belle Époque* em diversos locais do mundo foi marcado pela euforia, pela crença na tecnologia e uma dinâmica de economia internacional, na qual se ampliaram as redes de comunicação e comércio. No Brasil, caracterizou-se pela influência francesa, pelo aumento de consumo de produtos de luxo, por um maior requinte na vida das cidades com progressos técnicos que modificaram o cotidiano das pessoas. Segundo Jeffrey Needell (1993), foi o período entre 1898 e 1914, desde o governo de Campos Sales até a Primeira Guerra Mundial. Foi assim chamado por ter sido o auge econômico do café e por causa dos hábitos influenciados pelos franceses e por uma relativa estabilidade política. Esse conceito foi aprofundado por Evaldo de Mello Doin (2007) em seus estudos sobre a *Belle Époque* Caipira. Em seus trabalhos afirmou que ela teria surgido desde o início das ferrovias e se estendeu até a revolução de 30. No entanto, esse autor disse que cada cidade brasileira teve um período específico de auge, caracterizadas fortemente pela presença ou influência da cafeicultura.

A *Belle Époque* aqui entendida se insere num contexto de mudanças de imaginários, estrutura política e urbanização que se irradiam entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, a partir do Rio de Janeiro para as demais cidades do país, conformando-se na paixão pelas mudanças simbólicas e a negação de uma herança colonial, mas com a preservação de hierarquias sociais. Permanecia um olhar idealizado para o mundo europeu, a “civilização branca, cristã e ocidental”. Esse período foi também parte daquilo que se denominou “Os Bons Tempos” do *fin de siècle*, época do otimismo:

O que torna o *fin de siècle* interessante é sua natureza não excepcional: o modo como reflete o século XIX a que pertence; o modo como anuncia o século XX que já toma forma; a estabilidade que afirma no meio da mudança; as mudanças que experimenta entre a persistente continuidade do já conhecido (WEBER, 1988, p. 285).

Foi uma época fortemente caracterizada pela estetização da vida, uma tentativa de misturar arte e vida. O cotidiano deveria transformar-se em obra de arte, não era preciso apenas fazer literatura e arte, mas viver como se a vida pudesse ser uma obra de arte e literatura (CAMARGOS, 2001). A cultura espelhada nos franceses e ingleses, vista como superior, foi emprestada como forma de legitimação e distinção social. Dentro dessa concepção de mundo o *Art Nouveau*, estilo estético usado principalmente nas artes gráficas e

arquitetura, expressou uma imagem ideal de um mundo feliz e harmonioso usando as formas da natureza como inspiração.

Foi um período de relativa estabilidade social e prosperidade econômica durando até a Primeira Guerra Mundial, cujas tragédias encerrariam a idade da “inocência”, com a crença de que os progressos tecnológicos trariam um mundo mais justo e feliz. As conquistas tecnológicas remetiam a um mundo que não seria mais o mesmo. Época interessante, sobretudo, para aqueles que tinham tempo e dinheiro para usufruir das benesses da civilização moderna.

Para que as elites brasileiras alcançassem o almejado status de país civilizado seria necessário despojar-se do que os remetia ao passado, ao atraso, renegando muitos de seus próprios elementos culturais. Os políticos da época (inspirados nas reformas em Paris) fizeram planos de urbanização combinados com o embelezamento espacial, foi um processo de disciplinarização social, práticas de higiene física e moral, regras de convívio e formas de utilização do espaço público.

A incapacidade de absorver a mão de obra na agricultura, ou na indústria, conduzia a formação de excedentes, concentrando nas cidades um grande número de desempregados e causando os subempregos, acarretando um mercado informal e diverso. Após a abolição da escravatura o mundo do trabalho havia se tornado um problema para os políticos da época. Se na época da escravidão, ainda recente, o trabalho era visto como algo indigno, isto não mudaria de uma hora para outra. Boa parte da população negra ou mestiça preferia trabalhar como vendedores ambulantes, prestando serviços, fazendo entregas como meio para sobreviver, do que se submeter ao difícil trabalho nas fazendas do café.

Na busca por um trabalhador disciplinado a ociosidade foi vista por administradores públicos e intelectuais da época como a mãe de todos os vícios, o lazer era algo para se desconfiar. Deveriam ser inculcados hábitos saudáveis e diversões que não prejudicassem a produtividade do trabalhador. O anseio pelo progresso foi representado pelas mudanças e inovações nas formas de diversão. Uma cidade civilizada deveria ter bons teatros, cinemas, passeios públicos, clubes entre outros.

Estudaremos o início do século XX, pois foi um período de grandes mudanças para a história do Brasil. A nação acabava de viver um rápido crescimento na produção cafeeira, uma intensa imigração, a abolição da escravidão, a proclamação da república, o início da industrialização e o aumento da urbanização. Foi nesse momento de passagem de um cenário rural para a predominância do urbano que algumas ideias modernizadoras tentaram ser

implantadas pelos políticos locais, mas muitas delas também foram frustradas. Nota-se um aumento nas formas e de locais próprios para o lazer.

O lazer servia muitas vezes para preservar o *status* e os privilégios de um grupo que chamamos de “elite local”¹. Em meio a profundas metamorfoses essas elites procuravam reforçar sua tradição, mantendo hábitos aristocráticos, espelhando-se na França e na Inglaterra. De lá tomavam os valores a serem imitados com o objetivo de construir uma imagem de si mais próxima possível desses países. Porém o lazer poderia significar a resistência a mudanças, a preservação de tradições, sendo algumas formas de diversão vistas como atrasadas e prejudiciais à ordem buscada por uma parcela da sociedade piracicabana. O lazer foi utilizado na construção do viver na cidade, na definição de quais eram os comportamentos adequados socialmente no espaço urbano.

Então nos perguntamos como as transformações pela qual a sociedade estava passando afetaram os imaginários e percepções em relação à modernidade? Quais os discursos que apoiavam a ideologia do progresso e como isso afetou as visões sobre os momentos e espaços de lazer? Tomamos a definição de Marshall Berman (1986), em que a modernidade é um conjunto de experiências que dá as pessoas a sensação de ser moderno e antever um ambiente de aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor. Já que neste pressuposto está contida a ideia de perda daquilo que somos e sabemos, será que todos queriam ser modernos? Ou este processo era tão sutil, tão subentendido que as formas de viver nas cidades e se divertir se impunham como normas e posturas pensadas por uma elite que, esta sim, queria ser chique e moderna?

O foco da pesquisa foi a cidade de Piracicaba no período compreendido entre 1900 e 1914. O marco inicial foi determinado pelo início do novo século com toda a sua simbologia que ele trouxe, com novas esperanças, sonhos e desejos de tempos melhores. Se optamos pelo marco final em 1914 é devido à eclosão da Primeira Grande Guerra e os novos rumos que então se impõem sobre as discussões da modernidade. Foi também em 1900 que se fundou na cidade o *Jornal de Piracicaba* com tiragem diária e que tomamos como fonte principal.

Neste período, a população urbana em Piracicaba dobrou gerando novas experiências, demandas e necessidades ao poder público. Recém inaugurados, os serviços de esgoto, luz elétrica e água encanada modificaram as formas de vida da população. Com uma maior concentração na cidade o cotidiano se modificou, novas formas de diversão apareceram e foram influenciadas pelos progressos técnicos e ideias de uma urbanidade.

¹ Chamaremos de elite o grupo de maior poder econômico, aqueles que tinham acesso as escolas, com maior influência política.

Durante o tempo delimitado do estudo, o *Jornal de Piracicaba* passou por três gerências. Analisamos o início de sua história e sua consolidação, como ele se inventou e reinventou neste período e quais foram as representações da cidade e do lazer elaboradas por ele diante do contexto.

A imprensa piracicabana, em franca expansão, procurava reforçar o paradigma do cosmopolitismo europeu, mitificando o progresso e o urbanismo. Impulsionavam as reformas urbanas, principalmente o *Jornal de Piracicaba* que denunciava com mais fervor as principais medidas a serem tomadas para a construção de uma cidade moderna.

A presença das máquinas impôs um novo ritmo as cidades, os progressos técnicos e tecnológicos aumentaram a velocidade da produção separando com maior nitidez lazer e trabalho o que influenciou a multiplicação dos estabelecimentos de diversão. As transformações urbanas influenciaram o cotidiano da população, tanto no mundo do trabalho como em seus momentos de diversão. Esses habitantes urbanos não se contentariam apenas com as festas religiosas, esporádicas, buscavam mais e novas formas de se divertir.

A administração da cidade de Piracicaba era elogiada pela imprensa o que reforçava a vaidade do Partido Republicano fortalecendo seu poder na cidade. Piracicaba era uma cidade dotada de muitas praças, jardins, ruas asseadas, além das belezas na beira do rio, cantadas por músicos e poetas. A cidade passava por mudanças, convivendo entre progressos e tradicionalismos, novas invenções tecnológicas e vida pacata. No entanto, havia muitas dificuldades: problemas com as finanças, o índice de mortalidade infantil permanecia alto, problemas com a saúde pública, principalmente no verão com o surto de varíola, além de problemas de embelezamento e infra-estrutura, tinha aspectos considerados cosmopolitas e também provincianos.

Buscava-se uma modernização imediata, a velha ordem deveria ser sepultada, mas a modernidade aparecia de forma superficial, nos jardins, na luz, nas lojas, cafés, cinemas, teatros, que serviam de palco para a burguesia desempenhar o seu papel, olhar e ser visto. Mas as ruas tinham também outros personagens: o povo, os operários, os vendedores ambulantes, os vagabundos e os pobres em geral. Esses outros personagens deveriam permanecer nos bastidores, pois seus costumes não condiziam com a imagem da “cidade do desejo”.

O Processo de transformação para se chegar à modernidade foi de grande exclusão social das populações mais miseráveis, afastando-as dos centros urbanos. Palavras como civilização, progresso, prosperidade, modernização e europeização confundiam-se com especialização dos espaços urbanos e exclusão. Assim, os que não possuíssem características européias não haveriam de ter motivos para permanecer nos espaços centrais da cidade,

segundo os preceitos civilizatórios adotados pela elite. A resistência a imposições de comportamentos se dava muitas vezes na luta pelo espaço público, local de sobrevivência das camadas mais pobres.

Havia a projeção de uma cidade que se queria imaginada e desejada, sobre a cidade real. Para a História Cultural Urbana é importante resgatar a “cidade do desejo”, estabelecida ou não, ela existiu como elaboração simbólica na concepção de quem a projetou e a quis concretizar.

A elaboração de um imaginário é parte integrante de uma legitimação política. Atinge assim não só a cabeça, mas os corações, aspirações, medos e esperanças de um povo. É no imaginário que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos e organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário é o motor de ação do homem ao longo de sua existência, é esse agente de atribuições e significados à realidade, é o elemento responsável pelas criações humanas, resultem em obras concretas ou em utopias que não se realizaram, mas que um dia foi concebido (PESAVENTO, 2007).

A tarefa do Historiador seria captar a pluralidade dos sentidos e resgatar a construção de significados, as representações². Pensar as representações da cidade é uma preocupação que advém da crise do paradigma explicativo da realidade, que colocou em xeque a objetividade e racionalidade das leis científicas do domínio das ciências humanas.

Por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa (CHARTIER, 1991, p. 183).

A cidade é um lugar que autoriza as diferenças e que encoraja a concentração delas, construindo pertencimentos díspares e experiências cada vez mais complexas. O espaço urbano permite a vivência de um caráter contraditório nas múltiplas formas de como se estabelecem o diálogo entre o indivíduo e o social. A cidade é o que o historiador Koguruma (1998) chamou de floresta de símbolos, cheias de encontros e desencontros. Pode-se enxergá-la como um imenso cenário que está a explicar a multiplicidade das ambiguidades, tensões e conflitos, a construção de identidades e diferenças.

Na historiografia tradicional, o progresso seria levado por uma elite empreendedora, que se via como portadora de uma missão histórica para colocar o país no patamar das nações européias. Alguns autores viam as transformações urbanas como prova do que a ordem e o

² A História é ela própria representação. É uma narrativa que “representa” através de textos e imagens.

progresso técnico podiam oferecer: uma cidade ideal. Muitas histórias urbanas foram escritas a partir de uma perspectiva quantitativa e/ou evolutiva, trabalhos que não mostraram a precariedade e as insatisfações populares. O pobre aparecia como obstáculo à modernização e as personalidades de elite como pessoas ilustres, que deveriam ser lembradas por seus grandes feitos, como pessoas de grande valor humano.

A civilização podia ser pensada como um gigantesco veículo, movendo-se em uma via de mão única e em velocidade cada vez maior, desgovernado e sem freios. Mais tarde, com os problemas urbanos como o desemprego e a desigualdade social, entre outros, aumentaram as críticas à modernidade.

Segundo Raminelli (1997), Simmel foi um dos primeiros a pensar a modernidade e sobre as transformações advindas com o crescimento das cidades. Mais tarde Georg Lukács e Walter Benjamin se dedicaram ao tema. Walter Benjamin, ao pensar a cidade, criou uma metodologia capaz de ver “um mundo todo nos detalhes do cotidiano e aproximou-se de Simmel quando o sociólogo concebeu a cidade como um fato cultural, um caldeirão de experimento” (RAMINELLI, 1997, p. 197).

Os escritos de Benjamin inspiraram vários pesquisadores dedicados ao estudo da cidade como espaço de representação da modernidade. Marshall Berman (1986) recebeu forte inspiração deste, quando escreveu a história da aventura da modernidade, ambos recorreram à literatura para pensar as transformações provocadas por ela. Esses autores mesclaram filosofia, literatura e projetos urbanísticos, preocuparam-se com o cotidiano das ruas e como este afetou o indivíduo.

Para Marshall Berman (1986) ser moderno era viver uma vida de paradoxos e contradições, sentir-se fortalecido pelos aparelhos burocráticos que controlam e, frequentemente, destroem comunidades, valores e vidas, e se sentir compelido a lutar contra essas forças; é ser revolucionário (ao se entusiasmar com as transformações) e ao mesmo tempo ser conservador, aberto a novas possibilidades, de experiência e aventura e sentir medo de que tudo o que temos, que sabemos, tudo o que somos se desfaça:

Nesse contexto, a modernidade é um fenômeno do domínio da cultura, da expressão do pensamento, das sensações, das mentalidades e da ideologia. Sua base nascedoura é a transformação burguesa do mundo, que dá margem a um novo sentir e agir (PESAVENTO, 1997, p. 41).

Nos últimos anos as pesquisas tomaram novos rumos, os estudos urbanos têm promovido maior interdisciplinaridade, com grande amplitude. Os objetos também se

ampliaram, reconstruindo a complexidade da estrutura social e destacando as relações travadas entre os vários segmentos sociais do espaço urbano.

Ao longo da década de 1990, a emergência de uma História Cultural veio proporcionar uma nova abordagem ao fenômeno urbano. A cidade não é mais só um *locus* privilegiado, mas um objeto de reflexão a partir das representações sociais que produz e que se traduzem em práticas sociais. Considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pela elaboração de representações, que são contraditórias, permeadas de tensões pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido às suas realidades.

As classificações que dão aos seus mundos variam de acordo com quem fala, de onde fala, como afirmou Bourdieu (2008). Para ele os agentes sociais buscam legitimar ou elevar sua posição social através das representações. Porém Chartier (1991) foi mais sutil e pensou além do determinismo social, marcado por uma herança do capital cultural, afirmando que é impossível qualificar os motivos, os objetos ou as práticas culturais em termos sociológicos, pois as representações, as práticas, não se organizam de acordo com divisões sociais prévias.

A modernidade, com sua atmosfera de agitação e turbulência foi ensaiada em algumas cidades brasileiras, ainda que de forma incompleta e artificialmente copiada. A complexidade crescente da cidade e a diversificação social de sua população geraram no final do século XIX um novo público urbano, com novas formas de sociabilidade. Ocorreu uma febre da indústria do entretenimento, reorganizando o uso dos espaços públicos que sofreu um processo de mercantilização do lazer na ordem burguesa. Surge a necessidade de lazer para os que vinham das zonas rurais. A vida no campo oferecia oportunidades de entretenimentos baratos ou mesmo gratuitos (pesca, caça, banho nos rios e cachoeiras), negados ou dificultados pelo ambiente urbano, suscitando um vazio a ser preenchido.

Perceber as representações da modernidade nos rituais, nas festas, nos momentos de lazer é conhecer mais sobre as expectativas e experiências vividas pelos sujeitos naquele início de século: “É como se o domínio do ritual fosse uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores” (DAMATTA, 1983, p. 69). Através das imagens que o *Jornal de Piracicaba* elaborou sobre o lazer, podemos compreender melhor os anseios pela modernização e o seu reverso. Os desejos de cidade moderna entraram em choque com as dificuldades econômicas, falta de vontade política, conservadorismos e contradições.

Os estudos do lazer têm crescido em diversas áreas. O interesse internacional pelo tema tem origem na segunda metade do XIX, entendido como um tempo disponível após as ocupações. Em 1930 no dicionário de Claude Augé, o lazer passou a ser concebido como

distração, ocupações às quais o indivíduo poderia se entregar de espontânea vontade, durante o tempo não ocupado. O lazer passou a ser visto como tempo/espço propício para a vivência de uma multiplicidade de experiências classificadas como não pertencentes ao mundo do trabalho (MELO; WERNECK, 2004).

Dumazedier, um sociólogo que se dedicou à área, tratou o lazer como algo exercido à margem das obrigações sociais, como função de descanso, desenvolvimento de personalidade e diversão. Definiu o lazer como:

[...] um conjunto de ocupações as quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária, sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1980, p. 34).

A partir da necessidade de conhecimento e controle social do tempo livre, foi criado nos Estados Unidos um campo de pesquisa denominado Sociologia do Lazer. No Brasil desde o século XIX as preocupações com o lazer da população já estavam presentes nos discursos de engenheiros e sanitaristas responsáveis pelas reformas urbanas.

A pesquisadora brasileira Heloisa Bruhns (1997) alertou para a necessidade de superar a visão de lazer como prática despolitizada. Segundo a autora, este tipo de abordagem tem traços definidos e impregnados de uma concepção de lazer relacionado a posturas ociosas e ações improdutivas. Nesta concepção o elemento lúdico aparece como banalidade, sem seriedade, o que passa a legitimar uma ideologia moralizadora de que o trabalho é um bem supremo e o brincar é um mero passatempo, sem sentimentos culturais, éticos e sociais.

Não se pode reduzir o lazer a uma simples relação temporal, o lazer não é um tempo separado do trabalho, nem sempre se traduz em ruptura. Lazer e trabalho não podem ser considerados como compartimentos estanques, pois a vida social é um todo, em que as várias dimensões entrecruzam-se em interdependência: “Não é possível entender o lazer isoladamente, sem relação com outras esferas da vida social. Ele influencia e é influenciado por outras áreas de atuação, numa relação dinâmica” (MARCELLINO, 2002, p. 14).

No universo lúdico sujeitos sociais preservam, sustentam e produzem práticas e imagens. O lazer como expressão da cultura pode ser um elemento de conformismo, resistência à ordem social estabelecida, construindo e reconstruindo novos significados, não lhe cabendo o tratamento simplista (BRUHNS, 1997). Por meio dos discursos e práticas de lazer podemos perceber os desejos de modernização e mudança de comportamentos na

sociedade, mas também um contraponto, como forma de manter tradições, de elaborar outras formas de viver na cidade, de se relacionar, de se engajar e se reinventar.

Nos jornais piracicabanos, muitas vezes, o lazer foi utilizado para classificar os grupos sociais. O indivíduo, a partir de sua posição no mundo social, define-se e define os outros. Em “A Distinção”, Bourdieu (2008) se fundamenta na ideia de que as representações do mundo social, ou seja, as representações que se tem de si e dos outros se traduzem em estilos de vida. O gosto classifica os sujeitos sociais pelas distinções que eles operam entre o belo e o feio, o nobre e o vulgar. Ocorre uma afirmação da superioridade daqueles que se satisfazem com prazeres sublimados, requintados, desinteressados em relação àqueles vistos como simples e profanos. A arte e o consumo artístico estão predispostos a desempenhar, independente de nossa vontade e de nosso saber, uma função social de legitimação das diferenças sociais.

O gosto não é aleatório faz parte da construção da identidade³ que se quer para si e a que os outros lhe atribuem. Pensando nisso, analisaremos como os discursos da imprensa a respeito do lazer foram utilizados na classificação da cidade e das múltiplas identidades que coexistem nela.

Ao longo do tempo os donos e redatores do *Jornal de Piracicaba* mudaram, mas a linha editorial que seguiam era a mesma. Acreditavam que a imprensa tinha uma missão civilizatória: “O Jornal descortinava-lhe o mundo, vencendo distancias. É a lanterna mágica do progresso. É a força propulsora e condutora das massas insatisfeitas [...]” (Demócrito Rocha apud NETTO; MARTINS, 2003, p. 7). Emergira no final do XIX um padrão de jornalismo pautado na objetividade, destinada a toda a população, buscando a imparcialidade e a justiça.

Criado pelo advogado e intelectual Antonio Pinto, pelo engenheiro Buarque de Macedo e Alberto da Cunha Horta o *Jornal de Piracicaba* foi o único jornal que, ininterruptamente, existiu por mais de cem anos na cidade. Este jornal veio para contrapor a *Gazeta de Piracicaba*, órgão republicano, que por ser ligado ao governo local deixava de considerar muitas queixas e problemas da cidade. A *Gazeta* foi criada em 1882 e teve um papel importante como defensor dos princípios republicanos, mas à medida que o Partido Republicano se firmou no governo local, seu caráter contestatório foi deixado de lado, gerando insatisfações a uma parte da sociedade piracicabana.

Foi com esse espírito de estar em defesa dos interesses da cidade, e não de interesses políticos ou pessoais, que o *Jornal de Piracicaba* foi fundado, dizendo-se um órgão que

³ A identidade não é o resultado fechado de heranças culturais, mas a produção contínua de criações diárias, inseridas no jogo social.

atenderia aos queixumes da população, almejando o progresso. O jornal no início era financiado pelos leitores, com o tempo a publicidade ganhou força e passou a ser a principal fonte de renda.

Desde a sua fundação, passou por várias reformulações. Do início de 4 de agosto de 1900 a 14 de novembro do mesmo ano, o redator era Antonio Pinto de Almeida Ferraz, o dirigente era Alberto da Cunha Horta e o proprietário era Manoel Buarque de Macedo. Alberto Horta saiu da empresa por motivos de saúde, deixando inclusive a cidade. Nesta época a assinatura do jornal custava 20.000 réis ao ano e 10.000 réis no semestre. O número custava 100 réis e os atrasados 200 réis.

Em janeiro de 1901 a primeira mudança se processou na diretoria do *Jornal de Piracicaba*. João Aranha passou a ser o diretor, substituindo Manuel Buarque de Macedo e João Pedro de Meire assumiu o cargo de gerente. Em março daquele mesmo ano, Aranha deixou a direção e em seu lugar entrou Juvenal do Amaral. Todos reafirmaram as promessas de continuidade do programa elaborado por Buarque de Macedo e Antonio Pinto. Juvenal do Amaral dirigiu o Jornal até 1904, quando foi substituído por Álvaro de Carvalho⁴.

Mesmo com a mudança na gerência alguns autores permaneceram, como exemplo de Antonio Pinto que se dedicou à promotoria pública municipal e à licenciatura, mas que continuava a escrever matérias para o Jornal, ainda que de forma inconstante e esporádica. Eram muitos os que escreviam no jornal, Xisto Junior, Julio Celi, Francisco Lagreca (promotor público), Dr. Ozorio de Souza (advogado), mas não encontramos mais informações sobre eles. Muitos usavam apelidos ou pseudônimos como Abel & Caim, Um ingrato, Kig, Ivo o altivo, Icahy, Fó-fió, dificultando saber mais sobre eles. Mas o que podemos notar é que eram pessoas com escolaridade, mostravam um vasto conhecimento e frequentavam os mesmos ambientes da elite piracicabana.

Em 1912, João Franco de Oliveira assumiu a gerência, Pedro Krahenbull a chefia de redação e Manuel Prates a tipografia, atuando também como colaboradores o professor José de Mello Moraes. Podemos notar com isso que o *Jornal de Piracicaba* não foi o resultado da visão de uma única pessoa, mas de um grupo que tinha em comum uma ideia de jornalismo e com essa ideia conseguiram dar continuidade a ele.

Era comum, à época, o veículo reproduzir artigos publicados de outros periódicos nacionais e internacionais, mas as matérias com maior destaque eram as que falavam da cidade. O Jornal tinha quatro páginas. A primeira normalmente continha uma crônica mais

⁴ Não obtemos maiores informações a respeito dos donos e redatores do *Jornal de Piracicaba*.

longa, discutindo assuntos diversos, mas tendo como foco principal a cidade de Piracicaba. Temas que tiveram como título aqui destacados: “O Nosso Theatro”, “A Orchestra”, “O Jornalismo”, “A Agua”, “Estrada de Ferro Piracicaba”, “Festas Escolares”, “Phonogramas”, “Hygiene Popular”, “Uma reclamação”, “Luz Eletrica”, “Os mendigos”, “Engenho Central”, “Carnaval, Festejos Populares”, “A Dança”, “Festa Literária musical”, “Melhoramentos Locaes”, “Lydia Rezende”, “A Vadiagem”, “Bandas musicaes”, “O Trabalho”, “O Correio”, “Club Piracicabano”, “Universidade Popular”, “Cinema” entre outras.

Na primeira página algumas colunas persistiram por algum tempo como a chamada “A’s Quintas” que contava o que havia acontecido na semana na cidade, como por exemplo, sobre as festas. Outra que ocorreu foi a chamada “Notas e...” que também falava dos eventos da cidade, dos programas do Theatro Santo Estevam, sobre o sucesso dos Cavalinhos de Pau movidos a vapor no Largo Municipal, sobre os circos entre outros. A coluna “Palestrando” escrevia sobre algum fato da cidade ou sobre algum assunto em destaque, em 1901 falou sobre as festividades da semana.

Dentre as colunas da primeira página a que teve destaque foi a intitulada “Coisas da Cidade” na qual se falava sobre os problemas da cidade: instalações sanitárias, a rua do porto, a vadiagem, os garotos desordeiros, o correio, hábitos antigos, música no jardim, sobre o Largo do Gavião, sobre a inconveniente condução do gado na cidade, escolas, etc. Essa coluna que durou por volta de quatro anos discutia quais melhoramentos eram necessários para que Piracicaba prosperasse.

Nessa pesquisa demos maior atenção às notícias veiculadas na primeira página, pois eram os assuntos considerados mais importantes pelo jornal. Era na qual as matérias tinham mais informações e argumentações. Por falar de diversos assuntos, inclusive do lazer na cidade, foi sobre ela que nos debruçamos com maior dedicação. No entanto, olhamos os jornais em seu todo, inclusive os anúncios e propagandas.

Uma coluna importante, que aparecia na primeira página ou na segunda, era a “Varias noticias”, que depois se chamou “Noticiário”, falava sobre preço de alimentos, alguém que se feriu em algum acidente, sobre sociedades beneficentes, companhias de teatro que chegavam à cidade, brigas, multas, prisões, garotos desordeiros, sobre higiene, lixo nas ruas, avanços da ciência, sobre o carnaval, notícias internacionais e de outras regiões do país. Essas notícias eram breves, sem grandes explicações, nas quais podemos encontrar as desordens e os crimes que ocorriam na cidade.

Dentre as notícias, tinham também a parte “Hóspedes e viajantes” que falava sobre quem chegou e quem saiu da cidade, uma parte de informações sobre hospitais, médicos, uma

parte chamada “Seção Livre” para quem quisesse deixar algum recado. Havia também uma parte chamada “Vida social” que noticiava aniversários, casamentos. O preço do café e do cambio ficava na segunda página.

E, por fim, as últimas páginas eram permeadas de anúncios: do teatro, de circos, de lojas, farmácias, de clínicas dentárias. Estava também o resultado da loteria, sobre venda de terras, notas de falecimento, agradecimentos, anúncios de advogados locais. Ofereciam serviços como de Ama de leite, e havia propagandas como da Agua Salutaris, de cervejas, cigarros, remédios e de lojas de roupas.

Nessa pesquisa analisamos o Jornal de forma geral, não escolhemos uma coluna ou página, mas buscamos um olhar mais amplo para compreender melhor os diversos aspectos do período e principalmente sobre o lazer que podia aparecer tanto nas matérias, nos anúncios e até nas partes sobre os crimes e desordens.

Após a Nova História a imprensa não só se tornou objeto da história, como se tornou fonte para a mesma. O alargamento da concepção de documento, a relativização da ideia de verdade e a consciência do caráter narrativo do discurso levaram os debates historiográficos para além das novas temáticas, dos novos objetos, abordagens e/ou problemas. Essa mudança no comportamento historiográfico teve como consequência tal que a legitimidade da historiografia já não podia mais ser garantida pela natureza do corpo documental.

O documento deixou de ser encarado como receptáculo portador de fatos, dados e ideias que pacientemente aguardavam por “resgate” por parte de eruditos aptos a reconhecer o valor do achado. O uso de jornais e revistas não tem mais valor pela leitura dos fatos registrados, mas pela leitura que os autores fazem dos fatos por eles vividos e relatados. O jornal pode dar margem a mais de uma leitura sobre a modernização que se buscava instalar. Como afirma Berman (1986), as coisas não são “isto” ou “aquilo”, mas “isto” e “aquilo” ao mesmo tempo.

Ao utilizarmos os jornais como fonte, temos a clara visão de que é um instrumento de manipulação dos interesses na vida social. Negamos a perspectiva de que é um mero veículo de informação, transmissão imparcial e neutra dos acontecimentos em um nível isolado da realidade político-social na qual se insere (MARTIN; LUCA, 2006). O Jornal é ao mesmo tempo resultado de sua conjuntura e exerce influencia sobre ela.

Nem espelho do real, nem falsificação grosseira, há muito que aprender sobre o processo pelo qual não só o jornal fala do mundo, mas participa efetivamente da produção da imagem que todos nós compomos da realidade e do cotidiano (SEVCENKO, 2004, p. 29).

O jornal seleciona o que acha importante, ordena e narra aquilo que vê como digno de chegar ao público. Destaca uma notícia em detrimento de outra, forma opinião, estimula e desestimula comportamentos. Fala a partir de um determinado grupo social e para um público-alvo. A pressão dos anunciantes também não pode ser esquecida, o jornal é vendido duas vezes, primeiro para os anunciantes e depois para o público.

A imprensa não apresenta a vida como ela é, sem maquiagem alguma, sem criação ou elaboração. O artigo de um jornal é uma representação da realidade, apresentando uma imagem que prenda a atenção do leitor. “Ela vende um ‘pedaço’ do real manipulado e tendencialmente sedutor, por que há um público a captar” (PESAVENTO, 1999, p. 336).

O historiador pode conhecer o passado apenas pelo que ele deixou em nossas mãos, estes sinais podem ser dos mais variados. Trabalharemos com textos e seus significados, tentaremos captar-lhe o sentido da época, fazer uma interpretação hermenêutica. Interpretar é tomar o sentido próprio de um texto, o significado não é concebido como um núcleo fechado no texto, acontece num cruzamento de possibilidades semânticas. O que podemos fazer para ir além de nosso tempo é usar técnicas que diminuam o risco de transformar a historiografia em mero jogo de espelhos. Para isso é necessário uma atitude mental, deve-se instaurar um diálogo entre passado e presente, estar atento à linguagem, questionar a todo instante a fonte e nossas próprias conclusões.

O processo de modernização brasileira foi amplamente trabalhado, sob diversas vertentes historiográficas. Buscou-se compreender melhor o processo histórico do crescimento das cidades, esta história do homem urbano é extremamente rica, diversificada e contraditória. No entanto, existem inúmeros trabalhos a respeito das grandes metrópoles e seus fenômenos, deixando de lado as cidades do interior, como é o caso de Piracicaba.

A partir de leituras de estudos sobre São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, para a compreensão de uma conjuntura nacional do período conhecido como a *Belle Époque*, passamos a nos indagar se os mesmos fenômenos aconteciam em cidades do interior como Piracicaba. Buscamos também as especificidades nesse processo de modernização, pois acreditamos que as cidades possuem elementos que possibilitam identificá-las enquanto tal, como praças, ruas, igrejas, comércio, mas cada uma com um conjunto de características que a torna a cidade única.

Este estudo não servirá apenas para interessados a respeito de Piracicaba, mas para uma melhor compreensão sobre o processo de modernização do Brasil que está muito além das metrópoles. Não pretendemos concluir como foi “a” experiência de modernização de

Piracicaba no lazer, mas perceber as diversas sensações, ideias, perspectivas distintas de pessoas diferentes que não se excluem, mas tendem a se integrar. Nenhuma visão esgota a realidade.

Estudiosos de fenômenos urbanos apontam para a ausência de trabalhos que abordem de forma sistêmica os pequenos centros urbanos. Nos países subdesenvolvidos, os estudos se voltam mais para o fenômeno da metropolização e menos para as cidades do interior. Acredita-se na importância da história das cidades, que “longe de oferecer um quadro homogêneo, compõe-se de histórias semelhantes, mas com profundas particularidades” (FOLLIS, 2004, p. 13), pois as cidades não se submetem a um modelo de modernização sem modificá-lo e adaptá-lo.

No primeiro capítulo faremos uma apresentação geral da cidade de Piracicaba e do contexto estudado. Colocaremos algumas representações feitas pela historiografia local, por almanaques e também pelos jornais. Analisaremos os dados populacionais, a economia, os bairros, a educação e as formas de lazer existentes na cidade, discutindo um pouco do conceito de modernização, cidade e lazer que trataremos ao longo da dissertação.

Já no segundo capítulo discutiremos os principais símbolos da modernização em Piracicaba, o que havia nela que a deixava orgulhosa, quais características foram exaltadas na construção de uma imagem de progresso para a cidade. Trabalharemos também em como a atmosfera de *Belle Époque* influenciou aspectos na moda, decoração e imaginário. Dentro da perspectiva da busca por um processo de civilização o lazer fez parte da construção de identidades de prestígio e de distinção social por parte de uma elite local. Analisaremos como os lazeres das elites piracicabanas foram tratados e o que configurava ser chique, refinado, elegante e moderno naquela sociedade. Percebendo já algumas contradições por que passavam.

E, por fim, no terceiro capítulo enfocaremos a outra face da cidade moderna, seus problemas, suas contradições e seus desejos. Se por um lado, existiu uma tentativa de se preservar e construir uma identidade distinta de elite, por outro, veremos quais foram os grupos estigmatizados, considerados entraves ao progresso local. Se no processo de modernização ocorreu um constante moldar e disciplinar de hábitos e ideias, no lazer procuraremos ver também a oposição, críticas e resistências.

Foto 1. Primeira sede do Jornal de Piracicaba, início do século XX.



Fonte: <www.ihgp.orb.br/acervo_iconografia.htm>, Acesso em: 28 de setembro 2009.

Foto 2. Câmara Municipal de Piracicaba, início do século XX.



Fonte: <<http://www.aprovincia.com.br>>. Acesso em: 3 setembro 2009.

Foto 3. Rua do Comércio, início do século XX.



Fonte: <http://www.ihgp.orb.br/acervo_iconografia.htm>. Acesso em: 28 setembro 2009.

Foto 4. Rua Boa Morte, por volta de 1905.



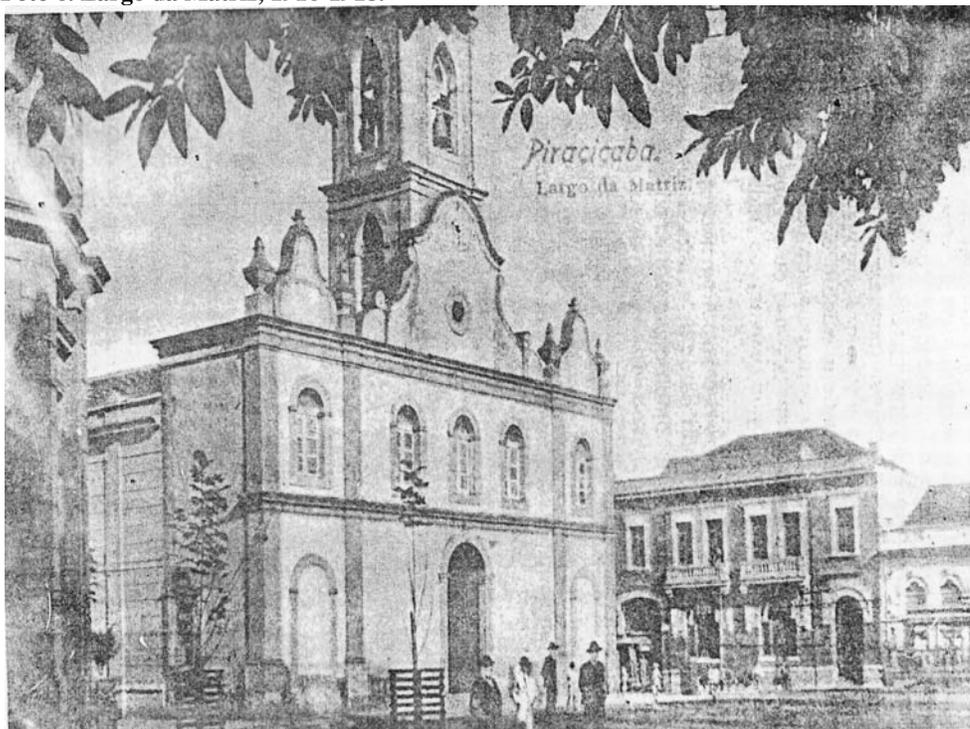
Fonte: <http://www.ihgp.orb.br/acervo_iconografia.htm> Acesso em: 28 setembro 2009.

Foto 5. Construção da ESALQ, 1901.



Fonte: <<http://www.provincia.com.br>>. Acesso em: 3 setembro 2009.

Foto 6. Largo da Matriz, 1916-1918.



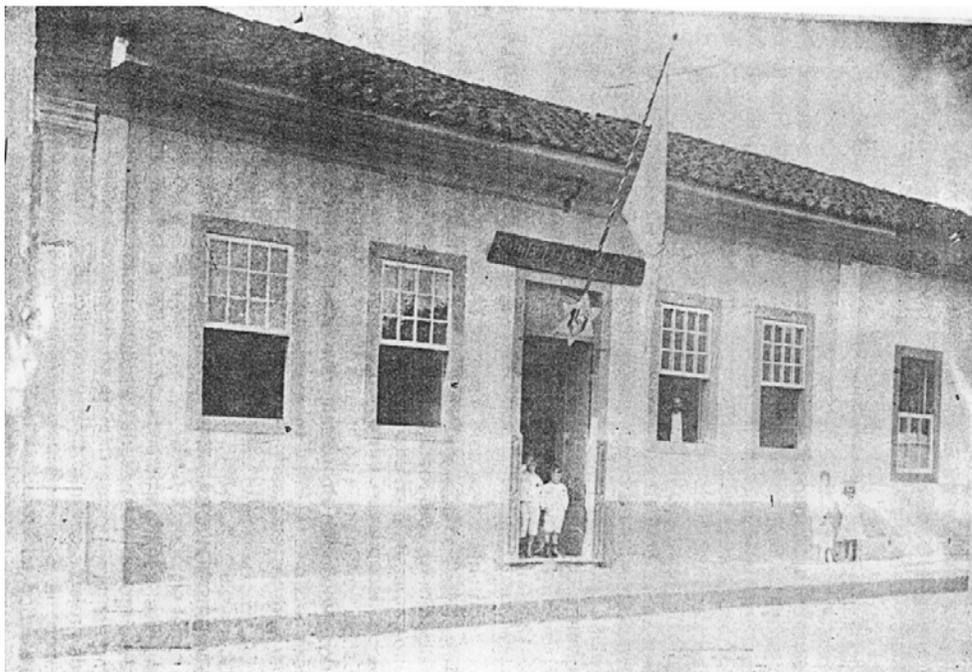
Fonte: PERECIN, M. A Síntese Urbana (1822-1930). Contribuição à História de Piracicaba. Piracicaba: IHGP/Ed. Shekinah, 1989.p.216.

Foto 7. Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, início do século XX.



Fonte: <http://www.ihgp.orb.br/acervo_iconografia.htm>. Acesso em: 28 setembro 2009.

Foto 8. Sociedade Beneficente Operária, início do século XX.



Fonte: PERECIN, M. A Síntese Urbana (1822-1930). Contribuição à História de Piracicaba. Piracicaba: IHGP/Ed. Shekinah, 1989, p. 117.

1. PIRACICABA NA *BELLE ÉPOQUE*

A existência das cidades não é um fenômeno novo, essas assumiram diversas funções ao longo da história em diversas sociedades. Hoje é difícil pensar a vida urbana sem luz elétrica, telefone, cinema, rádio, jornais, revistas, ruas asfaltadas, veículos automotores, sem a velocidade e o tempo marcado pelo relógio, sem o barulho das buzinas, entre outros. A tendência é ver esses elementos como algo natural, pois já nascemos cercados deles. No entanto, esse modo de vida é bem recente, tendo pouco mais de cem anos (MORAES, 2001).

Após a Revolução Industrial deu-se a emergência de uma ordem urbana que colocou a urbe como o lugar onde as coisas acontecem, trouxe à cena novos atores sociais, portadores de novas práticas e ideias. A modernidade concretamente se mostra em comportamentos, sensações e expressões que manifestam o sentir e o agir dos indivíduos que vivenciam os processos de mudanças. Ser moderno é perceber as mudanças e mudar com elas, é esforçar-se para acompanhar a história (PESAVENTO, 1996).

Alguns elementos da modernidade, evidenciados por Marshall Berman e no caso do Brasil, por Nicolau Sevcenko e outros autores, foram percebidos na cidade de Piracicaba, outros não fizeram parte do cenário local. Procuraremos discutir neste trabalho os elementos encontrados no âmbito local, dialogar com os modelos de modernidade, buscando não usar a localidade apenas como exemplo de um aspecto mais amplo, mas perceber, através das especificidades, outros modelos, outros significados, outras representações que emergiram na *Belle Époque* em Piracicaba.

Os primeiros vinte anos do século passado foram caracterizados pela difusão do desenvolvimento tecnológico, com os adventos do automóvel, do avião, do telefone, do cinema, dentre outros. A maioria desse maquinismo teve sua utilização rapidamente disseminada, dando ao homem a sensação de domínio sobre a natureza. A sensação da velocidade produzida especialmente pelas novas máquinas passava a influir na percepção que se tinha da existência humana e, rapidamente, esses temas foram incorporados à produção artística e literária. Na citação abaixo vemos um relato sobre a sensação de quem viveu o momento, na cidade de Curitiba:

A vida de hoje é feita de agitação, de tumulto, de febre, de prazeres, de divertimentos! Viver não é gozar mais lentamente, senti-la e aspirá-la como um perfume delicioso [...] Viver hoje é dispersar-se, é dar-se em mil sentimentos contraditórios é correr ofegante de um ponto a outro, é passar através de todas as coisas belas da natureza sem tempo de admirá-las é subir rapidamente toda a escala de sensações – não é viver é morrer aos poucos absorvido por todas as exigências modernas, estonteado pela vertigem da galopada estranha e irresistível [...] (MARTINS, Raul. A arte

fragmentária. **Comércio do Paraná**, Curitiba, 28 fev. 1924, p. 2. *apud* IORIO, 2003, p. 118).

Como vimos nesse depoimento, viver na cidade na *Belle Époque* era viver uma vida diferente dos tempos do império, um novo ritmo se estabelecera. A cidade mudava constantemente, suas construções, suas ruas, modas cada vez mais rápidas, o número de pessoas aumentou, rostos diferentes apareceram com a vinda dos imigrantes, tornando a cidade ininteligível para aqueles que a conheceram antes desse processo.

É perceptível o sentimento ambíguo com relação à modernização. Por um lado a euforia e a valorização das novidades, do recente, mas com receio de se perder todos os valores; ocorreu, então, um estranhamento. Houve uma busca do moderno, mas ainda sem saber bem o que isto significava e nem como se adequar nesse novo cenário.

Para aqueles que no início do século XX já eram adultos e viveram a experiência das primeiras viagens ferroviárias, o início da eletricidade, os primeiros aviões, o surgimento do cinema, entre outros, ocorreram sentimentos variados e diversos, dado os novos recursos técnicos que, por suas características, desorientavam, intimidavam, perturbavam, confundiam, distorciam e alucinavam. Mas também davam a sensação de que estavam presenciando um momento único, e no qual o progresso tecnológico viria para melhorar a vida de todos.

O progresso técnico, a mecanização do trabalho, a forma de lidar com o tempo e o espaço da cidade influenciaram as formas de lazer na cidade. A técnica que aparece no trabalho também aparece no lazer. Expuseram-se, nesse cenário, aparelhos elétricos e mecânicos que trouxeram para os locais de lazer um clima de novidade, surpresa e encantamento. A máquina impôs um ritmo acelerado que modificava o trabalho que necessitava de maior disciplina e atenção. Ocorreu uma nítida separação entre lazer e trabalho o que acarretou num crescimento do número de estabelecimentos de entretenimento.

O início do século XX foi marcado pelas mudanças estimuladas por um dinamismo econômico internacional, que afetaram a ordem e as hierarquias sociais, as noções de tempo e espaço, o modo de perceber os objetos, as formas de consumo e as identidades. A chamada Segunda Revolução Industrial possibilitou o desenvolvimento de novos potenciais energéticos, como a eletricidade e os derivados de petróleo, que deram origem a novos campos de exploração industrial, as indústrias químicas, os novos ramos metalúrgicos, o desenvolvimento na área de microbiologia, na bacteriologia e na bioquímica, com efeitos na produção e conservação de alimentos, na farmacologia, na medicina, e no controle das moléstias (SEVCENKO, 1998).

O poder da tecnologia estava muito além do que qualquer um jamais sonhara. Não havia precedentes históricos para o que estava ocorrendo. Isso suscitou um otimismo, uma fé de que se estava no caminho certo e que o poder do conhecimento resolveria todos os problemas e nos alçaria a mundos novos e utópicos. Muitos viram as novidades como sinal de progresso, que os novos tempos trariam paz e prosperidade para os povos. As novidades entusiasmavam os países mais poderosos como a França e a Inglaterra, que tinham recursos para investir e usufruir dessas tecnologias, estabelecendo um modelo de civilização seguido por outros países.

A civilização era vista em alguns momentos como uma luz cada vez mais intensa, uma, em desenvolvimento rumo ao melhoramento da humanidade. Essa luz seria projetada dos países europeus para os demais que se encontravam na escuridão, nas trevas e na ignorância. Aqueles que podiam ver de perto o berço da civilização e do progresso sonhavam em implantar o que viram por lá em seus países. Ao voltar dos países europeus, principalmente a França e a Inglaterra, essas pessoas se viam como agentes propulsores de transformações, com legitimidade para dizer o que era uma sociedade ideal e quais os caminhos para se chegar a ela.

Paris era a capital do mundo moderno, de tudo que era novo e chique, foi uma forte referência cultural para as sociedades latino-americanas. Era considerada distinta por uma suposta universalidade de atitudes, na qual nada lhe era estranho dada a facilidade de assimilação e de flexibilidade de seu gênio, por isso o sucesso do ecletismo⁵ na arquitetura e decoração de casas. Era o centro da cultura, da moda, da arte, da maneira elegante e moderna de viver.

A *haussmanização* foi um fenômeno urbano baseado nas reformas da capital francesa no século XIX. O barão Haussmann, homem do estado bonapartista, substituiu as ruas tortuosas por longas e largas avenidas, abriu *boulevards* a fim de “limpar” a cidade, para torná-la mais funcional e bela. Emergira dessas reformas uma cidade com ruas largas e elegantes, novos veículos de transporte e uma grande agitação nas ruas. A cidade se tornou ao mesmo tempo extremamente simbólica e prática. A cidade projetava a pessoa das glórias do passado ao presente, enquanto articulavam a grande metrópole industrializada (NEEDELL, 1993).

Muitos projetos urbanos no Brasil e no mundo tiveram como modelo as obras de Paris. Esse modelo envolveu uma série de intervenções fruto da ideia de uma cidade doente, cuja

⁵ Tal método baseia-se na convicção de que a beleza, ou a perfeição, pode ser alcançada mediante a seleção e combinação das melhores qualidades das obras dos grandes mestres.

solução requeria a demolição do traçado arcaico, o tratamento disciplinador dado aos edifícios e jardins públicos e a adoção de medidas higiênicas. O emprego desse modelo urbanístico foi realizado, porém, conforme condições específicas e de possibilidade existentes em cada uma das localidades.

No Brasil, os vanguardistas do moderno buscavam promover uma industrialização imediata e a modernização do país a todo custo, o que gerou um fluxo de penetração de capitais ingleses e americanos no país e a mais escandalosa fraude especulativa no mercado de ações, chamado de Encilhamento. O efeito dessa fraude foi a falência de muitas famílias já consolidadas da era monárquica e a ascensão de uma nova camada de pessoas enriquecidas no jogo especulativo (SEVCENKO, 1998).

As bases de inspiração desses grupos eram as correntes científicas, o darwinismo social de Spencer e o positivismo de Augusto Comte. Com a ciência positiva e a ideologia do urbanismo entraram em cena novos personagens, médicos, engenheiros, arquitetos, urbanistas, administradores e técnicos. Surgiu uma nova burguesia científico-tecnológica com o objetivo de transformar a sociedade brasileira.

Os intelectuais e políticos piracicabanos se esforçavam para não ficar para trás. Sentiam-se atraídos e seduzidos pelos novos inventos e pelas cidades cosmopolitas. Ao mesmo tempo em que se viam ameaçados em perder suas identidades e seus valores. Por isso, além da exaltação dos novos inventos e das formas de diversão apareciam também vozes conservadoras, desconfiadas e que apontavam alguns problemas que poderiam causar a moral e a ordem na cidade.

A imprensa nesse momento teve uma grande importância na construção de uma ideia de urbanidade. Podemos ver notícias de vários lugares do mundo e do país, sobre novos estudos científicos, casos curiosos sobre política e economia. Nas fontes consultadas muito se falou sobre a cidade de Piracicaba, quais os seus aspectos propícios para ser uma cidade moderna, mas também quais os obstáculos para o progresso local. A cidade foi exaltada pelos jornais naquilo que tinha, ou acreditava-se que tinha de mais moderno, de urbano, de progresso. As indústrias, por mais caseiras que fossem, eram vangloriadas, as noções de modernização se confundiram com o desejo de melhorias técnicas, de mecanização, de transporte, etc.

Piracicaba fica no interior paulista, é marcada pela presença do rio de mesmo nome. Esse rio é a confluência dos rios Jaguari e Atibaia e desemboca no rio Tietê. Localizado próximo as cidades de Americana, Limeira, Santa Barbara d'Oeste, Iracemápolis, Rio Claro,

Campinas. Situa-se no centro-leste do estado, a cerca de 150 quilômetros da cidade de São Paulo.

Segundo a historiografia local, os primeiros relatos sobre o que hoje é a cidade de Piracicaba dataram do século XVII, era uma sesmaria pertencente à Vila de Itu. Fazia parte da rota que ligava São Paulo à Cuiabá, na qual escoavam cargas e animais para o abastecimento das minas. Tornou-se vila em 1765, com o Governador Morgado de Matheus. Foi fundada, oficialmente, em 1767, à margem direita do rio Piracicaba, na qual havia ranchos e roçados, pescadores e sertanistas. Aos poucos foi crescendo chegando à categoria de freguesia e desenvolvendo o lado esquerdo do rio onde foi construído o centro comercial, com mais bairros e habitantes urbanos. Durante o governo provisório foram construídas vilas, Piracicaba recebeu o nome de Vila Nova da Constituição em homenagem a constituição portuguesa. Para se tornar vila era preciso além de um bom número de moradores certos requisitos socioeconômicos. Piracicaba fazia parte da principal zona açucareira da província crescendo de forma lenta:

Vai, assim, aos poucos se processando a urbanização da vila, modestamente, sem surtos de progresso, tomando a edilidade medidas importantes como a proibição de animais perambulando pelas ruas centrais, fiscalizando jogatinas, proibindo algazarras (TORRES, 2003, p. 87).

Aos poucos foi mudando o aspecto da vila. Códigos de Posturas foram lançados em relação à saúde, à higiene e referentes à ordem pública. A autora, acima citada, ressalta a importância das medidas tomadas pelo poder público para a urbanização, e dentre elas estava o plano de arruamento feito pelo Dr. Nicolau P. de Campos Vergueiro. O perímetro urbano foi aumentando, aos poucos abriram novas ruas, com uma substancial e crescente produção açucareira que gerou novas necessidades estruturais.

Nos anos finais do império as lideranças conservadoras se consolidaram com os barões de Rezende⁶, de Serra Negra⁷ e do futuro Barão de Piracicamirim⁸. Após a Convenção Republicana de Itu, um grupo local, com ideias liberais e federalistas, teve grande expressão nacional. Dentre eles os irmãos Moraes Barros (entre eles Prudente de Moraes), Luiz de Queiroz e outros.

⁶ Estevam Ribeiro de Sousa Rezende.

⁷ Francisco José de Conceição.

⁸ Antônio de Barros Ferraz.

Foi elevada à categoria de Cidade em 1856 e passou a ser chamada Vila Nova da Constituição, mesmo que seus moradores preferissem o antigo nome “Piracicaba”⁹. A mudança do nome da cidade de Constituição para Piracicaba derivou de uma iniciativa do então vereador Prudente de Moraes, resultando em lei aprovada pela Assembléia Provincial de São Paulo, em 1877.

A década de 1870 foi promissora para a cidade, ocorreu uma grande vinda de imigrantes, com a abertura de ideias políticas rumo à Abolição e à República. As riquezas do café e da cana dinamizaram a economia local, trazendo como consequências: a construção da Ponte Nova (acima do Salto), a chegada da ferrovia (Cia Ituana), abertura de escolas confessionais (Colégio Piracicabano, Colégio Nossa Senhora de Assunção), a Santa Casa de Misericórdia, o Serviço de Água, o Mercado Municipal e a Telefonia (NETTO, 2000).

Em 1900, a cidade contava com 2.252 prédios e 14.000 habitantes urbanos, sendo no total 25.374 habitantes, portanto já era predominantemente urbana. Em 1886 tinha um total de 22.150 pessoas e no ano de 1912, 52.214. Foi perceptível o grande crescimento no número de habitantes neste período. O analfabetismo era grande, somente 5.555 pessoas sabiam ler (CAMARGO, 1899).

Segundo o Almanaque de 1889 (CAMARGO, 1899), nas contribuições municipais, a cidade teria 36 açougues, 8 advogados, 14 alfaiatarias, 1 amolador, 1 arquiteto, 5 bilhares, 13 barbearias, 1 livraria, 17 carros de praça, 36 botequins, 147 lavradores e 24 capitalistas. Com esses dados podemos notar que havia uma diversidade nas atividades econômicas, mas que predominava o trabalho agrícola. Notamos também um grande número de botequins na cidade. Esses dados nos mostram um pouco do que tinha na cidade segundo o Almanaque, que obteve os dados da lista dos pagamentos dos impostos. Esses dados são incompletos para formularmos um cenário da cidade já que muitos estabelecimentos ficaram de fora, como as farmácias, por exemplo, que pelos anúncios dos jornais sabemos que existiam pelo menos duas. No entanto esses dados podem nos aproximar do passado dos estabelecimentos da cidade.

Nessa época havia 12 largos, 41 ruas e 24 escolas. Os bairros em 1900 eram: Alto, dos Alemães, da Boa Morte e do Porto (NETTO, 2000). O centro da cidade era bastante movimentado, segundo as fontes. As principais ruas dessa região eram a Rua Direita (hoje Rua Moraes Barros) a Rua do Comércio (hoje Rua Governador Pedro de Toledo) a Rua Boa Morte, a Rua do Rosario, a Rua São José e a Rua da Glória. Eram as ruas que mais apareciam

⁹ O termo Piracicaba é muito discutido, mas ficou mais conhecido como o lugar onde o peixe pára se referindo ao salto existente no rio de Piracicaba (NETTO, 2000).

nas notícias do jornal, sobre elas caíam um grande número de reclamações, nelas relatavam as brigas, as ocorrências policiais nelas havia o comércio e as casas de diversões como botequins e cinemas.

Na Rua do Comércio estavam as lojas e também o mercado, sapatarias, uma fábrica de chapéus, casa de *Trollys*¹⁰ do João Krähenbüll, a loja do Sol, a farmácia Neves. Próxima a ela estava situado o Hotel Central, a Igreja Matriz, o Jardim Público, o Teatro, o *Club Piracicabano* e a cadeia. Podemos dizer que, se Piracicaba viveu sua *Belle Époque*, foi na região central que teve maior visibilidade e foi ela que teve maior destaque pelo *Jornal de Piracicaba*.

O centro no século XVII era um enorme vazio, com a transferência do povoamento para a margem esquerda do rio foi aumentando aos poucos o número de moradores. Foi nesse local que se abriram as ruas, próximos aos engenhos e à estrada geral que ligava a capital a outras província. Nessa época se demarcou o perímetro correspondente a Praça José Bonifácio, local onde foi construída a Igreja Matriz, a Câmara Municipal e o Teatro Santo Estevam. O centro urbano foi objeto de intervenção, regulação, instalação de infra-estrutura e embelezamento muito maior do que em outras regiões.

No início do século XX um bairro proeminente foi o Bairro Alto, com grande atenção por parte dos jornais. Era o bairro que ficava entre a Escola de Agricultura e o centro da cidade. Nesse bairro ficava o Largo Santa Cruz, no qual havia uma pequena igreja onde ocorriam encontros.

A Rua do Porto também apareceu com grande realce, por conta dos problemas com as enchentes, saneamento e arruamento, mas também pelas festas como a do Divino Espírito Santo, um ponto de encontro para os apreciadores e para os que viviam do Rio Piracicaba. A região ficava próxima ao Engenho Central e era ocupada por pescadores, roceiros e pelas olarias da cidade.

O progresso educacional projetou a cidade no cenário nacional e por isso recebeu o nome de Ateneu Paulista, graças à multiplicação da rede de ensino nas áreas urbanas e rurais. Em 1909 foi tida como a 5ª cidade paulista em população e a 2ª em educação, superando Santos e Campinas, sendo também chamada de Pérola Paulista. Em 1913 foi inaugurado o Matadouro Modelo dando grande prestígio à cidade. Em 1899 foi construída a rede de esgotos da cidade. Percebemos com esses dados, retirados de almanaques e da historiografia local,

¹⁰ Eram veículos de quatro rodas e dois bancos movidos por tração animal.

que entre o final do XIX e o início do século XX foi um período de grandes transformações e crescimento da cidade.

No processo de construção da imagem de uma administração modelo buscada pelos republicanos estava à frente na Câmara Municipal o médico formado pela faculdade de medicina do Rio de Janeiro, Dr. Paulo de Moraes Barros, filho do Senador Manoel de Moraes Barros e sobrinho de Prudente de Moraes. O saneamento foi uma das marcas de sua administração, foi presidente da câmara por diversas vezes, presidente do Partido Republicano local e exerceu, por doze anos, o cargo de Inspetor de Higiene. A cidade, enquanto um possível fator de progresso e com funções diversas foi planejada tendo o modelo da medicina como método de ações saneadoras.

O Padre Martins Dias, da Tribuna católica de Minas Gerais, em 1912 estava a passeio na cidade e registrou suas impressões a respeito dela. Ele afirmou que Piracicaba era uma das principais cidades do estado, com clima quente e seco, onde o sol era de intensidade máxima, as ruas todas retas¹¹, largas e extensas, notando-se a falta de arborização. Havia também um belíssimo jardim no largo da matriz, bem tratado, com árvores e palmeiras, com um largo no centro. Ali era um ponto frequente de recreio das famílias aos finais de tarde e aos domingos quando tocavam bandas musicais.

O Padre prosseguiu com a descrição dizendo que Piracicaba era iluminada à luz elétrica, com lâmpadas incandescentes, tendo boa iluminação. As ruas eram calçadas, com rede de esgoto e água canalizada, essa ele dizia não ser de boa qualidade. Segundo ele as casas possuíam estilo antiquado, notando-se, entretanto, bons prédios, bastante modernos. O movimento comercial era animador, havendo alguns estabelecimentos de primeira ordem. Havia mais de vinte carros de praça, a cidade contava com uma população substancial e não era pouco extensa. Tinha quatro Igrejas, a Matriz, a do Rosário, a do Coração de Jesus (das Irmãs) e a dos frades franciscanos. As igrejas eram muito asseadas, mas a religião, segundo ele, deixava a desejar, mas não explicou o porquê de tal afirmação.

Mencionou que o teatro era um edifício que destoava dos outros, não era bom. A instrução estava em “bom pé”. A imprensa era representada pelo *Jornal de Piracicaba* e pela *Gazeta de Piracicaba*. Existia ainda na cidade uma casa de misericórdia, uma fábrica de tecidos, que empregava cerca de 800 pessoas, duas casas bancárias, um Museu Ornitológico, diversos clubes e sociedades como o *Club Piracicabano*, o *Club Republicano*, o Centro

¹¹ O arruamento de Piracicaba se deve ao senador Nicolau Campos Vergueiro, e sua execução foram feitos pelo Senhor Alferes José Caetano Rosa. Cruzaram-se todas as ruas em ângulos retos com quarteirões de 40 “braças”. (NETTO, 2000).

literário recreativo, a *Egualitaria Instructiva* a Sociedade Portuguesa de Beneficencia, a sociedade Gremio espanhol, etc.

Ele disse que na sociedade piracicabana não predominava o estrangeirismo, por isso conservava ainda intactos costumes e tradições. O povo era afável e hospitaleiro, havendo muita convivência social. As moças trajavam com simplicidade, mas elegantemente e não usavam chapéu, não deixando, no entanto, de serem belas e engraçadas por isso. O salto do Rio Piracicaba era deslumbrante, ele tinha uma largura de 300 metros tendo ao lado estabelecimentos industriais como a fábrica de tecidos e o Engenho Central. Finalizou dizendo que a cidade possuía elementos para o progresso: *“Piracicaba tem deante de si um futuro brilhantíssimo, para o que tem muitos elementos, sendo o principal sua bela lavoura”*¹².

Na descrição do padre e de outras publicadas em matérias do *Jornal de Piracicaba* havia um frequente destaque para as belezas do rio e para a boa topografia local. Ressaltavam também as obras humanas, como os engenhos, as escolas e o arruamento. Ao afirmar que Piracicaba teria um futuro belíssimo ressaltava o papel da lavoura como principal agente de progresso, mesmo com suas indústrias se modernizando e crescendo. Piracicaba, assim como a maioria do Brasil tinha na agricultura a sua base econômica, não deixando de investir nas indústrias.

Apesar desses avanços o padre destacou que os piracicabanos ainda mantinham características de um ambiente rural, de simplicidade e simpatia, como se as mudanças as quais a cidade estava passando não tivessem afetado sua identidade. Essa característica se dava, segundo ele, por não haver tanto contato com estrangeiros. No entanto, através do Almanaque de 1889 vemos que a presença de imigrantes era grande na cidade, principalmente de italianos, que em 1889, totalizavam 2.064¹³ pessoas. O discurso do padre em dizer que a cidade mantinha suas características, ainda que estivesse se modernizando, mostra-nos a desconfiança que a modernização gerava e o medo de perder a identidade, sobretudo no que dizia respeito aos bons costumes e a moral. Uma forma de defender uma modernização que une progressos tecnológicos com princípios como solidariedade e amizade.

Na visão do padre, a vinda do imigrante afetava as características das cidades. Sendo Piracicaba um local com menos influências estrangeiras, mantinham suas tradições e valores.

¹² *Jornal de Piracicaba*: “Piracicaba”, 22/01/1902, p. 1.

¹³ Havia também: 387 espanhóis, 225 portugueses, 129 alemães, 102 árabes, 23 belgas, 18 austríacos, 14 suíços, 11 argentinos, 6 africanos, 4 ingleses, 3 russos, 2 dinamarqueses, um francês, um escocês, um holandês e um polaco, um total de 3.006 estrangeiros.

Para ele, na cidade havia progresso na medida certa, tinha uma economia forte, bons prédios, boas ruas, iluminação ao mesmo tempo em que mantinha sua simplicidade e suas relações sociais próximas.

A presença do imigrante foi forte na cidade, principalmente de italianos. A propaganda para a vinda do imigrante na cidade se deu de forma a valorizar a facilidade de adquirir propriedades, já que não era um grande centro produtor de café. A divisão das propriedades era uma forma de financiar a produção em momentos de crise, no entanto as terras menos produtivas é que eram oferecidas aos colonos (TERCI, 1997).

A descrição do padre foi uma das representações da cidade de Piracicaba, não era a realidade, mas nos mostrou aspectos gerais da cidade na visão de uma pessoa de fora, que foi a passeio e que não conviveu com os problemas locais, nem investigou a fundo a cultura local. Não foi muito diferente do que a descrição dos próprios jornalistas locais, mas o fato de alguém de fora dizer que a cidade estava no caminho endossava suas posições.

A base da economia era a agricultura, o café a principal produção, seguida da cana que abastecia o Engenho Central e o Monte Alegre¹⁴ e do algodão para a Fábrica Santa Francisca. Sua especificidade estava na forte presença da cana de açúcar, enquanto em outras localidades do estado predominava a monocultura do café. Segundo pesquisadores que se aprofundaram na questão econômica, em Piracicaba constituía-se um exemplo de integração entre indústria e agricultura. O temor das crises do café levou os proprietários locais a investir não só na produção canavieira, mas a explorar suas possibilidades de diversificação agrícola, tendo como destino, com exceção do café, o mercado interno local e estadual (TERCI, 1997).

Piracicaba conservava seu aspecto modesto com poucas indústrias, era na produção agrícola que adquiria sua fonte de renda, salvo exceções. Segundo alguns autores não havia fortunas enormes e nem excessiva pobreza. Houve uma construção idealizada do passado por alguns memorialistas, as elites locais apareceram como grandes homens, pioneiros, desbravadores. A sociedade do início do século foi descrita sem grandes conflitos, na qual um grupo privilegiado levava por amor a cidade e por seu espírito elevado o projeto da cidade dos sonhos. Os grupos de maior poder econômico justificavam seu privilégio diante da comunidade gastando suas fortunas em edifícios, sociedades beneficentes, escolas, festas e igrejas.

A maioria dos fazendeiros eram ao mesmo tempo senhores de engenho e fazendeiros do café. Muitos investiram em indústrias, como Luiz de Queiroz, fazendeiro e um dos

¹⁴ Em 1909 empregavam-se na fabricação do açúcar 320 operários.

primeiros na indústria de tecidos do estado, com a fábrica de Tecidos Santa Francisca. Ele atuou também em empresa elétrica e como acionista de várias organizações. Foi um dos primeiros a ter energia elétrica em sua casa no estado e o primeiro homem da cidade com essa tecnologia. Muitas pessoas iam à noite ver sua casa, com admiração, pelo encantamento causado pela luz elétrica.

Surgiu em Piracicaba, nessa época, a primeira unidade açucareira paulista de grande porte, o Engenho Central, destacando-se os investimentos do Barão de Rezende e o Barão de Serra Negra. O Engenho Monte Alegre, também entrou neste quadro de incentivos a produção do açúcar.

Registrou-se, em 1900, a fábrica de arados e troles de João Martins, a Funilaria e Caldeiraria Vesúvio, e as oficinas Krähenbuhl, fabricantes de *tílburis* e troles¹⁵, carruagens de luxo para passeios e veículos para cargas e lavoura. A família Krahenbühl também tinha uma grande indústria metalúrgica com 40 operários, sendo uma das pioneiras na introdução de carroças e carros à tração animal, chegando a exportar para todo o Estado de São Paulo.

A urbanização ainda era incipiente, a cidade era fortemente caracterizada pela presença de chácaras. Alguns bairros mantinham seu aspecto rural, diferente do centro urbano que se desenvolveu ao redor da Igreja da Matriz. Terrenos cercados de pau a pique, ruas cheias de lama e poeira compunham o cenário local. O desenvolvimento de certas áreas se deu por diversos fatores, proximidade de rios e córregos, igrejas, escolas, ferrovia e interesses políticos. O bairro alto, por exemplo, tinha grandes possibilidades de crescimento por ter uma localização alta, ficando livre das enchentes. Esse bairro teve grande investimento em melhorias na infra-estrutura. A Câmara Municipal privilegiou esse bairro e o centro, deixando de lado bairros mais afastados.

A Escola Prática de Agricultura (hoje parte da Universidade de São Paulo) foi um grande fator de urbanização para o Bairro Alto, embora a Paróquia do Bom Jesus, que lá estava também, tenha influenciado. A ligação entre o centro e a escola passava por aquela região, dando origem ao Bairro dos Alemães e o Piracicamirim. As escolas também foram elementos importantes para a expansão urbana.

A Escola Prática de Agricultura foi projetada por Luiz de Queiroz. A escolha da cidade como sede foi combatida, por Piracicaba ser considerada um centro produtor de baixo índice. O jornal *Comércio de São Paulo* sugeriu que a escola fosse criada na capital ou em Ribeirão Preto. Essa disputa fez com que a aquisição dessa escola fosse ainda mais especial e

¹⁵ Os chamados “trolynhos de Piracicaba” foram premiados com medalha de ouro na exposição nacional de São Carlos, em 1908.

motivo de orgulho para os cidadãos locais. Porém, essa tinha um alvo específico, os filhos de fazendeiros do país.

Além da Escola de agronomia havia a Escola Normal que ficava no Bairro Alto, o Colégio Piracicabano, o Moraes Barros, a *Egualitária Instrutiva* e em 1910 surgiu a Universidade Popular. As escolas constituíam um grande símbolo de progresso local. A administração gastava cerca de um sexto da arrecadação fiscal nesta área.

A Universidade Popular foi criada em 1910. O Jornal publicou qual seria a sua finalidade¹⁶: propagar as matérias relacionadas às ciências, a literatura, as artes em geral, e diversos ramos das atividades humanas como sociologia, religião, filosofia, comércio, indústria, agricultura. Haveria também a busca pelo desenvolvimento do físico com exercícios esportivos e de ginástica, pelos princípios da higiene. Lá seria trabalhado o desenvolvimento dos sentimentos de amizade entre os homens, ajudando a constituir obras de beneficência, de mutualidade e de utilidades em geral. Estabeleceriam indústrias manuais para sustentar os enfermos incapazes de trabalhar. Teriam uma cozinha econômica onde os trabalhadores pudessem realizar uma alimentação saudável e substancial. Ensinariam as línguas modernas, a datilografia e a contabilidade. Uma escola prática para as mulheres aprenderem como ser uma boa dona de casa.

A escola organizava conferências, aulas, concertos pagos e gratuitos. Havia uma biblioteca, uma sala de ginástica, uma instalação de banhos econômicos, um teatro ao ar livre, reservado também para festas e jogos populares. Tinha também uma caixa de auxílio para financiar alunos a irem completar os estudos nas escolas superiores do país e do estrangeiro. Ela era financiada por pessoas que pagavam uma mensalidade e só aceitavam mulheres de no mínimo 16 anos e homens de 18 anos.

A Luz elétrica foi implantada na cidade desde 1893, pela empresa Fiat Lux, sendo uma das primeiras da província a ter tal advento. Ela funcionava, porém, com muitas reclamações por parte dos escritores do jornal. Essa tecnologia permitiu novas vivências noturnas na cidade.

No Brasil inúmeras companhias ferroviárias foram construídas por empresários paulistas, porém com empréstimos do exterior. Assim ocorreu com a Cia Paulista (ligava Jundiaí, Campinas, Rio Claro, Mogi-Guaçu), a Mogiana (ligava Campinas, Mogi- Mirim, Ribeirão Preto, Franca e Triângulo Mineiro), a Sorocabana (na direção de Sorocaba, Boituva, Tietê e Botucatu), e a Ituana (interligando Jundiaí, Itu e Piracicaba).

¹⁶ *Jornal de Piracicaba*: “Universidade Popular”, 10/09/1910, p. 2.

As ferrovias significavam uma maior circulação de mercadorias, a Ituana ligava Piracicaba a Itu e Jundiá. No entanto Piracicaba queria mais, para escoar seus produtos para o oeste faziam um longo percurso, tendo que enviar os seus produtos primeiro para São Paulo, pela Paulista e depois para a Mogyana. Clamavam por melhoramentos, pois se houvesse uma estrada que ligasse direto ao Oeste, o trajeto diminuiria 200 quilômetros, reduzindo custos e possibilitando um maior comércio dos produtos locais. Quanto melhor a comunicação entre Piracicaba e as outras cidades maior seria seu progresso econômico.

Em 1906, a população piracicabana se excitava e se deslumbrava com o primeiro automóvel, o Dr. Paulo de Moraes Barros desfilou pela cidade com sua máquina. Segundo Cecílio Elias Netto (2000), na época, as mulheres de respeito não podiam andar em automóveis, era coisa de mulher de vida airada. O Bonde só apareceria na cidade em 1916. No ano de 1912 havia 23 automóveis, dos quais 10 eram de uso do público. Segundo uma matéria de 1912 era um número bastante expressivo para uma localidade do interior do Estado e tendia a aumentar, pois já haviam encomendas feitas por capitalista e empresas.

Os telefones começaram a funcionar na cidade em 1908, ele foi um instrumento de trabalho, mas, além disso, colocou em contato pessoas distantes, modificando as noções de proximidade e distância. O novo meio de comunicação logo foi apropriado pelo imaginário da *Belle Époque*, muitas vezes substituindo as cartas pessoais e de amor, introduzindo uma nova dimensão na história das sensibilidades (ORTIZ, 1991).

O prédio do correio era colocado pelo jornal¹⁷ como algo que ainda deixava a desejar. Era motivo de vergonha e esquecido pela intendência. O *Jornal de Piracicaba* afirmava que Piracicaba tinha uma boa renda postal e que o número de correspondências vinha aumentando proporcionalmente ao progresso do comércio e do município. Logo o correio precisava aumentar o número de funcionários e melhorar a casa que servia de agência que estava velha, imunda, suja e esburacada, sem cômodos apropriados e necessários ao bom andamento dos serviços e sem os elementos primordiais de higiene.

A busca por uma cidade moderna passou pela reformulação de prédios, ruas, bairros. A reclamação pela falta de um correio pode nos indicar que o crescimento da cidade gerava novas demandas e uma delas foi a melhoria do serviço postal.

Podemos notar que Piracicaba era uma das cidades consideradas modernas de acordo com os parâmetros do interior paulista, segundo os discursos analisados. Tinham muitas referências de modernização, com um cenário diversificado. Havia um desejo de se viver em

¹⁷ *Jornal de Piracicaba*: “Coisas da cidade. Um contraste”, 08/10/1902, p. 1.

uma cidade progressista aos olhos dos jornalistas, que através de seus discursos buscaram formar uma opinião, moldar hábitos e comportamentos a fim de uma sociedade melhor, na sua concepção. Isso implicava em servir como um manual de comportamentos, de colocar para os leitores como deveriam agir, inclusive nos momentos de lazer.

1.1. Novas propostas na área do Lazer

O lazer passou a fazer, efetivamente, parte do imaginário do mundo moderno. Estar em uma sociedade civilizada implicava em ter mais que ruas calçadas, iluminação elétrica, rede de esgoto, era ter gestos polidos, saber se portar a mesa, frequentar clubes, teatros, cinemas, estar atento às novidades, às modas. Era viver as novidades, se preocupar com a aparência, mostrar erudição e buscar ser cosmopolita.

Ao buscarmos compreender melhor as formas de diversão deste início de século e as visões a respeito delas, compreendemos melhor a sociedade sob aspectos do universo simbólico. Universo simbólico seria um conjunto de significados sob os quais uma cultura opera, que são construídos e reconstruídos pela produção humana, são diversificados e interpretados. A festa reconstrói o mundo, toca no reino da liberdade e do essencialmente humano: “É nessas regiões que renasce o poder do sistema, mas é também aqui que se pode forjar a esperança de ver o mundo de cabeça para baixo” (DA MATTA, 1983, p. 14). Esses rituais são discursos simbólicos a respeito de uma realidade, cada uma salientando aspectos críticos, essenciais de acordo com uma perspectiva. A partir dos objetos, das formas, códigos é possível compreender como os diversos textos podem ser diversamente apreendidos, manipulados e compreendidos (CHARTIER, 1991).

Nas festas encontramos elementos históricos que são recombinações, são reproduzidos e formulados com novos valores. São acontecimentos que escapam a rotina da vida diária, mas não são totalmente desconectados. São previstos e planejados com antecedência, ou podem surgir de forma espontânea com um convite em cima da hora, ou uma brincadeira inesperada na qual o comportamento é marcado pela liberdade, com menos regras e hierarquias. Essas festas já previstas incluem preparações antecipadas. São os bailes, reuniões, encontros, conferências, aniversários, casamentos, funerais, formaturas que tem menos liberdades e são mais formais.

Segundo Roberto da Matta (1983), elas podem ter caráter formal e informal. Os eventos informais se fundam na ideia de espontaneidade, despersonalização ou descentralização e na falta de hierarquia. Já os formais são centralizados e se baseiam em

momentos bem marcados. O autor fez uma comparação entre as três festas que duram mais tempo no calendário brasileiro, o Carnaval, a Semana Santa e a Semana da Pátria.

Nesta comparação ele elencou as diferenças entre os desfiles militares do dia 7 de setembro e os desfiles de carnaval. O primeiro é realizado pelo estado e simboliza seu poder, relacionado a um momento histórico importante para a nação, um evento diurno, no qual as hierarquias são demarcadas, há a separação entre povo e autoridades, as pessoas andam em marcha, a vestimenta é o uniforme que iguala e corporificam os participantes. Já no segundo os participantes são pessoas da sociedade civil, sendo boa parte dos eventos no período noturno, nesses desfiles os movimentos são mais soltos, ocorrem danças, cada um interpreta com seu corpo o movimento sentido por eles, promove encontros, vestem-se fantasias, que distinguem e revelam.

Ao falar das procissões religiosas ressaltou a dificuldade de conceituá-la, já que não é profana, nem formal, nem informal, não tem uma estrutura fixa, mas tem todas estas facetas ao mesmo tempo. Colocam lado a lado os diferentes, o povo e as autoridades, santos e pecadores, ricos e pobres. No entanto, o Carnaval também tem sua ordem e suas formalidades, assim como as festas cívicas podem ter seus momentos descontraídos. Os ritos não parecem ser momentos diferentes daqueles do mundo cotidiano, mas combinações destes momentos, que permitem clareza às mensagens sociais. São representações da realidade, com auto-reflexos, circularidades, nichos, dimensões e planos.

Esses momentos de que falamos servem para promover a identidade social e construir seu caráter complexo. São experiências singulares que tem um caráter bastante subjetivo, para uns, determinada festa pode ter sido ótima, mas tediosa para outros ou, ainda, alguns podem ter achado mediana, e assim por diante. Em uma festa, reunião, ou espetáculo com 20 pessoas, existem 20 sensações diferentes que podem ser próximas ou não. O próprio conceito de lazer é bastante complexo e depende da atitude que cada um tem para com o momento, para uns ir ao mercado é uma obrigação, para outros pode ser um lazer.

No lazer os limites são fluídos, mal definidos, incertos. Podem ser momentos de contestação, de crítica aos problemas sociais e estruturais da sociedade, questionando a própria noção de ordem.

Tem crescido em diversas áreas os estudos a respeito do lazer. Cristiane Werneck e Victor Andrade de Melo (2004) elencam os principais motivos de isso ter ocorrido: a) compreensão de que o âmbito da cultura é um foco central de interesse; b) aumento de iniciativas governamentais relacionadas à temática; c) forte e crescente indústria do lazer e do

entretenimento; d) questionamentos acerca da higiene da sociedade moderna, construída a partir da valorização do trabalho enquanto dimensão fundamental da vida.

Os estudos do lazer tem andado conjuntamente com a luta pela diminuição da jornada de trabalho. O debate em torno da regulamentação e redução da jornada de trabalho gerou uma preocupação com o tempo livre entre políticos, empresários e intelectuais. O atual momento traz novos desafios para pensar o campo do lazer. Modificam os sentidos e significados do controle social, em que ganha força a privatização crescente e não a ocupação dos espaços públicos como lugar da vida social, conduzidas pela indústria cultural e relacionadas com o processo de midiaticização da cultura.

No Brasil, a preocupação com o lazer se deu principalmente após a abolição da escravidão e cresceu junto com os movimentos sociais do trabalhador. Acreditava-se que parte da força de uma nação estava na maneira pela qual os cidadãos aproveitavam suas horas de descanso. Seria necessário despertar o gosto e criar o hábito de empregar seus lazeres em atividades saudáveis, morais e higiênicas.

As práticas do lazer não são apenas rituais de pausas antes de se retomar a vida do trabalho, existem raízes profundas, antropológicas e históricas as quais se referem ao ser humano em sua natureza, mantendo como eixo central a discussão, a sistematização e a produção do conhecimento. A partir do lazer o grupo se reconhece troca informações e interpreta a realidade em que vive.

O lazer deveria ser o tempo em que cada um conduz com maior o menor grau de autonomia a sua vida pessoal e social. No entanto, o uso orientado ao consumo esvaziado de sentidos termina por deteriorá-lo, mercantilizá-lo, coisificando e empobrecendo seus significados. Segundo Dumazadier (1980), o lazer é exercido a margem das obrigações sociais, como descanso, desenvolvimento pessoal e diversão. O ócio resguarda valores negativos na história brasileira. Ao longo da qual se pode observar uma nova ordem e a necessidade de controle do tempo fora do trabalho, adequadas à sociedade moderna que se buscou construir.

Foi somente depois da Revolução Industrial que se separou nitidamente tempo-espaço de trabalho e de ócio, tempo livre, voltado a reposição física e mental dos trabalhadores. Em fins do XIX e início do XX o incipiente projeto de modernização e industrialização promoveu a supressão do trabalho compulsório, ficando as bases do trabalho livre. Além disso, a urbanização e as iniciativas políticas esbarravam nos costumes antigos, o lazer sofreu todo o tipo de intervenção e controle, tentando ajustá-lo às exigências do novo modo de vida. Foi

visto como algo banal, trivialidade, práticas lúdicas encaradas como contraponto à seriedade, inútil, improdutivo, vazio, coisa para quem não tem o que fazer.

Foi na Europa, pelas más condições de trabalho que surge o primeiro manifesto a favor do lazer dos operários, O Direito à Preguiça do militante socialista Lafargue publicado em 1880. A partir dos anos 50 o lazer passou a ser objeto de estudo sistemático nas modernas sociedades urbanas.

No lazer se pode criticar a vida cotidiana, almeja-se no lazer algo que o trabalho ou mesmo a vida em família dificilmente podem oferecer. As necessidades da produção não coincidem com as necessidades humanas. Ganhou significados de tempo para recuperação, buscando a manutenção da ordem social presente, atendendo às necessidades do sistema e para o consumo de bens. Porém o homem não é uma máquina que precisa apenas de manutenção e reparos, ele tem outras necessidades.

Não se pode reduzir o lazer a uma simples relação temporal, o lazer não se separa do trabalho, o domingo não é separado dos outros dias da semana. O lazer muitas vezes foi visto como privilégio, por isso a preocupação com outras necessidades vem em primeiro lugar, como saúde, habitação, alimentação. O lazer não é tempo livre, pois o desemprego não pode ser considerado férias, o lazer não é definido pela atividade, por exemplo, jogar futebol para os jogadores é trabalho. Ele não é livre se pensarmos que existem barreiras para se ter alguns tipos de lazer, dependendo do valor de ingressos, da falta de locomoção.

O fator econômico é importante, influencia desde a disponibilidade de tempo até o acesso à escola, espetáculos, contribuindo para uma apropriação desigual do lazer. Portanto, o lazer poderia ser definido como tempo disponível para fazer o que se gosta, diante das possibilidades que se tem. Mas o lazer não tem somente aspectos positivos, pode ser transformado num tempo de valores destrutivos, como as disputas de corridas ilegais de automóveis, o uso abusivo do álcool, entre outros.

O gosto é uma construção, gosta-se de algo, ou de fazer algo de acordo com aquilo que reflete a identidade desejada. De acordo com as imagens e discursos que recebemos elaboramos nossas preferências, de forma muitas vezes inconsciente.

A *Belle Époque* foi um momento em que se pensou o lazer e foi quando os espaços propícios a ele se multiplicaram. As novas concepções de vida, de higiene, as novas tecnologias influenciaram seu papel na construção de uma sociedade civilizada que sabe se divertir de forma elegante, feliz, saudável e racional.

Com a iluminação elétrica noturna, com os novos locais de sociabilidade considerados modernos como os cafés, as jovens passaram a frequentar mais o ambiente público. As

entradas e saídas das missas deixavam de ser o entretenimento principal, passaram, então, a frequentar os passeios públicos, confeitarias, teatros, cinemas e clubes, assim como tiveram novas práticas esportivas.

Nos momentos de lazer podemos encontrar muita imitação do estilo parisiense. Esse estilo estava presente nas formas de recepcionar os convidados, as famílias mais abastadas buscavam mostrar um requinte vindo da Europa. Saraus, recitais, concertos, bailes faziam parte da elegante vida social da época. Há registros de que, por volta de 1890, oitenta pessoas recebiam aulas de música na cidade e havia cinquenta pianos nas residências locais e em 1889 este número subiu para cem pianos na cidade de Piracicaba (CAMARGO, 1899).

Com a iluminação nos locais públicos, as elites saíam mais à noite, mas não com assiduidade suficiente para sustentar mais do que algumas poucas instituições, exemplo disso foi o *Club Piracicabano* que fechou algumas vezes. As famílias promoviam encontros regulares de amigos e parentes, nos quais os recitais, danças e músicas eram comuns, por isso o investimento nos pianos e na decoração das casas. Além do desenvolvimento das casas de diversão, os bailes nas residências particulares eram comuns, quanto melhor pudessem recepcionar seus convidados, melhor seria a sua reputação na cidade.

Nessas festas era comum recitar poesias e discutir sobre literatura. Naquela época brilhavam as poesias parnasianas de Olavo Bilac, Guimarães Passos, Alberto de Oliveira, Raimundo Correa, o romantismo de Camilo Castelo Branco e o simbolismo de Alphonsus de Guimarães. Euclides da Cunha despontava e Machado de Assis fora eleito primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Em Piracicaba Francisco Lagreca escreveu o poema O Salto com apenas 13 anos, este contribuiu com vários Jornais e revistas do estado de São Paulo. Recebeu menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, com o poema Cidade do Amor e Alma Nova.

A música não podia faltar, fossem nos teatros, concertos, cinematógrafos, festas particulares. As mais comuns eram as modinhas, as polcas, as valsas, as marchas, os lundus e os maxixes, eram tocadas nos bailes, saraus, serenatas e concertos de bandas.

Segundo os jornais, os fazendeiros, os profissionais liberais, os empresários, os políticos e os intelectuais frequentavam, principalmente: o Theatro Santo Estevam, o Clube Piracicabano, o Eden, cinematógrafos, festas escolares, festas íntimas entre outros. A imprensa local ao anunciar como ocorreu um evento, gostava de mencionar os nomes de quem havia ido, como estava o espetáculo, a decoração, que comidas e bebidas foram servidas com expressões como: “*o melhor da sociedade estava presente*”, “*a nata da sociedade*”, “*a*

finis flor da sociedade”, “*distintas famílias*” entre outras. Construiu-se uma imagem de uma elite superior e distinta das outras camadas através das formas de sociabilidade e do gosto.

As bandas de música tocavam no Jardim Público, principalmente a Banda Stipp e a Carlos Gomes. O Jardim Público ficava em frente à Igreja da Matriz, bem no centro da cidade e era um dos locais mais frequentados. Além da movimentação que as missas e as festas religiosas levavam para lá, as bandas também animavam aquele local. Costumava ter a presença dessas aos domingos, mas dependia também do clima, pois mesmo tendo um coreto para a banda o restante não era coberto. O coreto foi construído no final do século XIX no Jardim Público e reformas foram realizadas para tornar o local ainda mais agradável. O *footing* ou o chamado “quadrar jardim” era muito comum na época, era um dos meios de aproximação entre moços e moças. As senhoritas caminhavam num sentido e os rapazes em outro, o diálogo se dava pelo olhar. O passeio no jardim não era apenas um prazer, era também um ritual codificado, autorizava a emoção das apresentações e encontros, mas também a expressão ostensiva de desdém. No passeio público cada um podia verificar sua posição social, e reformular sua identidade já que essa é relacional.

No Jardim Público além dos passeios e das bandas que tocavam era um dos locais onde se comemorava o Carnaval na cidade. Nesses dias o público lotava aquele lugar com muita animação, brincadeiras e música.

O Theatro Santo Estevam era um espaço de encontro das sociedades mais abastadas. Segundo o *Jornal de Piracicaba* era a maior lacuna que existia na cidade. Em 1900, uma matéria dizia ser um casarão que enfeava o largo do teatro, que ele nem merecia tal nome. Não era salão, não era um *rink* de patinação, era um trambolho que urgia ser removido. Ocorreu nesta matéria toda uma descrição de como o estado do casarão estava lastimável. Por fora, quando chovia, formavam-se poças de lama, sujando os vestidos das senhoras. Por dentro, o estado era pior, os camarotes não podiam ser aproveitados por não ter boa visibilidade, o teto imoral, a separação entre a platéia e o palco era frágil e pobre, não havia um *buffete* merecedor deste nome, o cenário paupérrimo e havia péssimo odor de um lugar sem asseio: “em outras palavras, o nosso teatro é um archaísmo, é uma monstruosidade, que precisa ser operado por uma cirurgia rápida e energica”¹⁸.

Essa matéria comparou o teatro com outras cidades como Taubaté, Pindamonhangaba, Rio Claro, Mogi-Mirim, Amparo, Bragança, dizendo que quase todas as cidades do estado tinham um teatro decente, menos Piracicaba. O estado vergonhoso em que se encontrava o

¹⁸ *Jornal de Piracicaba*: “O Nosso Theatro”, 05/08/1900, p. 1.

teatro era considerado um afronte ao orgulho local, levando aos habitantes a vontade de corar, pois se alguém de fora tentasse desprestigiar a cidade, eles poderiam responder: temos jardim público, temos água encanada, temos esgotos, iluminação elétrica, ruas revestidas de pedregulho, um bom escoamento de água, mas depois se perguntassem sobre o teatro, eles não teriam palavras para responder. Percebemos, portanto, uma preocupação com a reputação da cidade e não somente com o bem estar da população.

Após as reformas do teatro, por volta de 1903, ele pode então exercer seu papel. Era uma das poucas opções que a elite local tinha para demonstrar seu bom gosto, de vestir suas melhores roupas, usarem as melhores jóias e sapatos. Os camarotes eram tão ou mais observados que as peças e orquestras que se apresentavam¹⁹. O camarote era um lugar fechado e protegido, público e privado ao mesmo tempo, onde se desenrolava outra trama, além do espetáculo.

A falta de uma orquestra também era uma preocupação para a imprensa local. Ela era desejada para que tocassem em partidas no *Club Piracicabano*, em festas religiosas, nos bailes de casamento, para organizar concertos entre outros. O jornal, em uma matéria²⁰, apelou para os profissionais, professores de música, para os que se dedicavam a esta elevada arte musical que fizessem algo com relação a isso. A necessidade de uma orquestra vinha da diferença dela sobre as bandas, o seu som seria mais adequado a lugares fechados, enquanto que as bandas poderiam continuar tocando em locais abertos. Os sons fortes das bandas ficariam melhor nas ruas, praças e jardins do que nos salões de um baile ou nos intervalos de uma peça. O jornal dizia que o teatro exigia uma orquestra e essa dependia de um teatro, como não tinham nem teatro nem orquestra os espetáculos da cidade ficariam prejudicados.

Além do teatro uma das formas de lazer que mais se destacou na *Belle Époque* foram os salões e os clubes. Na cidade, o *Club*²¹ *Piracicabano* era um lugar onde a elite local se reunia para jogar, fazer negócios, escutar música e dançar. Tinha como dono o Coronel Barbosa, proprietário de terras e produtor, mas era mantido também pelos diversos sócios.

Esse clube durou na cidade por mais ou menos vinte anos, teve grandes momentos de auge, seus eventos eram anunciadas pelo jornal regularmente, a mudança de diretoria também. No entanto, ele fechou algumas vezes, o que seria uma disparidade se pensar que Piracicaba vivia um crescimento econômico e populacional. Pelas notícias do jornal podemos perceber

¹⁹ Nesta época a platéia era tão iluminada quanto o palco, as pessoas queriam ver quem estava no local, e como estavam, fazia parte do espetáculo.

²⁰ *Jornal de Piracicaba*: “Orchestra”, 14/08/1900, p. 1.

²¹ O termo *club* originava-se diretamente dos clubes que surgiram em Paris e Londres no século XVII e chegaram ao seu apogeu no XIX, local de reunião de cavalheiros da alta sociedade (NEEDELL, 1993).

que foram por dificuldades econômicas que o clube acabou fechando, pois realizavam festas para arrecadar fundos para que continuassem funcionando: “Com selecta concurrencia, realizou-se ante hontem nos salões do Club Piracicabano uma bem organizada festa litteraria-musical, em beneficio daquela velha e sympathica associação(...)”²².

Como vimos nessa matéria o *Club Piracicabano* era elogiado pela imprensa, ao descrever seus eventos costumava exaltar suas qualidades, sua elegância, seu bom gosto musical, pela organização do evento e do público que o frequentava. A imprensa teve um forte papel em classificar os diferentes tipos de lazer que existiam na cidade bem como categorizar comportamentos, dizendo o que seriam atos civilizados e os atrasados.

Os *cinematographos* despontaram nessa época gerando grandes transformações nas formas de lazer. Uma das primeiras imagens em movimento no mundo ocorreu em 1885 de Luis Lumière, *A chegada do trem na estação*. Esse filme gerou grande comoção, medo e tumultos. No Brasil a primeira apresentação aconteceu no Rio de Janeiro, em 1896, a reação foi de muita euforia, uma reação aturdida a esta nova experiência. Não foi apenas uma nova forma de lazer, mas com a chegada do cinema, novas formas de sentir emergiram, podendo conhecer-se outras realidades através dos filmes.

Em muitas matérias podemos ver o combate a algumas atitudes que não condiziam com o que eles consideravam de acordo com uma cidade moderna como Piracicaba. Esses discursos disciplinadores ocorriam nos jornais locais. Em uma matéria, reclamou-se contra o modo pouco edificante pelo qual faziam as companhias de cavalinhos os seus anúncios pelas ruas. Disseram que não era próprio de uma cidade como Piracicaba e que os poderes competentes, visando os créditos da cidade, deveriam tomar alguma medida e acabar com tais cenas que: “além do que tem de ridículos, são por demais incommodos, pela grande algazarra que fazem os moleques em bando, atraz dos palhaços”²³. O extrapolar das emoções era visto como falta de racionalidade, prejudicial a uma imagem de progresso que queriam veicular a cidade. Mas com essa notícia podemos compreender que a chegada do circo trazia grande euforia à população local, era uma das formas de divertimento mais comuns e esperadas.

As Festas Populares eram momentos de encontros entre diversos setores da população. Uma matéria de 1908²⁴ descreveu com detalhes a programação de uma festa promovida pela benemérita Lydia Rezende, que tinha como propósito arrecadar fundos para a construção da

²² *Jornal de Piracicaba*: “Club Piracicabano”, 10/12/1903, p. 1.

²³ *Jornal de Piracicaba*: “Coisas da cidade”, 08/10/1901, p. 1.

²⁴ *Jornal de Piracicaba*: “Festa Popular”, 10/05/1908, p. 1.

capela da Vila Rezende. Essa festa seria realizada na Rua Boa Morte, na esquina com a Rua Municipal, no centro da cidade, onde ocorreria um *cake walk* belíssimo na qual doze crianças, acompanhadas pela banda Carlos Gomes, dançariam. A festa teria também uma exposição de fenômenos sobre os quais o jornal não mencionou quais seriam. Haveria também um chalé japonês onde ficaria o serviço de *buffet e buvette*, com cigarros, charutos, entre outros, servidos por japonesas piracicabanas. Um jogo da moda chamado Gruta do diabo seria realizado, no qual participariam homens e mulheres. Cantos e danças populares aconteceriam como: canto de caipiras, bata-pé, caninha verde e desafio a viola. Além dessas, haveria também, gratuitamente, o jogo do sapo, do pião, do tamborim, balanços, velocípedes, carrinhos e outros divertimentos para as crianças. Concertos, orquestras, bailes ao ar livre, luta romana, espetáculo de bonecos, danças características, ronda dos noivos, *drills*, prestidigitação, quadros vivos, corridas a cavalo e corridas a pé também seriam vistos. No bar, seriam encontradas bebidas nacionais e importadas, empadas, pastéis, sanduíches, chá e chocolate por preços módicos.

A festa foi dirigida por uma comissão de mulheres e o evento estava para ser um dos maiores já realizados na cidade. Com tantas diversões inéditas e com tantas atrações o jornal já previa o sucesso que ia ser. Com essa matéria podemos conhecer melhor os tipos de divertimentos realizados pela população piracicabana naquele início de século, trazer à memória um pouco sobre o lazer popular, a busca por atividades ao ar livre, tendo o sol e a oxigenação como práticas saudáveis. Podemos também perceber que as mulheres, nesta época, tinham um importante papel na organização das festas.

Em uma matéria, chamada Festa Popular²⁵, ocorreu a descrição de como seria o festival beneficente que aconteceria no Jardim da Ponte. Os dois números principais da diversão seriam constituídos pelo Jogo das garrafas e pelo Jogo dos cartões postais. Ocorreria também um concurso da rainha da festa, no qual a vencedora recebeu como prêmio um mimo e um camarote no Theatro Santo Estevam. O jogo das garrafas consistia em acertar argolas nos gargalos das garrafas, cheias de vinho do porto, licores finos, águas minerais e cerveja. Cada argola custava 300 réis. Ocorreria também um leilão de perus, leitões, doces. A banda Azzarias de Mello e a Giuseppe Verdi abrilhantariam a festa. A matéria concluiu que com tantos atrativos não teria por que alguém não ir à Praça Rezende passar algumas horas agradáveis.

²⁵ *Jornal de Piracicaba*: “Festa Popular”, 16/07/1911, p. 1.

Com isso vemos que os divertimentos da época poderiam ocorrer tanto no centro da cidade como em bairros mais afastados, como foi o caso da festa na Vila Rezende que se situava no outro lado do Rio Piracicaba, oposto ao centro.

Francisco Iglésias (2003) descreveu em seu livro de memórias as principais diversões da época. Para as crianças os brinquedos prediletos eram os piões de madeira, torneados na marcenaria da cidade, as modalidades principais eram a corrida e o duque além dos malabarismos sempre copiados do circo de cavalinhos. A praça onde hoje é o colégio Moraes Barros era antes o largo da “cadeia velha”, era um local lindamente arborizado com paineiras frondosas, onde as crianças adoravam brincar. Um costume comum era o de soltar pipas quando os ventos estavam propícios.

Pouco se falava no jornal sobre as crianças, não lhes era dado grande atenção, principalmente quando a questão era sobre divertimentos. Uma das formas de lazer que mais atraía o público jovem era o Circo de Cavalinhos, foi uma das inovações da época e mexeu com toda a cidade. O Circo de Cavalinhos de pau, a vapor, instalado no Largo Municipal, segundo o *Jornal de Piracicaba*, era o que havia de mais aperfeiçoado, um divertimento decente, agradável e que atraía um enorme público.

A cidade de São Paulo teve o primeiro carrossel com música e luz elétrica. Esse brinquedo seria um símbolo da época, girava e girava, mas não chegava a lugar nenhum. O prazer estava no movimento em si mesmo (BRANDÃO, 1994). Uma matéria do *Jornal de Piracicaba* dizia que crianças, moços e até velhos iam para ali e montavam no brinquedo. Foi uma grande novidade, importante para uma cidade que estava com falta de divertimentos:

Para dar uma idéia do que foi o entusiasmo manifestado pelos dilectantes áquelle genero de divertimento, basta dizer que o *pretinho*, encarregado de dar a manivella ao realejo, não poude dar conta da empreitada, como quem diz que não é de ferro, e sim de pau... mas não pra toda obra (*Jornal de Piracicaba*: “Notas e...”, 05/02/1901, p. 1).

Esses cavalinhos de pau se tornaram polêmicos quando o intendente municipal negou licença à companhia que veio de São Paulo para funcionar na cidade. Segundo o Jornal, essa medida havia sido tomada, pois a intendência acreditava ser uma diversão prejudicial ao comércio, às crianças e aos pais. As crianças chegavam a faltar à escola para irem aos cavalinhos e o comércio perdia dinheiro, que ia para fora da cidade. O Jornal dizia ser uma medida pouco justa e que o intendente deveria tributar os impostos relativos aos lucros auferidos pela companhia. Afirmou que: “O intendente bem intencionado em zelar dos interesses do commercio e do povo, têm lá seus motivos e suas rasões para negar licença. E, o

povo deve, por sua vez, conhecer o que lhe causa mal e não contribuir para as coisas prejudiciais”²⁶. A polêmica dos cavalinhos mostrou como o jornal se posicionava frente aos poderes públicos, mesmo quando discordava o fazia de forma bastante cuidadosa. Buscaram mostrar a intendência que não havia motivo para proibir tão adorada diversão e que para não prejudicar a economia local cobrassem da empresa os impostos devidos.

Com essas medidas, vemos uma tentativa de controlar o lazer na cidade por conta das autoridades. Mas com a reclamação da imprensa e da população, que estavam insatisfeitas voltaram atrás em sua decisão.

O Circo de Cavalinhos atraía uma grande quantidade de pessoas, podendo gerar algumas confusões. Durante o espetáculo de cavalinhos foi presa uma conhecida “desordeira” Sebastiana Moringa²⁷. Nessa notícia não disseram o porquê dela ter sido presa e o que aconteceu com ela. Vemos com isso que os circos de cavalinho atraíam muitas pessoas o que poderia acarretar em alguma ocorrência policial.

Além do circo, as touradas também divertiam a população. A quadrilha do Bentão realizou espetáculos de touradas em seu casarão, lotando-o. Quatro reses não muito bravas, mas bastante rápidas foram as protagonistas deste espetáculo. Na arena estava o integrante do Circo brasileiro o toureiro Juvenal, apelidado de O Paulista. Nesse dia ele fez aproximações arriscadas, recebendo os aplausos do público que enchia o circo²⁸.

Em 1905, ocorreu um anúncio das touradas, que iria ocorrer no Coliseu Piracicabano, na Rua da Boa Morte, realizado pela empresa Ortusal & comp. A tourada seria dirigida por Vicente Ruiz. No ano seguinte ocorreu mais um anúncio no *Jornal de Piracicaba* sobre touradas. Desta vez ela teve lugar no Largo de Santa Cruz pela empresa Brambilla e Izidoro Zilio. A apresentação foi em homenagem à data do Treze de Maio:

Sensacional espectáculo

Pela primeira vez em Piracicaba o corajoso lutador R. Milo lutará contra um bravíssimo touro; não confundir lucta com a pega á unha.

Serão lidados 4 touros escolhidos a capricho na fazenda do sr. Schmidt.

Tomarão parte os conhecidos srs. Zezinho, Corisco e Dias.

Preços: Camarotes 15\$000, cadeiras 3\$000, sombra 2\$000, sol 1\$000.

A's 3 e meia da tarde.

Para commodidade do publico as portas do circo ficarão abertas desde as 1 e meia da tarde.

As famílias que quizerem reservar camarotes ou cadeiras poderão avisar desde já no Hotel Vieira (*Jornal de Piracicaba*: “Circo, Teatro...”, 13 /05/1906, p. 3).

²⁶ *Jornal de Piracicaba*: “Palestrando”, 07/04/1901, p. 1.

²⁷ *Jornal de Piracicaba*: “Desordeira”, 28/05/1901, p. 2.

²⁸ *Jornal de Piracicaba*: “Touradas”, 08/08/1905, p. 4.

Pelo anúncio, o tratamento dado a essa diversão foi de defesa da prática de luta, e não de “pega a unha”, que consistiria em uma prática esportiva e não de violência. A presença dos camarotes também mostrou que havia um público diversificado, pessoas que poderiam pagar um pouco mais, que preferiam estar em um local privilegiado para assistir a luta. As touradas não ficavam em um lugar fixo, realizando-se em diferentes bairros da cidade, bem como as apresentações dos circos.

A diversidade de festas e de formas de lazer foi intensificada pelo crescimento da cidade e pela vinda dos imigrantes. Esses imigrantes construíram inúmeras associações e as festas tiveram um grande papel para sua manutenção, reforçando e criando novos laços de solidariedade e amizade.

Na luta pela sobrevivência e para manter tradições, segmentos das populações pobres - principalmente imigrantes construíram inúmeras associações, mantendo assim suas festas populares, mobilizações e construções de lugares próprios de sociabilidades. Essas associações e os divertimentos contribuíram sobremaneira para a integração dos despossuídos na nova ordem em construção, pois, além do assistencialismo, através das comemorações cívicas e das festas populares, permitiram aos seus integrantes a imagem da cidade compartilhada, ainda que por poucos momentos (TERCI, 1997). Era uma forma de se fazer presente, de demarcar seu espaço.

As festas religiosas também foram momentos de encontro do povo piracicabano. Diversos segmentos da população se uniam nesses momentos. A Igreja Matriz era a principal da cidade, frente a ela ficava o Jardim Público, ao lado o Hotel Central, e bem próximo, o Theatro Santo Estevam.

A passagem do século XIX para o XX, segundo o *Jornal de Piracicaba*, ocorreu com muito brilho. Desde à tarde do dia 31 de dezembro de 1901, o movimento nas ruas já havia aumentado. A Igreja Matriz ficou repleta de fiéis, à meia-noite ocorreu uma missa na qual a orquestra do maestro Tristão Mariano tocou, entre outras, o hino nacional, com duas bandas, uma dentro e outra fora do templo. À tarde do dia primeiro ocorreu uma procissão²⁹.

As procissões começavam com uma missa e depois culminava em festa, venda de doces, bebidas, eram leiloados objetos, havia jogos, danças, em um ambiente de encontro e comunhão. Era uma forma de ensinar a religião de forma mais atrativa, mobilizando as pessoas em torno das festas, reforçando os laços religiosos.

²⁹ *Jornal de Piracicaba*: “A passagem do século”, 03/01/1901, p. 1.

A Semana Santa costumava ser de grandes festividades católicas. Uma matéria na coluna “Palestrando”, dizia que as festas daquele ano haviam ocorrido com grande animação e em boa ordem. O povo lotou o templo, em constantes acotovelamentos. Destacando que:

O seguro morreu de velho- dizia um burguez que tendo sahido da igreja, entrára num botequim onde pedira uma garrafa de cerveja.[...]desatou da ponta da fralda da camisa um nó, tirando algumas pelegas que estavam prezas e occultas dentro delle, por causa dos gatunos!(*Jornal de Piracicaba*: “Palestrando”, 07/04/1901, p. 1).

Essa matéria nos mostrou que os momentos de grandes aglomerações eram vistos como perigosos, onde “espertalhões” aproveitavam para levar alguma vantagem, roubando os frequentadores e que cada um tomava suas medidas preventivas contra esses males. Mostrou-nos também que depois das solenidades algumas pessoas iam para os bares tomar cerveja e descontraír.

No dia de festa a cidade ficava vulnerável, surgem palavras indecentes, injúrias, desafios, provocações, podendo levar à brigas e confusões. Ao mesmo tempo em que proporcionam excelentes encontros, relações de amizade e laços de solidariedade eram fortalecidos. São momentos de tensão, entre o medo da desordem e a alegria que proporcionavam. É quando as mulheres saem às ruas, podendo os homens se aproximar mais facilmente delas.

No ano seguinte, as festas da Semana Santa mais uma vez foram destaques no *Jornal de Piracicaba*. Segundo o jornal, tudo ocorreu conforme planejado, o ornamento do templo a cargo do artista Joaquim Dutra foi elogiado, a orquestra dirigida pelo maestro Tristão Mariano conseguiu prender a atenção do público e as peças foram muito apreciadas. A igreja ficou repleta de fiéis, nos pátios e largos era grande o número de pessoas. As procissões foram imponentes e muito bem organizadas: “Emfim a nossa cidade teve este anno uma Semana Santa boa, de deixar saudades”³⁰.

No entanto, essa matéria também destacou os problemas que ocorreram na cidade por conta da aglomeração, dizendo que era necessário que houvesse um melhor policiamento. Uma vigilância, tanto noturna como diurna, para que a boa ordem fosse mantida:

Assim é que vimos em algumas noites bandos de moleques marotos e insolentes a correrem pelas ruas em estrepitosa e estúpida algazarra, perturbando a tranquilidade publica, encommodando as familias que transitavam áquela hora pelas ruas, em busca das solemnidades religiosas[...]

³⁰ *Jornal de Piracicaba*: “Semana Santa”, 30/03/1902, p. 2.

Tudo isto, numa cidade civilisada é simplesmente censuravel, digno de toda a atenção de todos os homens que se interessam pela moralisação da sociedade. Divertimento, não se traduzem por desordens, malfeitorias, attentados às coisas alheias.
 E a nossa activa policia... dormia nessas ocasiões...ou então não queria desgostar os alegres, os folgazões que assim perturbaram as festevidades publicas. (*Jornal de Piracicaba*: “Semana Santa”, 30/03/1902, p. 2).

A matéria acima destacou vários aspectos que as festas com grande público tinham. Por um lado, foi bastante elogiada por seus ornamentos e pela orquestra, por outro chamou a atenção da polícia para uma maior vigilância, sobretudo, para os moleques desordeiros que gritavam, falavam palavras pouco corretas e causavam danos às propriedades da cidade. Essas eram as várias consequências da concentração popular, por um lado se traduzia em um belíssimo espetáculo, por outro, dava margem para as pessoas cometerem atos, que talvez sozinhas não fizessem.

Em 1903, a Semana Santa foi descrita pelo jornal, como uma “festa de pobre”, dizendo que o povo não tinha mais os nervos para as festas de outrora. O padre Seckler havia alterado, sem avisar, a cerimônia do lava-pés, o que privou as famílias de assisti-la. No sábado de aleluia o boneco de Judas, que veio de Itu, não esteve à altura de sua fama, pois ao queimar, o Judas pirotécnico encheu de fumaça causando apenas um desagradável cheiro de pólvora. Segundo o jornal somente no *Club Piracicabano* as solenidades tiveram brilho e animação. Em 1907, as festividades da Semana Santa não foram realizadas, causando indignação por conta do *Jornal de Piracicaba*, nos apontando uma decadência das festas religiosas na cidade.

Podemos perceber que houve uma decepção por parte do jornal pelas festividades. O Judas que deveria ser a atração principal não funcionou direito. Se a festa teve algum brilho, segundo ele, foi no Clube no qual as pessoas tinham mais bom gosto.

Uma das maiores festas da tradição piracicabana, que existe até hoje, é a Festa do Divino. Nessa festa havia muita música, distribuição de carne verde e o encontro das bandeiras. No ano de 1901 roscas foram doadas, fogos de artifício queimaram a noite, e a banda da Brigada Policial, que se achava na cidade, realizou um concerto no coreto do Jardim Público³¹.

Esses momentos de diversão eram populares por atraírem um grande número de pessoas e serem de fácil acesso para pessoas de diversos níveis, econômicos, de várias etnias, profissões, promoviam o encontro e a sensação de que a cidade estava agitada. Esse clima de

³¹ *Jornal de Piracicaba*: “Apanhados de todas as festas”, 06/06/1901, p. 1.

alvorço é o que caracteriza as grandes cidades, permite que o indivíduo se perca na multidão ao mesmo tempo em que ele se individualiza. O espaço urbano permite a vivência desse caráter contraditório nas múltiplas formas de como se estabelece diálogo entre o individual e o social.

São momentos marcados pela ludicidade³², sob uma esfera menos controlada da vida social, ao mesmo tempo em que são olhados com desconfiança. Nesses momentos se constroem e ocupam espaços, preservam-se instituições familiares, religiosas, valorizam culturas, origens, exercitando relações solidárias e fraternas.

Como afirmou Certeau (1994), se é verdade que por toda parte se estende e se presencia a rede de vigilância, mais urgente é descobrir que uma sociedade não se reduz a ela. Que procedimentos populares jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los. As formas de controle podem alterar o cotidiano das cidades, podem determinar algumas relações sociais ou, em contrapartida, podem potencializar realizações individuais e coletivas, despertando a necessidade de reação, o anseio pela conquista de espaços de liberdade.

A festa ocupou um espaço privilegiado, ela é capaz de diluir, cristalizar, celebrar, ironizar, ritualizar ou sacralizar a experiência social e particular dos grupos que a realizam. Ela é mediação entre anseios individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros, natureza e cultura. São trocas culturais que enriquecem e diversificam o mundo social.

³² O lúdico tem sua origem na palavra "ludus" que quer dizer jogo, a palavra evoluiu levando em consideração as pesquisas de modo que deixou de ser considerado apenas o sentido de jogo. O lúdico faz parte da atividade humana e caracteriza-se por ser espontâneo, funcional e satisfatório. Na atividade lúdica não importa somente o resultado, mas a ação, o movimento vivenciado. Para Bruhns (1997) o cerne do lúdico está no humor.

Foto 9. Teatro Santo Estevam, início do século XX.



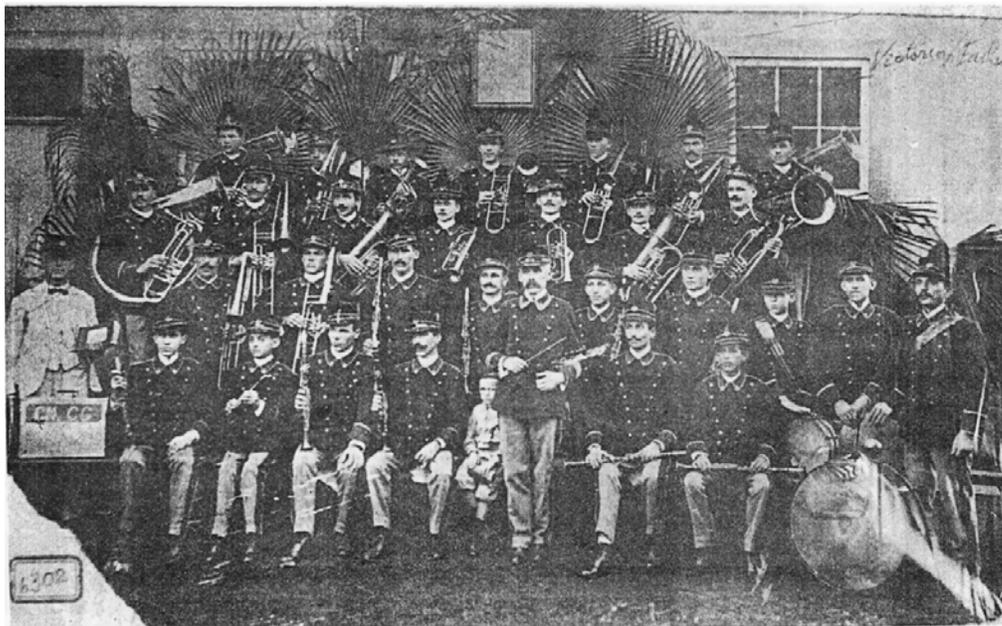
Fonte: <<http://www.aprovincia.com.br>>. Acesso em: 3 setembro 2009.

Foto 10. Clube Piracicabano, 1914.



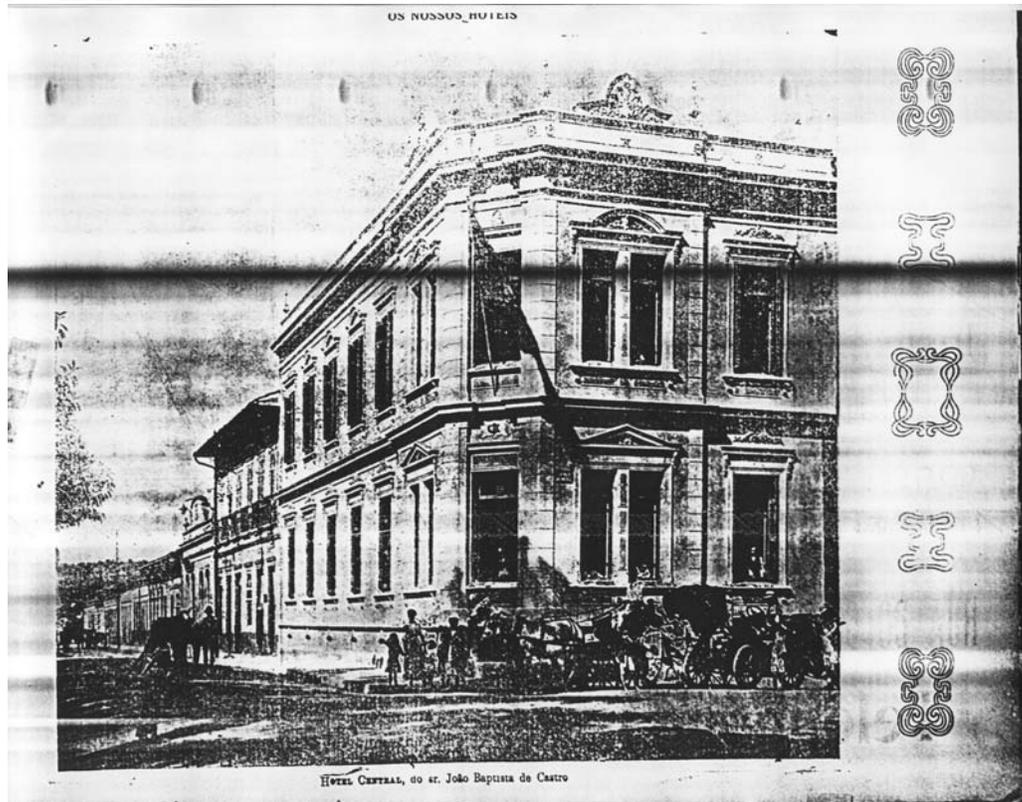
Fonte: <www.aprovincia.com.br>. Acesso em 3 de setembro de 2009.

Foto 11. Banda Carlos Gomes, início do século XX.



Fonte: PERECIN, M. A Síntese Urbana (1822-1930). Contribuição à História de Piracicaba. Piracicaba: IHGP/Ed. Shekinah, 1989, p.159.

Foto 12. Hotel Central.



Fonte: Jornal de Piracicaba, 4 de agosto de 1913. p. 7.

2. (RE)INVENTANDO A CIDADE

O urbanismo como saber, como prática, como política, como fator de sociabilidade surge no período da *Belle Époque*. As representações da cidade visaram legitimar a ordem urbana através da imprensa. Modelos de cidades, de progresso, de modernização foram trabalhados pelos jornais.

A imprensa piracicabana, em muitos momentos, colocava o progresso como um bem supremo, comparavam Piracicaba com outras cidades e dizia ter muitos avanços, no campo da energia, da urbanização, mas que ainda estava longe do ideal. O *Jornal de Piracicaba* tomou para si o papel de um jornal mais crítico, do que a *Gazeta de Piracicaba*, dizendo que tentaria manter-se neutro no jogo político (não deixando de ser, esta, uma atitude política), construindo imagens do que seria uma cidade ideal. Esse discurso de neutralidade vem da característica da imprensa da época que buscava ser imparcial, uma tendência que vinha desde o século XIX, com contribuições do realismo, do melodrama e do romance policial.

O realismo buscava retratar a vida tal como ela é, criticando o classicismo e o romantismo, enquanto expressões de vida idealizada. A imprensa, baseada no realismo, visava, portanto, ser objetiva e despojada. A forma de escrita foi marcada por uma observação aparentemente desapaixonada e discreta por parte do enunciador. Notamos também um tom mais leve, permeado de ironias, anedotas, que poderiam tornar os jornalistas mais próximos do público e serem vistos sob uma nova ótica, com mais condescendência.

O escritor Eça de Queiroz atribuiu ao jornalismo, enquanto diretor de *O Distrito de Évora* (1866-1867), o dever de levar ao povo o conhecimento das coisas públicas, ensinando seus direitos, protestando contra injustiças, velando pelo progresso, pelo direito da família, do trabalho e visando o melhoramento das classes mais pobres (PONTE, 2005).

O gênero jornalístico buscou uma objetividade marcada pelo tempo curto, da urgência. É um estilo no qual um dos grandes diferenciais é a facilitação da interpretação por conta do leitor. No jornal encontramos textos com finalidades diversas, muitas vezes morais, como forma de regulamentação da vida social, outras com a finalidade de chamar a atenção e despertar emoções com histórias curiosas da região e do mundo, despertando o fascínio pelo desconhecido e o incontrolável, ironias da vida, entre outros.

Goffman (1980) lembra a importância da estratégia dos lugares de onde se fala, as categorias de posição social, as formas de defender ideias e interesses na interação com os outros. Os relatos dos jornais podem vir, de primeira ou de segunda mão, assinados ou não, a

construção da facticidade, e da neutralidade do discurso, não são indiferentes aos jogos comunicacionais estratégicos.

Quando o *Jornal de Piracicaba* dizia falar em nome do povo, buscando a luz e o progresso, de forma imparcial e objetiva, ele legitimava sua existência como um veículo de informação diferente dos outros que existiam na cidade. Há, nessas notícias aparentemente aleatórias, uma visão de mundo. Essas histórias possuem elementos que os leitores podem identificar-se e que fazem parte de seu cotidiano. As notícias são transitórias e efêmeras, ao leitor compete interpretar as matérias e a partir delas que a opinião pública se constrói. A notícia é aquilo que recebemos e aquilo que desejamos. São eventos inesperados e esperados, simples e comuns, nascimentos e mortes, casamentos e funerais, sobre negócios, guerras e política. Estas notícias são partilhas de significados e que se impõem como a realidade, construindo um senso comum:

Conceptualizada como discurso verdadeiro sobre o real, o discurso jornalístico naturalizou interditos e práticas, formas canônicas de relato e legitimidade de quem assim reporta porque para tal tem estatuto e saber, um saber cognitivo e cultural que se reconhece nas interpretações partilhadas sobre acontecimentos públicos e na forma de os colocar em narrativa.[...] (PONTE, 2005, p. 17).

O jornal dizia falar em nome da população, fazendo muitas reclamações intituladas “Pelo Povo” como forma de generalizar opiniões. Nessas matérias podemos encontrar quais eram os passos que Piracicaba precisava dar para se modernizar e quais os obstáculos para isso.

Os jornalistas poderiam ser comparados ao *flanêur* do qual falou Benjamin, andantes observadores que transitavam pelas calçadas das ruas. Eles se portavam como detetives, qualquer pista os levaria a um crime. Saíam a perambular pela cidade a fim de conferir os avanços do progresso, ou espreitar os entraves à modernização da vida urbana (CUNHA FILHO, 1998).

A tentativa de impor um estilo de vida em detrimento de outros era negar os anteriores e ratificar um determinado tipo de urbanização. As várias cidades existiam dentro de uma única cidade e havia disputa entre elas, principalmente quando um grupo tentava tornar sua leitura a única lícita. Esses discursos sobre o urbano construiu ideologias que produziu efeitos na regulamentação da vida urbana. Alexandre Benvenuto (2004) cita uma fala de Lier Ferreira Balcão sobre o envolvimento da imprensa com o cotidiano das cidades brasileiras:

No início do século, esses jornais diários, constituindo-se em meios de comunicação privilegiados, buscariam inúmeras formas de penetrar e difundir-se em diferentes territórios culturais e políticos da cidade, assumindo o papel de responsáveis pela formação de opinião pública, de veículos renovadores dos sentidos das práticas de leitura e de espaços para a ampliação das parcelas leitoras e consumidoras.

Nesse processo alinham-se aos grupos da elite urbana e buscam ampliar seus círculos de difusão e formação de públicos leitores. Estabelecem-se cumplicidades entre texto jornalístico e leitor (BALCÃO, apud BENVENUTTI, 2004, p. 28).

A imprensa participou efetivamente na formação da opinião pública, através de uma linguagem acessível, discutiu diversos assuntos da cidade e do mundo. Os jornalistas faziam parte de uma elite intelectual local, médicos, advogados, comerciantes, industriais. Por mais que as dificuldades financeiras fossem grandes, e que manter um jornal nessa época fosse complicado, eles sabiam de sua importância para mostrar ao público suas ideias, dialogar com a cidade, para que a sociedade se desenvolvesse da forma como eles acreditavam ser a mais correta e demarcar uma posição de poder na cidade de Piracicaba.

Em 1900, em seu primeiro ano, *O Jornal de Piracicaba* discorreu sobre o jornalismo em uma matéria na qual afirmou que ao estar em contato com um grande jornal, com tanta diversidade de notícias o indivíduo sentia um profundo orgulho de seu século e compaixão com os anteriores que não conheceram uma das criações mais importantes da humanidade, a imprensa:

Pois, compreendo sociedades sem machinas de vapor, sem telegraphos, sem as mil maravilhas que a industria moderna semeou na via triumphal progresso, adornadas com tantos monumentos immortaes; porem não compreendo uma sociedade sem este livro immenso da imprensa diaria; no qual registram uma legião de escriptores que devem ser sagrados para o povo [...] não compreendo um homem que renuncie a ler um jornal, a pensar diariamente com o cérebro de toda a humanidade, a sentir com o coração de todos os homens, a mesclar sua vida no oceano da vida humana, vendo correr sobre suas ondas o vento de todas as idéas. (*Jornal de Piracicaba: "O Jornalismo"*, 08/10/1900, p. 1).

Os jornais faziam o indivíduo se conectar com o mundo, fazia sentir-se como parte de algo grandioso, deixando-o a par do que havia de mais novo, os descobrimentos científicos mais recentes e surpreendentes, permitia pensar sobre outras possibilidades para sua vida e para sua cidade. Tinha também um papel de instruir o leitor, em suas páginas ensinava o leitor a se colocar diante desse cenário em transformação. O jornalista era um importante pensador, refletia sobre o ser e o estar na cidade, analisando e interpretando.

Em seu terceiro aniversário, o *Jornal de Piracicaba* publicou uma matéria na qual dizia ter vencido um bom período de existência, pois foi o primeiro diário que conseguiu sobreviver com dois anos de publicidade. Esse grau de prosperidade, que dizia passar o jornal,

devia-se ao público, ao comércio e aos ilustres e bondosos colaboradores. Os nomes de seus fundadores não foram esquecidos. O jornal dizia ter se mantido fiel aos princípios e ao compromisso de neutralidade que assumiu nas lutas entre os partidos, dedicando-se aos interesses vitais da cidade, de modo a captar a estima de seus numerosos leitores, e as simpatias do público.

Na mesma matéria o jornal disse ser lido com avidez e que pelas manhãs todos queriam ler suas notícias. No jornal se encontrava artigos literários e humorísticos, o registro diário da vida piracicabana: a seção dos aniversários, a notícia da chegada e saída de piracicabanos e das pessoas que visitavam a cidade, o resumo do que se passava no município, no país, no estrangeiro, no comércio, nas artes, indústrias e também os programas do teatro e das festas.

No jornal publicavam-se matérias sobre diversos assuntos, inclusive sobre o jornalismo:

Nenhum povo pode prescindir deste meio calmo e reflectivo para a manifestação do livre pensamento e defesa de seus direitos.

Depositaria das tradições dos séculos que nos precederam, a sua voz é o echo das gerações passadas, doutrinando as gerações presentes, e a sua alta missão de conduzir os povos não pôde ser prescripta pelo abandono e nem pelo atila da força.

Ella é o templo da liberdade, o santuário da lei, o supplicio do despotismo, a força propulsora do progresso e a salvaguarda da democracia. (*Jornal de Piracicaba: "Jornal de Piracicaba", 04/08/1902, p. 1).*

Diante dessa fala notamos que o jornal se via como portador de uma missão perante a sociedade, através dos questionamentos proporcionados por ele. Nele encontravam-se lições do passado, ensinado as gerações do presente, a fim de impulsionar o progresso em defesa da democracia. Podemos perceber que defendia sua importância e exaltava sua missão civilizadora colocando o indivíduo à parte dos acontecimentos do mundo e da cidade.

Em 1913, em mais uma comemoração de seu aniversário o jornal agradeceu aos assinantes e amigos, afirmando que: somente aqueles que militavam pela imprensa no interior do estado sabiam as dificuldades que um jornal diário passava para estar à altura de seu progresso, para ser genuinamente expoente das opiniões do seu povo, e fiel espelho das várias oscilações que agitavam o ambiente³³. Acreditava-se que o jornal através da objetividade conseguiria ser imparcial diante dos acontecimentos.

O jornal assumia um caráter pedagógico, mostrando as crenças e virtudes do progresso, da produtividade, da disciplina, da técnica, da ciência e da racionalidade. Difundia

³³ *Jornal de Piracicaba: "Jornal de Piracicaba", 04/08/1913, p. 1.*

imagens, ideias, valores do ethos³⁴ burguês, fala a partir do universo burguês e para ele. Os países europeus eram a meta para este futuro e o passado colonial ensinaria o que não ser. O progresso seria quantificado a partir destes parâmetros.

O entusiasmo por novos inventos não ficou somente nas grandes metrópoles, as conquistas de Santos Dumont, por exemplo, eram assuntos frequentes no *Jornal de Piracicaba*. Os votos de louvor que haviam sido enviados para Santos Dumont pelo Senador Gonçalves Chaves aparecem no *Jornal de Piracicaba*. Nessa matéria diziam não traduzir somente o aplauso entusiasta, mas a gratidão da nação brasileira para com um dos seus filhos. Santos Dumont havia conquistado a imortalidade, consagrando seu nome na história e elevando a glória dos brasileiros: “O seu invento, prosseguiu o orador, marcará o início de uma época para a civilização”³⁵. As proezas deste inventor simbolizaram o sucesso da ciência, da técnica, do progresso, projetando o Brasil no cenário internacional.

Ao falar dos progressos tecnológicos construiu-se uma aura de empolgação para com o novo século, no qual tudo se tornaria possível, inclusive voar. Esse progresso teve um forte impulso pelo sistema de trabalho e pela industrialização, ainda que precária, nas cidades brasileiras.

A industrialização teve um papel importante no movimento das cidades, fez com que ela exercesse um forte poder de atração sobre as pessoas. Mas foi o dinheiro das produções agrárias regionais que criaram as condições para essa industrialização no Brasil. A máquina fascinava, apresentava-se como um invento que vinha para melhorar a vida do homem e diminuir seus esforços, e não para explorá-lo (PESAVENTO, 1997).

O sistema de fábricas era o núcleo central do capitalismo, ele seria como o coração e a modernização seria a expressão da alma. A modernização era um fim e a renovação tecnológica um instrumento que daria como resultado uma industrialização cada vez maior. A indústria se identificava com o progresso de um povo, portanto quanto mais modernas as indústrias piracicabanas, mais próximos da civilização os piracicabanos estariam segundo os parâmetros da época.

O Engenho Central foi um símbolo de modernização da cidade, segundo o *Jornal de Piracicaba*, a ele estavam ligados interesses de comércio e do progresso, pois cerca de duas mil pessoas, entre colonos plantadores de cana e empreiteiros tiravam dali seu sustento. Logo os melhoramentos desse grande empreendimento eram vistos pela imprensa como de interesse de todos, pois muito contribuía para o progresso econômico local:

³⁴ Valores burgueses, sua identidade social, conjunto de hábitos e ações de um grupo.

³⁵ *Jornal de Piracicaba*: “Santos Dumont”, 20/07/1901, p. 1.

Si o Engenho Central, já era um estabelecimento que honrava Piracicaba, que honrava este Estado, hoje, depois desses importantes melhoramentos, temos maiores razões para nos ufanar-mos em contal-o em nosso seio, collaborando efficazmente para o progresso deste município (*Jornal de Piracicaba*: “Engenho Central”, 13/07/1901, p. 1).

Piracicaba já possuía alguns elementos que deixavam a cidade com aspectos de modernos e o Engenho Central foi um desses. Em Janeiro de 1912, publicou-se uma matéria a respeito da indústria local, dizendo que se Piracicaba não era eminentemente industrial possuía, contudo, estabelecimentos industriais que traziam invejáveis progressos à vida do município, elevando-o no conceito das demais cidades do Estado. No entanto, as produções eram voltadas para o mercado interno, produziu-se além do açúcar, sabão, tijolos, cervejas e os famosos troles de Piracicaba.

Ocorriam exposições regionais no Estado e eram momentos importantes para cada localidade mostrar seus avanços. O Banco de Indústria e Comércio de Piracicaba levantou a ideia de se realizar uma na cidade, a exemplo da que havia sido inaugurada em Ribeirão Preto. O *Jornal de Piracicaba* apoiava essa iniciativa, pois acreditava que traria vantagens aos agricultores e à indústria. Essa exposição serviria de estímulo para os agricultores e industriais que teriam a oportunidade de demonstrar a qualidade de seus produtos e de suas propriedades. Era um momento importante para mostrarem seus avanços, e que possuía boas condições estruturais podendo, assim, melhorar seu prestígio e atrair investimentos.

As exposições fizeram parte desse ímpeto de civilização que passava o país. As exposições nacionais, por exemplo, projetavam o país para o mundo. Em 1907 comemorando o centenário de abertura dos portos brasileiros ao comércio das nações amigas, preparou-se para uma grande exposição na capital federal:

Já possuímos uma capital digna de receber quantos nos visitem, desde a transformação do Rio de Janeiro colonial e immundo na cidade moderna e confortável que hoje é.

O estrangeiro que pisa as margens do Guanabara não tem só a natureza luxuriante deante de seus olhos; igualmente lhe despertam a admiração as obras do homem, hoje tão dignas quanto as bellezas naturaes (*Jornal de Piracicaba*: “Exposição Nacional”, 29/11/1907, p. 1).

O *Jornal de Piracicaba* admirou as reformas do Rio de Janeiro, que a transformaram em uma cidade a altura do progresso da nação. Finalmente teriam uma capital que orgulhava o país, podendo receber visitas de outros lugares sem que houvesse sentimento de vergonha. No entanto, não disse de que forma elas foram realizadas e à custa de que ela se modernizou.

O modelo de reforma urbana implantada no Rio de Janeiro serviu de inspiração para a modernização de Piracicaba.

Segundo uma matéria do *Jornal de Piracicaba*, a humanidade atravessava modernamente um período agitado de progresso e transformações radicais. Diziam que em toda parte, pelos continentes, pelos países, ideais agigantados se levantavam, em um vago desejo, meio sonho, meio realidade: “É a lei evolucionista levada às mais reconditas manifestações do ser organizado”³⁶. Para ele os caminhos apontavam para uma civilização de verdade, de amor ao próximo e de bem estar. Os povos se aproximariam, no sofrimento ou na alegria, todos queriam andar juntos. Os congressos, as exposições, a literatura, a ciência, tudo foi se tornando cosmopolita, os costumes, as modas e até mesmo as leis.

Essa matéria mostrou uma visão de euforia para com as transformações, na qual as benesses da civilização chegariam a todos afirmando que: “Cada século que passa, é uma história que fica. Estamos no século das maravilhas, portanto no século das invenções, dos grandes gênios...”³⁷. Generalizaram uma visão de que estavam seguindo para um progresso não somente material, mas também de sentimentos cristãos. Talvez esse discurso viesse para contrapor a desconfiança que se gerava com relação à nova sociedade que ia se configurando.

As representações podem ser parte de uma visão sobre a realidade, mas muitas vezes serve para encobrir, manipular, causar ilusões sobre determinadas configurações, forjar sentimentos, para que se sentissem parte de um projeto de um bem maior. Para que chegassem ao status almejado teriam que sacrificar, muitas vezes, antigas tradições, comportamentos vistos como inadequados a nova ordem. Para isso era fundamental que se acreditasse num caminho certo a ser seguido, e esse caminho era apontado por aqueles que tinham o poder de representar.

Para Foucault (1999), o poder não é característico de uma classe, de uma elite dominante, ele existe como uma rede de “micropoderes”, que perpassam todos os aspectos da vida social. Ele não apenas reprime como cria. Verdades são construídas pelo poder, e é uma das funções do poder legitimá-las.

O panorama sócio-econômico mudou, atingindo diversos setores, nas ciências, nas artes, nas formas de vida, permitindo grandes empreendimentos, investimentos que mudaram o aspecto das cidades, tornando possíveis visões utópicas. Mas essa não era a única posição do jornal, apontavam os problemas e falavam sobre as desilusões para com a República. Faziam reclamações e mostrava que existiam muitas realidades e que as benesses do progresso não

³⁶ *Jornal de Piracicaba*: “De tudo”, 15/03/1912, p. 1.

³⁷ *Jornal de Piracicaba*: “O século”, 21/06/1912, p. 1.

eram para todos. Percebe-se nas páginas dos jornais um forte desejo pelos símbolos do moderno, como as ruas bem traçadas, com higiene, com palacetes, ferrovias, cinematógrafo, e outros. Desejavam uma cidade bela, boa e organizada.

Os jornalistas descreviam a cidade a partir de seu ponto de vista e de acordo com o que acreditavam ser importante destacar. A educação foi um forte símbolo do progresso local, através dela acreditava-se que a população se civilizaria. Esse aspecto local de valorização das escolas foi mencionado por muitos historiadores e também pelas fontes aqui pesquisadas.

Em 1904, uma matéria intitulada Panegyrico de Piracicaba³⁸ elogiou a topografia local, enalteceu a natureza, dizendo que não existia outra cidade no Estado que se comparasse a ela, sendo superior e excepcional em comparação às cidades irmãs. Dizia ter mudado muito dos tempos coloniais, quando servia de presídio aos sentenciados mandados pelo capitão-mor de Itu. Afirmou que nesse momento a população era composta, na sua maioria, de gente educada, amante do progresso, que não economizava esforços para torná-la ainda mais distinta e adiantada, intelectual e com boa moral, da civilização mais apurada se preparando para um futuro ainda melhor. Para este fim a cidade investia na educação dos mais jovens e nas reformas urbanas.

O redator mencionou o passado colonial como algo que queria apagar, principalmente por ter sido uma cidade com degredados de Itu. Por meio da educação se tentou mudar a imagem de um lugar de degredados e onde apenas as belezas naturais existiam e mostrar seu papel na civilização.

A educação foi um grande símbolo que a cidade buscava vincular ao seu progresso. As diversas escolas eram mencionadas pela imprensa como veículo para se chegar a uma sociedade civilizada, como forma de combater os vícios, violências, crimes e ociosidades. Podemos notar o orgulho de suas escolas e estudantes nos jornais, principalmente nas vésperas das férias, quando se realizavam as festas escolares tratadas com grande entusiasmo. Em um discurso sobre a importância da educação e dos alunos, afirmou que: “Nesses estão empenhadas todas as esperanças e o futuro de nossa cara Patria e especialmente de nosso Estado... onde se tem cuidado com ardor e patriotismo da instrução pública”³⁹.

Podemos notar que não só a cidade se dedicava a melhorar o aspecto educacional, mas falou-se também de uma questão que permeava o Estado. Havia poucas escolas o trabalhador tinha ainda menos oportunidades para estudar, já que não existiam muitas escolas noturnas. Percebendo isso a Sociedade Beneficente Operária enviou para o jornal uma circular dizendo

³⁸ *Jornal de Piracicaba*: “Panegyrico de Piracicaba”, 18/05/1904 p. 1.

³⁹ *Jornal de Piracicaba*: “Palestrando”, 08/12/1901, p. 1.

que em favor da instrução popular, iriam inaugurar uma biblioteca no edifício onde funcionava a sede. Esta sociedade já tinha um ano de existência e sustentava aulas noturnas em que lecionava, gratuitamente, as primeiras letras e desenhos aos que por sua ocupação não podiam ir às aulas diurnas.

A educação nesta época tinha forte caráter moralizador, habilitava à técnicas e profissões, mas tinha por objetivo principal formar bons cidadãos, ajustados ao sistema e dóceis ao trabalho. A educação era importante para a garantia do trabalho honrado e eficiente, com que se obteria a prosperidade geral. Os alunos estavam sujeitos à disciplinas rígidas, o alarme anunciava o início e o final das aulas, habituando os trabalhadores à pontualidade. As hierarquias deveriam ser respeitadas e não questionadas.

Além do orgulho a respeito das escolas, outro elemento que indicava que a cidade estava se modernizando foi a luz elétrica. Ela proporcionou novas sensibilidades, sociabilidades e atividades noturnas. Piracicaba foi uma pioneira neste advento, porém não eram presentes em todos os bairros. A iluminação ainda era precária e somente nos pontos centrais da cidade havia boa iluminação. Em 1901, uma matéria⁴⁰ clamou pela iluminação elétrica na Rua do Porto, dizendo que uma petição havia sido assinada por um grande número de moradores, pedindo providências com relação a isso, pois o número de moradores já era grande. Essa petição havia sido enviada à Câmara Municipal. O Jornal dizia ser um pedido justo e digno de ser atendido.

O discurso jornalístico selecionava as reclamações que seriam colocadas. Ao focar um determinado local como merecedor de melhorias, esquecia de outros. Como nos grandes centros a população também desejava usufruir da vida noturna e a luz elétrica auxiliava nestes momentos. Mesmo com reclamações acerca de sua qualidade, fazia parte dos desejos da população que a rua de sua moradia fosse iluminada e se mobilizavam a fim de consegui-la. Estar longe da fascinação luminosa era estar afastado do progresso, da modernização.

No ano de 1905, o *Jornal de Piracicaba* pediu à Câmara Municipal que tomasse providências contra a falta de iluminação elétrica em toda a cidade, dizendo que às escuras eles não poderiam continuar. A empresa alegou passar por reformas em suas máquinas e suspendeu totalmente a iluminação da cidade causando descontentamentos. O jornal apelou para que a Câmara tirasse a cidade das trevas, os livrando dessa vergonha de ficar sem iluminação:

⁴⁰ *Jornal de Piracicaba*: “Rua do Porto”, 31/01/190, p. 1.

Piracicaba, cujos foros de civilização já transpuzeram as barreiras do Estado, ás escuras é positivamente uma vergonha. A falta de iluminação inutilizou totalmente a cidade: a noite não há quem se atreva a sahir. O commercio fecha, as casas de família fecham, e um cemitério surge dentre as ruas, tectrico e medonho!... (*Jornal de Piracicaba: "Iluminação Pública"*, 17/10/1905, p. 1).

Ao mesmo tempo em que podemos ver os elementos de modernização da cidade, podemos perceber o quão precário eles se encontravam naquele início de século. A cidade era permeada de contradições, aspectos urbanos conviviam com barreiras à sua completa modernização, causando desconforto, reclamações e vergonha, segundo as fontes.

No mês de dezembro do mesmo ano essa questão foi solucionada e o Jardim Público foi iluminado, levando inúmeras pessoas a saírem de suas casas para contemplar a banda Carlos Gomes, deixando então o aspecto triste que as noites anteriores haviam sofrido. Mal voltara a luz e as pessoas se direcionaram para o Jardim, a fim de comemorar. A falta de luz prejudicava principalmente as diversões e os passeios noturnos.

A *Belle Époque* foi marcada pelas tecnologias e pelo ritmo acelerado que trouxeram. O automóvel foi um símbolo da velocidade que se imprimia em uma cidade que queria ser moderna. Mas antes dos automóveis os troles marcaram época e deixaram saudades em Piracicaba. Em 1912 na coluna *Urbi et orbi*, o jornal ressentiu o fato de que os modestos e agradáveis cursos de troles, que tanto furor causaram na cidade havia acabado:

As moças da nossa terra (sim foram ellas!) atiraram para um canto, ingratamente, como um trapo, aquelle meio de locomoção que tantas horas de felicidade lhes proporcionou. Não se lembram mais do entusiasmo com que passeiavam por essas ruas afora, de trolinhos, augmentando a poesia doce do entardecer[...] Para elas hoje o forte é o automóvel, o luxuoso e aristocrata *fon- fon*, maravilhoso producto da civilização contemporânea[...] Para um curso aqui em Piracicaba, porém elle não serve, decididamente não presta, por que seu numero é diminuto e o seu preço ainda não está ao alcance de todos os bolsos. É justo, pois, que o trolinho volte ao esplendor de outr'ora, movimentando as nossas tardes, arrancando-nos da pasmeira (*Jornal de Piracicaba: "Urbi et Orbi"*, 08/03/1912, p. 1).

Apesar do jornalista considerar o automóvel luxuoso e aristocrata, para um desfile de curso no carnaval ele não servia, já que poucas pessoas possuíam esse advento. Podemos pensar que as novidades nem sempre eram bem aceitas, sem críticas e ressentimentos pelo que se havia perdido. As mulheres foram acusadas pela matéria de serem as causadoras dessa transformação. Desde o início houve uma ligação na publicidade entre a mulher e o automóvel. Vendiam a imagem de que um homem com automóvel era mais importante, veloz, forte e poderia conquistar qualquer mulher.

O automóvel redimensionou o uso do tempo, as pessoas podiam se deslocar com maior rapidez e conforto. Porém, os carros começaram a rodar antes que existisse uma estrutura viária, sinalização e códigos de trânsito, gerando uma situação bastante caótica. O automóvel era um emblema de poder, força e perigo. Artigo de luxo, o carro se tornara instrumento de ostentação, era adquirido para fins desportivos, para corridas.

O desenvolvimento crescente do automobilismo em Piracicaba exigia providências no sentido de regularizar o seu uso. Os carros andavam em alta velocidade, sendo guiados por pessoas despreparadas e até menores de idade, que não tinham a responsabilidade que um automóvel necessitava. O *Jornal de Piracicaba*⁴¹ pediu que a polícia fornecesse cartas de habilitação aos *chaufers*, passando por um exame rigoroso, pois assim essa profissão não seria para qualquer um. O jornal dizia que a Câmara poderia ajudar a polícia designando alguns fiscais, pois não poderiam continuar as desordenadas corridas de automóveis que aconteciam na cidade. O crescimento do número de automóveis influenciou a circulação nas cidades, novas regras foram colocadas, surgiram novas necessidades como os exames de habilitação.

O número de automóveis crescia e o jornal destacava esse assunto em suas páginas: “A continuar nesse passo, Piracicaba será em breve a cidade do interior onde maior numero existe desses modernos vehiculos, que dão para o logar ares de vida e de constante progresso”⁴². O automóvel não só distinguia os cidadãos de uma cidade, já que o número ainda era pequeno, mas uma cidade da outra. Ter mais automóveis na cidade significava ser mais moderna.

O automóvel não só modificou a vida das pessoas, mas modificou a configuração urbana que necessitaria de uma estrutura adequada. Mas apesar da presença do automóvel, o cavalo permanecia em cena, os troles e as bicicletas também se popularizaram acentuadamente na cidade:

Eis a verdadeira concretisação do progresso humano!
 Todos, homens e mulheres, creanças e velhos, num afan incrível, deram na mania de andar de bicicletas...(...)
 Medicos, pharmaceuticos, fazendeiros e toda pessoa emfim que tem um meio qualquer de vida, lá vai comprar uma bycicleta, sua machina economica e veloz, como elles dizem.
 Não há hoje quem não ande de bycicletas (...) (*Jornal de Piracicaba*, 09/02/1902, p. 1).

As transformações nos transportes causaram uma revolução no movimento das cidades, principalmente com o advento da ferrovia. A ferrovia significava um transporte

⁴¹ *Jornal de Piracicaba*: “Notas e noticias”, 09/04/1912, p. 2.

⁴² *Jornal de Piracicaba*: “Automoveis”, 30/06/1912, p. 1.

muito mais rápido, transportava além de pessoas grandes quantidades de cargas, abastecendo as cidades.

Buarque de Macedo, engenheiro e um dos fundadores do *Jornal de Piracicaba*, junto com Antonio de Moraes Barros tinham o sonho de construir um ramal ferroviário que ligasse Piracicaba à vila de Americana. A estrada de ferro Paulista que surgiu décadas depois. O *Jornal de Piracicaba* publicou a carta do Dr. Antonio de Moraes Barros⁴³ que pediu a concessão e o auxílio do governo para a construção dessa estrada de ferro, com o argumento de que o escoamento dos produtos de Piracicaba precisava ser facilitado.

Nessa carta, Moraes Barros elencou todas as qualidades do terreno piracicabano, falou de sua forte produção de açúcar, dizendo que por sua topografia, pelo solo fértil, estava a cidade destinada a ser o celeiro do Estado de São Paulo, além de um centro industrial e um empório comercial notável e que, por seu caráter de policultura, tinha maior estabilidade econômica, não sendo tão afetada pelas baixas do café. Os políticos e empresários locais tinham interesses de que a Cia. Paulista chegasse à Piracicaba, para isso foi importante projetar a imagem de progresso da cidade.

Assim como a iluminação, os trens que passavam na cidade também tinham muitos problemas como falta de conforto, beleza e, principalmente, com a falta de pontualidade, atrasos de horas, que prejudicavam os viajantes eram denunciados pelos jornais.

Não importava apenas que a viagem fosse rápida e segura, o conforto e a beleza eram fundamentais, condizente com parte do público que utilizava deste serviço “refinado e elegante”. Em 1909, ocorreram reclamações no jornal em editorial quanto à estação da Sorocabana Railway, em Piracicaba, dizendo que não se achava à altura do progresso da cidade⁴⁴. Descreveu que o corpo central do edifício não era mal, apesar de anacrônico, a plataforma, principalmente, era considerada uma lástima, muito estreita, na qual as pessoas acotovelavam-se, apertados para embarcar ou desembarcar. Segundo a matéria, era a mais importante estação da Sorocabana depois da capital e não poderia ficar daquele jeito. O jornal lembrou que em Rio Claro, cidade vista como de menor importância, já era possuidora de uma boa estação e em breve seria dotada de uma nova e magnífica construção e, portanto, Piracicaba não podia ficar para trás.

A reclamação por melhorias na estação ferroviária de Piracicaba vinha por ser ela um símbolo do progresso local, era a primeira coisa que os viajantes viam, a primeira impressão

⁴³ *Jornal de Piracicaba*: “E. F Piracicaba”, 01/11/1900, p. 1.

⁴⁴ *Jornal de Piracicaba*: “Estação Sorocabana”, 15/04/1909, p. 1.

de quem chegava à cidade, por isso era importante que as companhias cuidassem de fazer as reformas necessárias para o conforto dos passageiros e para o bem da imagem da cidade.

Em muitas notícias ocorreram comparações com outras cidades da região, principalmente com cidades de porte mais ou menos equivalente ao de Piracicaba. Talvez, isto ocorresse por ser mais acessível à visualização pelo público leitor. Falar de Londres, Paris, Rio de Janeiro não tinha tanto impacto como dizer que uma cidade menor que Piracicaba tinha implantado melhoramentos que ela ainda não tinha. Os discursos do *Jornal de Piracicaba* mostraram um patamar de modernização baseado nas condições da região.

Em 1912, ocorreram mais reclamações a respeito da ferrovia. O jornal dizia que Piracicaba só tinha dois trens de passageiros para a saída de seus viajantes, um deles saía na madrugada, ligado ao trem de carga, com apenas um carro mencionado como indecentes e de segunda classe. A matéria dizia que viajar neste trem era pagar todos os pecados, fosse pela falta de conforto, pelo arcaísmo de seu material e também pela impontualidade. Mal ligada a São Paulo e desligada do Oeste, o comércio, a indústria e a lavoura sofriam prejuízos. Os incontáveis projetos de vinda da Companhia Paulista não se realizavam. Os problemas com o transporte prejudicaram o desenvolvimento urbano da cidade e, sobretudo, a economia.

A ferrovia não era apenas importante no aspecto econômico, como símbolo do progresso fez também parte do imaginário das cidades, proporcionava trocas culturais e a inserção da cidade no mundo do progresso e da aventura da modernidade.

Novas e modernas formas de troca se estabeleceram, com as redes de casas comerciais, armazéns, imobiliárias, bancos, lojas variadas e com o Mercado Municipal, apareceram novos empregos, como os de balconistas, caixeiros e bancários. O Poder público também aumentou seu número de funcionários, a partir das novas demandas de professores, médicos, atendentes, agentes sanitários e policiais. O Mercado Municipal também foi motivo de orgulho para a cidade, oferecendo diversos produtos e servindo como modelo para outras cidades.

Nesses novos espaços urbanos emergia uma vida muito diferente da anterior, o cotidiano das pessoas se transformava substancialmente, um novo estilo de vida emergia desse novo cenário com as novas tecnologias. A iluminação elétrica deu às pessoas a oportunidade de aumentarem suas atividades no período noturno, a ferrovia trouxe novas formas de consumo e locomoção, o cinema, a imprensa, o telégrafo permitiram aumentar o contato com outras culturas, outras nações, trazendo novos imaginários.

Criou-se um clima de euforia e de prosperidade, era a febre do novo, de entusiasmo com os progressos, provocando mudanças, criando novos conceitos de beleza e refinamento.

Piracicaba seria conhecida como A Pérola Paulista, a Florença brasileira, a Atenas paulista por seu desenvolvimento urbano e cultural. Nesta época eram comuns estas nomeações às cidades, Ribeirão Preto, por exemplo, era conhecida como a *petit Paris*.

O urbanismo não foi apenas de necessidades de reordenação da cidade, mas de enquadramento de uma sociedade diante dos modelos de civilização. A influência francesa no início do século foi marcante. Nos anúncios dos jornais podemos ver a moda com o *esprit français* nos adornos, nas vestimentas, mesmo que inadequadas ao clima quente piracicabano. Comprava-se tecidos nas lojas da cidade “*Au bom Marché*”, “*Ao chic Piracicabano*”, “*Notre Dame de Paris*”. Podemos ver em anúncios a moda do espartilho para as garotas e para os homens, a “Alfaiataria Bocchetti” na Rua Boa Morte, anunciava suas casimiras, cortes de calças e coletes⁴⁵, roupas das modas inglesas e francesas. Podemos notar que a influência francesa foi forte na cidade, nos nomes das casas comerciais, nas roupas, nos objetos. Seguir a moda era ficar mais próximo daquele universo de elegância.

Na Casa Brasiliense vendiam-se artigos para o teatro: binóculos, correntes, broches e colares. Os artigos próprios para ir ao teatro demonstram que existia uma forma adequada para frequentar aquele local. Mesmo que a pessoa tivesse condições de comprar um ingresso, muitas vezes ela deixaria de ir por não ter roupas adequadas ou um comportamento condizente com aquele local, pelo medo de não sentir-se parte, fora do seu lugar, deslocado. A distinção entre os grupos não se dá apenas por razões econômicas, mas através dos símbolos culturais, as vestimentas e os códigos de comportamento como a etiqueta servem a uma distinção cultural.

Apesar da influência francesa podemos encontrar também críticas no *Jornal de Piracicaba* à moda que vinha de lá. Em uma matéria, um jornalista disse ter na França ocorrido uma guerra contra o tamanho exagerado dos chapéus femininos nos grandes “*boulevards*” de Paris, na qual a moda, segundo o autor, era das mais bizarras e que pelo tamanho e originalidade dos chapéus despertavam a curiosidade dos forasteiros, ávidos de novidades. Mesmo no Rio, com o clima quente e onde isso deveria implicar o uso de “*toilettes*” e chapéus leves, observava-se o contrário, para acompanhar a moda. Ocorreram críticas a uma imitação da moda francesa, quando inadequadas ao cenário local.

No teatro, o uso do chapéu grande não era agradável aos demais espectadores. Segundo uma matéria, as piracicabanas já sabendo desses inconvenientes que os enormes chapéus modernos causavam não usavam este adorno e se vestiam de forma mais simples

⁴⁵ Os adjetivos: novidade, moderno, bom gosto estavam muito presentes nos anúncios do jornal.

afirmando que: “não ha nada mais sublime do que a simplicidade na mulher verdadeiramente bella”⁴⁶.

O jornalista tentou mostrar que mesmo a França ditando moda e os habitantes da capital seguindo a risca, as mulheres locais teriam um bom senso em distinguir o que era, ou não, conveniente e que a verdadeira elegância estava mesmo em ser simples como eram. Essa matéria mostrou que não havia uma cópia fiel das modas francesas, não acreditamos ter havido um processo de colonialismo cultural da França sobre o Brasil, pois nenhum modelo é copiado sem que haja modificações e adaptações.

Sobre a moda, comentavam-se as novidades, uma notícia do jornal⁴⁷ enalteceu, e ao mesmo tempo criticou a forma de usar os “*sans-des-sous*” e as saias “*entravées*”. O primeiro vestido o jornal dizia dar às senhoras muita elegância, valendo a pena segui-las com as vistas, mas que algumas pessoas, menos acanhadas, a haviam transformado em “verdadeiras indecências”. Coisa idêntica havia ocorrido aos “*entravées*”. O problema, segundo o jornal, é que por serem mais justas, dificultavam a locomoção da mulher: “Na hypothese de uma correria obrigada, seria comico espectaculo a corrida das senhoras e senhoritas assim vestidas”. Talvez para as mulheres francesas essas roupas não eram inconvenientes já que as ruas eram melhores, o automóvel e o bonde facilitavam a locomoção. Se pensarmos que em Piracicaba havia uma cidade com muitas características rurais, podemos entender que nem tudo podia ser copiado.

Para o jornal além das roupas inconvenientes e indecentes pior ainda se dava com a chamada saia-calção, a “*jupe-culotte*”. Ele dizia que essa moda iria dificultar a distinção entre um homem e uma mulher e que logo os homens teriam de usar saias para que se diferenciasssem das moças:

A dificuldade em se distinguir um homem de uma mulher jupe-culottada em demasia.

Nós, homens, para tal se não de ver nos emos na contingencia dolorosa de precisar vestir saia.Sim: vestir saia, quando as mulheres calçarem calças. O'tempos! O'costumes. (Idem)

Essa matéria mostrou um receio de que as roupas pudessem inverter a ordem social, não distinguindo mais os sexos. O jornal se colocava como portador de uma missão, não só deveria levar informação e conhecimento, mas opinava sobre a vida das pessoas, como

⁴⁶ *Jornal de Piracicaba*: “Os chapéos femininos”, 11/01/1911, p. 1.

⁴⁷ *Jornal de Piracicaba*: “Lanterna mágica”, 18/02/1911, p. 1.

deveriam se comportar e até o que vestir, de forma que muitas vezes as vozes conservadoras se sobrepunham ao desejo de ser considerada uma cidade moderna.

As mulheres da época usavam roupas que exageravam sua natureza, acentuando quadris, nádegas e seios. Usavam quantidades cada vez maiores de panos, mas deveriam manter a mesma graça em seus movimentos. Os chapéus, os espartilhos, os broches e as sombrinhas garantiam a elegância das mulheres.

Os escritores e poetas frequentemente falavam das mulheres, elogiando-as. Uma matéria, em 1903, afirmou que esses não conseguiam enaltecer o suficiente a alma feminina e se redimir perante as fases críticas pelas quais a mulher passou ao longo da história por culpa dos homens: “devido a cruel ferocidade do homem que não sabia dar o devido apreço a essas mimosas jóias”⁴⁸. Mencionou que o medo que o homem tinha, de que a mulher lhe usurpasse sua posição social, provava seu egoísmo. No entanto, disse que entregar a mulher aos negócios públicos daquela sociedade corrupta era entregá-la ao vício. Arredar a mulher do lar era entregar as crianças à maléfica escola da rua e ao rude tratamento das criadas. O autor da matéria afirmou que os homens deveriam sim ser egoístas, pois a mulher não poderia ser afastada do santuário do lar já que isso arruinaria as gerações futuras. A mulher era considerada fraca perante a audácia do homem. Ela deveria ser instruída para educar os filhos e não para o trabalho, pois era dever do homem prover a família.

O uso do termo jóia para designar a mulher, mostrou bem sua função social na visão dessa matéria. A jóia é bela, porém não muito útil, serve para ostentação. A mulher era muitas vezes vista como um adorno do homem. Frágil e soberana, abnegada e vigilante, havia um modelo normativo de mulher: esposa, mãe e dona de casa. A presença solicitada da mulher no espaço público cada vez maior exigiria preparo e educação. Carne fraca e presa fácil das paixões, lançam sobre ela a culpa, o pecado, devendo realizar-se através do êxito do marido e dos filhos. A mulher teria um espírito servil por natureza (RAGO, 1985).

No poema abaixo, publicado pelo *Jornal de Piracicaba*, podemos ver um pouco sobre a mulher da época, vista como anjo, delicada, frágil, enfim, uma visão idealizada:

Clarinha
 (A Alvaro de Carvalho)
 Pequena, linda, de amarello traje,
 Loiros cabellos, de rosadas tez,
 Eil-a que passa, palmilhando a lage
 Toda faceira e a scriirr cortex.

⁴⁸ *Jornal de Piracicaba*: “Coisas da cidade”, 09/06/1903, p. 1.

Seus pés pequenos, de formato lindo,
 Calçam sapatos de pellica *noir*;
 Qual cherubin que pr'o céu vai indo,
 Eil-a seguindo, parecendo vôar!

Reparem todos como vai dengosa,
 Como Ella pisa- que pisar gostoso!
 Labios corados, num frescor de rosa!

Daqui, dalli, o rapazio ditoso
 Sauda a virgem na alegria airoso:
 - Querido anjinho como és formoso! (*Jornal de Piracicaba*, 10/06/1903, p. 1).

Esse poema mostra uma imagem da mulher ideal, pequena, loira, de pele rosada, uma figura de um anjo, que anda quase como se levitasse, parece por um momento inalcançável por sua perfeição. Mas o fato dela andar daqui e dali a faz estar mais próxima, podendo com isso atrair os olhares e até a receber elogios. A imagem da mulher da *Belle Époque* é da mulher servil, delicada, inocente como um anjo, mas agora ela esta mais presente na esfera pública, veste seu sapatinho, seus vestidos elegantes e fazem parte do cenário urbano. Passaram a ter alguns tipos de emprego como de normalistas e atendentes. Se embora defendessem o ideal burguês da mãe voltada para a educação dos filhos e os cuidados com a casa, justificavam sua participação na esfera da vida pública trabalhando, educando-se, enfim inteirando-se dos problemas nacionais para um melhor desempenho na vida privada: “Se a futura mãe deveria formar os novos cidadãos da pátria, inculcar-lhes os valores morais fundamentais, deveria ser preparada por uma educação adequada e moderna” (RAGO, 1993, p. 38).

Já a figura do homem moderno era a do apressado, sempre pronto a fazer negócios, do provedor e também atento à moda para estar elegante. O relógio passava a fazer parte do figurino do homem moderno e a se difundir entre a população. O traje masculino consistia em numerosas peças de lã, usadas em cima da camisa de algodão ou linho. Usavam-se, em geral, fraques azuis ou pretos, calças *culotes* justas, pantalonas ou calças compridas. O colete era regra, tendia para cores mais claras e casacos de lã eram usados no verão. Sob duas camadas de lã havia ceroulas e camisas de manga comprida. À noite as luvas, as gravatas borboleta e a cartola compunham um visual ideal para desfilar pela cidade (NEEDELL, 1993).

O mais importante era mostrar o bom gosto de uma sociedade que, tendo acesso às benesses do consumo, poderia diferenciar-se dos menos afortunados e despossuídos, mesmo que de forma desconfortável. O que passava por gosto era estar atento à moda que deveria mudar sempre para impedir a emulação e, por meio dela, qualquer identificação indesejável. A cena pertencia a um individualismo exibicionista, a aparência se tornou o cartão de

apresentação. Juventude, beleza, elegância e estilo se tornaram requisitos do sucesso da nova sociedade (SEVCENKO, 1998).

A roupa e a aparência ajudam a manter uma posição social, principalmente quando se está num ambiente público. A preocupação com a roupa, no ato de ir à rua, demonstra que se deseja colocar uma etiqueta social no corpo como um sinal contra o anonimato. Serve como instrumento para permitir o estabelecimento de hierarquias e criar espaços onde cada um possa perceber e saber com quem está falando (DA MATTA, 1983).

A presença francesa não se deu apenas nos nomes de comércio, esse espírito ressoou fortemente no interior opulento, atuando na modificação de hábitos e costumes, tornando-se símbolo de civilização, ou seja, um constante moldar e disciplinar de hábitos e comportamentos. Na arquitetura, o estilo francês aparece, principalmente, nas grandes mansões. Ocorria a valorização da iluminação, dos ambientes arejados, dos tetos altos, do uso do vidro e do metal dando ares mais leves. O estilo neoclássico foi substituído pelo eclético, inspirado na *École de Beaux-Arts* de Paris. Esse estilo incorporava tradições distintas, as casas eram mais espaçosas e, em alguns casos, grandiosas, verdadeiros palacetes. As cores eram mais claras, usando principalmente o branco e o cinza.

Com relação aos prédios da cidade, o jornal fazia algumas reclamações dizendo serem muito baixos e, salvo exceções, sem bom gosto, tornando-os muito escuros: “Se nada fizermos a tal respeito, a maioria das nossas edificações continuará a dar-nos os espectáculos da baixa miséria social que tanto degrada a humanidade e que tanto envergonha um povo adeantado”⁴⁹. Porém, quando um prédio novo e considerado moderno era construído enchiam de elogios aos que participaram da obra. A arquitetura deveria expressar o poder econômico e o bom gosto local:

[...] a arquitetura, entre outros fatores, iria refletir os caminhos para o progresso. Seria através de construções modernas, sólidas e bonitas que a cidade se identificaria com o novo, com o avanço. Uma cidade moderna deve ter uma arquitetura que expresse o seu avanço; é ela que espelha as condições em que vivem os habitantes, como se pensa e para onde se caminha. Além disso, a arquitetura tem uma função social; ela eleva os espíritos através do Belo. (BERBERI, *Impressões...* 1998. *apud* Alexandre B, 2004, p. 86).

Needell (1993), tratando sobre a decoração dos interiores, disse que naquela época ela deveria criar uma atmosfera de intimidade, as portas e janelas ficavam fechadas e com várias camadas de cortina. A luz indireta propiciava um ar mais aconchegante. O estilo eclético dos

⁴⁹ *Jornal de Piracicaba*: “A cidade de Piracicaba”, 30/01/1912, p. 1.

objetos dava um ar cosmopolita ao lar. A casa era repleta de móveis, especialmente dispostos para conversas. O padrão clássico exigia um sofá em ângulos retos, estilo Luís XVI. O piano era indispensável, mostrava o bom gosto e apreço às artes, as paredes eram revestidas de veludo ou com papel de parede decorado com motivos florais discretos. Candelabros de cristal complementavam o ambiente, os *bibelots* espalhavam-se e eram refletidos nos muitos espelhos de parede. Pinturas de diversos estilos, com molduras ornamentadas se espalhavam junto com os retratos de família.

O luxo representava prestígio, se deveria gastar boa parte de seu dinheiro para construir e reconstruir uma imagem de pessoa fina e elegante. Para isso, os artigos importados tinham um forte papel ao assegurar uma distinção social e os objetos franceses eram os mais procurados para esse fim. Ocorreu uma extrema atenção à vida cultural, mas a cultura⁵⁰ era vista como exteriorização da riqueza e do progresso.

Muitos dos costumes eram inspirados pelos franceses, mas nem tudo eram flores na relação entre o Brasil e a França. Em 1906, o jornal reclamou contra a má vontade e o pouco caso com que a imprensa francesa tratava os brasileiros, estes que, segundo o jornal tanto estimavam aquele país: “... a nossa moda vem de Paris; a nossa educação é modelada pela França; os nossos actos procuramos todos imitar dos franceses e agora nosso exercito vai ser instruído á la mode parisienne”⁵¹. Segundo ele, a imprensa francesa às vezes falava que o Brasil era uma cidade da Argentina, outras que Mendonza era a capital do Brasil. A matéria concluiu dizendo ser esse modo de pensar uma demonstração da raiva e do ódio que os franceses sentiam em relação ao Brasil. Esses sentimentos viriam por ser o Brasil um país exuberante e onde a moral estava implantada, superior a capital francesa na qual a corrupção já chegava ao seu auge.

Esse discurso foi interessante, pois mostrou uma disparidade de relações. Enquanto o Brasil respeitava e se espelhava na França, os jornalistas franceses mal sabiam onde ficava o Brasil e pouco interesse tinham em conhecê-lo. Mais que simples descaso, o jornal apontou para uma explicação na qual a França teria inveja do Brasil, por ser moralmente superior e onde não havia corrupção.

Em outra matéria⁵², houve uma comparação entre Londres e Piracicaba, dizendo serem, à primeira vista, cidades muito diferentes e, talvez, ainda à segunda vista. Londres era

⁵⁰ A Cultura era vista como volume de leitura, informação, títulos. Confundida com informação, utilizada para classificar as pessoas, grupos, sexos, idade, etnia.

⁵¹ *Jornal de Piracicaba*: “Dia a dia”, 30/05/1906, p. 1.

⁵² *Jornal de Piracicaba*: “Duas cidades”, 26/06/1901, p. 1.

enorme, Piracicaba pequena; Londres agrupava os homens mais ricos do mundo, Piracicaba escassamente tinha alguns relativamente abastados; Londres tinha 200 estações de ferro, Piracicaba só uma; em Londres havia meio milhão de indigentes, em Piracicaba esses estavam sempre às vistas; e assim por diante. No entanto, havia uma circunstância em que ambas estavam na mesma condição: Piracicaba sabia tanto de Londres como Londres de Piracicaba. O autor da matéria defendeu que se buscasse conhecer mais sobre as grandezas da Inglaterra, pois teria muito a ensinar.

Podemos notar que o jornal destacava a França e a Inglaterra como países que influenciavam, ou deveriam influenciar o Brasil. O primeiro era modelo para a educação, a moda e costumes; já o segundo deveria servir de exemplo pelos avanços tecnológicos, pelo espírito empreendedor. Esses países foram os pilares da modernidade e suas cidades deveriam servir de exemplo para Piracicaba.

Para alcançar os modelos de civilização europeus era importante que a forma de pensar se transformasse valorizando a racionalidade. Ser civilizado era conter os impulsos, as emoções atrapalhariam o raciocínio. Falando sobre o amor, disseram que por pequenas alegrias o indivíduo se sujeitava a muitas coisas que lhe tiravam, inclusive, a vitalidade. A paixão era vista como uma angústia constante que perturbava o discernimento, acompanhada sempre do ciúme que poderia se tornar perigosa, levar a crimes, a perda do controle de si. O ciúme foi visto como um incêndio que destruía por vezes casas, cidades, províncias e monarquias inteiras:

De todas as paixões, o amor é a que mais perturba a razão, que excita mais desordem na alma e a obriga a commeter os maiores erros. Não vai quase diferença alguma entre um namorado para um doido as acções de um têm bastante analogia com as do outro, e si a loucura perturba o juízo, o amor perturba o espírito e desarranja a razão. [...] Si pois a razão é o maior de todos os bens, segue-se necessariamente que aquilo que nos tira a razão é o peor dos males. Para conhecer o pouco discernimento dessa paixão, basta observar com que pequenas coisas ella faz os seus mais queridos thesouros. Um olhar, um sorriso, uma palavra, um pequeno bilhete, uma insignificante fitinha são o fim dos seus desejos, o objeto das suas esperanças, a recompensa dos seus trabalhos e a recompensa dos seus serviços. E todavia para obter bens tão valiosos é preciso gemer, suspirar, aturar muito e por muito tempo sem queixas; é necessário ter um cuidado continuo, estar numa inquietação perpetua, perder o appetite e o somno, não falar, não dormir, não rir, andar pallido e desfígurado, magro, pensativo e melancólico. [...] Mas nada disso é comparado com o ciúme que segue sempre o amor. [...] O ciúme nutre-se de veneno, é uma destas serpentes que matam [...]. Esta fúria deu lugar a mil assassinos, a mil crimes horrendos. (*Jornal de Piracicaba*: “O amor”, 08/10/1901, p. 1).

O amor, a paixão e o ciúme eram vistos como inimigos da racionalidade. Por pequenos gestos de carinho se perdia tempo e energia. Essa matéria pode ter sido uma crítica a um

cenário de violência que existia na cidade, que muitas vezes era incentivado por questões amorosas.

A defesa da racionalidade era baseada na crença do progresso da burguesia, e que o desenvolvimento da técnica produzira um mundo melhor. O progresso obtido pelo pensamento racional criara a sociedade moderna, rompendo com as barreiras da ignorância e produzindo a ciência. O ceticismo crescente encarava algumas práticas religiosas como ilusões derivadas da ignorância, sobretudo as de origem africana. A defesa da racionalidade teve implicações sobre as crenças da população, embora não as tenha levado ao desaparecimento.

A racionalidade no lazer consistia em conter as emoções mais avassaladoras como o ciúme. As pessoas deveriam resolver suas questões através do diálogo, ou em alguns casos por meio da justiça. Segundo o *Jornal de Piracicaba*, nas cidades, nos grandes centros, com exceções, os brasileiros eram um povo ordeiro e civilizado, vivendo e agindo de acordo com as normas das “gentes cultas”. Existiam deveres e direitos, um código penal que fazia-se respeitar e que previa uma infinidade de delitos. Se um indivíduo tentasse agredir alguém, iam às autoridades policiais, se intrusos invadissem suas propriedades não os expulsariam a força, iam ao poder constituído, se alguém os insultava pediam à sociedade que os livrasse das injúrias recebidas. A regulamentação da sociedade era o maior indício de civilização:

Essa anulação da iniciativa individual nos casos violentos que reclamam o emprego da força, essa substituição do indivíduo pela coletividade nos casos de reivindicação e desagravo é a mais segura característica desse estado fictício, artificial, a que se convencionou dar o nome de civilização.

Isso, porém, só nas cidades se observa. Nos sertões longínquos, onde não chegaram as locomotivas e os fios do telegrapho, o homem continua a ser o juguete das suas paixões do momento, primitivo, rude, brutal, mais animal e, por isso, mais humano... (*Jornal de Piracicaba*: “Chronica”, 23/07/1908, p. 1).

Percebe-se que a noção de civilização estava relacionada a não violência por parte do indivíduo. Segundo essa matéria, a racionalidade que vinha de um desenvolvimento urbano não chegava ao ambiente rural. No entanto, vemos que o número de notícias sobre violência urbana na cidade de Piracicaba é bastante alto, inclusive dos agentes que deveriam impor a ordem e de pessoas da elite que deveriam ser um exemplo de boa conduta.

Devido aos muitos progressos que o jornal afirmava estar ocorrendo na cidade, por ser uma das mais adiantadas do Estado, na vanguarda do progresso, dizia ser justo que se abandonassem alguns hábitos antigos, afirmando que: “já não têm mais razão de ser nas

condições actuais de nosso meio social”⁵³. Essa matéria se referia ao costume adotado nos funerais de irem os convidados ao cemitério em carros alugados pela família do morto, sobrecarregando as despesas da família. O jornalista dizia que este costume deveria mudar. A imprensa opinava sobre as condutas sociais que deveriam ser mudadas de acordo com os tempos.

Apesar de vermos a defesa da civilização, da valorização do progresso, de uma disciplinarização na qual o jornalismo fez parte, havia outro lado, a resistência a essas ideias, a divergência de concepções de vida e sociedade. Nesta época, nem todos eram defensores incondicionais do progresso a todo custo. Lima Barreto, por exemplo, era bastante crítico em relação ao significado de civilização. Ele dizia afetar aqueles que mais contribuía para o progresso: os mais pobres. Esses tinham que lutar para sobreviver neste ambiente opressor e desigual. Euclides da Cunha criticava a civilização de empréstimo, de imitação, dizendo que só aumentava as diferenças entre os brasileiros e as regiões (Heizer; Neves, 1991).

Na França, Baudelaire se perguntou a respeito do progresso e o olhou com desconfiança:

[...] o progresso indefinido não será sua mais engenhosa e sua mais cruel tortura; se, procedendo por uma opiniática negação de si mesmo, ele não será um modo de suicídio incessantemente renovado e se, fechado no círculo de fogo da lógica divina, ela não se assemelharia ao escorpião que se volta contra si mesmo com a sua terrível cauda, este eterno “desideratum” que faz seu eterno desespero (Baudelaire apud Pesavento, 1997, p. 29).

A fala de Baudelaire alertou para que as pessoas refletissem sobre as influências desse progresso indefinido, cruel, traiçoeiro e que anulava o indivíduo.

O progresso empolgava a população brasileira e piracicabana em muitos aspectos, porém, críticas a ele se faziam presentes. Em uma matéria intitulada “Demencia colectiva” do ano de 1908, do *Jornal de Piracicaba*, afirmou-se que estavam atravessando um período digno de estudos, que um vento de doídices atravessara as grandes cidades, envolvendo-as numa poeira de ilusão e de sonho dizendo que as cidades deliravam. Segundo ela havia uma desordem da razão que fazia com que as cidades, como o Rio de Janeiro, rodopiassem num “*cake-walk*” fantástico, frenético, imenso, formidável, enquanto outras vegetavam na miséria. Segundo essa matéria, no Rio a demência chegava a ser inconcebível, era de lá que partia o contágio e o perigo, a insanidade que ameaçava desmoralizar e comprometer seus habitantes.

⁵³ *Jornal de Piracicaba*: “Coisas da cidade”, 10/03/1903, p. 1.

Afirmando que depois das reformas que Rodrigues Alves empreendeu, a fisionomia moral se desfigurou em uma megalomania epidêmica:

O alvião demolidor do prefeito Pereira Passos não abateu somente um montão de construções antiquadas e sombrias, destruiu igualmente, ao que parece o velho bom-senso da sociedade, os costumes simples, o recato, a morigeração, a familiaridade, a singeleza, a modestia, todas essas virtudes que nós com justificado orgulho nos íamos habituando a considerar como feições dominantes e características da família brasileira. Tudo isso desapareceu, e tudo foi num abrir e fechar de olhos[...] Improvisou-se magicamente uma sociedade de *smart e refinée*, com marquezas e condessas que dão recepções, com *five-ó-clocks*, com batalhas de flores e *corsos*, com salões intelectuais, com *sports* elegantes, com serões literários, com festas de caridade *up-to-date* de filantropia *dernier cri*, enfim com todos os requisitos capazes de nos dar a illusão de que este paiz tem tradições aristocráticas, tem uma cultura fidalga tem reservas de distincção ancestral [...](*Jornal de Piracicaba*: “Demencia colletiva”, 04/11/1908, p. 1).

Essa matéria foi uma crítica a uma sociedade superficial e artificial, que deixava de lado as tradições e a simplicidade para seguir um modelo de civilização que não tinha identificação com seu povo e sua cultura, forjando, assim, tradições aristocráticas. As críticas a Rodrigues Alves não pararam por aí, sendo chamado de dorminhoco e de gastão em outra matéria.

A *Belle Époque* não era para todas as pessoas, as benesses da civilização moderna contrastava com os muitos problemas, não só urbanos, mas também sociais. Em 1910, o jornalista Julio Celi denunciou uma questão muito séria, a fome no Brasil. Ele afirmou que havia pessoas que estavam morrendo de fome, fez uma crítica à sociedade e à desigualdade presente naquela época:

Enquanto a nossa burguezia enriquecida- como a burguezia do mundo inteiro- passa, ostensivamente encasacada, luminosamente engommada, ou deixando em redor o fargalhar de custosas sedas e a recordação de perfumes exquisitos, a classe pobre tiritada de frio.
Uma se banqueteia esplendidamente, lautamente; outra desgraçada geme e padece, agrilhoada a fome que a tortura.
De um lado se erguem, imponentes e faustosos, os palacetes carissimos e deslumbrantes; de outro, quase mergulhando na lama das sargetas, se vêm os miserrimos casebres, onde milhares de creaturas soffrem horrores indscriptiveis (*Jornal de Piracicaba*: “Cinema”, 31/12/1910, p. 1).

O jornalista continuou dizendo que essa situação estava longe de acabar e que o fato de pessoas estarem morrendo de fome era algo muito triste. Afirmou ser inconcebível um país riquíssimo como o Brasil ter pessoas que não tinham nem um pedaço de pão para colocar no estômago. Esse país, no qual estrangeiros vinham e faziam fortunas para depois, tranquilamente, gozarem em seu país natal, tinha dinheiro para esbanjar em ostentações

grandiosas e ao mesmo tempo ver morrer seus filhos de fome. Os estrangeiros mais uma vez foram vistos como inimigos, quando não modificavam as tradições antigas tornando a sociedade caótica, levavam as riquezas do país para fora.

A reflexão desse jornalista mostrou uma face perversa e injusta daquela época. Enquanto uns se enriqueciam e podiam usufruir dos luxos, dos banquetes, dos palacetes, outra parcela da população passava frio, fome, em situações degradantes.

As mudanças drásticas que ocorreram, os novos recursos técnicos, muitas vezes desorientavam. O indivíduo tentava se encaixar nesse novo mundo, do qual muitas vezes ele não se identificava, perdia os parâmetros, tinha de se readaptar a um novo ambiente constantemente.

As reformas que aconteceram no Brasil tiveram como exemplo as reformas de Paris, quando a vida parisiense atingiu seu auge, quando ela entrou para a literatura, para a poesia, como uma potência com dimensões gigantescas, expulsando do centro urbano o proletário, se apoiando nos discursos higienistas. O Rio de Janeiro foi visto como um cartão postal para o Brasil e como tal, deveria modificar sua imagem, pois era conhecido como lugar insalubre, onde as doenças se proliferavam. Pereira Passos modificou o traçado urbano, a distribuição de seus habitantes e seus costumes, para ser a capital do progresso do Brasil.

Rodrigues Alves, presidente de 1902 a 1906, definiu em seu projeto de governo o saneamento e o melhoramento do porto do Rio de Janeiro. Olavo Bilac descreveu a sensação dos partidários do governo:

Há poucos dias, as picaretas, entoando um hino jubiloso, iniciaram os trabalhos da Avenida Central, pondo abaixo as primeiras casas condenadas. No aluir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido soturno e lamentoso do Passado, do Atraso, do Opróbio. A cidade colonial imunda, retrógrada, emperrada nas suas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daqueles materiais apodrecidos que desabavam. Mas o hino claro das picaretas abafava esse protesto impotente. Com que alegria cantavam elas – as picaretas regeneradoras! (Olavo Bilac, “Chrônica”. In *Kosmos*, no. 3 apud Heizer; Neves, 1991, p. 60).

Essa visão de que estavam num grande empreendimento em prol da civilização, apagando um passado visto como atrasado, não se deu sem os gemidos e lamentos de tradições. Principalmente no que concerne às populações pobres que tiveram suas casas derrubadas e seus hábitos relacionados a tudo que denegria a imagem da cidade.

No discurso do Dr. Paulo de Moraes Barros⁵⁴, no *club* Republicano, foram mencionados os grandes avanços na cidade desde a Proclamação da República, e exaltando o papel do partido nas transformações da cidade:

Percorrei a nossa cidade em qualquer direção, vós que a conhecestes ha vinte annos e fazei um confronto da – Noiva da Colina, de então, com a Piracicaba engalanada de hoje. A sua população mais que duplicou; a sua área urbana dilatou-se conquistando as capoeiras e terrenos cultivados das cercanias; suas ruas preparadas de extremo a extremo, convidam ao salutar e aprazível exercicio que nos dá energia e força; suas praças e largos, onde se apascentava a alimaria, são hoje virentes parques e jardins onde os pulmões sorvem o ar puro que lhes vitalisa o organismo e o espírito repousa suavemente da labuta diaria[...] (*Almanaque de 1914*, p. 14).

A afirmação de um projeto de desenvolvimento para a cidade constituiu o alicerce para os políticos locais, esse foi o momento em que a questão urbana foi focada, construindo um tipo de racionalidade para a intervenção nas cidades. Evidenciou-se o discurso reformador, cabendo ao administrador planejar e normatizar para que a cidade se modificasse da forma que estes viam como ideal, buscando o progresso e a ordem. A tentativa de se implantar um padrão de higiene, associada à salubridade física e moral fez parte desses discursos e reformas. Houve criação de novos espaços físicos para a construção de uma nova cultura para o trabalho e trabalhadores.

Na cidade, também havia contradição entre desejo e necessidade, entre satisfação e insatisfação, havia pluralidade de discursos, mas também um padrão nas maneiras de viver a vida urbana. As cidades representavam possibilidades de melhorar de vida, alcançando melhores trabalhos, facilidades, diversões, novidades e educação, nem sempre alcançados. Existia tudo isso, mas não era para todos. Com um crescimento demográfico elevado, muitos problemas se acentuaram: o desemprego, a falta de moradia, a violência, a insalubridade e a mendicância fizeram parte desse cenário.

O urbanismo passou a ter valor de troca, fez nascer um novo estilo de vida, como palco para a felicidade, tornando legível uma ideologia de felicidade através do consumo, as pessoas eram, ao mesmo tempo, produtoras e consumidoras do espaço. O urbanismo saberia diferenciar os espaços doentes dos espaços ligados à saúde mental e social. Seria capaz de conceber um espaço harmonioso e normalizante.

O urbanismo dos administradores ligados ao setor público pretendia ser científico, baseava-se em pesquisas e tendia a negligenciar o fator humano, um urbanismo tecnocrático e

⁵⁴ Chefe do partido republicano de Piracicaba, várias vezes vereador, presidente da câmara municipal, permaneceu por doze anos no cargo de Inspetor de Higiene e foi eleito deputado federal em 1909.

sistematizado, com seus mitos e sua ideologia, passando por cima de habitações para dar lugar aos carros, às comunicações, apagando as ruínas daquilo que foi a cidade: O médico da sociedade moderna se vê como um médico do espaço social (LEFEBVRE, 2008).

“Piracicaba progride!” Sem dúvida nesses catorze anos compreendidos entre 1900 a 1914 a cidade mudou substancialmente, sua população dobrou, a maioria de suas ruas foram macadamizadas⁵⁵, a economia prosperou e o número de divertimentos foi multiplicado de forma espantosa. No entanto, foram muitas as reclamações, a cidade passou não apenas por reformas, mas por um processo de “regeneração” que foi impulsionada por uma imprensa que se via autorizada a dizer como as pessoas deveriam agir, pensar, o que deveriam priorizar. Essa imprensa se pôs no papel de farol da humanidade, levaria a luz onde antes só tinha escuridão. Tentou através de seus discursos influenciar os poderes públicos a olhar para aqueles aspectos que eles apontavam como necessitando de melhoramentos, ditando projetos urbanísticos, influenciando comportamentos e classificando-os como bons ou maus, enfim, dizendo o que era moderno e o que era atrasado. O discurso desses intelectuais indicava um progresso possível, ainda que não plenamente alcançado.

2.1. O Lazer e a Distinção Social

As representações da cidade e as qualificações que deram a ela, perigosa ou segura, ordenada ou anárquica, bela ou feia variaram de acordo com os produtores ou consumidores⁵⁶ dos espaços. Esses discursos fizeram parte de uma luta pelo espaço, a luta pelo poder de nomear e classificar. Sendo o *Jornal de Piracicaba* administrado pela burguesia piracicabana, um setor diferenciado, não só em seu poder econômico, mas principalmente pelo “capital cultural”⁵⁷, os discursos serão no sentido de construir identidades de prestígio ao seu grupo, de hierarquizar e estigmatizar outras identidades e legitimar seu poder simbólico.

Para Bourdieu (1998), as representações do mundo social classificam a realidade e a atribuem valores. No caso, ao espaço, à cidade, à rua, aos bairros, aos habitantes da urbe. A representação não é neutra, nem reflexa ou puramente objetiva, mas implica atribuições de

⁵⁵ Este processo consiste em assentar três camadas de pedras colocadas numa fundação com valas laterais para drenagem da água da chuva. A macadamização foi bastante utilizada e embora este método necessitasse de muito trabalho manual, o resultado era um pavimento forte e drenado.

⁵⁶ Ocorre uma circularidade cultural que permite a troca de signos entre o que se poderia chamar a “cidade real vivida” dos consumidores da urbe e a “cidade sonhada” dos produtores do espaço, ou entre a “contracidade” dos excluídos do sistema, que estão na “contramão” da cidade ordenada, bela, higiênica e segura das propostas burguesas (PESAVENTO, 1995).

⁵⁷ No sentido dado por Bourdieu (2008), a cultura aparece como um bem, uma herança, como acesso a boas escolas, ensino superior, incentivo a literatura desde a infância e ao conhecimento legitimado.

sentidos em consonância com relações sociais e de poder. A busca para compreendermos qual a cidade almejada pela burguesia piracicabana, qual a identidade reivindicada por este grupo, aparece conjuntamente as que se buscou negar, as identidades vistas como atrasadas, bárbaras e insalubres. A definição do normal depende do anormal, o que é aceitável desejável, natural depende do que é considerado desprezível, indigno, rejeitável, antinatural (SILVA, 2000).

As lutas a respeito da identidade são lutas pela classificação, pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social (BOURDIEU, 1998). A construção de uma identidade da nova burguesia é construída e fortalecida quando se estabelecem os elementos de regularidade e semelhança e, ao mesmo tempo, marcando as diferenças com as demais. O processo de construção de identidade tem sua relação com o mundo social, embora diga respeito ao plano do imaginário, produzidas em interação permanente, atuam no “real”, motivando ações e comportamentos.

A ideia de identidade muitas vezes é aproximada daquilo que se é tendo como referência a si própria, como autocontida, auto-suficiente. Da mesma forma, a diferença é concebida como uma entidade independente, aquilo que o outro é e assim como a identidade simplesmente existe. Identidade e diferença são determinadas pelos sistemas discursivos e simbólicos que lhe dão definição, ocorre que a linguagem é uma estrutura instável. O signo é um sinal, uma marca, um traço que está no lugar de outra coisa, não coincide com a coisa ou o conceito, o signo não é uma presença. Na medida em que identidade e diferença são definidas por meio da linguagem, não podem deixar de ser marcadas, também, pela indeterminação e pela instabilidade (SILVA, 2000).

O lazer fez parte da construção de um sentido de urbanidade, as transformações das cidades modificaram a concepção de lazer. O *Jornal de Piracicaba* fazia seu papel de noticiar e servir como um manual de civilidade, inclusive sobre os aspectos da diversão. A influência francesa na busca por um refinamento na distinção social vai ser percebida também no lazer. Havia uma construção por parte dos jornais do que seriam os divertimentos ideais, saudáveis, elegantes e civilizados.

As artes e os locais de lazer multiplicavam-se rapidamente pelas cidades, acompanhando o ritmo das transformações. Os teatros, os clubes, as praças, os largos, os circos, as serenatas, as soirées, os bares, os bilhares e restaurantes cresciam. O processo de modernização das cidades modificou a vida de seus habitantes rapidamente, transformando seu cotidiano, apesar da permanência de elementos da vida rural. Tudo andava mais depressa, quer no trabalho, quer no lazer. As tecnologias aumentavam essa sensação de rapidez. As

formas de entretenimento acompanhavam essas transformações, a sede pelas novidades e a exacerbação do consumo.

As elites piracicabanas participavam de um processo de metamorfose, conciliando mudanças com a preservação de uma hierarquia social. Havia muitos locais exclusivos para contatos e alianças, reforçando valores, compartilhando ideias e promovendo um sentimento de grupo.

Frequentar bailes, ir a uma partida nos clubes, ir ao teatro, ver um concerto não eram somente momentos de diversão, eram boas oportunidades para contatos, para demonstrar seus conhecimentos literários, seu bom gosto musical, contar sobre a última viagem à Europa, fazer bons negócios, bons relacionamentos, bons casamentos. Isso gerava um sentimento de pertencimento a esse grupo seletivo e o *Jornal de Piracicaba* divulgava esses momentos de forma a exaltá-lo.

O lazer, muitas vezes, foi utilizado para ensinar o que era ser elegante, através da observação os costumes iam sendo copiados, reformulados e adaptados, de acordo com as personalidades de cada indivíduo e diante das possibilidades de cada um. Quanto mais próximo do europeu, mais chique e elevada a imagem da pessoa se tornava. Segundo diversos autores, havia um sentimento de vergonha para com o passado colonial, era necessário buscar no modelo europeu a forma para “regenerar” a sociedade brasileira e piracicabana e isto afetou inclusive as formas de lazer da população.

Nesse início de século, as práticas populares de vida e lazer dos trabalhadores, dos ociosos, dos pobres, da mulher e das crianças se tornaram objeto de grande preocupação de médicos higienistas, de autoridades públicas, de setores da burguesia industrial e comercial, de filantropos e reformadores sociais. Para esses trabalhadores, “ignorantes”, rudes, constituíram tentativas de moralização e civilização. Mas essas tentativas encontraram resistências, a população apresentou suas tradições, valores e costumes, todo um código de representação simbólica que iam contra os desejos de parte de uma elite local.

As identidades são reformuladas diante das transformações da sociedade, mas antigos costumes são encontrados, aumentando a diversidade cultural. Muitos costumes foram reprimidos por seres considerados inadequados a sociedade. A repressão ao álcool e ao jogo fez parte dessa tentativa de disciplinar e adequar os habitantes da urbe à imagem desejada.

A imprensa teve um papel importante na divulgação dos locais de lazer, selecionavam e destacavam quais eram os eventos mais importantes da cidade. Ao descrever uma festa ou um concerto evidenciavam seu posicionamento perante as formas de lazer, as quais achavam mais elegantes, bem organizadas e com o público mais seletivo. Também mostravam quais

formas de lazer eram prejudiciais à ordem ou as que não eram tão bem organizadas e elegantes.

Não havia uma única visão desses momentos, mas havia elementos que tornavam o lazer melhor conceituado ou não, perante o jornal. Esse lazer refinado e elegante coincidia com o lazer da elite piracicabana. Havia uma forma elevada de se divertir, segundo o *Jornal de Piracicaba*.

Todas as culturas merecem a mesma atenção do historiador, mas isto não leva a conclusão de que todas são socialmente reconhecidas. A cultura reconhecida como dominante contribui para a integração das classes dominantes, assegurando a identidade de um grupo e distinguindo-o dos outros leva ao que Bourdieu (1989) chamou de função da divisão na comunicação. A cultura que une é também a que separa e que legitima distinções compelindo as definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante.

Na tentativa de construir uma identidade à nova de uma elite que buscava se modernizar, o lazer apareceu na construção de imagens de divertimentos relacionada ao refinamento e crescimento intelectual deste grupo. O teatro, por exemplo, era um dos lugares mais frequentados e divulgados pelos jornais, era onde, segundo o autor de um livro de memórias, Francisco Iglésias (2003), os habitantes de Piracicaba tomavam um banho de civilização.

Mesmo tendo, no início do século, muitos problemas, o Theatro Santo Estevam recebia diversas companhias que lotavam o estabelecimento. Em 1901, a companhia Couto Rocha apresentou a peça dramática *Cabana do Pai Tomaz*, com o ator Ferreira de Souza: “A companhia dramática Couto Rocha, apanhou uma esplendida platéia, repleta de gente de nossa melhor sociedade”⁵⁸. A matéria concluiu dizendo que, quem possuísse uma companhia com este desempenho e com conhecidos intérpretes como essa, não ficaria em casa e iria ao teatro encher a plateia. O uso de adjetivos positivos, com relação aos frequentadores, era comum, era uma forma de estimular o movimento daquele local e enobrecer determinadas práticas.

O jornal muitas vezes chamava o público a sair de sua casa e ir aos espetáculos do teatro. Talvez, porque a população local ainda ficasse bastante resguardada em suas casas ou frequentassem outros locais de sociabilidade. A herança colonial não foi removida imediatamente, o lazer ainda estava ligado diretamente à Igreja. As ruas apresentavam aspectos rurais, com irregularidades, com falta de calçadas, com lama, poeira, uma iluminação

⁵⁸ *Jornal de Piracicaba*: “Cia Dramatica”, 10/07/1901, p. 1.

fraca, isso quando tinha. A falta de estrutura e de costume fazia com que as elites não tivessem o habito de sair às ruas.

Gilberto Freyre, em *Sobrados e Mucambos* (1936), afirmou que as elites procuravam sair o menos possível, ser visto o menos possível e se confundir o menos possível com a parte da população que chamavam de povo. As mudanças no cenário urbano, as reformas nas ruas, a diversificação dos espaços, os locais próprios e saudáveis para o lazer, gerariam novas formas de sociabilidade e outra dinâmica nas ruas.

Outra hipótese da falta de público é que, nesse início de século, o teatro não tinha o conforto e o luxo que a elite local exigia, preferindo realizar bailes, concertos e outros eventos em suas residências, no qual o público era mais íntimo.

Em 1902, o teatro recebeu alguns reparos: “O seu assoalho foi lavado caprichosamente e as pulgas e demais insectos sugadores de sangue humano, foram dalli banidos violentamente pela empreza Brandão”⁵⁹. Foi preciso que viesse uma companhia fluminense para que o teatro melhorasse um pouco. Porém o jornal colocou que infelizmente, mesmo com a boa vontade da companhia com relação à comunidade, o público não correspondeu e não lotou o teatro: “Não sei a que attribuir essa frieza do nosso publico, que tem sabido sempre premiar os esforços dos artistas bem intencionados, indo em massa ao teatro”⁶⁰. A teoria do jornal foi que as festividades da Semana Santa atraíram mais as pessoas do que o teatro. O jornal disse que, passadas as festas da Semana Santa, a cidade precisava se animar e as comédias do Brandão os livrariam do tédio em que caía a cidade depois das festas ocorridas.

Nessa matéria vimos que as festas da Semana Santa mobilizavam tanto a população que deixavam de ir ao teatro, dando preferência as festas religiosas. Na Semana Santa os dias eram recheados com uma programação bastante intensa. No entanto, em 1907, uma matéria no *Jornal de Piracicaba* reclamou pela total ausência das festividades da Semana Santa. Em quarenta e tantos anos era a primeira vez que isso acontecia em uma cidade que era extremamente católica. Por todo esse período, mesmo que não tivessem grande pompa, não deixaram de realizá-las. Segundo o autor da matéria, não havia indícios de que o fervor religioso tivesse diminuído, ele não entendeu o porquê dessas festas não terem ocorrido e disse que ficou envergonhado dela ter passado em absoluto esquecimento.

O entretenimento popular apresentou um ritmo de expansão neste período, refuncionalizando espaços públicos num processo de laicização ou dessacralização da vida cotidiana. Houve um processo de mercantilização do lazer no ambiente urbano e uma ruptura

⁵⁹ *Jornal de Piracicaba*: “Apanhados”, 10/04/1902, p. 1.

⁶⁰ Idem.

com o domínio paroquial da Igreja sobre ele. Essas matérias podem indicar certa inversão dos momentos de diversão na cidade. Por volta de 1906 percebe-se pelo jornal que crescem o número de locais para diversão na cidade. Se no início do século deixavam de ir ao teatro para ir às festas da Semana Santa em 1907, elas nem foram realizadas, mas como percebemos por outras notícias, houve outros momentos de diversão nesse ano. Ocorreu um crescimento do lazer enquanto negócio, tornando-se entretenimento e com muitas novidades que atraíam a população, ansiosa por divertimentos.

As reformas do teatro tardavam a ocorrer e os jornalistas da cidade, em muitas matérias, continuavam a lembrar que aquele era uma vergonha para a cidade. Em 1903, uma comissão ficou responsável por angariar fundos para que, enfim, fosse reformado. Essa comissão era formada por: Dr. Francisco Morato, José Gabriel B. de Mattos, capitão José Gomes Xavier de Assis e Manoel Gonçalves de Lima. O jornal anunciou todo o seu apoio à comissão e também ajudou arrecadando fundos para as reformas.

Em 1904, um jornalista do *Jornal de Piracicaba* avisou aos leitores que se preparassem, pois em breve a inauguração do teatro seria realizada. Sua impressão ao visitar o andamento das reformas foi das melhores. O teatro estava, então, muito mais elegante e o construtor o Sr. Carlos Zanotta foi parabenizado, pois havia revelado mais uma vez o seu bom gosto e a apreciação às artes. Tanto a parte externa como interna agradou: “Nota-se nas decorações a nitidez e a graça dos desenhos, a variedade selecta dos arabescos, o bem apanhado das figuras de uma frescura deliciosa e risonha que diz bem com a alegria que deve reinar no interior de uma casa de espectáculos.”⁶¹. A preocupação com o teatro e sua reputação era grande, por isso ao falar de sua reforma era evidente o contentamento dos jornalistas.

Não apenas a beleza do teatro foi elogiada, mas foi pensado também na segurança e conforto dos espectadores, de acordo com os novos conhecimentos a respeito de higiene. Abriram-se mais janelas, que ventilavam e clareavam o ambiente; fizeram mais portas para caso de incêndio ou desordem; salas para *buffete*, um *water closets* decente: “poderão os piracicabanos ter o grande prazer de reencetar em diversões civilizadas, as alegres reuniões de outrora, dando assim às formosas damas conterraneas novas ocasiões de receberem as homenagens de seus admiradores[...].”⁶². Enfim a cidade estava com um teatro à sua altura, de acordo com seu *status*.

⁶¹ *Jornal de Piracicaba*: “Nosso Theatro”, 24/07/1904, p. 1.

⁶² Idem.

As programações do teatro tinham bastante destaque no *Jornal de Piracicaba*, tanto antes dos eventos como depois. Mencionavam quais as peças seriam apresentadas e quais as performances dramáticas seriam executadas. Na coluna “Theatro, circos, etc.”, destacou-se a programação do Theatro Santo Estevam na qual a Companhia Lucinda- Christiano estreou com a peça *Papá Lebonnard*, de Jean Aicard, um dos maiores sucessos teatrais do momento. A peça era calcada nos moldes do moderno teatro francês, que visava explorar o psicológico dos personagens e do meio em que se desenvolvia a ação, com uma burguesia com traços de aristocracia, não faltando situações dramáticas⁶³. A companhia *Circo Theatro François* que também estava na cidade na mesma época armou um pavilhão na Rua Boa Morte e apresentou variados espetáculos. Não só no Theatro Santo Estevam ocorriam eventos, mas eram montados diversos espetáculo em outros pontos da cidade, tendo como destaque os circos que vinham de todo o país.

Com tantas apresentações na cidade, que iam aumentando a cada ano, foi necessária uma regulamentação para esses momentos. Em 1909, a delegacia local lançou um edital no jornal com os decretos em relação aos espectadores no qual seus direitos e deveres foram estipulados. O espectador deveria ter atitudes “corretas”, não incomodar os outros, não lançar ao palco quaisquer objetos, não fazer motim nem outros atos que interrompessem o espetáculo ou pudessem comprometer a ordem e a segurança pública. Os deveres das autoridades para com os espectadores era retirar do recinto os que se portassem de modo inconveniente, bem como os que tivessem embriagados e perturbando a ordem, prendendo em flagrante quem cometesse qualquer delito. A multa aplicada seria de 10.000 a 20.000 réis e quem não pudesse pagar iria preso⁶⁴. Essas normas estipuladas apontam o crescimento do lazer na cidade e da necessidade de adequar os comportamentos da população aos momentos de aglomeração que a modernização gerava.

Apesar de ser considerado um lazer dos mais nobres, o teatro também era um local onde poderiam ocorrer momentos recriminados pelos jornais. Em uma notícia reclamou-se da algazarra na plateia e nas gerais feita, principalmente por crianças que deram ao teatro um “triste aspecto de um circo de cavalinhos ou coisa pior”⁶⁵. A regeneração da sociedade não estava somente em civilizar os pobres, mas também membros da elite que ainda tinham modos rústicos.

⁶³ *Jornal de Piracicaba*: “Carnaval”, 27/02/1906, p. 3.

⁶⁴ *Jornal de Piracicaba*: “Espectaculos publicos”, 18/06/1909, p. 1.

⁶⁵ *Jornal de Piracicaba*: “Alagazarra”, 19/10/1909, p. 2.

A sociedade estava mudando rapidamente, novas formas de viver, novos elementos no cotidiano apareceram. As mudanças materiais não aconteceram de um dia para o outro, as transformações culturais também não. As elites que frequentavam o teatro, que organizavam jantares, bailes, saraus, espelhavam-se na vida parisiense, nos comportamentos das pessoas cultas e civilizadas, mas também tinha presente seu caráter ligado à vida rural, à vida pacata do interior.

Os jornais locais eram escritos pela intelectualidade local, por um grupo que possuía interesses em comum, um nível de ensino mais ou menos próximo e que frequentavam os mesmos lugares. Porém, havia muitas diferenças de opinião entre eles e o Jornal demonstrou isso. Podemos perceber que em uma mesma semana, ou até no mesmo dia havia contradições nos discursos sobre a cidade. Isso pode nos indicar que o *Jornal de Piracicaba* por dizer ser um órgão democrático, imparcial e objetivo, dava espaço a diversas opiniões e que esse grupo não era homogêneo e coeso, mas com múltiplas facetas.

Um bom exemplo das diferentes opiniões que havia foi uma matéria na qual se fez críticas à ostentação que existia nos teatros, algo diferente do que vimos até então. Esta matéria do *Jornal de Piracicaba* foi uma resposta à *Gazeta de Piracicaba*, que dias antes havia escrito que o cinema estava acabando com o teatro.

mas a gente é pobre, lucha com dificuldades e não pode dispender alguns magros mil réis em noite de folgança e prazer ephemero. [...] Vai pois ao theatro a aristocracia, a gente feliz que não sabem mais collocar o ouro que lhe abarrota a burra, mas vai por motivo que ella mesma ignora: para apparecer, para brilhar, para mostrar a toilette scintilant e se sentir a convergência de olhares para o camarote em que se ostenta vaidosamente.(...)Nos cinemas, porém, o caso é diverso: cinco tostões qualquer valdevino engravatado ou sem gravata atira ai pelos cafés ou no bicho enganados (*Jornal de Piracicaba*: “Cinema”, 01/01/1911, p. 1).

Essa matéria foi uma das que podemos perceber o crescimento do cinema na cidade. Por volta de 1910 a grande maioria de programação de lazer encontrada no jornal era a respeito dos cinemas. Essa matéria nos aponta alguns dos motivos pelos quais ocorreu a grande aderência da população ao cinema.

Os cinemas ficavam lotados, as pessoas acotovelavam-se, apertavam-se e brigavam para achar um lugar. O cinema conquistou a população de forma muito rápida, apareceu nos cafés, nas confeitarias, nas igrejas, nas escolas, seduzindo e cativando o povo. Essa conquista se deu de forma tão rápida também por ser barato, com cinco tostões que se gastavam sem pestanejar em cigarros ou nos cachinhos de cabelos que as senhoras compravam⁶⁶ podiam ver

⁶⁶ *Jornal de Piracicaba*: “Cinema”, 01/02/1911, p. 1.

uma apresentação. Além da facilidade do acesso, ele atraía por ser muito diferente de tudo que existia até então, era ao mesmo tempo misterioso e sedutor.

O cinema, invenção desta época, chegou a Piracicaba com maior intensidade por volta de 1909. Aos poucos se tornou uma das maiores diversões da cidade. Na coluna “Dominical”, o cinematógrafo foi objeto de discussão. Afirmou nessa matéria que era algo que realmente o deixava “embasbacado”, que o distraía e ainda por cima era barato: “Acho extraordinariamente interessante essa invenção de Edison e Lumière.”⁶⁷. Ele elogiou a iniciativa do Dr. Barros Penteado que havia instalado este fabuloso aparelho no Theatro Santo Estevam.

O autor dessa matéria lembrou-se ainda dos belíssimos dramas que eram passados no cinematógrafo. Um desses dramas destacados por ele foi o Desertor, no qual um militar se apaixonava por uma mulher de Café Cantante e por causa dela roubou a caixa de regimento, foi preso e se suicidou com uma arma. Outro drama marcante que emocionou a plateia foi o Ladrões de crianças, no qual um menino foi roubado da casa dos pais a fim de ser explorado como mendigo por uma hedionda megera. O jornalista se mostrou adepto do cinematógrafo, convidando os leitores a frequentarem e apreciarem esta arte.

Os temas dos filmes emocionavam, pois continham elementos e questões que faziam parte do cotidiano da cidade moderna, como a prostituição ou a mendicância, sobre os quais eles podiam identificar. Esses filmes também mandavam mensagens sobre os perigos da cidade, a mulher que pode seduzir ao ponto de levar a pessoa a cometer delírios, chegando a roubar e levar a desgraça moral, a mulher megera que rouba crianças para explorá-las. É interessante notar que, nos dois casos, o perigo foi causado por uma mulher. A mulher representou a modernidade, ela seduz e é símbolo do imprevisível, do misterioso, a causa de conflitos emocionais, do caos, da tentação, gerando tanto a atração como a desconfiança.

Surgem novos locais de sociabilidade e as apresentações do cinema, assim como muitas festas, podiam ser beneficentes: “No Iris- Theatre realizou-se uma sessão cinematográfica em benefício do Natal dos Pobres, uma festa anualmente produzida pelo Jornal”⁶⁸.

O gramofone também aparece nesta época. Uma matéria do jornal chamou de “praga” a proliferação desses na cidade. Disse não haver casa de negócio ou casa particular que não o adorasse e que, podendo, não adquirissem um para o martírio da vizinhança, causando muitas

⁶⁷ *Jornal de Piracicaba*: “Dominical”, 17/01/1909, p. 1.

⁶⁸ *Jornal de Piracicaba*: “Cinema”, 08/12/1910, p. 1.

vezes inconvenientes⁶⁹. Com a disseminação dessas novas tecnologias possibilitou-se novas formas de lazer, novos locais de sociabilidade, novos encontros e experiências. Podemos perceber também que existiam críticas às manifestações do moderno.

A música era bastante valorizada pelo jornal, escreviam muitas matérias com dicas de melhorias às bandas da cidade e pediam para que a Câmara contratasse mais bandas para os momentos de lazer da população. Em editorial, o *Jornal de Piracicaba*⁷⁰ afirmou que além da falta de um teatro à altura da modernização da cidade e a falta de um gabinete de leitura, havia a falta de uma orquestra. Segundo o jornal, ela tocava nas partidas do *Club Piracicabano*, nas festas religiosas, como a do Divino, em bailes de casamento, organizando concertos nos quais a renda poderia ser convertida na aquisição de instrumentos e peças musicais.

Nessa matéria afirmou-se que: “Ha entre nós diversas bandas de musica, mas é forçoso convir que os sons fortes de uma philarmonica assentam melhor nas ruas, praças e jardins do que nos salões de um baile ou nos intervallos de uma peça dramática”⁷¹. Portanto, banda e orquestra eram diferenciadas. As bandas eram melhores para os ambientes abertos, já a orquestra para os locais fechados. Isso nos mostra um aumento pelo interesse dessa forma de divertimento, já que o assunto teve destaque, saindo em editorial. Ocorreu, por parte do jornal e das autoridades públicas, uma preocupação com o lazer da população, buscando tirá-las dos bares, das jogatinas e das confusões. Para isso, o desenvolvimento de outras formas de lazer foi incentivado pelo jornal.

Uma das composições musicais mais admiradas nesse início de século foi a peça Guarani, do maestro brasileiro Carlos Gomes. O Jornal afirmou que: “essa ópera é a encarnação artística do Brazil”⁷². Segundo ele, essa peça envolvia-lhes numa penumbra de melancolia, de saudades, de mal definidas aspirações. Era a epopeia do caráter selvagem de nosso país. As obras desse maestro mostraram a vitalidade artística e literária, a potência mental dos brasileiros contribuindo na construção de uma identidade nacional positiva.

O Dr. Sylvio de Alem-Castro, no *Jornal de Piracicaba*, escreveu sobre a importância da música para a humanidade e de uma orquestra na cidade de Piracicaba. Segundo ele, um grupo iria se reunir, no domingo próximo, para organizar a orquestra. Estava satisfeito, pois afirmou que Piracicaba, sendo uma das cidades mais sedutoras por sua beleza natural e por sua edibilidade, um modelo a ser imitado não poderia ficar sem uma orquestra:

⁶⁹ *Jornal de Piracicaba*: “Cinema”, 31/12/1910, p. 1.

⁷⁰ *Jornal de Piracicaba*: “Orchestra”, 14/08/1900, p. 1.

⁷¹ *Jornal de Piracicaba*: “Orchestra”, 14/08/1900, p. 1.

⁷² *Jornal de Piracicaba*: “Carlos Gomes”, 17/09/1900, p. 1.

É na orchestra que se sentem na sua maior nitidez e colorido sentimental as grandezas da harmonia de envolta com a sucessão melodiosa de vozes. É na sua combinação de sons de diferentes timbres que o homem vae encontrar a revelação de tantos mysterios que vivem no seu espírito, que moram na eterna communhão do ideal e que o alentam na batalha contra todas as resistencias que se lhe deparam na vida (*Jornal de Piracicaba*: “A orchestra em Piracicaba”, 07/02/1904, p. 1).

A presença de uma orchestra era requisitada pelo jornal, elas tornariam as festas, bailes e concertos da cidade muito mais elaborados. Esse era um elemento símbolo das cidades que não só tem como meta o progresso tecnológico, mas também cultural. Piracicaba não deveria ser lembrada apenas pela economia em desenvolvimento, pelas fábricas modernas e pelo movimento no comércio, mas também por sua nobre educação e pelo bom gosto artístico.

Um dos locais de maior encontro nos momentos de lazer era o Jardim Público, as pessoas iam para ouvir apresentações musicais: “Ninguem deixa de reconhecer que o principal ponto de reunião que existe em nossa formosa terra, é o jardim publico, que é um verdadeiro brinco”⁷³. Era lá onde a chamada fina flor da sociedade se reunia, principalmente aos domingos, esquecendo os problemas da vida. A banda Stip era contratada para tocar duas vezes por mês, mas a população achava pouco e pedia à câmara que fosse contratada para todos os domingos. O jornal afirmou que: “Para a nossa camara, isso não é sacrificio, pois felizmente está com as finanças bastante folgadas”⁷⁴. A matéria disse seria ainda melhor que contratassem duas bandas, pois assim variavam as peças e se aprimorariam mais, pois uma iria querer sobressair à outra.

Essa foi uma defesa ao direito ao lazer. As autoridades deveriam prover os cidadãos de diversões. Segundo o jornal, com a boa situação econômica, o poder público poderia contratar uma banda para tocar com maior frequência no Jardim Público. Vemos um desejo por mais momentos de lazer e um movimento a fim de conseguir que se desse atenção a esse aspecto, como forma de amenizar os problemas do cotidiano, para a diversão na cidade e para que houvesse mais movimento.

Porém, em 1906, vemos indícios nos jornais de uma ligeira decadência do número de frequentadores daquele local. Uma matéria, intitulada “Musica no Jardim”, pediu à câmara maior atenção para os concertos realizados no Jardim Público. Devido à instabilidade das bandas e dos poucos ensaios, a qualidade das apresentações decaía e com ela o número de

⁷³ *Jornal de Piracicaba*: “Coisas da cidade”, 11/03/1903, p. 1.

⁷⁴ *Idem*.

espectadores. O jornalista sugeriu que se pensasse a respeito das músicas tocadas, devendo ser mais adequadas aos ambientes abertos: “De facto, os dobrados, valsas, polkas, habaneras entre outras musicas leves não se adaptam aos concertos ao ar livre [...]”⁷⁵. Concluiu a matéria pedindo que as bandas fossem contratadas para tocar semanalmente, podendo assim se apresentar regularmente e de forma mais organizada, ficando a altura do progresso de Piracicaba.

Além dos teatros, circos e os passeios no Jardim Público, outra forma de divertimento da população, sobretudo a masculina, eram os bares. O Eden Piracicabano era uma casa de bebidas que aparece muitas vezes no *Jornal de Piracicaba*. Em 1908, um anúncio dizia que após a banda Carlos Gomes se apresentar no Jardim público ela se dirigiria ao Eden, onde executaria um variado programa. Quem fosse para lá poderia se deliciar com bebidas geladas, sorvetes de abacaxi e creme, empadas, doces e outros⁷⁶. Mas esse não era um lugar qualquer, era local de encontro da elite piracicabana, tinha bandas de música e até apresentações de cinematógrafo.

Segundo Jacques Heers (1987), a festa pública exalta os poderes, indivíduos e famílias, impõe pela sua participação na festa pública o seu lugar na cidade e na sociedade política, a festa privada reforça as clientelas. Não são apenas jogos, nem meros espetáculos, mas forças que pesam nas hierarquias sociais, elementos decisivos para forjar ou conservar reputações.

Havia a construção de imagens positivas dos lazeres considerados civilizados, por parte dos jornais. A utilização de adjetivos positivos fez parte destes discursos. As festas escolares, por exemplo, eram vistas como algo importante para a cidade. Nas festas escolares exaltavam os alunos das escolas, como uma celebração do sucesso educacional da cidade e do grupo que realizava esse sucesso. Eram ótimos momentos para que os políticos locais fizessem discursos.

Em editorial, uma matéria com o título “Festas Escolares”, comemorou os encerramentos dos trabalhos do Grupo Escolar Moraes Barros, dirigido pelo professor Miguel Carneiro Junior: “Compareceu grande numero de famílias e cavalheiros da nossa melhor sociedade, fazendo-se notar entre elles o sr. dr. Paulo de Moraes Barros e dr. Antonio de Moraes Barros...”⁷⁷. Além da expressão “*melhor sociedade*” ocorreu nessa mesma matéria outras como: “*protetor da infância piracicabana*”, “*digno inspetor municipal*”, “*exmas*

⁷⁵ *Jornal de Piracicaba*: “Dia a Dia”, 05/07/1906, p. 1.

⁷⁶ *Jornal de Piracicaba*, 03/03/1908, p. 4.

⁷⁷ *Jornal de Piracicaba*: “Festas escolares”, 02/12/1900, p. 1.

senhoras”, “*exmas famílias*”, “*habeis professores*”. Essas expressões positivas auxiliavam na construção de uma identidade de um grupo seletivo, de pessoas dignas, excelentes, hábeis, talentosos, o que havia de melhor na sociedade piracicabana. Eram exemplos de comportamento para o restante da população.

Na coluna “As Quintas”, na primeira página, diziam que os acontecimentos da semana haviam sido por conta da infância e da juventude escolar. A imprensa se envolveu no movimento em prol da causa da instrução, dizendo ser do interesse de todos e a única forma de regenerar a sociedade:

As festas escolares ostentaram o seu maior brilho, patenteando ao Público que o esforço e a boa vontade dos mestres estavam em inteira harmonia com a inteligência e dedicação dos discípulos[...] Mostraram que os pais dos alunos, neste belo recanto do país, sabem compreender que a educação e a instrução são, bem entendidos, os dois únicos elementos com que podemos contar para a regeneração da sociedade actual (*Jornal de Piracicaba*: “As Quintas”, 06/12/1900, p. 1).

As festas escolares eram importantes momentos para a imprensa destacar o papel da educação no processo de regeneração da sociedade. E afirmas que esse grupo era distinto dos outros.

A inauguração da escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, em 1901, foi um momento importante para a história de Piracicaba. Ela ocorreu com grande imponência, agradando aos hóspedes que vieram de fora para conferir a cerimônia. Os discursos daquele dia foram bastante aplaudidos, mas ao terminar a inauguração dirigiram-se para a sala, que servia de depósito aos instrumentos agrários, onde serviriam o *Buffet* da festa quando tiveram uma desagradável surpresa, todo o lanche havia sido comido:

O *lunch*, que havia sido preparado com tanto esmero, tinha-se eclipsado! [...] Enquanto as mais finas flôres da rhetorica indígena cahiam dos *bouquets* dos oradores, o povo, o bom do Zé-povo, que não conseguira lugar no salão, achou mais agradável e... refrescante a temperatura do depósito dos instrumentos agrários e ahi deu-se o que se viu depois! [...] (*Jornal de Piracicaba*, “Apanhado de todas as festanças”, 06/06/1901, p. 1).

A inauguração que deveria ter sido um momento significativo para a cidade mostrar sua importância, sua civilidade e seus avanços acabou em um desastre e vergonha e os culpados disso foram os populares. Era um bom exemplo para os argumentos do jornal: de que adianta ser moderno, ter o progresso material se a população não tem educação⁷⁸? Esse

⁷⁸ No sentido de modos polidos, civilidade.

espaço foi um exemplo de contradição entre a civilidade almejada e os comportamentos do povo. Foi também um momento de transgressão. Essa escola que contribuiria para melhorar a reputação da cidade, de fato, não estava ao alcance da população, já que era um curso voltado para os filhos de fazendeiros do estado de São Paulo. Talvez, por não se sentiam parte dessa festa essas pessoas cometeram tais atos.

Em 1908, as festas de encerramento do ano letivo na escola Agrícola não tiveram o mesmo problema. Segundo uma matéria, na coluna chamada “Dominical”, ocorreu um belíssimo baile em seu belo e vasto salão. Nessa festa o salão estava bastante iluminado, com belas molduras de folhagens e com uma bem afinada orquestra. Afirmou-se que: “A semana teve um áureo fecho e os alumnos da Escola lhe imprimiram um nobre cunho, de distincção e de cavalheirismo, dando ensanchas a que nossos hospedes se impressionassem muito bem, a respeito da sociedade piracicabana.”⁷⁹. Essa matéria, que foi publicada em editorial, nos mostrou a importância dada a essa instituição. Ela ressaltou as qualidades dos alunos, como pessoas distintas na sociedade piracicabana.

As festas íntimas também eram noticiadas pelo *Jornal de Piracicaba*, exaltando as personalidades da elite local, como ocorreu com o aniversário do filho de um professor da cidade: “Festejando o primeiro aniversario do seu galante filhinho Alaôr o distincto provector professor sr. Baptista Nogueira promoveu ante-hontem, em sua casa, uma animada soirée...”⁸⁰. Essa festa contou com orquestra e ótima recepção, agradando aos convidados. Foram muitas as notícias de aniversários, casamentos, batizados, mas não tinham tanto destaque como as festas públicas. O gosto pelos prazeres do mundo leva a uma forma de sociabilidade da burguesia que consiste em reunir em casa um público seletivo e numeroso para concertos, espetáculos e bailes, são autocelebrações.

O *Club Piracicabano* era um local frequentado pela elite piracicabana, realizavam sessões nas quais os homens iam tratar de negócios, jogarem cartas e fumar, havia bailes e festas. Um exemplo de evento realizado pelo clube foi uma festa literária-musical, em benefício de sua associação. O jornal descreveu essa festa como de seleta concorrência e bem organizada. A festa iniciou com a execução da sinfonia o Guarani, para piano, pelos professores Antonio Lago e Fabiano Lonzano. Depois, teve uma valsa de Chopin, tocado pela “gentil senhorita” Leonina Marques. E seguiu a descrição da festa com toda a pompa, na qual as personalidades da elite local puderam demonstrar seus talentos e seu bom gosto artístico: “Excusado é dizer-se que todos os distinctos amadores e professores que tomaram parte na

⁷⁹ *Jornal de Piracicaba*: “Dominical”, 08/11/1908, p. 1.

⁸⁰ *Jornal de Piracicaba*: “Festa íntima”, 09/03/1901, p. 1.

magnífica festa do Club portaram-se galhardamente⁸¹, pois o publico já os conhece”⁸². Além do bom gosto artístico e animação, eles se comportavam de forma adequada. Essas matérias serviam como um exemplo de quais eram os momentos ideais de lazer, ligados ao refinamento intelectual e bom gosto artístico, não deixando de ser animados.

Mesmo com os esforços para manter aquele clube, após vinte anos de existência, em 1906, ele foi extinto. Em 1909, o *Club Piracicabano* voltou a aparecer nas primeiras páginas do jornal, com seus programas e bailes, tendo os maiores artistas locais presentes. Com o fechamento do clube podemos pensar que, apesar de toda a imagem positiva construída do clube e de seus frequentadores, toda a descrição sobre a elegância das partidas e bailes realizados por ele, não foram suficientes para que se permanecesse aberto.

A elegância era algo que se deveria aprender desde cedo. Para isso, os bailes infantis foram de grande relevância, como aconteceu no *Club Piracicabano*, em Julho de 1904. Um festival foi organizado para as crianças: “Presentes muitas exmas. famílias e muitíssimas creanças, elegantemente trajadas, deu-se começo as festas às 7 horas [...]”⁸³. Nesse festival teve a peça Leonor, cantada e acompanhada ao piano pela “galante”⁸⁴ menina Olga, de apenas 7 anos de idade. A poesia Dor Infantil foi recitada pela “interessante”⁸⁵ menina Alice. Após as apresentações ocorreram danças muito bem executadas.

O jornal ao falar sobre a programação dessa festa colocou muitos adjetivos lisonjeiros ao se referir às crianças, que participaram com alguma exibição de seus dotes artísticos, construindo uma boa imagem das crianças que seriam o futuro da elite piracicabana, tais como: “graciosa”, “inteligente”, “bonita”, “boa”, “interessante” e “gentil”. Terminou a matéria parabenizando pelo brilhantismo que a festa teve.

Em 1904, cogitou-se implantar na cidade uma escola de dança para crianças, porém um escritor na *Gazeta de Piracicaba* combateu essa ideia. No *Jornal de Piracicaba*, o jornalista Plínio de Paiva comentou sobre esse assunto. Ele colocou o autor da *Gazeta* como alguém bastante conservador: “cumpre-nos, todavia encarmol-o como individualidade retrógrada, ente misanthropo, creatura digna de lastima pela sua aversão às coisas alegres”⁸⁶. E publicou um trecho escrito por esse indivíduo na *Gazeta de Piracicaba*:

⁸¹ Com alegria, vivacidade.

⁸² *Jornal de Piracicaba*: “Club Piracicabano”, 10/12/1903, p. 1.

⁸³ *Jornal de Piracicaba*: “Noticiario- Club Piracicabano”, 16/07/1904, p. 2.

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ *Jornal de Piracicaba*: “A Dança”, 02/06/1904, p. 1.

No baile perde-se a noite, respira-se o pó das salas onde vai grande numero de pessoas, sans e doentes, e assim se perder a saúde; no baile perdem os moços e as moças a virtude, porque elle reclama luxo e desperta a vaidade; no baile perdem as jovens a innocencia, porque é elle a oportunidade offercida a um moço qualquer para dizer tudo quanto pense e queira à moça que bem lhe parece, e porque, os enlances de cintura e encontrões de joelhos a que se entregam na vertigem das valsas despertam naturalmente sentimentos impuros de lascívia. (*Jornal de Piracicaba*: “A Dança”, 02/06/1904, p. 1).

O autor do *Jornal de Piracicaba* continuou o seu protesto contra essa matéria, dizendo que tudo isso era uma grande hipocrisia, já que nas igrejas católicas e protestantes também havia muito pó, além das pulgas. Eram locais aonde iam muito mais pessoas doentes que nos bailes. Nos bailes perdiam-se horas, mas nos cultos perdia-se muito mais. Continuou dizendo que se censurassem o luxo dos bailes também deveriam fazer isso com relação às festas religiosas, nas quais a aglomeração de povo permitia que os moços dissessem o que bem entendiam às moças, assim como às senhoras casadas e viúvas. Ele seguiu com seus argumentos dizendo que, se nos bailes havia encontros físicos, não eram tão escandalosos quanto os observados durante os cultos, nas saídas e nas entradas de procissões.

Existiam divergências de opiniões sobre o que eram diversões adequadas ou não. A matéria da *Gazeta* mostrou um lado conservador que não estava de acordo com a implantação de uma escola de dança, criticando também os bailes, usando de argumentos sobre a higiene e a moral desses locais.

A discussão a respeito da dança foi um dos momentos de embate entre as opiniões dos dois jornais mais importantes da cidade. Podemos perceber, de forma geral, que os autores da *Gazeta de Piracicaba* eram mais conservadores que os do *Jornal de Piracicaba*. Enquanto o *Jornal de Piracicaba* buscava mudanças e novidades para a cidade, a *Gazeta* era mais receosa, com medo que houvesse desordem e preocupada com a moralidade na cidade.

Também existia uma preocupação em educar as crianças para um lazer mais civilizado. Isso apareceu também em uma organização de uma matinê na casa de bebidas chamada Eden, mas que acabou sendo cancelada por conta de mau tempo:

Não fosse a chuvinha impertinente trazendo a humidade insalubre [...] teríamos mais uma victoria a celebrar, relatando um acontecimento, vindo a firmar de vez, nesta terra progressista um gênero de divertimentos, definitivamente aceito em nosso meio, como uma diversão das mais apreciaveis, pela variedade de emoções, que nelle se offercem ao publico. Não é só a musica, que se exhiba sob as formas vocal e instrumental, é também a arte de recitação, no dominio de poesia, e no da prosa, que se desenvolve estimulando as aptidões latentes das creanças- e assim despertando nellas a inclinação a exercicios que concorrem para a formação do gosto esthetic- auxiliar poderoso na educação da infância. O que é preciso é repetir estas festas fazerem-se estas exhibições a pretexto do que quer que seja, para, ao mesmo tempo habituar o povo a passatempos mais uteis e mais instructivos, do que

os que lhe são ministrados em horas de lazer esterilmente empregadas. (*Jornal de Piracicaba*: “Matinés no Eden”, 30/08/1904, p. 1).

Nos momentos de lazer se buscavam o desenvolvimento do gosto artístico, habituando o povo a divertimentos mais úteis e instrutivos do que os que estavam acostumados. O lazer apareceu, tendo um forte papel na educação do povo, para ensinar quais eram os modos civilizados e os conhecimentos que deveriam ser valorizados.

Em 1906, inaugurou-se um novo clube, o Club Dançante Piracicaba. O jornal afirmou que: “A fundação de uma sociedade desse genero vem a preencher uma grande falta que existe em nosso meio [...]”⁸⁷. Assim como saber tocar, declamar poesias, saber dançar também era importante e os preconceitos com relação à dança deveriam ser superados.

Em 1906, estavam prestes a inaugurar o *Rink Piracicabano*, lugar para patinação. O jornal pediu à população que fossem apreciar a mais nova diversão da cidade. A matéria assinada por Abel & Caim perguntou ao leitor quantas vezes, após o jantar, ele não teria desejos de distrair o espírito e não encontrava um lugar agradável para se divertir? Segundo a matéria, o remédio para isso era ir ao Salto, que já estava perdendo seu encanto. Com a abertura do *Rink* isso iria mudar, moços e moças teriam naquele um lugar para boas conversas. Para que isso ocorresse era preciso que as piracicabanos não tivessem preconceitos com relação à patinação:

É este um exercicio agradável, útil e moral, podendo nelle tomar parte toda e qualquer moça por mais recatada que seja.
A patinação é útil porque obriga a um exercicio que muitas vezes não se tem e é sabido que nada prejudica tanto a saúde como a vida sedentária [...]
Assim tambem parece-nos que existem muitos que têm a patinação como imprópria da boa educação e supõem que a ella só se entregam moças pouco escrupulosas.
Isso não se da e aquelles que desse modo pensam, pensam erradamente.
Sinão, visitem as localidades do interior onde existem *rinks* e verão que os freqüentam moças distinctas, pertencentes ás mais conceituadas famílias do logar.
Por exemplo, apontamos a visinha cidade de Itú, onde o *rink* é freqüentado pelas senhoritas do mais fino escol.
Desappareçam, pois, com esses máos preconceitos e, as nossas gentis leitoras se preparem para o mais útil e agradável exercicio da actualidade (*Jornal de Piracicaba*: “Dia a Dia”, 01/06/1906, p. 1).

O esporte apareceu como benéfico à saúde. O jornal pediu que a população, sobretudo as mulheres, que não tivessem preconceitos para com essa forma saudável de divertimento. A imprensa teve um forte papel na difusão de novos hábitos de lazer. A adoção dos modismos no lazer, não se deu de forma natural. Foi necessária a construção de uma imagem positiva deles para a adesão da população local. Foi preciso dizer que era útil, de acordo com a boa

⁸⁷ *Jornal de Piracicaba*: “Dia a Dia”, 07/06/1906, p. 1.

moral e que as pessoas mais distintas de outras cidades já frequentavam. Ao inaugurar uma novidade algumas pessoas tinham receio do que acontecia nestes locais e, principalmente, como poderia afetar sua imagem perante a sociedade se o frequentasse.

Podemos perceber o papel indutor e prescritivo da imprensa, seja pelo tom autorizador ou por meio da denúncia, reclamação e reprovação de certas práticas. Deu visibilidade a algumas formas de lazer, obscurecendo ou repudiando as que estavam em contraposição aos padrões de sociabilidade que consideravam ideais.

Mais um clube de patinação surgiu, em 1906, tendo como presidente o Sr. Reynaldo C. de Araujo. Uma coluna deste ano afirmou que, apesar de uma crise aguda causada pelos preços baixos do café, a cidade estava farta de diversões. Ficava para trás o tempo em que chegavam os domingos, depois de uma semana de labor, e não tinham lugares para “espairecer o espírito”, tendo como única distração as casas de bebida. Afirmou que: “Hoje, no entanto, apesar dos máos tempos, como dissemos temos rink, teatro, e brevemente assistiremos á estreia de uma companhia de cavallinhos”⁸⁸. Essa matéria nos mostrou um cenário de crescimento dos locais de diversões na cidade, como propícios a distração e descanso.

Os jornalistas aplaudiam a cada novo estabelecimento condizente com o padrão de lazer que queriam para a cidade. O fim da pasmeira mencionado pelas fontes sugeriu-nos um desejo por uma maior movimentação na cidade, a agitação característica das cidades modernas. Nem mesmo a crise econômica que estavam passando freou o desenvolvimento de novos locais de sociabilidade. Podemos pensar, então, que não eram apenas os lucros do café que permitiram aumentar os locais de lazer, mas que os imaginários, os desejos dos habitantes da urbe influenciaram sobremaneira.

No *Rink Piracicabano*, além de aulas de patinação, havia sessões na qual as pessoas podiam tomar uma bebida no bar e conversar. Também aconteciam concursos com premiação. Quando o Sr. Angelo Scotto assumiu a gerência do *rink*, o jornal disse ser esta mais uma garantia para que ela se tornasse o *rendez vous* predileto da cidade⁸⁹.

Membros da elite piracicabana buscavam diversas formas de se diferenciar das camadas populares, havia uma forte tentativa de vincular a imagem dessa elite a uma população humanamente superior, para isso o lazer foi de grande importância. Os Jornais buscavam demonstrar em seus discursos como as elites piracicabanas tinham uma cultura mais refinada, intelectualizada, mas também uma moral superior, que deveria servir de

⁸⁸ *Jornal de Piracicaba*: “Dia a Dia”, 05/07/1906, p. 1.

⁸⁹ *Jornal de Piracicaba*: “Rink Piracicabano”, 01/04/1909, p. 1.

exemplo para o restante da população. A beneficência cumpria um papel importante, ao sair nos jornais os nomes de quem havia doado recursos para igrejas, quem ajudava na organização de festas beneficentes, buscando demonstrar que eram pessoas melhores, com espírito elevado⁹⁰.

Na cidade se fundamentaram novas formas de sociabilidade que apontavam para um egoísmo ou insensibilidade em relação ao outro. Talvez, por isso, os jornais dessem destaque aos atos de bondade, caridade e compaixão com o outro.

Os teatros, cinemas, festas e até circos tinham renda revestida em benefício de pessoas necessitadas ou para instituições de caridade (TERCI, 1997). Lydia de Rezende (filha do Barão de Rezende) era uma das mais importantes figuras no mundo beneficente. Ela organizou diversos eventos em prol da construção da capela da Vila Rezende e da construção do sanatório São Luiz. Publicou-se uma matéria sobre uma dessas festas: “No elegante parque André Sachs um dos mais chiques pontos do nosso arrebalde, realiza-se domingo uma mimosa festa organizada por Lydia Resende”⁹¹. O programa desse dia dispôs de corridas a pé, pescaria, jogos entre outros. As festas organizadas por Lydia eram elogiadas, relacionadas ao bom gosto das elites, como podemos ver nessa frase da matéria: “... a festa imprimiu a feição típica de seu talento artístico de elite.”⁹². Essa foi uma das causas para que seu nome aparecesse no jornal, contribuindo com a imagem de uma elite humana e solidária.

Lydia de Rezende foi uma figura destacada pelos jornais da cidade. Ao discutir o tema da beneficência, Dr. Ozorio de Souza elencou as principais qualidades dela, iniciou o assunto falando que eram poucas as pessoas que ajudavam os outros por solidariedade e preocupação com os sentimentos alheios, pois cada um via as coisas sob o prisma de suas ambições. O autor lembrou um provérbio popular para clarear seus argumentos: “na mesa onde sobra o pão ninguém se lembra dos que têm fome”⁹³. Para ele, na própria caridade existia quase sempre o egoísmo, usado para a ostentação de posição elevada. Ele perguntou ao leitor onde estariam as pessoas que faziam o bem pelo bem, que tinham vocação para ajudar os outros desprezando qualquer tipo de recompensa. Ele mesmo forneceu a resposta, este exemplo de bondade seria encontrado em Lydia de Rezende:

⁹⁰ Não queremos negar o sentimento de fraternidade e dizer que faziam isso conscientemente, intencionalmente. Mas no campo do discurso simbólico serviu para a distinção social, entre aqueles que doam e aqueles que recebem doações.

⁹¹ *Jornal de Piracicaba*, 27/09/1908, p. 1.

⁹² *Gazeta de Piracicaba*, 12/11/1908, p. 1.

⁹³ *Jornal de Piracicaba*: “Lydia Rezende”, 23/09/ 1905, p. 1.

D. Lydia de Rezende, sobre ser pertencente a uma ilustre família paulista, onde brilha a fidalguia do caracter mais do que os proprios brasões do seu passado, sobre ser uma artista educada nos moldes da Arte compreendida nos seus lineamentos mais altos, sobre ser dotada pela natureza de um coração cheio de ternura e docilidade [...] faz parte de uma familia providencialmente abastada; e ahi é que está a essencia de tudo quanto quero dizer nessas linhas inferiores à magnitude do proprio assumpto.

Viver na abastança, tendo no lar todas as regalias da fortuna e nos salões todos os apanagios de uma cultura perfeita, sem se esquecer entretanto dos que soffrem dos que gemem na miseria e daquelles cuja vida se vae apagando de dia para dia na dor, na insomnia e na crueldade impiedosa da terrível molestia – é praticar a caridade na unica acepção desta virtude.[...]

A D. Lydia de Rezende, á missionaria do Bem, á vestal da Caridade, seria muito mesquinha a offerta de congratulações banaes.

Ha acções que não têm pagamento possivel, nem mesmo na gratidão popular (*Jornal de Piracicaba*: “Lydia de Rezende”, 23/09/1905, p. 1).

A matéria acima não procurou apenas agradecer os feitos de Lydia, mas a colocá-la como um exemplo a ser seguido por outras pessoas, sobretudo as da elite, que tinham mais condições financeiras para realizar atos em prol dos mais necessitados. Ela, além de ser descrita por sua educação, sua família tradicional, pelo bom gosto artístico também era dotada de outras qualidades como doçura, caridade, uma verdadeira “missionária do bem” sob a qual nem a gratidão seria suficiente.

Após a realização de mais um festival beneficente realizado no Santo Estevam, para auxilio do Asilo de órfãos, Lydia de Resende recebe mais elogios do *Jornal de Piracicaba*:

Senhorita Lydia de Rezende, Flôr da Arte, Anjo do Bem, protectora valorosa dos que soffrem, em nome desses infelizes, beijo-te as mãos e nellas gottejo as lagrimas, não do soffrer, mas da alegria, do prazer, desse prazer que ainda sinto, e que me veio ao assistir ás inolvidaveis diversões realizadas alli no Santo Estevam... (*Jornal de Piracicaba*: “Festival”, 09/10/1905, p. 1).

A matéria descreveu a festa como belíssima e agradeceu à Lydia pelos espetáculos que proporcionava à cidade. Concluiu a matéria pedindo que Deus a abençoasse, por tudo que fazia pela cidade, principalmente pelos mais pobres. Ela foi uma figura importante nessa época, foi uma mulher que teve grande participação na vida pública. Ela era vista como um exemplo de mulher e de ser humano.

O jornal divulgou as festas beneficentes que eram, inclusive, realizadas por eles próprios. Não só havia a defesa de um lazer saudável, civilizado, mas também solidário. Esses discursos não falaram apenas de um modelo de lazer, mas também de pessoas, comportamentos adequados e desejados para a sociedade.

A crônica escrita por Francisco Lagreca exemplificou bem o papel que o jornalista tomava para si na modernização. De maneira geral, se viam como portadores de informação,

do conhecimento e de civilização. Não opinavam apenas a respeito dos melhoramentos urbanos e problemas da cidade, mas diziam, inclusive, como o indivíduo moderno deveria se portar nos momentos de diversão. Em uma matéria ele afirmou ser muito esquisita, a forma como a mocidade local se comportava nos bailes. Nos clubes, durante os bailes, os moços ficavam muito acanhados, deixando o autor admirado com tanto recato e preconceitos fúteis na sociedade piracicabana:

Em vez de se aproximarem e conversarem amistosamente, como compete aos membros de uma sociedade illustre, cobrem-se todos com o manto do pejo e não encontram meios capazes de lhes facilitar a palavra que morre na garganta.

Num baile, por exemplo, as moças ficam como que abandonadas sobre as cadeiras em que se assentam, pois, os rapazes, em lugar de entrete-las com uma palestra amena e ao mesmo tempo respeitosa, sahem todos para fóra da sala, escondem-se nos corredores, encostam-se ás portas, deixando as moças em completo silencio, como se isso é o que é o correcto.

O homem precisa ser homem do seu seculo, e como cellula que e do organismo social, necessita de corrigir os costumes e adaptal-os aos tempos em que vive.

Porque razão n'um baile os cavalheiros não ficam conversando e sorrindo com as damas, elevando assim os fóros que gozam de pessoas cultas e civilizadas? (*Jornal de Piracicaba: "Chronica"*, 05/03/1903, p. 1).

Segundo Lagreca, isso ocorria por causa das fofocas, das malícias, dos preconceitos de épocas passadas e dos pensamentos retrógrados que permaneciam na cidade. Afirmou que isso era uma doença que impedia a marcha do progresso, trazendo a discórdia ao invés da paz. Segundo ele, era preciso que fossem corrigindo a sociedade, reformando os costumes, transformando os usos de acordo com a lei do século que se atravessava: “É necessário que se dê o exemplo de uma sociedade que não quer morrer”⁹⁴. O discurso da civilização estava para além das reformas materiais, era preciso mudar os comportamentos de acordo com o novo século.

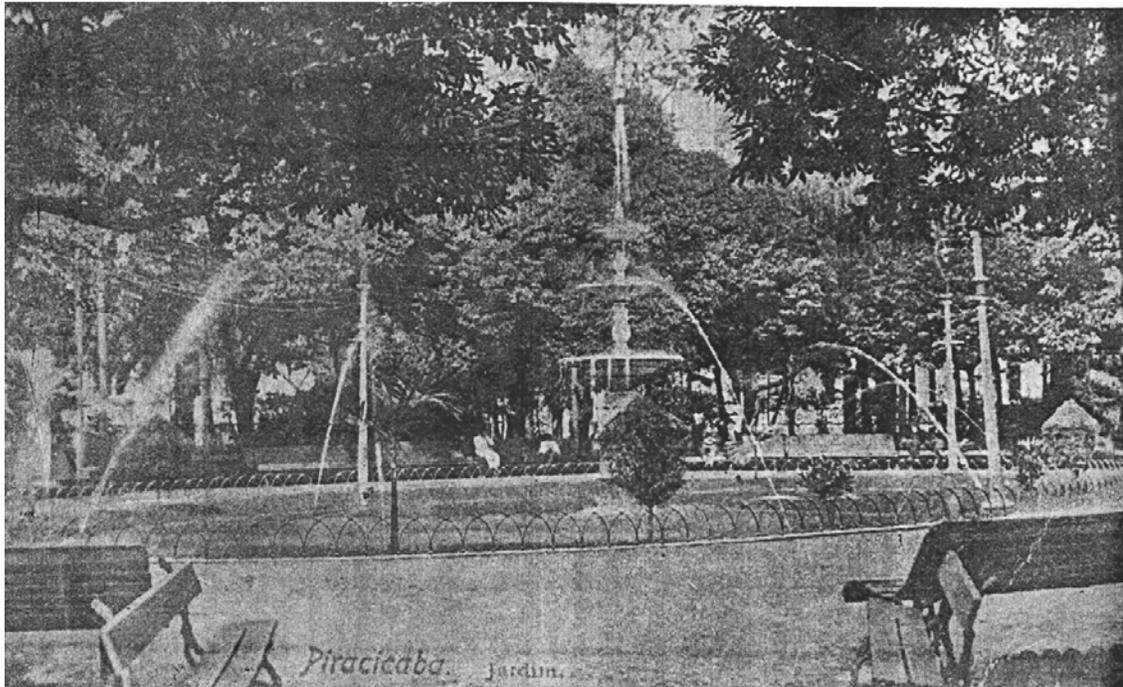
Apesar de haver na cidade bailes pomposos dos quais se orgulhavam, com decoração elegante, com comidas de qualidade, os hábitos, inclusive de pessoas da elite local, ainda tinham características conservadoras, indelicadas e até rudes de acordo com certos padrões. Padrões, estes, espelhados na alta sociedade da Europa, do Rio de Janeiro, de São Paulo, mas que nem sempre se refletiam nas cidades do interior, que tinham outras formas de se relacionar, de se portar.

A modernização se deu de forma contraditória, o desejo de ser moderno esbarrava na cidade com aspectos coloniais. As diversões se multiplicavam, mas passavam pelas mesmas contradições, o desejo de ser refinado, civilizado, o mais europeu possível e as tradições do

⁹⁴ *Jornal de Piracicaba: "Chronica"*, 05/03/1903, p. 1.

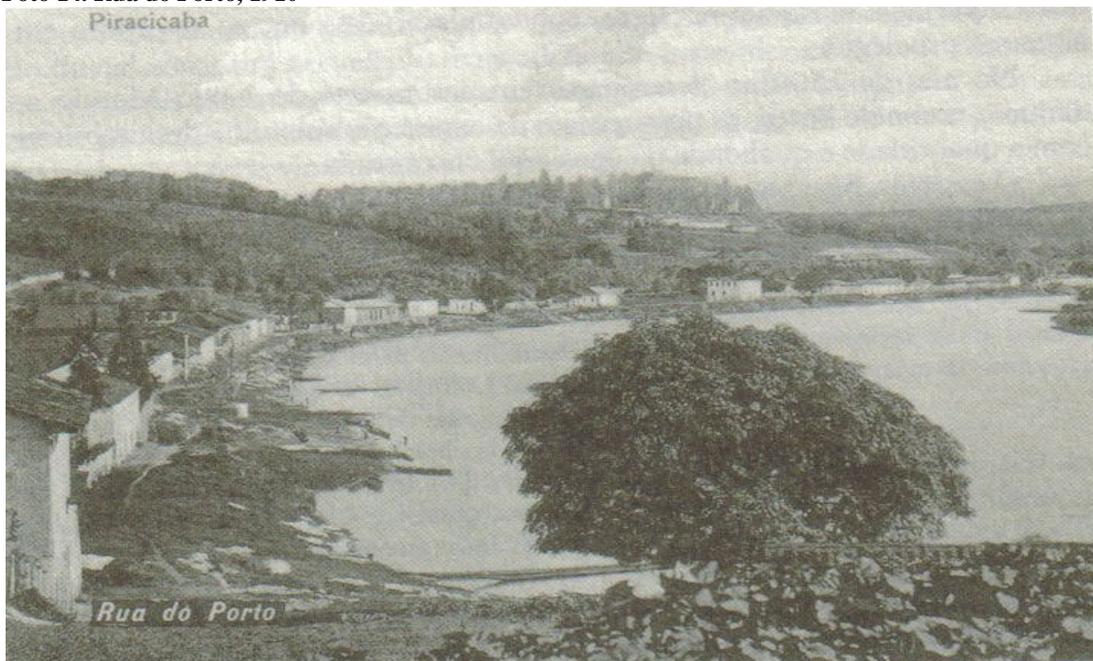
mundo rural ainda fortemente enraizadas. Havia a convivência de universos distintos reunidos em um mesmo espaço, muitas vezes configurando em conflitos.

Foto 13. Jardim Público, 1918.



Fonte: PERECIN, M. A Síntese Urbana (1822-1930). Contribuição à História de Piracicaba. Piracicaba: IHGP/ Ed. Shekinah, 1989.p.103.

Foto 14. Rua do Porto, 1910



Fonte: <www.provincia.com.br>. Acesso em 3 de setembro de 2009.

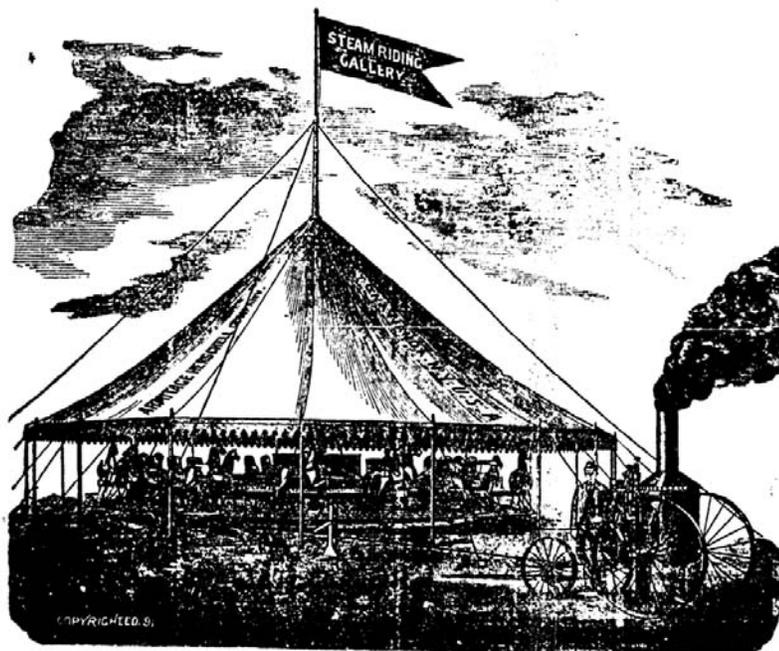
Foto 15. Circo de Cavalinhos.

ENGENHO CENTRAL
— 107 —
MONTE ALEGRE
Assucar Christal "Monte Alegre"
MELHOR ASSUCAR FABRICADO NO PAIZ
ASSUCAR BRILHANTE
Productu puro e superior a qualquer assucar
refinado de primeira
DEPOSITO:—RUA DO COMMERCIO N. 107—A

REBOUGAS & FREDERICO
COM CASA DE COUROS
FERRAMENTAS E ARTIGOS PARA SAPATEIROS E SELLEIROS
CASA MATRIZ
S. PAULO a rua de S. Bento, 65-A
Tem a honra de communicar a V. S. que sob a gerencia do sr. **Albino Miranda** abriram em Piracicaba uma casa daquelles artigos
onde os srs. sapateiros e selleiros encontrarão por **preço barato** tudo o que possam necessitar.
Vendas exclusivamente á dinheiro
RUA PRUDENTE DE MORAES N. 112 (Largo S. Benedicto)
PIRACICABA

GRANDE NOVIDADE!

Cavallinhos automaticos a vapor



3 ÚLTIMAS FUNÇÕES 3

SABBADO, DOMINGO E SEGUNDA

Na segunda-feira despêdida da Companhia haverá fogos de artifício, musica, estando o Circo todo enfeitado, etc.

Grande surpresa no final da funcção!

Foto 16. O entrudo.

JORNAL DE PIRACICABA

Director-proprietario -- ALVARO DE CARVALHO

ANNO 5-NUM 1368

Sabado 4 de março de 1905.

Expediente

Assinaturas

Cidade Para fóra

ANNO ANNO ANNO ANNO

SEMANTE SEMANTE SEMANTE SEMANTE

Pagamento adiantado

REDACÇÃO E OFFICINAS:

Rua Moraes Barros, 165 A

O entrudo

Para traz!

E' este o brado que daremos soltar deante dos individuos de baixa esphera, b' q'as, suplantamente a suj' e o de physicomias patibulares, que, de posse dum lanço aqua qualquer, seom á rua e as quercionamentos mettem se e molham as familias que passam e as pessoas que andam trahndo dos seus affazeres quotidianos.

Nestas condições pelmilham por ali uns quitans, descreditando a sympathica classe operaria, esse superior elemento de progresso, que firma a pujança das nações e a quem ellas devem o seu extrator-torio desenvolvimento.

Os libeccos de quem vimos de falar, são uss' e visseus no

Volgemos em saber que já foram dadas ordens rigorosas contra os intrusos que saem da sua esphera para virem se meter em loga que lhes não compete.

Rosta agora que a parte educada da nossa população, por sua vez, auxilio ás autoridades que, na cobibição dos abusos apontados, não fazem mais do que zelar pelo bem publico.

O desrespeito á manutenção da ordem, quando auxiliado por despoletos mal contidos, conduz naõ á muita gente de boa índole, bem intencionada, mas que no momento, não reflectido, deixa se envolver em factos que no intimo reprova.

Quando á policia, estamos com o conselheiro Rodrigues Bastos, e grande legislador portuguez: quando elle se exercida sabiamente o interesse dos bons costumes e de segurança geral, é uma instituição b'ro, grande e utilissima; mas a policia das opiniões e das consciencias, para as perturbar e perturbar, é uma coisa que merece a execução publica.

Joaquim Luiz

SONETO

A B'ro.

Tu, que ao prego l'opras das argias
Mergulhasa escuro e obscuro;
E, que ao b'ro visseus de repensar,
L'oras as mãos de perdas l'oras,
Tu, que de amor e de m'ra

Grande Incendio - Um violento incendio devorou por completo o edificio da Faculdade de Medicina, da Bahia.

A extinção do fogo tornou-se impossivel, visto haver completa falta de agua.

Do nosso correspondente em São Paulo, recebemos um telegrama no mesmo sentido, o qual affixamos á porta da redacção desta folha.

Nomeação - Foi nomeada a professora de Isebel da Silveira Coelho, para o cargo de adjunta do Grupo Escolar de Belém do Descalvado.

Embarcada - Ant-hontem, um trem da Central, apanhou, próximo á estação de Madureira Olinda Moreira, por, no momento, presenciar a travessia a linha.

A morte de Olinda foi instantanea.

O Meixas - Lemos no *Correio da Manhã*:

«No dia 13 de novembro quando mais seculares se a todos os ruas da cidade, passou-se de largo do Isp'alto uma scena que a todos impressionou tristemente.

Uma praça de policia, apontando a careca para um pobre velho que aquele local discursava com entusiasmo, ameaçava o de morte. E, por to ambos as mãos deante os olhos, gritava:

—Não brinca, camarada!

—Não é brinco, meu velho, respondo eu sozinho, vos fiz fogos.

Immediatamente curvados o esculpido de um tiro, acompanhado de b'ro e de rep'ol'ore a c'p'ida, o velho estava morto

Estada Sorocabá

E' das terras do *Jornal do Comercio* a seguinte noticia:

«Ouvimos dizer que a com'nia Paulista de Vias-Ferreas Fluvias já não pretende arrendar a estrada de ferro União Sorocaba e Ituaçu e que esta decisão foi determinada por uma cláusula do contrato de empréstimo de l'ra. 3.000.000 l'ra's no K'it de S. Paulo pelo *Dresden Bank*.

Essa cláusula, ao que ouvimos estabelece que todo o material para a estrada que serve de garantia emprestimo será torocido pela C'liant, Hahn & C., que representou o *Dresden Bank* na referida operação.»

O *Correio Paulistano* devesse esta noticia do *Jornal do Comercio*.

Rupto frustrado - S'ntos, uma senhora casada, boa familia, seduzida por um moço que já respondeu jury por crime de del'ratamento, tentou abandonar seu lar, ao que foi obstada pelo marido que a vigiava constantemente. Essa senhora estava combalçada com o crente que, pela de muito apauhar, foi posta ali na rua.

Exposição agrícola

Propovida pela Associação de Agricultura Portuguesas, effectuar-se no corrente anno, na Tapada Ajuda, em Lisboa, uma exposição agrícola, á qual poderão comparecer as condições estipuladas no programma, eucosões o estr'geito.

A exposição será dividida em cinco secções e os seus membros a

tambem são encontrados em varios pontos de Piracicaba.

Sob o ponto de vista physico as terras provenientes de tais rochas são leves, porosas, de facil succedimento e por consequencia, facil de se trabalhar.

HENRIQUE VAZ - Eng. agronomo 20-2-1905

(Continua)

NOTICIARIO

Carneval - O sr. cap. Juvenal Aranha, correio delegado da policia, em exercicio, pelo nos que heamos sciencia ás sociedades carnavalescas, grupos de phantasmas, ou mascarar avulsos, que tendem de exhibir-se nos dias de carnaval, que por determinação do Jr. chefe de policia, não permitirá criticar alguma sem a auctorização da delegacia.

Esta medida tende a prevenir certos abusos, e nós applaudimos.

Escola Complementar

-Visto o sr. Benedito Candido de Costa Brito, não ter accettato sua nomeação para o cargo de professor interino da Escola Complementar desta cidade, o sr. director do Interior auctorizou o sr. director desse estabelecimento a procurar outra pessoa para o mesmo lugar.

-O sr. director daquella escola applicou para substituição o sr. prof. Joaquim de Barros Junior, que ha dias achava-se em exercicio.

Tentativa de suicidio

-O Sr. Benedito Francisco de Moraes, 13 de julho estava

Fonte: Jornal de Piracicaba, 4 de março de 1905. p. 01.

3. PROBLEMAS E CONTRADIÇÕES

O desenvolvimento e o crescimento urbano, em algumas áreas do país, foram espantosos, gerando uma vida social diferente, em que se mantiveram alguns traços de uma sociedade agrária e recém saída da escravidão. Imagens de urbanização e de cidades modernas foram construídas, promovendo no tecido urbano reformas que, de algum modo, mudariam as características das cidades.

Apesar de toda expansão das cidades e a euforia das mudanças, o crescimento urbano foi repleto de contradições, apresentando um lado perverso e caótico. O incessante crescimento urbano gerou uma série de problemas de ordem estrutural sofridos, sobretudo, pela população mais pobre. A falta de moradias, os problemas de abastecimento de alimentos e água, a insalubridade geradora de doenças e epidemias, o subemprego ou desemprego, a violência e a mendicância fizeram parte do quadro urbano (MORAES, 2001).

A burguesia local procurava adequar a cidade às necessidades capitalistas e garantir o seu poder político e econômico, tendo como modelo os grandes centros urbanos do Brasil e do mundo. O *Jornal de Piracicaba* descreveu a cidade de acordo com sua relação com ela e a posição que ocupou, esta visão foi carregada de emoções, valores e ideologias.

Os administradores mobilizaram-se em torno do embelezamento urbano. Desejavam transformar a cidade em um cenário de poder com referencial europeu. A burguesia cidadina queria também equipar a cidade. A cidade poderia ser utilizada como instrumento civilizatório, na medida em que a modernização da urbe passava pela resolução dos problemas urbanos. A reorganização do espaço urbano potencializou a normatização da população que fugia ao ideal de civilidade (FENELON, 1999).

As classes dominantes fundaram seu poder sobre a cidade a partir de sua intervenção nos espaços, no sentido de coibir usos e abusos, por meio de representações que legitimavam os que eram bons usos e o que seriam os abusos. Qualquer desvio tornava-se uma forma de perturbação da paz urbana.

As cidades constituíram a maior expressão do progresso material e civilizatório do período da *Belle Époque*. Racionalizada e disciplinada foi pensada como uma cidade-corpo, objeto do olhar do médico e do engenheiro, objetivando construir uma cidade reformada e saneada. Esse conjunto de equipamentos e intervenções constituiu um modelo de cidade moderna - pautada pela racionalidade técnica e científica dos planejamentos urbanos, produzindo representações das identidades existentes nela. Falamos, então, de uma temporalidade e de uma espacialidade, capazes de articular e misturar elementos díspares,

antagônicos e inusitados. A polifonia da cidade e seus espaços demarcaram territórios, promovendo inclusões e exclusões sociais, inventando linguagens e símbolos, arranjando identificações, criando novos sujeitos, afetando desejos e inovando mercados e mercadorias (FLORES; CAMPOS, 2007).

A racionalização ganhou importância e expressou-se na constituição e legitimação de discursos administrativos higienistas, urbanísticos e de engenharia associados ao ideal de transformar a cidade. Registrou-se que tais discursos também serviam à prática do poder pelas elites locais:

Mas, se a elite cafeeira do interior paulista desejava construir as imagens modernas e civilizadas das suas cidades e de si mesma, fosse numa inauguração de obras públicas, fosse na publicação de revistas e almanaques, não menos intrigante era a participação dos chamados populares, ou, para usar uma expressão consagrada, dos pobres urbanos. Em busca de eldoradas riquezas ou de simples oportunidades de empregos nas novas terras, tais personagens experienciavam a cidade, reinventando os espaços urbanos e as relações de sociabilidade desejadas (DOIN, *et.al.*, 2007, p. 101).

Diante de tantas mudanças pelas quais as cidades estavam passando, pode-se falar em uma crise de identidade na qual se rearticulou o imaginário social, se ensaiou uma nova forma de reconhecimento de si e de si em relação aos outros. Procurava-se destruir, ou dissimular as peculiaridades consideradas arcaicas e harmonizar o Brasil aos padrões e modelo dos países europeus, principalmente a França. Clamava-se pela modernização da nação, enquadrada nos ideais destilados pelo imaginário burguês e procurava-se excluir, destruir ou esconder o que estava fora deste universo. Era necessário dissimular o que era considerado sujeira, doença e ignorância que remetiam o país ao seu passado imperial e escravocrata e, mais remotamente, colonial (KOGURUMA, 2001).

A parcela da sociedade interessada em viver em uma cidade moderna e tudo o que isso implicava apoiou e incentivou, em diversas cidades, projetos urbanos e regras de condutas mais rígidas para que este fim pudesse ser alcançado. Os discursos jornalísticos tiveram um importante papel ao identificar o que seriam os bons e os maus usos do espaço público, comportamentos nobres e atrasados e ao colocar como se chegaria à civilização e o progresso, baseados em discursos técnico-científicos e moralizantes.

A *Belle Époque* não foi somente de harmonia e euforia, o processo de modernização foi marcado pela intolerância, quanto às manifestações culturais das camadas populares e um processo de disciplinarização dos trabalhadores. Em Piracicaba, por exemplo, desde 1892 a câmara e a polícia proibiram a instalação de jogos, bebedeira e orgias no centro da cidade,

restringindo essas reuniões no perímetro urbano ao Largo Santa Cruz e à Rua do Porto. Tentou-se afastar as práticas de lazer vistas como atrasadas e prejudiciais à ordem pública da área central da cidade. Esta região estaria reservada às ações vistas como civilizadas, refinadas, de acordo com a boa ordem e a moral cristã, lugares ocupados pelo Jardim Público, o Theatro Santo Estevam e Clube Piracicabano.

Para modificar a imagem da identidade brasileira, diversas medidas ocorreram a fim de camuflar seus problemas. Essas medidas fortaleceram a consolidação e perpetuação de uma política discriminatória de exclusão do negro e do pobre a uma participação social mais ativa. Segundo Sevcenko (1992), o processo de tentativa de regeneração da sociedade foi marcado pela:

condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de exclusão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense (SEVCENKO, 1992, p. 255).

A repressão das práticas vistas como atrasadas e prejudiciais à ordem pública foi feita de diversas formas. Uma delas foi através da imprensa, que adotava muitas vezes uma posição de intolerância, pregando e legitimando a violência física e também através da estigmatização⁹⁵ pelo uso de linguagens que poderia inferiorizar alguns grupos existentes na cidade.

Essas transformações que mencionamos, essa crise de identidade nacional fizeram parte também de uma nova configuração social, uma nova forma de hierarquização, novos significados de existência, sentimentos, formas de categorização e classificação dos habitantes da cidade. Foi um momento de instabilidade, exatamente quando as identidades são reforçadas e quando se quer marcar as diferenças entre o “eu” e o “outro”. O fim da escravidão e a vinda de imigrantes colocaram na urbe novos atores sociais. A burguesia local buscou, cada vez mais, formas de se diferenciar, por isso as vestimentas inadequadas ao clima, os sapatos desconfortáveis⁹⁶. Para isto também era importante definir bem os inimigos

⁹⁵ Estigmatizado é a situação do indivíduo que está inabilitado para ser aceito plenamente. Estigma é uma característica diferente da que havia sido previsto, os que não se afastam destas expectativas serão os chamados normais (GOFFMAN, 1980).

⁹⁶ As imposições de comportamentos, não levam necessariamente ao desaparecimento progressivo das diferenças culturais. Frequentemente ao contrário, estas relações são organizadas para manter a diferença cultural, inclusive acentuando esta diferença através do jogo da defesa simbólica das fronteiras de identidade (CUCHE, 1999).

da nova cidade almejada, os mendigos, os bêbados, as prostitutas, alguns costumes antigos, usando do discurso sanitarista para legitimar medidas contra essas ameaças:

Tratava-se efetivamente da construção da representação de um “outro”. Contudo, em função desse “outro”, “selvagem”, “desordeiro” e ameaçador, constituía-se uma outra imagem: a de um “nós”, isto é, a identidade de um membro das elites dominantes, identificado com o progresso e as benesses da civilização moderna (KOGURUMA, 2001, p. 126).

Piracicaba possuía muitos símbolos de modernização, porém ainda estava longe de ter perdido seus aspectos rurais. Através dos jornais, indivíduos da burguesia local incentivavam reformas, falavam dos melhoramentos feitos pela municipalidade e apontavam os principais problemas. Encontramos opiniões mais enfáticas sobre os problemas, principalmente, nos editoriais. Essas matérias, em grande maioria, não foram assinadas.

Além dos problemas com o transporte e a iluminação, outro alvo de constantes reclamações e sugestões por parte do jornal foi a falta de higiene na cidade. A higiene apareceu nesse momento como ideologia, ligada a um conjunto de princípios que estavam destinados a conduzir o país à civilização. Haveria uma forma científica, por isso, considerada neutra supostamente acima dos interesses particulares e dos conflitos sociais, na gestão dos problemas da cidade (CHALHOUB, 1996).

Estava em voga naquela época a teoria dos miasmas, segundo a qual as doenças estavam associadas à putrefação e aos maus odores que podiam se propagar pelo ar e que poderiam ser evitadas por substâncias que impedissem o apodrecimento. Segundo essa teoria, os vapores nocivos poderiam ocasionar qualquer tipo de doença. O movimento e a circulação renovariam e eliminariam os miasmas, poças de água e acúmulo de lixo eram vistos como focos de doenças.

O saber médico-higienista, no Brasil, foi influenciado pelas teorias médicas francesas. Sanear o meio significava garantir a formação de indivíduos sadios e fortes. A teoria dos micróbios de Pausteur, na década de 1870, dizia que as doenças não se transmitiam pelo ar, mas por germes propagados pelo contato indireto estabelecido entre pessoas e objetos (RAGO, 1985). As casas, as ruas, as fábricas e as escolas deveriam ser bem iluminadas e ventiladas, para que fosse permitida a livre circulação dos fluidos para uma boa saúde.

Com a ascensão destas teorias ocorreu a construção de um novo imaginário social, de novas formas de percepção cultural e de uma nova sensibilidade. A cidade, neste sentido, foi lida a partir das novas concepções médicas e biológicas do determinismo físico e moral. O pobre, sujo, com sua irracionalidade, era visto como perigoso, para a saúde e o bem estar da

sociedade. Sanar seus espaços fazia parte de um processo de melhoramento da cidade. Esse discurso legitimou intervenções violentas sobre o controle social do espaço urbano, como ocorreu no Rio de Janeiro e em São Paulo com a demolição dos cortiços. As populações mais pobres, subnutridas, eram presas fáceis de doenças, mas isso era encarado como resultado de degradação física e moral dessa camada social.

Instalações sanitárias estavam sendo feitas em Piracicaba, mas uma matéria afirmou que algumas disposições do regulamento para tal serviço não estavam sendo cumpridas⁹⁷. As disposições do regulamento eram fundadas em serviços de higiene que exigia aparelhos nas habitações para um maior cuidado, evitando infecções e a propagação de moléstias infecto-contagiosas que diziam vir pelo ar, em contato com as excreções dos enfermos de tais moléstias. O jornal alertou para um maior cuidado na aplicação de serviços de esgoto. A teoria dos miasmas fez parte dos discursos sanitários da cidade de Piracicaba.

Grande parte da cidade, em 1912, ainda não tinha esgoto e bairros com grande densidade populacional sofriam com este fato como declarou a matéria abaixo:

as latrinas são fosseis, sendo que em terrenos humidos e em tempos chuvosos as materias fecaes chegam ao nível da superficie do solo e despejam-se lentamente para os quintaes vizinhos, como focos de malarias e geradores de mosquitos. A quantidade de pernilongos, durante o actual verão tem sido uma verdadeira calamidade, sendo elles, como são, o mais rapido de todos os transmissores de moléstias febris, de exantemas e (quem negará...) até de morphéa talvez (*Jornal de Piracicaba*: “A cidade de Piracicaba”, 30/01/1912, p. 2).

O Jornal reclamou contra a falta de asseio na Rua da Palma, onde moradores faziam todo o despejo na rua, pois não tinham quintal. A falta de espaços domésticos para os dejetos levava os indivíduos a jogarem nas ruas, incomodando aqueles que buscavam uma cidade higiênica e, principalmente, que parecesse higiênica.

O lixo passou a ser um problema, carroças os recolhiam em alguns locais, mas este serviço também foi alvo das reclamações feitas pelo *Jornal de Piracicaba*. Os serviços municipais não eram iguais para todos os habitantes, nem todos podiam usufruir plenamente dos avanços e benefícios dos serviços urbanos, que eram voltados aos bairros nobres e o centro comercial.

Relacionava-se higiene com progresso material e espiritual, a preguiça e a vagabundagem eram vistos como resultados da sujeira e maus hábitos. A noção relativa à influência do meio sobre os comportamentos das pessoas estava em voga. O Determinismo

⁹⁷ *Jornal de Piracicaba*: “Coisas da cidade”, 09/04/1901, p. 1.

afirmou que o homem era fruto direto do meio, destituído de liberdade para decidir e de influenciar fenômenos em que tomasse parte. Existe liberdade, mas esta liberdade é condicionada ao meio e aos acontecimentos.

Nas notícias de 1905 o lixo, mais uma vez, foi motivo de reclamação pelo jornal. Chamou-se a atenção do intendente⁹⁸ municipal para o modo que se fazia a remoção do lixo na cidade. O lixo das casas era retirado a qualquer hora do dia ou da noite, mesmo deixado nas portas das casas para que as carroças o levassem isso muitas vezes não acontecia: “As nossas ruas, tão bellas e bem zeladas, apresentam constantemente um aspecto immundo, e a hygiene é sacrificada pelo máo cheiro que ella exala”⁹⁹. Com o aumento populacional, e as concepções de urbanismo o lixo se tornou uma questão delicada.

O mau cheiro também foi destacado em uma carta publicada no jornal, em 1905, reclamando sobre o “fedor” que se desprendia da galeria de esgoto na Rua Moraes Barros, em frente ao Hotel Central: “O mau cheiro lá está, suffocante, nauseabundo, a empestear a atmospheria, a desafias a saúde publica”¹⁰⁰. Com relação a isso pediam providências urgentes. A situação da higiene estava ruim em vários pontos da cidade, inclusive na área central, onde muitas pessoas iam passear, fazer suas compras e ter seus momentos de lazer.

Em uma notícia, intitulada “fedentina”, reclamou-se contra o mau cheiro na Rua da Prudente e 13 de Maio¹⁰¹. No mês seguinte, o mau cheiro na Rua do Sabão também incomodou os moradores¹⁰².

A questão da limpeza das ruas era bastante discutida pelo jornal. Dizia ser um serviço precário e que as ruas não apresentavam a limpeza que poderiam ostentar. Mesmo tendo condições favoráveis para isso, estavam muitas vezes sujas, o que as tornavam feias. O jornal sugeria que aumentassem o número de varredores e carroças condutoras de lixo, pois só assim resolveriam o problema da limpeza.

Com o aumento do acúmulo do lixo nas áreas urbanas foram necessários novos serviços e surgem novas demandas ao poder público. Nas ruas, os carroceiros catadores de lixo passaram a fazer parte da movimentação da cidade. O centro deveria ser especialmente cuidado, pois o movimento constante de carros e carroças, o passar contínuo dos cavaleiros fazia com que uma varredura de vez em quando não bastasse para conservar as ruas limpas.

⁹⁸ Referente ao cargo de Prefeito nos dias de hoje.

⁹⁹ *Jornal de Piracicaba*: “Noticiario”, 16/02/1905, p. 1.

¹⁰⁰ *Jornal de Piracicaba*: “Com a Hygiene”, 01/06/1905, p. 1.

¹⁰¹ *Jornal de Piracicaba*: “Fedentina”, 29/03/1901, p. 3.

¹⁰² *Jornal de Piracicaba*, 25/04/1901, p. 2.

As exigências da imprensa não se restringiam apenas à implantação de melhorias urbanas, mas referenciavam novos padrões, comportamentos e valores culturais que deveriam prevalecer em uma cidade que buscava ser moderna. Os hábitos chamados de anti-higiênicos e comportamentos que não prezassem pelo espaço civilizado deveriam ser expulsos para áreas distantes ou para fora da cidade. Uma urbe moderna implicava em espaços divididos e organizados pela racionalidade, cientificismo, higiene e funcionalidade. Os problemas que não poderiam ser evitados deveriam, então, ocorrer longe das ruas centrais. Houve uma intenção de demarcar com precisão os espaços de circulação e vivência de diferentes grupos sociais, mas foram frustradas.

Um dos locais de grande reclamação por conta de abandono dos serviços públicos foi a Rua do Porto e arredores. Em virtude de uma reunião da Câmara Municipal, o jornal aproveitou para lembrar o estado de miséria que se encontrava a Rua do Porto. Segundo o artigo, aquele era um pedaço da cidade que pelo esquecimento parecia até não pertencer à cidade. O lixo se acumulava por lá, não tinha luz, não tinha higiene, o capim crescia muito, assim como os buracos, produzindo grandes poças, focos de miasmas, veículos de febres e doenças. Estava em completo abandono, o jornal afirmou que: “Estamos certos que a Camara sempre solicita a attender ás reclamações justas, voltará as suas vistas para aquelle aprasível ponto de recreio, tradicional para esta terra, tendo em mira o conforto da gente pobre que alli reside”¹⁰³. Essa matéria reclamou pelos direitos da população da região da Rua do Porto de receber melhoramentos, pois a situação era grave e com falta de higiene poderia ser um foco de doença que se espalharia por toda a cidade. Não estavam somente preocupados com a população que lá morava, mas com as consequências que as más condições daquele local trariam para toda a cidade.

A Rua do Porto por ser lugar de pessoas pobres era esquecida pelas autoridades públicas que davam prioridade aos bairros de pessoas mais abastadas. Em Janeiro de 1902, mais uma vez a Rua do Porto foi o assunto, a matéria pediu à Câmara mais atenção a ela, por ser um dos pontos mais aprazíveis da cidade e que se encontrava em abandono. Pedia para que olhassem para ela e vissem o estado daquela rua, outrora florescente e encantadora:

Porque tanto desprezo? A rua do Porto porventura não é também um pedaço de Piracicaba? Não residem alli tantos filhos desta terra que mais carecem de conforto para amenisar a sua escassez de recursos de vida?

Amenisem, senhores, vereadores, os sofrimentos da pobreza da rua do Porto, dando-lhe ao menos alguns favores a que elles têm direitos como municípes.

¹⁰³ *Jornal de Piracicaba*: “Coisas da cidade”, 30/05/1901, p. 1.

Tantas cazas têm desaparecido dentre as muitas ainda existentes; seus moradores em geral desprotegidos da sorte, vivem alli desamparados da Camara, que mais depressa cuida das ruas onde residem seus medalhões¹⁰⁴ (*Jornal de Piracicaba*: “Rua do Porto”, 15/01/1902, p. 1).

A matéria dizia não ser justo deixá-la naquele estado, sem luz, sem água encanada, sem os reparos necessários. Seria correto, então, que se riscassem seus moradores do quadro do fisco e não lhe cobrassem impostos, já que nada faziam por eles. Pedia justiça aos moradores dizendo que eram dignos da melhor sorte e que também contribuíam para o embelezamento da cidade.

As enchentes preocupavam os habitantes da Rua do Porto. Quando a chuva abundava, o rio ameaçava invadi-la e os habitantes eram lesados com esta situação. Foi também por isso uma área menos valorizada no ramo imobiliário e que facilitou o acesso de pessoas mais pobres a se instalarem no local. Diferente do Bairro Alto que por estar longe destes perigos habitavam pessoas com maior poder aquisitivo.

Em 1904, uma matéria¹⁰⁵ dizia que importantes melhoramentos haviam sido realizados na Rua do Porto. Com isso, podemos pensar que o jornal, de certa forma, influenciava as ações da Câmara Municipal, mas não devemos ignorar outros fatores como questões e interesses políticos, econômicos e sociais. O discurso do jornal legitimou as reclamações, levando para aquele local uma maior atenção por conta das autoridades.

Outro ponto de abandono ao qual o jornal chamou a atenção foi o Largo do Gavião, dizia ser uma nota dissonante no meio das belezas piracicabanas¹⁰⁶. Esse largo estava em mau estado, conservando ainda pedras nuas, talvez, de tempos primitivos que mais se parecia com uma pedreira do que com uma praça de utilidade pública. A necessidade de novos locais propícios ao lazer levou à reformas de praças e largos, locais onde a população poderia passar momentos agradáveis e saudáveis, longe dos bares e dos vícios.

O Jardim Público em frente à Igreja Matriz, por exemplo, era um lugar onde as famílias frequentavam no fim do dia e aos finais de semana. O *Jornal de Piracicaba* o colocava como um dos lugares mais aprazíveis da cidade e que atraía a todos por sua esplendida arborização e tratamento. Em 1909, o Jardim terminava de passar por algumas reformas e, finalmente, Piracicaba se achou possuidora de um logradouro que lhe dava

¹⁰⁴ Medalhões são figuras nacionais, celebridades, projetam largas sombras, uma aura de respeito. Ser filho do presidente, delegado, diretor entre outros, conta como cartão de visitas (DA MATTA, 1983).

¹⁰⁵ *Jornal de Piracicaba*: “Rua do Porto”, 09/08/1904, p. 2.

¹⁰⁶ *Jornal de Piracicaba*: “Coisas da cidade”, 09/07/1903, p. 1.

orgulho. Próximos ao Jardim estavam os locais de sociabilidade das elites locais, como o *Club Piracicabano*, o Hotel Central e o Theatro Santo Estevam.

Além dos jardins, as preocupações com as ruas também eram recorrentes. A rua se definia como espaço público, por oposição ao privado. Foi povoada de novos atores sociais que transitavam por ela dando diversos significados. Para alguns era local de trabalho onde vendiam suas mercadorias; para outros era local de passagem, por isso deveriam estar limpas e sem obstáculos para se chegar ao destino desejado sem inconvenientes. Os usos da rua eram variados, não só local de circulação de pessoas, mas também de procissões, entrudos, desfiles¹⁰⁷.

As ruas da cidade necessitavam de reformas e a importância da macadamização era lembrada pelo jornal. Piracicaba tinha fama de ter boas ruas, pois seu traçado foi planejado pelo senador Vergueiro, deixando-as todas retas e com quadras homogêneas. Apesar disso, era grande o número de reclamações sobre as ruas da cidade. A Rua Luiz de Queiroz, por exemplo, tinha trechos complicados. O jornal afirmou assemelhar-se a uma roça e não a uma rua de uma cidade¹⁰⁸.

O jornal defendia o embelezamento da cidade, não importando o sacrifício para os cofres municipais. Um jornalista, em 1910, afirmou que a fama de boas ruas que a cidade levava já não era mais tão merecida. A Cidade possuía ruas largas e se cortavam perpendicularmente, os leitos bem abaulados e macadamizados, com sarjetas amplas e calçadas magníficas. O jornal afirmou que: “de fato estava talhado para servir de modelo às demais cidades do Estado”¹⁰⁹. No entanto, nos últimos meses, a falta de irrigação e a má qualidade do pedregulho utilizado na macadamização tinham levado as ruas à decadência.

Os jornalistas locais reivindicavam melhoramentos nas ruas. Em uma matéria¹¹⁰, diziam que algumas ruas da cidade, que se encontrava em estado lamentável, estavam sendo restauradas, porém os pedregulhos utilizados eram de má qualidade e que, em breve, voltariam a dar problemas. Composto mais de terra do que de seixos, triturados pelas rodas dos veículos e pelos pés dos animais, esses pedregulhos convertiam-se em poeira e se chovia fazia das ruas um lamaçal intransitável.

¹⁰⁷ Berman e Sevcenko lembraram das novas sensações que a multidão trazia ao indivíduo. Em Piracicaba isto ocorriam em momentos especiais.

¹⁰⁸ *Jornal de Piracicaba*, 09/07/1901, p. 2.

¹⁰⁹ *Jornal de Piracicaba*: “Reparação de ruas”, 19/04/1910, p. 1.

¹¹⁰ *Jornal de Piracicaba*: “Macadamisação de ruas”, 01/07/1910, p. 1.

Segundo o *Jornal de Piracicaba*, outras cidades já estavam progredindo neste assunto os deixando vergonhosamente distanciados¹¹¹. Ribeirão Preto, Jahú, São Manoel e Amparo desfrutavam desse importante melhoramento: “Entretanto, com exceção da primeira, são todas cidades que indiscutivelmente, nem em renda nem em tamanho e importância podem disputar primazia á nossa”¹¹². Eles diziam que a explicação para este fato se dava na administração local dessas cidades, na qual predominava uma orientação progressista, ao invés do critério estreito e retrógrado que havia tomado conta da municipalidade de Piracicaba. Terminou a matéria dizendo que, se no poder público local não predominasse a acanhada e rotineira economia, poderiam ser feitos muitos melhoramentos que a cidade estava precisando.

Esta matéria foi uma crítica não somente às ruas, mas também à política local, chamando-a de atrasada em relação às outras cidades. O descontentamento em relação ao andamento político ficou explícito nessa matéria. O *Jornal de Piracicaba* exercia um papel de oposição, criticando a política local quando estavam insatisfeitos.

Sobre a Rua da Glória (atual Benjamim Constant), uma das ruas centrais da cidade reclamou-se do estado em que se encontrava. As carroças de irrigação não estavam passando por lá e que a poeira, que se acumulava, obrigava os moradores a manter as janelas das casas fechadas afastando os transeuntes¹¹³. Quando ocorria uma tempestade aumentavam os buracos, espantando os veículos arriscados a tombarem. O jornal dizia que a municipalidade deveria dar o exemplo, concertando o que lhe competia e restaurando os passeios antes de exigir os deveres dos moradores.

A poeira incomodava. Em 1912, o jornal dizia não ser à toa que Piracicaba estava fazendo jus ao cognome de “*metrópole do pó*”¹¹⁴. Com o movimento crescente de veículos a poeira se levantava em nuvens, invadindo e sujando tudo. Naquele tempo, a Câmara tinha como um dos serviços a irrigação das ruas, por conta da poeira, para a limpeza, higiene e saúde dos habitantes. Muitas foram as matérias pedindo que se irrigassem o Jardim Público para tornar o passeio mais agradável e para evitar as moléstias, principalmente das vias respiratórias como a Tuberculose que assombrava a cidade.

Para além dos problemas do lixo e da poeira novas questões foram discutidas e até o cemitério foi alvo de reclamações. A falta de cuidados com o cemitério público foi

¹¹¹ *Jornal de Piracicaba*: “Macadamisação de ruas”, 01/07/1910, p. 1.

¹¹² Idem.

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ *Jornal de Piracicaba*: “Notas e notícias”, 31/03/1912, p. 2.

denunciado pelos jornais. O cemitério tinha túmulos custosos e ricos, mas que, no entanto, eram danificados e estragados pelas águas que os solapavam, às vezes até desmoronando: “Pois, nós, conservadores arraigados das nossas heranças de respeito e veneração àquelles que alli dormem o derradeiro somno, vimos apellar para o novo intendente e esperamos que elle se apresse em mandar reformar o solo do cemitério[...]”¹¹⁵.

Outra questão fundamental para a cidade era a respeito do abastecimento e qualidade da água na cidade, muitas vezes chegava a faltar água em alguns pontos, dificultando a higiene. A água ainda era insuficiente quanto à quantidade e quanto aos requisitos básicos de potabilidade. Resíduos e materiais orgânicos ficavam em suspensão, principalmente após as chuvas. A água ficava lodosa, turva, espessa, com um cheiro “nauseante”. O jornal dizia ser um líquido impuro e repugnante que poderia receber qualquer nome, menos o de água¹¹⁶. Essa água, além de não satisfazer às necessidades da população, ainda correria o risco de se tornar um veículo de doenças:

Ora, á vista da gravidade dos inconvenientes apontados, é claro que esse assumpto reclama dos poderes municipaes medidas capazes de os sanarem, proporcionando-nos um abastecimento de agua digno de tal nome, embora isso lhes accarrete algum sacrificio [...] No *status quo* actual é intoleravel e até perigosa [...] (*Jornal de Piracicaba: “Hygiene Publica”, 06/02/1907, p. 1*).

No mesmo mês, outra matéria¹¹⁷ reclamou da água da cidade, dizendo ser simplesmente intragável e vergonhosa, dizia que, sem dúvida, nenhuma cidade, vila, povoação ou lugarejo no Estado de São Paulo possuía uma água tão ruim como Piracicaba. O jornal pedia aos poderes municipais que os livrassem desta água do Rio Piracicaba que era o suplício e a vergonha da cidade.

Mesmo em 1912, a água foi motivo de reclamação pelos jornais, dizendo que em tempo de seca era sofrível, em tempos de chuva um lodo: “Neste ponto não haverá duas opiniões em contrario: o povo de Piracicaba paga com os olhos da cara o serviço mais immundo que existe no Estado.”¹¹⁸.

O jornal fez algumas considerações sobre a higiene pública: “Ella é, para as localidades mais accentuadamente progressistas, objecto dos mais desvelados cuidados. Pôde-se mesmo dizer que a perfeição dos seus serviços constitue o principal factor da salubridade

¹¹⁵ *Jornal de Piracicaba*: “Variar noticias”, 08/01/1904, p. 1.

¹¹⁶ *Jornal de Piracicaba*: “Hygiene municipal”, 06/02/1907, p. 1.

¹¹⁷ *Jornal de Piracicaba*: “Notas á margem”, 15/02/1906, p. 1.

¹¹⁸ *Jornal de Piracicaba*: “A cidade de Piracicaba”, 30/01/1912, p. 1.

local”¹¹⁹. Ter uma cidade limpa era ter uma cidade saudável, o serviço sanitário local ainda deixava muito a desejar. A água parada nas casas atraía os pernilongos rajados e o mau cheiro exalava dos quintais das casas: “Esse mal, obvia-o-iam rapidamente algumas visitas sanitarias que forçassem os proprietarios ou ocupantes de predios a uma melhor e mais assidua limpeza dos seus quintaes”¹²⁰.

O Jornal pedia aos inspetores que olhassem para as casas das pessoas, pois poderiam ser focos de doenças, ainda que forçassem a acatar suas decisões a fim de um bem maior, de toda a cidade. No entanto, será que isso ocorreria nas casas das pessoas mais abastadas, ou somente onde tivessem pessoas mais pobres?

Os traços da vida rural ainda eram visíveis no cotidiano local. Os animais que passavam pela cidade muitas vezes causavam transtornos. Em 1903, numa matéria¹²¹, pediu-se providências sobre o inconveniente que a condução do gado por boiadeiros ao Matadouro Municipal causava. Visto que não se poderia evitar este trânsito de animais em algumas ruas, devido a localização do Matadouro, o jornal sugeriu que se fizesse um pasto, contínuo a ele, para onde seriam recolhidas as manadas de gado para ali serem abatidos e assim intimidasse os boiadeiros a conduzirem manadas na calada da noite, pelas ruas da cidade. Assim, evitariam os incômodos aos transeuntes e uma eventual desgraça.

Em 1908, uma vaca causou transtornos: “Hontem, á tarde, nas immediações do Jardim da Ponte Nova, andou uma vaca brava, solta, a fazer proezas, pondo em perigo a vida dos transeuntes”¹²². Uma matéria descreveu um pouco desse cenário rural que permanecia e que por vezes entrava em conflitos com os desejos de modernização.

Com as ultimas chuvas, que têm cahido, as calçadas das ruas da cidade cobrem-se de matto, que, viçosos, provocam o appetite das cabras, que passeiam frescamente pelas ruas, sem serem vistas pelos nossos fiscaes. Triste idea farão de nos aquelles que nos visitarem, ao verem – aqui a gramma que se desenvolve nas sargetas: alli adeante, bodes, cabras e cabritinhos que passem ostensivamente, como que desafiando os srs fiscaes (*Jornal de Piracicaba: “Calçadas sujas”, 05/11/1903, p. 2).*

O cenário retratado pelo jornal era de uma cidade com animais perambulando, ruas cheias de mato, o que traria uma má impressão se alguém de fora da cidade visse. Os fiscais da cidade deveriam ver e corrigir esses problemas, que eram pequenos, mas que envergonhava a imprensa.

¹¹⁹ *Jornal de Piracicaba*: “Hygiene Publica”, 25/01/1906, p. 1.

¹²⁰ *Jornal de Piracicaba*: “A cidade de Piracicaba”, 30/01/1912, p. 1.

¹²¹ *Jornal de Piracicaba*: “Coisas da cidade”, 19/08/1903, p. 1.

¹²² *Jornal de Piracicaba*: “Vacca brava”, 09/01/1909, p. 2.

Boa parte dos habitantes da cidade sobrevivia de modo informal e instável, como vendedores de rua, verdureiros, pedreiros, carregadores, leiteiros, trabalhadores domésticos, com jogos de carteados, jogo do bicho. Os vendedores ambulantes carregavam seus produtos causando inconvenientes na cidade, andando pelo passeio quando deveriam andar pelo meio da rua. O jornal dizia que uma senhora voltando do Mercado Municipal pela Rua do Comércio levou um encontrão de um vendedor de verduras que, distraído, trazia a “canga”¹²³ tendo a ponta voltada para frente e a senhora, que também estava distraída, se feriu: “Ora, parece-nos que não seria muito difícil tomar-se uma medida energica, a fim de se impedir o transito desses mercadores pelo passeio”¹²⁴.

A Câmara Municipal, por volta de 1903, votou uma lei proibindo o trânsito pelos passeios das ruas aos quitandeiros, negociantes ambulantes ou outras pessoas carregando um volume que perturbasse o trânsito de pedestres. Mas, apesar disto, um jornalista afirmou¹²⁵ que, cotidianamente, via os vendedores nas calçadas carregando cestas e objetos que atrapalhavam os transeuntes. Afirmou que a medida da Câmara era muito útil evitando embaraços durante os passeios, mas para que fosse cumprida era necessário que houvesse uma fiscalização rigorosa. Os problemas com o trânsito nas ruas já começam a aparecer, estabelecendo-se regras aos vendedores ambulantes a fim de evitar transtornos.

Em 1912, publicou-se uma reclamação sobre os vendedores ambulantes:

Como pode florescer um commercio n`uma cidade onde existem diariamente dezenas de mascates e atravessadores de tudo quanto pode dar resultado, do porta em porta, offerecendo mercadorias em prestações amparados pelas leis municipaes que lhes cobra uma bagatella.

Pode o commercio fixo fazer concurrencia a esses forasteiros, *verdadeira praga de gafanhotos*, que vivem por ahi impingindo quanta “droga” há com o titulo de *contrabando*?

Emquanto os mascates andam por ahi, atravessando o commercio, vendendo jóias, casimiras, chapéus, quadros, capas e tantas outras coisas o commercio fixo se conserva com os seus estabelecimentos abertos offerecendo ao publico um aspecto agradável [...]

Ponha-se também um paradeiro a este estado das coisas, acabando com a proteção aos mascates que só vêm aqui tratar de comer a isca e defendam-se os interesses do commercio fixo que é o que legitimamente contribui para o progresso da cidade...
(*Jornal de Piracicaba*: “Queixas e reclamações”, 11/10/1912, p. 1).

Ao dizer que alguém do povo é que estava reclamando legitimava seu discurso. Este discurso representou a visão de alguém insatisfeito, colocado como a voz do povo, para ter maior identificação com o leitor, que muitas vezes partilhava das opiniões. Em outras

¹²³ Deveria ser algum tipo de carriola que levava os produtos.

¹²⁴ *Jornal de Piracicaba*: “Coisas da cidade”, 18/05/1901, p. 1.

¹²⁵ *Jornal de Piracicaba*: “Para inglez ver?”, 19/11/1903, p. 2.

matérias do jornal vemos que existiam muitas outras críticas aos vendedores ambulantes, dizendo que não contribuía em nada para o progresso da cidade, pelo contrário, prejudicavam os comerciantes que embelezavam a cidade e eram pessoas distintas:

Péga! péga! pega! Mascate que vende de tudo e anda cercando negocio nos arredores da cidade, prejudicando o commerciante que paga impostos onerosos, aluguel de caça, luz, água, empregados, etc, etc.

Um homem traja-se bem, trabalha de luvas de pelica, embelleza a cidade com seus mostradores, e até com seus bigodes frondosos, é socio do club, dança com as filhas de familias, cotribue para tudo que constitue progresso local, e por fim vem o mascate com a caixa nas costas e faz uma concurrencia dos diabos.

Péga! pega o mascate que é praga peor que a de gafanhotos. (...) (*Jornal de Piracicaba*, 09/02/1902, p. 1).

O trabalho de ambulante era comum na cidade e o jornal, assim como os políticos, consideravam como prejudiciais ao comércio e ao progresso local impondo medidas nem sempre aceitas pela população.

O crescimento urbano produziu novas necessidades, com elas novas funções apareciam como, por exemplo, a de inspetor sanitário. Uma cidade sem higiene estava propícia às doenças, que se poderiam alastrar, gerando grandes transtornos para toda a cidade. Em 1909, o jornal reclamou contra a falta de inspeção sanitária. Desde que o inspetor havia transferido sua residência para outra cidade a inspeção tinha deixado de existir. A grande maioria dos prédios de aluguel estava com o asseio em condições lastimáveis, sem pintura, sem a mínima limpeza:

A curta e incompleta acção do inspetor sanitario, durante a sua restricta permanencia entre nós, foi muito mais espectacular que efficaz. Fez com que alguns predios velhos fossem demolidos e reconstruidos, porém a mòr parte das casas de aluguel ficou sem os reparos imperiosamente exigidos pelo seu estatuto por ter completamente escapado á inspecção sanitaria.[...]

Os inquilinos nellas se succedem uns aos outros e talvez de uns a outros transmittindo os germens deleterios de molestias contagiosas, sem que a mínima cautella prophylactica seja posta em pratica [...]

Que importa que largos e praças se apresentem limpos e que as ruas sejam assiduamente varridas, si ninguém sabe o que vai pelo interior dos predios, si ninguem compelle os seus proprietários a limpalos?

Não é a hygiene das ruas a mais necessária a uma cidade populosa, e nem ellas, quando sujas, são o principal foco de infecção.

O Nosso estado atual não é só anomalo, como também nocivo e urge pôr-se um paradeiro (*Jornal de Piracicaba*: “As habitações e a hygiene”, 26/05/1909, p. 1).

O *Jornal de Piracicaba* queria a limpeza de toda a cidade, sobretudo com maior atenção aos locais de vivência das populações mais pobres. Se antes a rua era o foco principal, agora a casa passou a ser vista com maior atenção, principalmente os prédios de aluguel.

Em 1911, uma matéria afirmou que haviam feito um demorado passeio pela cidade e notaram que muitas habitações não apresentavam condições satisfatórias de higiene. Diziam que as casas, além de antiestéticas, eram verdadeiros antros de imundície. E os casebres humildes à beira do Itapeva enfeivavam a Rua Luiz de Queiroz, dando ideia do atraso que era a fiscalização higiênica da cidade. O jornalista disse que com uma simples visita a esses locais mencionados se verificaria o que estava dizendo:

O forasteiro que nos visita leva sempre da cidade a mais grata impressão, louvando sincera e desinteressadamente tudo o que vê pelas ruas centrais, da *urbs*, desde a conservação das ruas apedregulhadas, dos bellos jardins que se ostentam encantadoramente pelas praças e largos, até ao estado rigorosamente hygienico das casas.

Si, porém o hospede observador tivesse paciencia para alongar um pouco o circulo de suas observações e se encaminhasse para certos pontos da cidade, havia de se sentir pessimamente impressionado com o aspecto desagradavel das verdadeiras espeluncas que alli se erguem.

Ora, não traçamos estas linhas com o fito de pedir que sejam demolidos esses velhos pardieiros, o que seria muito, mas apenas com o intuito de chamar para o caso a atenção de quem de direito, afim de que se exerça uma fiscalização rigorosa nesses casebres, obrigando os seus habitantes a conserval-os em seu estado menos anti-hygienico.

Ninguem ignora o mal que pode causar esses cortiços em que duas ou três famílias vivem acanhadamente, ás vezes sem ar nem luz, no meio da mais repugnante immundice. (*Jornal de Piracicaba*: “Pela cidade”, 07/06/1911, p. 1).

Esse jornalista finalizou a matéria dizendo que aquele que sanasse esse inconveniente receberia não só os agradecimentos da população, mas também os aplausos da imprensa local. A matéria apontou os casebres como um problema que os próprios moradores deveriam sanar através de uma intimação por um inspetor de higiene, mas descartou a necessidade de demolilos já que isto seria muito para o caso, mas algo deveria ser feito pela higiene local.

Na coluna “queixas e reclamações”, do ano de 1912, falou-se sobre um quarto, na Rua do Rosário que não tinha quintal e era habitada por um casal de negros. O quarto não tinha esgoto, os seus inquilinos deixavam na sarjeta os dejetos tornando aquele local insuportável: “é tão putrida a exalação que obriga a vizinhança a não sahir a janella”¹²⁶. A etnia das pessoas envolvidas foi mencionada construindo uma imagem negativa delas.

Podemos pensar que, com tantas críticas à Câmara Municipal, o *Jornal de Piracicaba* faria parte de uma oposição, porém era mais complexo que isso. Em muitas matérias, o jornal elogiava os trabalhos e os esforços que a Câmara fazia, dizendo que era para o progresso da cidade, porém sempre a lembrava que ainda tinha muito por ser feito. É claro que algumas

¹²⁶ *Jornal de Piracicaba*: “Queixas e reclamações”, 25/08/1912, p. 2.

críticas poderiam ser mal vistas pelos políticos locais, que diziam estar sendo perseguidos e injustiçados, mas não deixavam de ser feitas.

Em 1903, o jornal afirmou que a Câmara, no louvável intuito de embelezar a cidade, não tinha poupado esforços nem sacrifícios para a abertura de novas ruas, seus calçamento e abaulamentos, e que estes serviços eram feitos com o maior capricho, não deixando nada a desejar. “Os nossos arrebalde hoje apresentam um bellissimo aspecto; ruas largas e espaçosas cortam-nos de todos os lados, causando isso um esplendido efeito”¹²⁷. No entanto, a Câmara teria lançado suas vistas apenas para os lados do Bairro Alto, deixando de lado outros pontos da cidade, como a Rua do Porto.

Piracicaba tinha boa fama, o jornal dizia que de fato estava adiantada, mas que ainda havia muito trabalho a ser feito para que a realidade chegasse à altura de sua reputação. O *Jornal de Piracicaba* admirava sua cidade, porém não queria que os políticos se acomodassem, pois o progresso estava na constante mudança e a civilização almejada ainda estava longe.

Em uma matéria sobre os melhoramentos locais, em 1905, o jornal elogiou o intendente Fernando Costa pelas realizações feitas na cidade¹²⁸. Afirmou que a edilidade estava empregando todos os seus esforços em colocar a cidade à altura de que tinha direito, pela moralidade e cultivo intelectual de seus habitantes. Salientou a limpeza das ruas e praças bem irrigadas, com boa fiscalização do mercado, bem como o aformoseamento da Praça Barão de Rezende.

A cidade funcional, através de seus aspectos físicos, normatizaria e disciplinaria seus habitantes. Ela surge aos olhos dos urbanistas como espaço privilegiado para o domínio da técnica e exercício da ordem. A regeneração do espaço permitiria a instauração de um novo modo de vida, sem os vícios do passado.

Um dos meios de moralizar o operário era afastá-lo da rua, local de bares e dos vícios. A moradia tinha um grande papel em afastar as pessoas da rua e inseri-las no lar. Uma casa confortável atrairia os trabalhadores para ela, acreditando que com isso diminuiria a criminalidade e a ociosidade. Se a moradia, no período colonial, era uma extensão da rua, com o processo de modernização urbana, o conceito de casa associou-se a uma noção burguesa de família, moralidade, formação do indivíduo e recolhimento.

¹²⁷ *Jornal de Piracicaba*: “Coisas da cidade”, 10/10/1903, p. 1.

¹²⁸ *Jornal de Piracicaba*: “melhoramentos locais”, 23/08/1905, p. 1.

O reduto da intimidade, regido pelos laços de afeto e das leis da família, contrastaria com o espaço público, onde as pessoas seriam forçadas a conviver com grupos díspares e desconhecidos. Na lógica dos engenheiros e sanitaristas, a decadência da cidade era causada pela ausência de um lar aconchegante e feliz.

O operário buscaria o boteco e o cabaré para se refugiar da casa insalubre e nojenta. No álcool e no jogo, as compensações pelo que lhe faltava dentro de casa. A mulher tinha uma importante missão, tornar o lar lugar de harmonia, caloroso, moralizado, educado, limpo, civilizado para atrair os homens para casa. Eram as múltiplas estratégias de disciplinarização do trabalhador, visando uma figura moralizada e produtiva.

Além dos problemas com a higiene, outro aspecto que deveria ser melhorado era o acesso a educação para que se alcançassem a almejada civilização e progresso. Apesar de a educação estar avançada em Piracicaba, contando com dois grupos escolares e duas escolas femininas, ainda havia centenas de crianças sem escolas, o jornal dizia que havia necessidade de mais escolas, onde se ministrassem os primeiros ensinamentos, inclusive aos mendigos. Pediu à Câmara que investisse nesta área e, como consequência do desenvolvimento intelectual, teria a ordem e o desenvolvimento material. Em uma matéria do ano de 1901, o jornal discutiu a questão da falta de educação e de oportunidades dizendo que levavam o indivíduo à criminalização:

A praça está deserta. A noite é fria como gelo. E enquanto as begônias dormem no conforto das estufas, ha allí uma criatura humana que dorme na pedra das calçadas. É um mendigo e um ladrão. De dia pede esmolas, e á noite exige-a. A hora da missa encontra-se á porta das egrejas, e é o mendigo; á hora do crime encontra-se á esquina das viellas, e é o ladrão. De dia traz muletas; de noite traz navalha.[...]

De onde veio este homem? [...]

Os preconceitos e os crimes buscam cerebros analphabetos, como os morcegos e os chacaes buscam os subterraneos ás escuras. Ha mais luz nas vinte e cinco letras do alphabeto do que em todas as constellações do firmamento. [...]

Dahi em diante distribuiu seu tempo deste modo: Três annos nas galés e trez mezes na taberna. Um assassino sahe muitas vezes de uma garrafa. O vinho, propriedade tenebrosa.. combinado com sangue. [...]

Philantropos sociais, respondi-me a isto: As vossas estatísticas dizem- a instrução diminui a perversão. Quer dizer- o alphabeto diminuiu o crime. O crime é uma doença da alma como uma pneumonia é doença dos pulmões.

Para a doença ha um remedio e para o envenenamento ha um antídoto. Como se deita abaixo uma cadeia? Acotovelando-a com uma escola. O professor há de eliminar o carcereiro. [...] (*Jornal de Piracicaba: "Instruf", 01/02/1901, p. 1*).

Nessa matéria, podemos notar que, a educação seria uma das formas de disciplinar o trabalhador ou o vadio, o alfabeto por si sanaria a sociedade doente. A escola ensinaria os bons modos, como ser civilizado.

Além da educação ocorreram outras formas de disciplinarização da sociedade afetando inclusive os momentos de lazer, colocando regras de condutas mais rígidas, uma maior vigilância sobre os habitantes para uma cidade ordenada.

3.1 Entre Vadios, Viciados, Bêbados, Criminosos e Desordeiros

O conceito de trabalho deveria se despir de seu caráter aviltante, assumindo uma roupagem nova que lhe desse um valor positivo. O trabalho havia sido vinculado a uma imagem negativa e degradante, herança de um longo período de escravidão. Havia um grande esforço dos jornais em mostrar o trabalho como um bem supremo, como algo que elevava o ser humano, um dever de todo cidadão, contribuindo para o bem da nação e o afastando de todos os males:

O trabalho é o dever por excelencia.(...)

Não ha trabalho dispensavel, portanto é sempre nobre e honroso a quem o exerce, devendo merecer nosso acatamento e respeito seja elle de que especie for.

Não ha trabalho que desdoire o homem e o avilte, sendo pelo contrario o attestado valioso de sua dignidade e honradez.

Aquelles que se entregam aos trabalhos manuaes, o operariado em geral e os próprios jornaleiros devem comprehender que não occupam por isso uma posição secundaria em face daquelles que desempenham outros misteres menos rudes e mais remuneradores; é preciso que se compentrem de que sua missão é tão ou mais nobre que qualquer outra porque elles representam a vida da industria, os sustentáculos do comercio e os productores da lavoira, sendo que do bom andamento desses tres elementos dependem o engrandecimento e as riquezas das nações; é mister que o operario saiba que é um ente não só necessario mas indispensavel e que delles tudo depende.(...)

Santifiquemos o trabalho, procurando cada um de nós segundo nossas occupacoes e posição eleva-lo e respeitá-lo tanto em nós proprios como em nossos irmãos.

O nivelamento das classes-esse ideal sublime e grandioso além já desponta como um sol brilhante purpureando os horizontes (*Jornal de Piracicaba: "O trabalho", 05/05/1908, p. 1*).

Essa matéria mostrou uma intenção de se dar valor a todos os tipos de trabalho, dizendo que todos eram importantes para que chegassem ao progresso da nação. Cada um tinha seu papel e sem esses trabalhadores não seria possível alcançá-lo. O progresso, nesse caso, foi tratado como um ideal em que todas as classes tivessem o mesmo valor, sem desigualdades. O jornal apontava os caminhos para o progresso, e esse progresso seria conquistado através da valorização do trabalho e do trabalhador, mas não discutiam sobre seus direitos, não reclamaram por melhores salários. Percebemos que o discurso do jornal colocava o trabalhador digno por estar contribuindo para o progresso da nação, mas não incentivava reivindicações, isso configuraria em desordem.

Nos primeiros de maio eram frequentes os discursos de valorização do trabalho e do trabalhador. Segundo o jornal, no passado, haviam sido momentos de protestos que nem sempre eram justificados e que aos poucos foi sendo modificado, tornando-se uma data mais simpática e mais digna. A falta de manifestações e protestos do primeiro de maio foi vista como positiva, deveria ser um dia de comemoração, de conscientização da importância do trabalho, combatendo a ociosidade.

Os libertos no período da escravidão foram encarados como despreparados para viver em sociedade. Após a Proclamação da República ocorreu um processo de repressão à ociosidade sobre os ex-escravos. Argumentavam que eles não tinham a ambição de fazer o bem ou ser honesto, não eram civilizados para serem cidadãos completos. Para transformá-los em trabalhadores, tomavam como ponto de partida que todos eram vagabundos, não seria somente através da repressão e da violência explícita que seriam transformados, seria necessário educá-lo: “Educar o liberto significa transmitir-lhe a noção de que o trabalho é o valor supremo da vida em sociedade” (CHALHOUB, 1986).

O conceito de vadiagem vinha do mito da preguiça inata do trabalhador nacional. O ocioso era considerado aquele que negava pagar sua dívida à comunidade com o trabalho, que se colocava à margem da sociedade e nada produzia para o bem comum. Acreditava-se que era preciso obrigar as pessoas a trabalhar, pois a ociosidade era uma tentação. Mas o imigrante também fazia parte desse cenário como vemos nesta matéria:

A Cidade do Rio em editorial sob essa epigraphe, diz que elles ordinariamente chegam ao paiz na qualidade de immigrants.

Os agentes de immigração, acrescenta, alliciam a miséria pelo reclame do espirito caritativo do brasileiro e do portuguez, que formam a alma da nossa nacionalidade. (...)

Agora mesmo a polícia vai encarregar-se de repatriar os mendigos estrangeiros, não sabemos em virtude de que lei, nem com que verba, mas não se lembrou de saber como chegaram aqui esses desgraçados (*Jornal de Piracicaba: “Os Mendigos”, 09/03/1901, p. 1*).

Os imigrantes chegavam para trabalhar nas lavouras do café, no entanto, devido às péssimas condições de trabalho, muitos saíam das fazendas e procuravam nas cidades formas de sobrevivência, por vezes acabando na mendicância.

A vadiagem era uma grande preocupação na época, em uma matéria de 1902 afirmou ser incalculável o número de desocupados que passeavam pela cidade de Piracicaba, perturbando a ordem pública. A ociosidade era vista como um caminho para o crime: “é ella que arma o braço do assassino, que assula ao roubo e á emboscada; é ainda a causadora do vício, transtornando caracteres. O homem que trabalha está isento desses perigos, é util á

sociedade e á familia”¹²⁹. Pediam à polícia providências para que desse um fim a essa “vagabundagem”, gérmen pernicioso que estava se infestando pela cidade.

Podemos ver a relação entre a vadiagem e a doença, ela era perigosa e poderia se espalhar. Não era encarada como um problema social, mas como um desvio de caráter. A vadiagem era vista como um ato preparatório para o crime, mas se um indivíduo era ocioso e tinha condições de sobreviver, ele não era perigoso. Segundo Chalhoub (1986) acreditava-se que a união da vadiagem com a indigência afetava o senso moral, portanto, existiam dois tipos de ociosidade, uma aceitável socialmente e outra não.

Em Piracicaba, ocorreu uma verdadeira caça a este modo de vida e aos comportamentos considerados vadiagem. O saneamento da sociedade seria realizado não apenas pelos médicos e engenheiros, mas também pela polícia:

Com grande actividade o feliz resultado tem continuado o sr, sub delegado alferes Negreiro, a dar caça aos ociosos e vagabundos.

De domingo até hontem tinham sido presos e recolhidos á cadeia, 4 individuos.

Ainda uma vez louvamos o procedimento da nossa auctoridade que tem feito uma limpeza tão necessária á nossa cidade (*Jornal de Piracicaba: “Vagabundagem”, 17/05/1902, p. 2*).

O activo sub delegado alferes Negreiro continua com bastante energia a dar caça aos desocupados que só vivem a perturbar a paz da nossa cidade.

Aproveitamos a occasião para pedir a nossa Camara que mande fechar, um pouco mais cedo, as tavernas e botequins que permanecem abertos até altas horas da noite.

Essa medida é de grande vantagem, porque nossas casas são muitas vezes focos desses vagabundos que alli se occultam da policia quando perseguidos (*Jornal de Piracicaba: “Repressão a vagabundagem”, 16/07/1902, p. 2*).

Nessas notícias podemos perceber a forma de tratamento que davam a vadiagem, tirá-los das vistas era limpar a cidade. A palavra caça também denota a violência com que tratavam essas pessoas. O local de encontro dessas pessoas vistas como vadias era nos botequins e tavernas, esses locais eram marcados pelas confusões, brigas e crimes que perturbavam a paz da cidade.

Por causa das pessoas consideradas desocupadas que perturbavam a ordem pública os estabelecimentos deveriam ser fechados mais cedo. A vadiagem junto com os efeitos do álcool levaria o indivíduo a se tornar um delinquente.

As autoridades policiais organizavam patrulhas que percorriam os locais mais frequentados pelos “vagabundos” para levá-los à cadeia. O delegado, na sua perseguição aos vadios, chegava a mandar os presos para longe da cidade. Em uma matéria, dizia que nove

¹²⁹ *Jornal de Piracicaba: “A vagabundagem”, 17/05/1902, p. 1.*

pessoas haviam sido enviadas para fora, mas o jornal não dizia para onde essas pessoas iam¹³⁰. Os vadios eram vistos como um problema, um entrave à modernização, tirar das vistas era o que importava, não pensando nas consequências para essas pessoas que seriam excluídas da sociedade. A vadiagem foi vista como desvio de comportamento e não como decorrência de contingências sociais.

Tanto a questão social como a urbana foram legitimadas como realidades objetivas, eram diagnosticadas por especialistas como problemas técnicos, portanto que necessitam de um enquadramento técnico-profissional, no qual a imprensa autorizava e incentivava.

Depois de aplaudir as ações contra os vadios, o jornal reclamou contra alguns abusos cometidos pela polícia: “Nem tanta furia, dizemos á policia; essas prisões devem ser feitas com mais cuidado, para evitar que pessoas honradas e trabalhadoras sejam confundidas com gatunos e vagabundos”¹³¹. Esse cuidado deveria ser feito não porque eram pessoas, mas porque poderiam confundi-los com cidadãos considerados honestos, trabalhadores ou talvez que fizesse parte da elite local.

Mais uma matéria sobre os vagabundos da cidade foi publicada afirmando que: “Essa classe de individuos suspeitos, que constitue o elemento mau de nosso meio, convem que desapareça, para o socego e bem estar publico”¹³². A vadiagem constituiu não apenas uma quebra acidental da ordem estabelecida, mas um modo de ser delinquente. Os vadios passaram a representar uma categoria à parte dos contraventores, como seres dotados de atrevimento, astúcia e maldade. Aspecto este destacado por Boris Fausto de forma pioneira, em 1984. Para que a ordem fosse estabelecida essas pessoas com comportamentos desviantes deveriam desaparecer das vistas.

Os problemas com a vadiagem eram encontrados em vários pontos da cidade, principalmente nas áreas mais centrais. Continuamente eram registrados conflitos e desordens no Bairro Alto, local onde havia segundo o jornal grande ajuntamento de pessoas ociosas. Outro foco das notícias envolvendo tais sujeitos era a Ponte Nova. O jornal não esclarecia qual o problema de pessoas estarem reunidas em pontos da cidade, disse apenas que eram ociosos e pedia para as autoridades tomarem providências.

O jornal não se conformava com a cidade ter tantas pessoas ociosas já que, segundo o jornal, na lavoura faltavam braços e que os fazendeiros tinham que se dirigir até São Paulo a procura de imigrantes para o serviço. Os donos das casas da cidade não achavam cozinheiros,

¹³⁰ *Jornal de Piracicaba*: “Vagabundos deportados”, 16/01/1903, p. 2.

¹³¹ *Jornal de Piracicaba*: “Caçada aos vagabundos”, 17/09/1903, p. 1.

¹³² *Jornal de Piracicaba*: “Vagabundos”, 11/03/1904, p. 2.

enquanto as ruas estavam cheias de desocupados: “É urgentes portanto que sejam serias as medidas a tomar: a nossa cidade não póde por mais tempo comportar em seu seio toda a especie de desordeiros”¹³³. A vadiagem se tornou parte do cotidiano das notícias do jornal, relacionando-a com as desordens que ocorriam na cidade.

A imprensa construía uma imagem de pessoas pobres relacionadas à vadiagem. Segundo alguns artigos, as pessoas não trabalhavam porque não queriam, pois havia vagas a se preencher. Não questionavam o porquê delas não estarem interessadas nessas vagas que existiam, não questionavam a superexploração do trabalho e os baixos salários nas indústrias e agricultura. Muitos optaram pelo desregramento e ociosidade como reação a tudo o que o trabalho, desqualificado pela escravidão e pós escravidão significava para elas.

No centro da cidade pessoas chamadas de vadias e bêbadas se aglomeravam nas esquinas e, principalmente, nos arredores do Jardim Público, e o jornal fez reclamações: “Em nome do bom conceito que gosa a nossa cidade pedimos a quem competir providencias para o caso”¹³⁴. Nesses locais, a vadiagem e a desordem eram mais preocupantes, pois eram mais visíveis podendo prejudicar a imagem e a boa reputação da cidade.

O jornal dizia que a questão da vadiagem era urgente, era preciso uma enérgica repressão para este mal que infestava a cidade. Desocupados estavam por todos os cantos, homens, mulheres e crianças, ajuntavam-se nos largos e esquinas da cidade. A vadiagem era vista como a melhor escola do crime: “pode-se afirmar que em cada vagabundo de hoje existe um ladrão de amanhã”¹³⁵. A polícia deveria usar as leis que existiam para conter esse problema, para que o índice de criminalidade baixasse:

Os desocupados, quer homens, quer creanças, enxumeiam por todos os cantos e, á noite, raros serão o largo ou esquina em que se não vejam reunidos magotes de vadios,(...) sordidos e de caras patibulares.(...)

E as maltas de garotos que, em completa ociosidade, passam por assim dizer, a vida nas ruas assaltando os quintaes para roubarem fructas ou pelas calçadas a inventarem jogos que bem provam o desenvolvimento nelles attingindo por esse pernicioso vicio?

Nesse contacto de todos os momentos com vadios impenitentes e indivíduos de ínfima espécie, profundamente depravados, vão esses menores desocupados crescendo e adquirindo toda a sorte de maus hábitos e vícios repulsivos.

Essas creanças que vagam pelas ruas em uma liberdade tão ilimitada quanto pernicioso, sem que ninguem lhes vá á mão nem lhes modere os excessos e acções condemnaveis que quotidianamente praticam, são futuros ladrões e bandidos, nos quaes os germens do vicio e do crime se desenvolvem acoroçoados pela carência absoluta de repressão (*Jornal de Piracicaba: “A vadiagem”, 17/11/1906, p. 1*).

¹³³ *Jornal de Piracicaba*, 11/03/1904, p. 2.

¹³⁴ *Jornal de Piracicaba: “Vadiagem”, 29/12/1909, p. 2.*

¹³⁵ *Jornal de Piracicaba: “A vadiagem”, 17/11/1906, p. 1.*

A imprensa vinculava o lazer nas ruas a atividades negativas, perniciosas, dizendo que levavam ao vício e ao crime. Eram práticas perigosas, sobretudo, para as crianças que, sem a supervisão e repressão de adultos, que ficavam livres para cometer diabruras, aprendendo todo tipo de comportamento visto como inadequado e prejudicial pelos jornais. A imprensa colocou em prática sua missão civilizatória e prescritiva, principalmente, para dizer o que não se deveria fazer, como vemos também nas notícias abaixo:

Pedem-nos que chamemos a atenção da polícia para que volte suas vistas para um bando de meninos descupados, que se reúnem todas as noites na rua Prudente de Moraes, esquina da rua da Palma, fazendo constantes algazarras, e proferindo palavras obscenas (*Jornal de Piracicaba*: “Reclamação”, 18/05/1901, p. 2).

Por andar *flanando* pelas ruas da cidade, foi hontem preso o individuo José Bicudo, conhecido vagabundo (*Jornal de Piracicaba*: “Vagabundo”, 01/09/1903, p. 2).

Hontem á noite, a policia effectuou a prisao de dois casaes de pretos desconhecidos que desde cedo permaneciam nas proximidades da ponte nova. A permanencia daquelles desconhecidos naquelle logar tornou-se suspeita à policia, que achou melhor dar-lhes uma morada (*Jornal de Piracicaba*: “Vagabundos”, 06/11/1903, p. 2).

A policia effectuou hontem a prisão de Justino Rodrigues de Camargo e José Marcelino, que se achavam vagando pelas ruas sem ter occupação alguma (*Jornal de Piracicaba*: “Prisões”, 15/05/1908, p. 2).

Chamamos a attenção da policia para uns pretos vagabundos moradores no largo de São Bom Jesus, os quais, á noite fazem grande algazarra (*Jornal de Piracicaba*: “Algazarra”, 27/12/1910, p. 1).

As pessoas com aparência suspeita poderiam ser levadas à cadeia por diversos motivos e não precisavam ser bons. Em 1905, foram presos os “pretos” Maria e Rafael, por andar flanando pelas ruas¹³⁶. Ser pobre era sinônimo de ser perigoso, portanto seu lugar era longe das vistas da burguesia piracicabana, longe das boas famílias para que não fossem contagiadas por eles e seus comportamentos inadequados a ordem.

As frequentes notícias nas páginas policiais de pessoas negras refletem parte de sua situação neste início de república. Recém-transplantados para a condição de trabalhadores livres, não estavam em notícias de prestígio, não compunham a classe política e não apareciam em notícias sobre educação. “Situados aquém da ‘boa sociedade’, a condição de ter a imagem de grupo cotidianamente denegrada pela imprensa representa uma evidência de sua condição marginal” (SIMÕES, 2005, p. 143).

¹³⁶ *Jornal de Piracicaba*: “Vagabundos”, 03/01/1905, p. 2.

O termo usado pretos vagabundos mostra a face preconceituosa do *Jornal de Piracicaba*. Os jornais ressaltavam a sua etnia, ser negro era considerado ser suspeito sobre eles recaíam fortes estigmas.

Muitos imigrantes foram mencionados nas notícias sobre vadiagem. Novos padrões de convivência se estabeleceram e novas formas de lazer foram introduzidas pelos imigrantes, representando uma quebra dos padrões de bom comportamento, sendo também alvo de repreensão das autoridades e pelo jornal.

A desilusão sobre os imigrantes ocorreu no final do XIX. Foram vistos como pessoas degeneradas, com práticas como alcoolismo, jogos, crimes, doenças, além da mania de fazer greves. Os ciganos também eram vistos com muita desconfiança. Ao estarem próximo da cidade o jornal já alertava as autoridades para que não deixassem aquele tipo de pessoas se instalasse:

Pouco além de Tanquinho acha-se arranchado grande numero de ciganos, que alli permanecem em barracas.

É bom que a nossa auctoridade vá dando providencia para que esses desoccupados não penetrem no nosso municipio (*Jornal de Piracicaba*: “Ciganos”, 23/ 02/1904, p. 2).

Continuam arranchados junto ao rio á rua 15 de novembro, os ciganos que há dias chegaram a esta cidade. Consta que elles têm tentado explorar a nossa população com adivinhações etc, a policia sciente deste facto, amanha ira aquelle logar para obrigarlos a retirarem-se desta cidade, si continuarem a proceder deste modo (*Jornal de Piracicaba*: “Os ciganos”, 19/04/1904, p. 2).

O sr Tet. Joaquim Granja, subdelegado de policia, tendo conhecimento de que no bairro do Piracicamirim se achavam arranchadas algumas familias de ciganos, mandou intima-las para que se retirassem.

Os ciganos obedeceram á ordem (*Jornal de Piracicaba*: “Ciganos”, 26/07/1906, p. 2).

As formas de vida dos ciganos iam contra os valores pregados pela imprensa local, por isso existia um forte preconceito com essas pessoas. Foram estigmatizados como pessoas perigosas, trapaceiras e exploradoras.

As pessoas suspeitas que tinham comportamentos indesejáveis eram reprimidas, iam para a cadeia sem grandes motivos ou eram expulsas da cidade. Existia um modelo ideal de comportamento urbano, no qual muitos não se encaixavam e por isso as regras e proibições aumentavam.

Em 1890, a Câmara Municipal proibiu os jogos, com exceção dos que envolviam cálculos e exercício físico. Todo aquele que fosse pego em qualquer tipo de jogatina proibida nas ruas, praças e estradas públicas seria multado em cinco mil réis.

A preocupação com a produtividade implicou também na disciplina sobre o tempo e esse passou a ser racionalizado e controlado para ser utilizado e aproveitado ao máximo. A ideia de que tempo é dinheiro influenciou as visões sobre o lazer, visto como perda de tempo, que em nada contribuía para a sociedade e por vezes até prejudicava, sobretudo os mais pobres.

Os Jogos foram combatidos pela imprensa, principalmente os que ocorriam nos espaços públicos e valendo a dinheiro. Eram vistos como um vício maléfico a sociedade e que deveriam ser proibidos. Essa questão era muito delicada, pois eram práticas difundidas em toda a sociedade, pessoas de várias camadas sociais se divertiam com jogos de diversos tipos e na classificação do que era pernicioso ou não, entravam conflitos e jogos de interesses. A delimitação do que era ou não proibido era algo muito discutido, a população, muitas vezes, não concordava com as leis municipais resistindo a elas.

Um jogo havia sido proibido pelas posturas municipais, um tipo de caça às aves e foi mencionado, por uma matéria na coluna “Notas e...”, como uma diversão menos perniciosa do que os Cavalinhos de Pau, já que treinava a pontaria e na qual participavam as mulheres da cidade. O autor se mostrou insatisfeito com estas medidas. Aproveitou, então, para reclamar sobre a jogatina de cartas que havia se instalado no Theatro Santo Estevam, algo que ele achava muito pior. O teatro era uma fonte de renda para a Santa Casa, mas ele recriminou o fato de que tudo valesse para este fim, inclusive sacrilégios:

Quando no meu retiro ingenuamente eu prelibava as doçuras de algumas noitadas cheias de encantos e de caracoles, quando as guapas muchachitas começavam a firmar as suas certeiras pontarias, quando enfim, a gente ia tomando o gosto pelo jogo das gentis atiradoras, eis que um *Ukaze* inclemente veio fazer desmoronar o meu castello de cartas de jogar. (...)

Transformar o respeitavel e encanecido Santo Estevam, em caza de tavalagem, é um crime que brada aos céos.

Que se arrisque alguns nickeis no truque, no poker, no carimbo, na primeira, a vermelinha, a estrada de ferro, no bacarat, no busio, na roleta, ou no *trente e gruarente*, vá, mas isso de atirar-se ao jogo das senhoritas, c'est trop fort !...
(*Jornal de Piracicaba*: “Notas e...”, 12/12/1901, p. 1).

O teatro era visto como um lugar sagrado, portanto era como um verdadeiro pecado ter jogos valendo a dinheiro nesse local. Que esses jogos ocorressem no âmbito particular, segundo o autor, era válido, mas no teatro jamais. Por se encontrar insatisfeito com a proibição aos tiros, lembrou à intendência que outras diversões, mais perigosas, estavam sendo cometidas com o argumento de arrecadar dinheiro para o hospital da cidade, prejudicando a imagem do teatro e assim também dos seus frequentadores.

Ocorria uma diferenciação do que seriam os divertimentos refinados, elegantes e culturalmente superiores dos considerados imorais, prejudiciais ao espírito e a sociedade. O teatro exercia um papel contraditório e seu espaço tinha múltiplas funções: lugar dos grandes espetáculos, das óperas, dos dramas, apresentações de ilusionismo e malabarismo, das diversões consideradas modernas e civilizadas e das consideradas perigosas como o jogo.

Algo interessante nessa matéria, além da recriminação ao jogo no teatro, foi que ele afirmou que as senhoritas eram as que mais se divertiam em jogos de atirar. Esse tipo de prática pode ser conhecido como um costume masculino, no entanto as moças da cidade se divertiam com essa brincadeira que foi proibida pelo código de posturas.

O jogo do bicho era um costume comum da época. Em 1909 o jogo do bicho foi foco de notícia¹³⁷. Um importante membro da elite piracicabana, o Sr. José Losso homem de negócios na cidade, havia recebido uma carta de Rio das Pedras com listas de jogo do bicho. O delegado em companhia do escrivão o intimou à delegacia e flagrou em seu bolso um envelope com duas listas de jogo através de denúncia anônima. Em seguida, ele foi levado à delegacia a prestar esclarecimentos. Ele negou sua participação no jogo do bicho e disse ter se surpreendido com a carta. Ele foi preso, mas posto em liberdade no mesmo dia quando seu advogado pediu o *habeas corpus*. O Sr José Losso fez uma declaração, no jornal pela “Seção Livre”, na qual ele afirmou ter sido vítima de uma cilada, alvo de alguma vingança.

Há duas coisas que nos intrigaram nesta matéria, a primeira foi uma figura, da elite piracicabana, ter aparecido em notícia deste tipo. A segunda, foi que o jornal, além de publicar a acusação, publicou a defesa dessa pessoa, algo que não acontecia frequentemente. Normalmente as pessoas acusadas pelo jornal não tinham o direito de resposta. O que nos é relevante não é julgar se ele era inocente ou culpado, esse não é o papel do pesquisador, mas perceber os diferentes tratamentos que se davam às pessoas, tanto pelo jornal como pela justiça, já que ele foi solto rapidamente.

Um jornalista, em 1911, disse que obteve informações que o jogo do bicho havia armado uma de suas muitas e perniciosas tendas em Piracicaba. Ele dizia que até então Piracicaba estava livre do jogo do bicho, e ele sentia orgulho por isso:

A jogatina avassaladora, enfileirando, ao lado de uma dezena de predilectos ephemeros da sorte, centenas e centenas de desprotegidos: homens, completamente despidos de força de vontade, arriscando, com uma esperança enganadora, o dinheiro que devia ser o arrimo, a tranqüilidade e quem sabe mesmo, a ventura de sua familia!

¹³⁷ *Jornal de Piracicaba*: “Jogo do bicho”, 27/07/1909, p. 2.

O vício, enfim, com todo o seu cortejo lugubre de miserias e de desgraças: com os seus abysmos insondáveis, occultos sob a apparencia illusoria de um lucro enorme, desproporcionado e facil! O desmoroamento das finanças, a chegada pavorosa do fantasma da penúria, o esboroamento da consciência, a perversão e o desaparecimento dos caracteres! (*Jornal de Piracicaba*: “O jogo do bicho”, 05/09/1911, p. 1).

O jogo era visto como prejudicial, pois muitas vezes o dinheiro que serviria para sustentar a família, era desperdiçado nos vícios, não só prejudicando as finanças da pessoa, mas corrompendo seu caráter. O jornal colocou vários adjetivos negativos para falar desse hábito. Tratou-os como homens sem força de vontade que buscavam uma forma “fácil” de ganhar dinheiro. Diferente do que o jornalista havia dito nessa matéria, em 1903 o jogo do bicho já aparecera nas notícias da cidade:

Podemos afirmar que hontem se fez jogo do bicho na cidade.
Alguem esta bancando o tal jogo em Piracicaba e urge que a policia evite quanto antes a propagação da terrivel peste, que tem desgraçado tantas cidades do interior do nosso Estado e finalmente de todo o paiz.
Piracicaba tem dado um exemplo digno, repelindo essa espécie de jogo pernicioso á vida financeira da população... (*Jornal de Piracicaba*: “Jogo do bicho”, 06/11/1903, p. 2).

Vemos, com esta notícia, que no discurso o jogo do bicho era temido e odiado, pois o vício do jogo seria capaz de enganar os homens na esperança de um futuro melhor e transformar uma cidade livre desse vício em antro de jogatina. A matéria afirmou também que o vício se espalhava rápido, arrastando homens, mulheres e crianças e que o delegado, Nogueira de Lima, deveria combater este mal terrível cuja cura era difícil, mas dizia confiar em seu trabalho e nos cidadãos piracicabanos que como pessoas criteriosas o ajudariam nessa missão. O jogo não era considerado uma forma saudável de se divertir e para a cura a esse mal seriam necessárias medidas repressivas.

A maior atração dos jogos valendo dinheiro era a possibilidade e a esperança de mudança em sua realidade e condição social. Para o jornal era perda de dinheiro e tempo, mas para quem jogava representava um sonho depositado, uma chance e, talvez, isso não tivesse preço, valendo o tempo e o dinheiro despendido.

Muitas notícias de desordens e brigas ocorriam por desentendimentos em jogo, que era visto, assim como o álcool e a vadiagem, como um catalisador de confusão. Por questão do jogo, por exemplo, um açougueiro e seu primo chegaram a brigar em 1901¹³⁸. Portanto, vemos que a imagem desse costume foi construída negativamente como algo que corrompia

¹³⁸ *Jornal de Piracicaba*: “Desordem”, 20/07/1901, p. 2.

os homens e destruía famílias. Ao mesmo tempo em que a recorrência dessas matérias mostra o jogo como uma prática frequente e de difícil combate.

Era uma questão complexa, pois diferenciar o que seriam jogos saudáveis e inofensivos dos tidos como perniciosos era muito difícil. De forma que, muitas vezes, o que classificava era quem estava jogando. As elites iam aos clubes para fumar e jogar cartas, essa era vista como uma prática normal, pois os conflitos não chegavam à polícia e não prejudicava a vizinhança por conta de algazarra, segundo o jornal. Já pessoas ajuntadas em esquinas e em botequins jogando cartas, era visto como algo ruim.

A construção, do que era prática prejudicial ou não à ordem, estava relacionada à identidade do grupo a qual pertenciam. No caso do jogo, a distinção era sutil. Muitas vezes não havia explicação do porque algumas pessoas, fazendo as mesmas coisas, eram repreendidas e outras não.

A campanha contra o jogo pode ser vista em diversas notícias. O *Jornal de Piracicaba*, em uma matéria, avisou que na Rua da Glória crianças estavam frequentando casas de jogos, habituando-se desde cedo a esse vício e que as autoridades deveriam fazer algo a respeito¹³⁹.

Em outra matéria, intitulada “Jogatina na rua”¹⁴⁰, reclamou-se a respeito dos jogos realizados na Rua da Misericórdia e no largo da Estação, nas quais se reuniam às tardes grande número de meninos desocupados que se exercitavam nos Jogos de rasteira, búzios, etc. Além de se viciarem no jogo, fazia uma algazarra muito inconveniente em frente a Santa Casa, perturbando os doentes que lá estavam.

As festas de Santa Cruz foram proibidas por um longo período na cidade por serem marcadas por jogos ilícitos. Em abril de 1902, o jornal anunciou que as festas de Santa Cruz voltariam a ser realizada no próximo dia 20 desse mês. A matéria, assinada por Xisto Junior, dizia que ela havia sido interrompida por ter sido considerada um pretexto para jogatina. Ele indagou se seria mesmo necessário o jogo para que a festa fosse realizada e por que não poderia ter o mesmo brilho de outras festas como a de Santo Antonio e São Pedro. Terminou a matéria dizendo que se o festeiro não quisesse perturbar a paz que reinava na cidade, que não estabelecesse os jogos.

A festa gerou grande polêmica, uma matéria afirmou que sem dúvida, o piracicabano era um povo que adorava festas, principalmente as mais estrondosas, como era a de Santa Cruz. No entanto, ele protestou contra o modo como eram feitas essas festas: “Não vemos

¹³⁹ *Jornal de Piracicaba*, 16/03/1902, p. 2.

¹⁴⁰ *Jornal de Piracicaba*: “Jogatina na rua”, 07/04/1903, p. 2.

nestas festas a menor edificação espiritual para os seus crentes, isto é, que alguns delles regenerem seus vícios. Pelo contrario, até notamos com horror, que o jogo, as bebedeiras e as desordens, sobressaem neste delírio!”¹⁴¹. Concluiu pedindo que a igreja usasse seus atos para santificar os homens e não para promover o atraso do “puro cristianismo” e corromper a sociedade.

Em 1903, as festas continuaram a ser motivo de polêmica na cidade e Antonio Pinto de A. Ferraz, no *Jornal de Piracicaba*, descreveu um diálogo muito interessante entre a câmara municipal e o povo:

A Camara- Eu não admito a festa de Santa Cruz, porque ella é simplesmente um pretexto para a jogatina desenfreiada, que tantos prejuizos causa á sociedade.

O Povo- Mas si a camara combate o jogo da festa de Santa Cruz, como é que Ella nunca combateu o jogo do Club Republicano, em que tomaram parte, como é notório, alguns desses mesmos camaristas que hoje se mostram tão ardentemente zelosos pela moralidade publica?

A Camara- Mas o jogo do Club Republicano não dava escândalo como o da festa de Santa Cruz.

O Povo- Essa posição é contestável(...)

E onde a lei não distingue não é licito ao interprete distinguir.

O Codigo Penal em seu artigo 369, diz:

Ter casa de tavolagem onde habitualmente se reunam pessoas embora não paguem entrada, para jogos de azar, ou estabelecel-as em logar frequentado pelo publico.

Ora, ninguem poderia dizer que o Club Republicano não é um lugar frequentado pelo publico. Elle esta bem no centro da rua mais importante, mais populosa, mais movimentada desta cidade. E ali se jogavam o pocker e primeira, que são jogos de azar, em salas publicas, a portas abertas.

O Largo Santa Cruz habitualmente é um largo deserto, não é lugar frequentado pelo publico. E o Club Republicano é habitualmente um lugar frequentado pelo publico.

A festa de Santa Cruz occupa apenas uma semana e o Club Republicano escancara as suas portas durante todos os dias do anno.

Porque motivo, por que privilegio, os sócios do Club Republicano podem jogar e nós não podemos? A lei geral quando prohiibe os jogos de azar não exepтуа expressamente o pocker nem (...) expressamente a roleta.

A Camara- Mas si nós prohibimos o jogo na festa de Santa Cruz é precisamente porque queremos evitar prejuízos ás pessoas que, por seus pouco recursos, não estão em condições de perder. Os que jogam no Club Republicano são pessoas que podem perder sem dar prejuízo a terceiros; mas as que jogam nas festas de Santa Cruz não só prejudicam a si mesmos como ainda prejudicam aos outros, aos comerciantes, aos fornecedores, etc. cujas contas deixam de pagar [...] (*Jornal de Piracicaba*: “Festa de Santa Cruz”, 05/05/1903, p. 2).

A discussão continuou entre a Câmara e o povo, mas com esse trecho podemos ter uma ideia de que os argumentos sobre a proibição da festa estavam baseados na lei, que proibia dos jogos de azar. Porém, essa lei só era atribuída aos pobres, já que no Club Republicano ela não era cumprida. Portanto, havia duas medidas diferenciadas de acordo com quem participava desses jogos e não de que forma eles eram praticados. Não foi a primeira

¹⁴¹ *Jornal de Piracicaba*: “As Festas de Santa Cruz”, 11/05/1902, p. 1.

vez que a Câmara proibiu um determinado tipo de divertimento por afirmar que prejudicaria os comerciantes da cidade, já havia proibido o Circo de cavalinhos. Com isso, podemos notar que os direitos dos comerciantes locais muitas vezes se sobrepunham aos da população. Se o povo não pagasse o comércio, ele também não tinha dinheiro para pagar os tributos e a municipalidade seria prejudicada. Mais do que disciplinar e moldar os hábitos da população havia interesses pessoais e políticos em jogo.

O jornal colocou uma notícia dizendo que o suplente do delegado havia proibido a jogatina na festa de Santa Cruz. Mesmo assim, o movimento no largo foi grande tanto à tarde como à noite. Chegou à festa, também, o Sr. Pinheiro Prado em comissão, com o fim de tornar efetiva a determinação do governo referente ao jogo. Esse senhor foi à festa em companhia do presidente da Câmara, não encontrando jogo algum.

Uma notícia mencionou que havia dois desordeiros na festa de Santa Cruz. Primeiro, um alemão chamado Carlos, que tentou obrigar a todos que estavam perto dele a se embriagar com aguardente, o outro, um “preto” chamado Malachias, que querendo dar provas de sua valentia provocou e desafiou algumas pessoas. A polícia os conduziu à cadeia.

É interessante notar que, no jornal, nada disseram da organização da festa, o que tinha para comer, como estava enfeitado o largo, quais as brincadeiras, danças e divertimentos promovidos. Atentou-se principalmente para a aglomeração de povo, em dizer que as barraquinhas estavam movimentadas e que a desordem se fez presente, como vimos nos exemplos acima. A diferença de tratamento dessa festa para outras é evidente. Mesmo que um jornalista escrevesse a favor da liberdade de festar, ele não dava a ela a descrição minuciosa que tinham as dos *Clubs*, não falava sobre os indivíduos presentes, não falava sobre a importância da festa para a cultura local e sobre os significados dela para a modernização da cidade. Ela aparece na memória da cidade por seu combate, pela luta de existir, como entrave a modernização, considerada atraso de costumes que a população teimava em manter.

Um jornalista questionou, em uma matéria, a falta de coerência do Governo, que liberava os jogos e a devassidão, na Penha na cidade de São Paulo e que havia mandado para Piracicaba dois delegados para impedir o jogo da Santa Cruz. No Código Penal, o artigo 367, dizia ser proibida, as loterias e as rifas sobre pena de multa. Segundo Carlos Sampaio, na legislação municipal, na página 75 dizia que: “compete ao poder legislativo municipal deliberar sobre espectáculos, divertimentos públicos e jogos”¹⁴². A Câmara tinha função de deliberar sobre esses assuntos, tanto que em 1893 em seu artigo 69 formulou a seguinte tarifa:

¹⁴² *Jornal de Piracicaba*: “A festa de Santa Cruz” 07/05/1903, p. 1.

Para montar barraquinhas ou botequins em praça publica, ou em terreno particular com entrada publica por ocasião de feiras, festejos populares ou religiosos, o empresario ou organizador do divertimento pagará 100\$000, além dos impostos devidos pelos botequins e casas de jogos que se estabelecerem (*Jornal de Piracicaba*: “A festa de Santa Cruz”, 07/05/1903, p. 1).

Percebemos que a posição do jornalista era de que o governo não deveria vir para Piracicaba proibir jogos, se ele próprio não cumpria a constituição. Finalizou a matéria defendendo a liberdade de jogar: “somos abertamente e francamente partidarios da liberdade de jogar [...] porque quem joga dispõe de sua propriedade, e o direito de propriedade compreende o de usar, gozar e abusar”¹⁴³. Isso nos mostra as contradições existentes no jornal, em muitos momentos ele combateu ferozmente o jogo e, nessa matéria, defendeu a liberdade do indivíduo fazer o que bem entende com o seu dinheiro.

O poder disciplinar sobre o corpo extrapolou os limites da fábrica e se projetou sobre o cotidiano do trabalhador, inclusive em seus momentos de lazer. As práticas vistas como prejudiciais à saúde e produtividade do trabalhador eram estigmatizadas pela imprensa local. Ao falar sobre os botequins, por exemplo, enfocavam os momentos de conflito e os problemas de higiene: “Essas descrições pejorativas buscavam exatamente expor o mau exemplo, aquilo que não devia ser seguido ou permitido em uma sociedade moderna” (BENVENUTTI, 2004, p. 64).

Com uma maior mecanização na produção foi imposto um novo ritmo de trabalho que coibia pausas e dificultava conversas, momentos de descontração. Ocorreu uma maior separação entre lazer e trabalho gerando desejo de se promover encontros fora do espaço de trabalho. O lazer cresceu, sobretudo, os botequins que se espalharam, eram lugares de encontro dos trabalhadores, principalmente os homens. Podemos perceber através das fontes que o alcoolismo era um problema urbano, sob efeitos das bebidas as pessoas tinham atitudes que iam contra a ordem social. As pessoas, que as autoridades consideravam, alcoolizadas eram reprimidas energeticamente.

Muitas pessoas eram presas na cidade por conta de estarem alcoolizadas. Certas condutas passíveis de sanção só se tornavam puníveis quando se referiam aos pobres, a embriaguez era vista como uma contravenção aplicável apenas a indivíduos pouco respeitáveis. Os demais não eram bêbados, apenas pessoas um pouco altas (FAUSTO, 1984).

¹⁴³ Idem.

As festas populares eram momentos de grande aglomeração, a polícia ficava atenta, pois eram momentos nos quais a descontração muitas vezes levava ao uso abusivo do álcool e a algumas desordens, levando a prisão:

Impossível nos é, em uma notícia ligeira como esta, dar ideia ao leitor da pompa e animação que tem tido as festas da Semana Santa, que estão sendo celebradas na Igreja da Matriz (...). Apesar da acumulação de povo pelas ruas e praças, não se registrou, até ontem, nenhuma desordem (...). Si algumas prisões têm sido efetuadas, são de vagabundos ou embregados (*Jornal de Piracicaba*, 19/04/1908, p. 2).

Nada parecia estar fora do comum nos dias das festas, a prisão de vadios e bêbados já fazia parte do cotidiano da cidade. Pelo número de matérias sobre o assunto, podemos notar que o alcoolismo era algo que preocupava a imprensa. Em editorial, debateu-se o assunto da mulher e o alcoolismo, na qual podemos ver muitas ideias da época e perceber que a mulher também fazia uso das bebidas:

O alcoolismo é menos commum nas mulheres do que nos homens: só as mulheres pertencentes ás classes inferiores geralmente se embriagam.
 Esse factio traz no seu bojo preciosos ensinamentos de hygiene social.
 O numero de mulheres tuberculosas é menor do que o dos homens: no desenvolvimento dessa infecção, o terreno tem um valor enorme, talvez, maior do que o proprio gérmem.
 Entre as causas que podem agir, neste sentido, sobre o estado geral, duas são preponderantes: a sedentariiedade no ar confinado e o alcoolismo.
 Ha trinta annos a tuberculose atacava de preferencia a mulher, porque o homem, pelo seu genero de trabalho, tinha uma vida mais activa.
 Hoje ataca mais o homem, particularmente, porque elle bebe muito.
 O alcoolismo, como predisponente da tuberculose, é mais nefasto do que o proprio ar viciado.
 O operário, o empregado do commercio, o pequeno negociante tem mil occasiões para ir bebericar nos cafés e os botequins.
 A mulher está abrigada destas tentações: quando ella bebe é em casa e isso quase sempre provoca escândalo e medidas repressivas.
 Accresce mais que a mulher tem tendências idealistas que a apartam das paixões desastradas pela aguardente. As consequências dessa immuniidade relativa do sexo feminino são as melhores.
 É triste que nas nações civilizadas, nas classes humildes, a mulher tenha socialmente supremacia sobre o homem.
 Em muitos lares operários, o esposo é um parasita, não paga coisa alguma.
 Não é raro ver-se filhos sustentados unicamente pelo ganho materno. (...)
 Nos seculos futuros, o trabalho da mulher será citado com um horror semelhante áquelle com que encaramos as barbaridades da escravidão na antiguidade. (...)
 O papel biologico e social da mulher é perpetrar a espécie e essa deve ser toda a sua occupação.
 Dar á luz ao filho, educal-o fazel-o forte physica e moralmente já é uma missão afanosa e cheia de responsabilidade perante a sociedade.
 O homem deverá ser quem ganhe o pão de cada dia, abrigue e vista os seus filhos. (...)
 ...o álcool é um dos factores maiores da degenerescência humana.
 É quem enche as prisões e o hospício e que desde o berço até o tumulto acompanha o homem como um factor de desdita e desolação.

Tem-se feito muito contra os estragos da tuberculose, contra as devastações da syphilis, enquanto cruzamos os braços deante de um flagello tão terrível como esses outros- o álcool que há séculos nos vai aniquilan’do a raça. (*Jornal de Piracicaba: “A mulher e o alcoolismo!”*, 06/12/1911, p. 1).

O alcoolismo era visto como algo muito prejudicial à almejada civilização, pior até do que a tuberculose e a sífilis, levando os indivíduos ao crime e à loucura. A mulher, por ficar mais resguardada em casa e sob vigília constante de alguém, dificilmente se entregava aos prazeres da bebida, salvo as mais pobres que por terem de trabalhar acabavam caindo no vício do álcool. Essa notícia, além de pregar o combate ao vício, também defendeu o afastamento das mulheres do trabalho, dizendo que elas deveriam se resguardar no lar, pois sem o monitoramento adequado esses seres frágeis facilmente caíam nas desgraças do mundo.

No ano seguinte, uma matéria afirmou que a cidade deveria proclamar guerra ao álcool, em prol da “higiene social”¹⁴⁴, argumentando ser um vício horrível e o comparando a um polvo asqueroso de mil tentáculos que atacava cada vez mais pessoas, enchendo os hospitais e manicômios da cidade. Deveriam, pois, organizar uma campanha contra o álcool, afirmado que era um: “amesquinhador da raça e factor principal de crimes e desgraças de toda a especie”¹⁴⁵.

Usavam do discurso da higiene até para falar de alcoolismo. O termo “higiene social” nos mostra uma ideologia de que, sanando os problemas sociais, acabariam com os problemas de saúde. A degenerescência criava um ambiente propício para as doenças. A tuberculose, a sífilis não eram as únicas doenças, o alcoolismo, a vadiagem, a prostituição, eram doenças sociais que precisavam ser exterminadas com tanto ímpeto como as doenças do corpo.

A campanha contra o álcool era encorajada, sobretudo quando dirigidas às bebidas baratas, a aguardente principalmente. Piracicaba, tendo a produção do açúcar e o cultivo da cana ao longo de quase toda sua história, foi comum os usos da aguardente pela população. Essa população era reprimida por seus hábitos, “era menos a embriaguez em si que incomodava, pois, que a embriaguez do ‘outro” (SEVCENKO, 1992, p. 85). O álcool, assim como o jogo, foi visto como o agente potencializador de delitos.

Na “Seção Livre”, um vendedor de pastel criticou o comandante de polícia da cidade de Piracicaba. Afirmou que a cidade estava pessimamente servida de comandante, uma pessoa violenta, arbitrária, que abusava de sua posição e quando, se entregando ao vício, ficava ainda mais insuportável e provocador. Narrou os seguintes acontecimentos:

¹⁴⁴ *Jornal de Piracicaba: “O que vai por ahi”*, 31/11/1912, p. 1.

¹⁴⁵ *Idem*

Passava eu pelo quartel, situado na rua da Gloria, vendendo pasteis, quando fui chamado pelo tal alferes que me ordenou que levasse pasteis a casa de uma meretriz, residente na mesma rua.

Em vez de attender a essa *ordem*, dirigi-me ao restaurante de Emilia de talbardel e, logo depois que alli cheguei appareceu o referido commandante, pendendo de bêbedo. Vendo-me, perguntou-me si cumprira sua ordem.

Tendo eu respondido negativamente, aquelle individuo sem attender á sua posição de commandante, dirigiu-me insultos atrevidos como si eu houvesse commettido algum inqualificável delicto!(...)

Ainda depois de insultar-me quanto quis ameaçou-me, com a faca que trazia.

Depois de relatar estes factos pergunto eu: como se consente que o commandante de um dos destacamentos de uma cidade como Piracicaba viva constantemente embriagado, insultando e prendendo quem bem lhe parece?[...]

Francamente, um commandante dessa natureza não póde continuar aqui; além de ser bebado, vive constantemente em bordeis, onde passa o maior tempo.

Depois disto, a quem hei de pedir providencias?... (José Pereira de Araujo. *Jornal de Piracicaba*: “Mantenedor da ordem?”, 27/02/1906, p. 3).

A carta do leitor mostrou que, em alguns momentos, as pessoas tinham voz para fazer reclamações no jornal e que o alcoolismo não estava somente nas pessoas pobres, operários, agricultores e que o comandante de polícia também fazia parte deste cenário. Talvez o jornal estivesse com intenções políticas ao colocar esta notícia, mas certamente nos mostrou um lado da violência e problemas daqueles que deveriam manter a ordem, que também apresentavam comportamentos combatidos pelas leis municipais. O papel educativo e prescritivo do jornal não era apenas sobre o povo, mas também sobre aqueles que tinham altos cargos e apresentavam comportamentos inadequados.

Muitos soldados embriagados apareciam nas notícias do jornal, aqueles que deveriam dar o exemplo de boa conduta e exigi-la tinham costumes parecidos, quando não pior daqueles que reprimiam. Em 1909, uma notícia, intitulada “soldado embriagado”¹⁴⁶, afirmou que na madrugada, mais ou menos às duas horas, pessoas passavam pela Rua Alferes José Caetano e notaram que o soldado responsável pelo policiamento se achava completamente embriagado. O jornal chamou a atenção do comandante para este fato.

As fontes destacam o problema do alcoolismo na cidade as notícias abaixo, por exemplo:

Na Rua Direita, Bairro Alto individuos foram presos por estar embreagados e fazer algazarra (*Jornal de Piracicaba*: “Registro policial”, 29/01/1901, p. 2).

Foram recolhidos ante-ontem a cadeia publica os individuos José Tiburcio, que completamente embreagado, provocava desordem e a preta Maria Julia que abusou

¹⁴⁶ *Jornal de Piracicaba*: “Soldado embriagado”, 10/04/1909, p. 2.

seriamente da milagrosa branquinha (*Jornal de Piracicaba*. Embreagados, 26/06/1902, p. 2).

A embriaguez poderia conduzir o indivíduo a cometer atos que sóbrio não faria, falar alto, provocar desordens, enfim, era um mal para a cidade. Como vimos, havia muitos botequins na cidade, eles prejudicavam não só a produtividade do trabalhador, mas também a ordem urbana.

Além da embriaguez, outros inconvenientes e tipos de desordem preocupavam os jornais. Ocorriam muitas reclamações à polícia se referindo aos ajuntamentos de garotos em certos pontos da cidade, até mesmo em ruas centrais da cidade, durante o início das noites. Por vezes, tais ajuntamentos iam até muito tarde, causando danos ao sossego público.

Como descreveu o jornal, garotos -alguns com mais de 18 anos -, armados de cassetes, davam encontrões em senhoras e derrubavam crianças. Segundo o jornal palavrões eram ouvidos, não mostrando noções de brio e moralidade. Ao mesmo tempo, reconheciam ser justo que as crianças, que tinham pais responsáveis por sua educação, brincassem pelas ruas a dar vazão aos seus sentimentos infantis. Brincadeiras inocentes, todos compreendiam, mas não eram esses os casos que obstruíam as ruas e faziam corar as famílias que passavam nas ruas. A preocupação era com os marmanjões e era preciso que a polícia tivesse cautela para separar o joio do trigo. O jornal afirmou que, de qualquer forma, esses ajuntamentos não poderiam continuar: “a bem dos foros de uma cidade civilizada, como soe ser Piracicaba”¹⁴⁷. O jornal clamava por um pronto corretivo por parte da polícia sobre essas pessoas.

Os jornalistas queriam que os habitantes da cidade se portassem de acordo com uma cidade civilizada. Muitas brincadeiras não eram encaradas como saudáveis aos garotos e a ordem local. Deveriam conter suas emoções, ser mais polidos, não falar palavras obscenas, não correr e esbarrar nas pessoas idosas, enfim, ser civilizado era deixar de fazer coisas que a pessoa desejava pelo bem do outro e pela paz na cidade.

Na coluna “Coisas da cidade”¹⁴⁸, por mais de uma vez, os garotos desordeiros foram foco de discussão. Esses garotos foram chamados de horda viciada de moleques e pessoas ignorantes, que perturbavam a cidade e faziam muito barulho. Gritos impróprios e palavras insultuosas foram ouvidas, ofendendo a moral pública e desacatando os transeuntes. A ociosidade foi apontada como a causa de tudo isto. O artigo colocou que para a extinção destes fatos eram necessários dois elementos primordiais: estabelecimentos industriais e boas

¹⁴⁷ *Jornal de Piracicaba*: “Uma reclamação”, 23/01/1901, p. 1.

¹⁴⁸ *Jornal de Piracicaba*: “Coisas da cidade”, 25/09/1902, p. 1.

casas de ensino. O progresso e o saneamento moral seriam realizados através deles, mas para isso, antes, era necessário uma intervenção enérgica da polícia. Em Junho de 1901 ocorreu mais uma reclamação sobre garotos na Rua São José, que nas proximidades do matadouro atiravam pedras nos trens da Ituana¹⁴⁹.

As pessoas negras apareciam em muitas notícias sobre desordens. Como afirmou José Luis Simões (2005), a maioria das vezes o jornal não dizia exatamente que tipo de desordem havia sido cometido, não caracterizando o que seriam tais desordens. Mas, em muitas notícias, vemos que desordem estava relacionada a atos vistos como não civilizados, como brigar, falar alto, falar nomes obscenos e até usar roupas inadequadas.

Sebastiana Moringa, por exemplo, era colocada como uma conhecida desordeira e foi para a cadeia várias vezes. Tanto homens como mulheres eram alvos dos “mantenedores da ordem”, e no caso até famílias inteiras como ocorreu com a família Moringa:

A celebre conhecida creoula, Sebastiana Moringa, estava ontem promovendo em família grande aranzel, quando chegou a policia e conduziu-a em companhia de mãe, filha e filho para a cadeia. Lá se foi a família Moringa para a prisão (*Jornal de Piracicaba: “Desordeiros”, 09/02/1902, p. 2*).

Além de Sebastiana outra mulher classificada como desordeira incorrigível, por ter proferido palavras imorais, foi a “preta” Carolina Maria de Jesus, posta pouco tempo em liberdade, que continuou a insultar a vizinhança e foi novamente recolhida à cadeia¹⁵⁰.

Podemos perceber o caráter preconceituoso do jornal. Através dessas matérias, na qual destacava a etnia das pessoas, construía uma imagem negativa desse grupo. Podendo levar o leitor a seguinte conclusão: onde estão os negros estão também a embriaguez, a desordem, o crime e a imoralidade. Eram os inimigos da cidade dos desejos, não faziam parte da imagem que queriam para a cidade.

Mas nem só os negros foram alvo de fortes repressões, em 1901¹⁵¹, um espanhol chamado José Romão foi preso por se encontrar em trajes femininos, passeando pela Rua Direita -atual Moraes Barros, Em seu poder foi encontrado, segundo a polícia, um revólver. Ele afirmou ter feito aquilo por divertimento. O termo “desordem” era usado como desculpa para muitos atos considerados impróprios, segundo a moral da época. Um homem vestido de

¹⁴⁹ *Jornal de Piracicaba: “Reclamação”, 15/06/1901, p. 2.*

¹⁵⁰ *Jornal de Piracicaba: “Desordeira incorrigível”, 12/11/1901, p. 2.*

¹⁵¹ *Jornal de Piracicaba: “Notas policiais”, 13/01/1901, p. 2.*

mulher, sem nem ser carnaval chocava a sociedade e isso era justificativa para que a pessoa tivesse um corretivo.

No mesmo ano o jornal pediu a atenção da polícia para um negociante na Rua Boa Morte: “que costuma sair as ruas em trajas menores, ofendendo, portanto, a moralidade pública.”¹⁵². Outro homem usando vestimentas impróprias causou indignação chamando a polícia a agir, antes que pudesse virar hábito e outras pessoas pensassem que podiam fazer o mesmo. O decoro era algo importante e o jornal tinha o seu papel na orientação das atitudes dos habitantes da cidade.

Outras condutas também eram mal vistas, insultar praças, por exemplo, poderia levar o sujeito à cadeia como ocorreu na notícia de prisão: “foi preso o preto Cornélio Ramos por insultar a algumas praças que faziam guarda na cadeia pública”¹⁵³.

Por vezes relacionamentos amorosos também levavam a brigas e eram noticiadas pelo jornal: “Desordeiras- a preta Leopoldina por ciúmes foi a casa de Maria Julia arrancar-lhes os cabelos e quis jogar-lhe uma cadeira”¹⁵⁴. Mais uma vez as mulheres negras foram noticiadas como desordeiras, bêbadas e briguentas. No entanto, não só o amor era capaz de provocar ciúmes, em uma matéria, intitulada “conflictos”, alguns russos nas ruas do comércio brigaram a dentadas por ciúmes de negócios¹⁵⁵. As matérias do jornal construía um cenário no qual os comportamentos dos habitantes pobres, regados a muita cachaça, configuravam em conflitos e desordens, sendo aspectos negativos da cidade moderna.

Se a desordem não era bem caracterizada e descrita, a algazarra era menos ainda, em 1908, ocorreu um pedido ao jornal que chamasse a atenção das autoridades para a algazarra que faziam diversos indivíduos nas casas de umas “senhoras de cor”, na Rua Prudente de Moraes, entre a Rua do comércio e o Largo do Teatro¹⁵⁶.

No jornal, as cenas de violência frequentemente eram protagonizadas por imigrantes e pessoas negras, muitas vezes mencionava-se a etnia das pessoas envolvidas nos crimes e desordens, construindo uma identidade negativa dessas pessoas:

Apresentou-se na policia o preto Elesbão de Souza Barros com um ferimento linear de 2 ½ centímetros de extensão na região parietal esquerda, produzida por uma cacetada vibrada por um dos filhos do italiano Pignoreli, negociante á rua 15 de novembro.

¹⁵² *Jornal de Piracicaba*: “Reclamação”, 11/04/1901, p. 2.

¹⁵³ *Jornal de Piracicaba*: 16/01/1901, p. 2.

¹⁵⁴ *Jornal de Piracicaba*: 20/07/1901, p. 2.

¹⁵⁵ *Jornal de Piracicaba*: “Desordem”, 06/10/1901, p. 2.

¹⁵⁶ *Jornal de Piracicaba*: “Algazarra”, 25/07/1908, p. 2.

A policia tomou conhecimento do facto (*Jornal de Piracicaba: "Ferido"*, 09/04/1901, p. 1).

Hontem, á tarde, dois hespanhoes bastante embreagados, tiveram no Bairro Alto, uma alteração com Rafael de tal, por causa de uma preta.

Um dos desordeiros desfechou contra Rafael um tiro de garrucha, não o tendo, porém, atingido (*Jornal de Piracicaba: "Briga"*, 15/01/1903, p. 2).

Hontem ao anoitecer, diversos membros da colonia syria, reunidos no largo do Theatro, sustentaram calorosas discussões, que terminou sem consequencias.

A policia, avisada, compareceu encontrando, porém os animos serenados (*Jornal de Piracicaba: "Começo de desordem"*, 15/09/1903, p. 2).

No ano seguinte, encontramos uma notícia de desordem no largo do Teatro, mas dessa vez com italianos que foram classificados como embriagados. Podemos perceber que este era um ponto onde diversos grupos se reuniam em momentos de sociabilidade e que, vez ou outra, acabava em algum conflito.

No Bairro Água Branca, em 1905, um espanhol foi agredido por um italiano que lhe deu diversas cacetadas. Este conflito foi iniciado em virtude de uma briga entre as mulheres desses dois homens. Em Piracicaba, segundo Eliana Tadeu Terci (1997), o símbolo maior de incivilidade era a violência presente em todas as relações sociais e era a maior manifestação de resistência à nova ordem que se desejava construir. As investidas das elites no poder eram no sentido de conter a violência ou afastá-la do centro urbano:

Especificamente na cidade, os conflitos violentos se estabeleciam sobretudo entre os homens pobres, nas atividades lúdicas, nas festas e nos encontros de final de tarde nos botequins da cidade, além de integrarem as relações comunitárias. Ocorriam principalmente nos momentos de descontração e lazer nos quais os ânimos e as emoções se afloravam sob o efeito do álcool (TERCI, 1997, p. 125).

Os imigrantes apareciam constantemente em notícias policiais, envolvidos em brigas, desordens, embriaguez que denegriam sua imagem. Através delas podemos conhecer realidades ainda pouco exploradas pelos historiadores locais, sobre os momentos de encontro entre as múltiplas identidades que coexistiam na cidade. A heterogeneidade nacional, ética e social convivia simultaneamente na cidade, esses encontros se davam com estranheza recíproca, em momentos inclusive hostis, se ajuizando equivocadamente umas sobre as outras (SEVCENKO, 1992). As rivalidades étnicas apareciam nas discussões e brigas.

Em novembro de 1901, o jornal insinuou que um homem havia sido preso injustamente:

foi recolhido a cadeia o desordeiro João Jacintho, que havia sido posto em liberdade às 5 horas da tarde desse mesmo dia.

Jacinto ao que parece, só quis fazer uma visita à família, para matar as saudades (*Jornal de Piracicaba*: “Desordeiro”, 06/11/1901, p. 2).

Mesmo o jornal dizendo que Jacinto não havia feito nada para voltar à prisão, ainda assim, o qualificou como desordeiro, como se o fato de ele ter cometido algo anteriormente justificasse sua prisão a qualquer momento. Fazia parte das atividades policiais prenderem, não só os que desrespeitavam as leis, mas aqueles que tinham atitudes suspeitas e, isso, poderia ter um leque interpretativo muito grande. Dava, então, amplos poderes para o policial, que muitas vezes agia de forma arbitrária para com a população usando inclusive de violência.

Em uma matéria, intitulada “Crimes impunes”, o jornal reclamou contra a falta de força do policiamento na captura de criminosos. Em 1902, a população contava com cerca de 16.000 habitantes para apenas oito praças. Pediu-se que colocassem pelo menos vinte e cinco policiais: “Podemos garantir que a situação de Piracicaba em face da impotência policial, é gravíssima”¹⁵⁷. A pouca força policial poderia ser um dos fatores para agirem com violência com as pessoas, tentando impor respeito pelo medo, já que não podiam vigiar a cidade da forma como queriam.

Em 1910, a falta de policiamento voltou a ser alvo de reclamação. O jornalista afirmou que a cidade crescia sem cessar, a alastrar-se pelos subúrbios, acrescentando dificuldades para a manutenção da ordem pública e que, o número de praças, ao invés de aumentar diminuía sempre. Afirmou que fazia algum tempo que o total era de 30 praças, número que ninguém acharia exagerado. Entretanto, naquele momento, se encontravam apenas dezesseis praças para dar conta de toda a cidade.

Os postos policiais ainda não haviam sido instalados devido ao crônico desfalque do município. Enquanto isso, na capital, os batalhões policiais instruíam-se à francesa, apresentavam vistosas paradas: “as ruas da Pauliceia dão ao secretário da Justiça e Segurança Pública a fagueira e illusoria sensação de ser s. exa o ministro da guerra da republiqueta de São Paulo, da qual essas forças constituíram o exercito”¹⁵⁸. Essa matéria nos aponta que os jornalistas locais se sentiam injustiçados perante a atenção dada a capital do estado e a displicência, com que a cidade de Piracicaba, era tratada com relação ao policiamento, pois era ínfimo. Enquanto os da capital tinham tempo para desfiles e recursos para serem treinados à francesa, em Piracicaba havia alguns que tinham que guardar a cadeia, outros ficavam com funções burocráticas, sobrando apenas uns três ou quatro para patrulhar a cidade.

¹⁵⁷ *Jornal de Piracicaba*: “Crimes impunes”, 10/01/1902, p. 1.

¹⁵⁸ *Jornal de Piracicaba*: “Destacamento policial”, 05/07/1910, p. 1.

O policiamento era parte da tentativa de se criar um novo padrão de ordem urbana, buscando separar o que eram comportamentos tolerados em público, impondo novos limites que se chocava com aspectos de vida das classes mais pobres. Policiais, além da vigilância e controle, eram correios de transmissão de mensagens ideológicas e desempenhavam uma missão educativa, difundindo novos padrões de disciplina urbana e ordem moral (STORCH, 1985).

Era preciso impor a vigilância e a disciplina no espaço público, como garantia de uma regeneração social que apagasse os costumes indesejados. A necessidade de vigilância constante pode indicar a dificuldade de se confiar num processo natural de polidez (DOIN, 2005).

A própria polícia contribuía com as cenas de violência na cidade. O *Jornal de Piracicaba*, em 1905, afirmou que teriam voltado aos tempos de barbarismo em que não havia lei e o crime não era punido. Constantemente noticiavam casos de espancamentos de presos por praças e, que mesmo com denúncias, ficavam impunes. O jornal pediu que o comandante de polícia os castigasse rigorosamente, principalmente se, por acaso, confundissem vadios com trabalhadores ou rapazes de boa família:

Na noite de ante hontem dois estimados rapazes da nossa sociedade foram presos, não sabemos se justamente ou não, na rua da Gloria.

Um dos rapazes, achando que aquella prisão era uma violencia, portanto não estavam elles promovendo desordem, protestou contra a arbitrariedade da prisão. Isto foi o bastante os iracundos soldados que os prenderam puzessem em scena todo o odio que se achavam possuidos. E antes de ouvirem mais explicações, arrastaram grosseiramente os rapazes, dando-lhe tapas, pontapés e os ameaçando[...]E ahi estão que é a nossa policia: ao envez de manter a ordem, é ella a primeira a alteral-a, com essas violencias descabidas[...]

A nossa terra esta em um paiz civilizado e a policia deve ser a primeira a reconhecer isso (*Jornal de Piracicaba*: “Polícia violenta”, 23/04/1905, p. 2).

Em 1906, uma notícia, intitulada “Praça desobediente”, falou sobre uma queixa que o delegado recebeu na qual uma portuguesa proprietária de um botequim na Rua da Glória tinha sido presa sem motivo por uns soldados turbulentos. Depois de ali beberem, os soldados se negaram a pagar as despesas e, ainda, a levaram para a cadeia, onde vendo que não passava de uma prisão arbitrária soltaram-na. O praça que verificou isso, então, se dirigiu ao quartel a fim de informar o que houvera ao delegado, lá chegando, encontrou um soldado bastante alcoolizado, o mesmo soldado que poucos dias antes havia espancado uma meretriz, motivo pelo qual estava preso e sendo processado no quartel: “Como, pois, se pode compreender

que elle se achasse embriagado no proprio quartel quando alli cumpria pena disciplinar?”¹⁵⁹. Muitos policiais usavam de sua posição para fazer o que bem entendessem, ficando impunes.

Um inspetor de polícia pediu demissão por receber muitas queixas contra os seus procedimentos. Uma matéria do jornal disse que, finalmente, os moradores da Rua do Porto estavam livres das violências efetuadas por ele¹⁶⁰. Os policiais agiam com violência e o jornal não deixou de denunciar esse aspecto indesejado do policiamento da cidade, que servia como um péssimo exemplo para a população.

Além dos policiais, pessoas da elite local também protagonizavam cenas de violência, apesar da maioria das notícias aqui encontradas serem de imigrantes, negros e pobres. As notícias mostraram que os conflitos físicos se davam em todas as classes:

hontem pela manha deu-se á rua da Boa esperança, próximo ao cartorio de Paz, um conflicto entre o advogado dr João Sampaio e o Sr Joaquim Moreira Coelho Filho. Apos uma troca de palavras o dr João Sampaio deu diversas guarda-chuvadas no seu contendor. O offendido foi submetido a auto do corpo de delicto, e o sr Granja, sub delegado, está prosseguindo no inquérito policial (*Jornal de Piracicaba*: “Conflicto”, 24/02/1906, p. 2).

Será hoje submetido a julgamento no jury desta comarca o sr dr Antonio de Moraes Barros, deputado estadual, por haver, ha alguns mezes aggredido o sr tet cel. José Basilio de Camargo (*Jornal de Piracicaba*: “Notas e notícias”, 02/03/1912, p. 1).

O fato de as figuras da elite Piracicabana também ter aparecido, mostra-nos um cenário de delitos cometidos por todas as classes. Não se pode generalizar que o jornal apenas falava das classes mais pobres, mas a diferença de tratamento tanto pelo jornal como pelas autoridades era evidente. Ao falar dessas pessoas não destacaram sua etnia, não usaram de adjetivos negativos, usaram um discurso técnico, apenas noticiando o fato. Percebe-se um maior respeito por essas pessoas que, mesmo tendo cometido delitos, não eram chamadas de desordeiras. Os jornalistas trataram o fato como se tivesse ocorrido um lapso, algo de momento e não que fossem pessoas com desvio de caráter.

Além das brigas, pequenos furtos eram frequentes. Em abril de 1901 ocorreu uma prisão por suspeita de furto de galinhas no Bairro dos Alemães sem haver um julgamento criterioso:

¹⁵⁹ *Jornal de Piracicaba*: “Praça desobediente”, 12/01/1907, p. 1.

¹⁶⁰ *Jornal de Piracicaba*: “Inspetor da rua do Porto”, 07/02/1909, p. 2.

O preto Olivio Tomaz, que se dirigia hontem para esta cidade muito ancho, trazendo um frango na mão, ao esbarrar com a policia nas proximidades da Ponte Nova, deitou a correr, dando assim suspeitas ás praças, de que o frango era *filado*. Estas, cumprindo seu dever, alcançaram-no e conduziram para a cadeia (*Jornal de Piracicaba: "Prisões"*, 15/01/1903, p. 2).

Uma atitude e aparência suspeita eram o bastante para levar a pessoa para a cadeia. O Sr. Olivio, por exemplo, foi preso por suspeitarem que, por ele correr, ele deveria ter feito algo de errado. Será que se ele não fosse negro teria sido preso da mesma forma, sem nenhuma queixa do jornal? Sua etnia e seu comportamento contribuíram para a suspeita da polícia, configurando preconceito por parte da polícia e dos jornais.

A vida cotidiana, cercada de fatos corriqueiros e burburinhos diários, ao mesmo tempo em que alimentava o imaginário das elites, também ameaçava romper com a ordem ao traduzir-se em cenários de conflitos, acidentes, mendicância e prostituição. A população representava o arcaico e o moderno, uma série de personagens que reinventavam e embaralhavam os sentidos da modernidade desejada pelas elites (DOIN, 2005).

Custava caro às camadas sociais mais baixas da cidade participar da modernização e beneficiar-se dela. O aumento das cenas dramáticas do cotidiano alertava para os perigos e aventuras de se viver no centro urbano. A bebida, o fumo e o jogo, surgiam como válvulas de escape diante do cotidiano massacrante. Nos discursos normatizadores, essas questões eram remetidas à falta de cultura, de educação e de civilidade dos pobres:

A construção da *cidade moderna* implicava representações imaginárias sobre os seus cidadãos. Assim é que a imagem do cidadão trabalhador, educado, bem vestido e produtivo deveria sobrepor-se à imagem do indivíduo *vagabundo, ocioso, bêbado, deselegante e bárbaro* (BENVENUTTI, 2004).

As novas elites, no esforço modernizador, se empenhavam em reduzir a complexa realidade brasileira com suas heranças e ajustá-las em conformidade aos padrões europeus, mas elas mesmas ainda tinham modos rústicos e considerados bárbaros. A compreensão dos fenômenos do subdesenvolvimento e a desigualdade demoraram a ter alguma repercussão entre as elites republicanas. Prevaleceu um sentimento de vergonha e desprezo com relação ao passado, aos grupos sociais e rituais que evocassem hábitos que já deveriam ter sido superados.

A afirmação da identidade e diferença implica incluir e excluir. Significa fazer a distinção e separação, afirmando e reafirmando relações de poder. Dividir o mundo social significa classificar e hierarquizar. É eleger uma identidade como parâmetro, em que as outras são avaliadas e hierarquizadas de forma negativa (SILVA, 2000).

Para Barth, destacado por Cuche (1999), deve-se tentar entender o fenômeno da identidade através da ordem das relações entre os grupos sociais. Para ele a identidade é um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas. Identidade e diferenciação são ativamente produzidas, não são criadas do mundo natural, mas do mundo cultural e social¹⁶¹. São criadas por meios de atos de linguagens, elas têm de ser nomeadas para existirem. Identidade e diferença existem em uma relação de estreita dependência, são inseparáveis (SILVA, 2000).

O lazer foi utilizado na construção de uma identidade de prestígio. No entanto, foi também usado para demarcar a identidade negativa do “outro”. Para conhecermos um pouco mais da história dos lazeres noturnos, da boemia piracicabana, dos lazeres considerados perniciosos à moralidade e ao progresso, foram nas notícias de crimes e brigas, ou em editoriais criticando estas formas de lazer. O lazer dos excluídos, dos marginalizados e dos jovens intelectuais, fizeram parte dos mistérios da modernidade, seu lado obscuro foi um dos símbolos da *Belle Époque*.

As classes pobres eram vistas como a causa de todos os problemas. O perigo social crescia e tornava-se cada vez mais ameaçador. Cabia às autoridades as reprimir e educar para o trabalho e a convivência civilizada. Os locais de lazer, considerados prejudiciais à nova ordem almejada, foram extintos ou afastados do centro da cidade.

A imprensa local não procurou somente mostrar como deveriam ser os comportamentos do cidadão civilizado, mas em uma cidade com múltiplas identidades, demarcar qual era o seu lugar e classificar as outras. Representaram as práticas de lazer, estimulando ou construindo imagens negativas, uma vez que os indivíduos se formam também nessas experiências, produzem e reproduzem concepções de mundo. Os discursos de lazer desempenharam a função de expressar referenciais, a partir de um modelo de civilidade e modernização daquele momento.

Em Piracicaba, o bar “Café Cantante”, desde que inaugurou, foi alvo de muitas críticas. Era visto como lugar de arruaças e brigas, com reclamações sobre seus frequentadores:

Inaugurou-se ante-ontem, á rua de S. José, proximo ao Jardim Público um café-cantante. Como todos sabem, esses cafés são verdadeiros focos de desordens e

¹⁶¹ A construção da identidade se dá a partir da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso (CASTELLS, 2000).

pontos de algazarra e a situação do café recentemente aberto é péssima, visto achar-se defronte a casas de família respeitáveis e do Hotel do Largo. Uma vez que se consentiu o seu estabelecimento naquele ponto, achamos preciso, para socego da vizinhança, de energica vigilância por parte da policia. (*Jornal de Piracicaba*: “Café cantante”, 23/11/1901, p. 2).

Os cafés cantantes eram bares comuns em vários lugares do país naquela época. Por isso os jornalistas já avisaram à polícia dos problemas que isso iria causar, sobretudo por ficar no centro da cidade. Após sua instalação ocorreram muitas reclamações a respeito do barulho e da falta de higiene desse local. O jornal colocou que, à noite, as paredes dos vizinhos eram feitas de mictório e que a desordem obrigava a polícia a viver sobressaltos¹⁶². Em outras notícias, destacaram-se os inconvenientes de ter uma casa daquela no centro e pedia-se à polícia que a removesse dali ou que a fizesse ir embora da cidade de uma vez. Em Janeiro de 1902, o Café Cantante foi fechado por não ter cumprido a intimação do inspetor sanitário, que ordenou que se colocassem mictórios naquela casa.

Não há muito tempo vivíamos nesta cidade tão faltos de diversão que até causavam tédio. Um café cantante, ninho de desordens, era a única distração que tínhamos a noite, com risco de voltar a gente, para a casa, de cabeça quebrada ou depois de ter conversado com a polícia (*Jornal de Piracicaba*, 03/08/1901, p. 01).

Em 1904, cogitou-se abrir novamente um café cantante, mas a câmara municipal não deu licença para que funcionasse em Piracicaba, chamando-o de “antro de desordem e imoralidade”¹⁶³. A forte repressão a esse divertimento fez parte de um processo de disputa pelos espaços da cidade. O centro era lugar do comércio, da praça principal, do Jardim Público, da Igreja Matriz, dos clubes e do teatro. Era o lugar dos comportamentos civilizados, do encontro de muitas pessoas diferentes e foram impostas regras e vigilância para evitar a desordem naquele local.

Além do Café Cantante que acabou sendo fechado, havia reclamações de outros pontos da cidade de Piracicaba, que justificaram o fechamento de novos estabelecimentos e das repressões policiais. Na Rua do Rosário, entre a Prudente de Moraes e a 13 de Maio, havia um botequim que uma notícia do jornal chamou de insuportável:

Raro é o dia que allí não se de uma desordem, trocando-se palavrões de todo quilate, em altas vozes, que ofendem o decoro publico, sem que a policia faça com que cessem esses abusos imperdoaveis.

¹⁶² *Jornal de Piracicaba*: “Café cantante”, 17/12/1901, p. 2.

¹⁶³ *Jornal de Piracicaba*: “Café cantante”, 29/04/1904, p. 2.

Constantemente cheio de individuos desocupados e turbulentos, precisa esse celebre botequim de uma severa correcção. [...] (*Jornal de Piracicaba*: “Noticiario”, 17/03/1904, p. 2).

As ruas deveriam ser vigiadas pela polícia e o jornal colocava quais eram os locais que mereciam uma maior atenção. Muitas vezes essas notícias aparecem como vontade da população, contendo expressões como: “Pedem-nos chamar a atenção...”. O botequim da Rua São José foi alvo deste tipo de notícias, na qual a vizinhança reclamou do barulho feito de madrugada: “O interessante e curioso é que os soldados que fazem a ronda não se incomodam com a gritaria...”¹⁶⁴. Esses botequins eram locais de encontros das diferentes identidades, muitas vezes ocorriam brigas entre clientes ou mesmo com o dono do estabelecimento ou atendente. Uma cobrança, por exemplo, poderia ser motivo para confusão. Em 1901¹⁶⁵, às 4 da tarde, no botequim da Rua do Rosário, de Antonio Rosa, indo o atendente realizar a cobrança, foi agredido por um italiano, Antonio Botigliere, que acabou preso.

Além dos bares, as festas populares de tradição negra, como os sambas e batuques, costumavam aparecer nas notícias policiais, nos indicando sua condição marginal:

Por estar promovendo desordens em um samba, que se realizou domingo ultimo, foi preso João Jacintho e também Benedicto Rodrigues e José Ferreira de Camargo (*Jornal de Piracicaba*: “Desordeiros”, 08/01/1901, p. 2).

As pessoas que assistiam ou tomavam parte no samba da noite de 3 para 4, no largo de Santa Cruz, foram sobressaltadas com a detonação de um tiro que ninguém soube de onde partiu e quem foi seu autor (*Jornal de Piracicaba*: “Tiro”, 06/05/1902, p. 2).

Informan-nos que ante-hontem a noite, á rua da Gloria, um bando de indivíduos um tanto alcolizados promoviam desordem, jogando capoeira e dizendo palavras obscenas. (*Jornal de Piracicaba*: “Desordeiros”, 13/01/1903, p. 2).

Egydio Honorio, morador do Pau Queimado, entretinha-se ante-hontem, a noite, num animado *samba*, em companhia de muitos outros amigos e companheiros. Num dado momento esqueceu-se a festança, graças aos calices da *branquinha*, ingeridos, e formou-se um *banzé* terrível [...] (*Jornal de Piracicaba*: “Conflict”, 22/05/1906, p. 2).

Os momentos de lazer, como os sambas foram relacionados à desordem, levando pessoas a cadeia, bebedeiras, brigas. Foram estigmatizados e reprimidos pela imprensa e pela polícia que vigiava de perto esses grupos considerados perigosos.

Mas não eram em todas as notícias em que as pessoas negras eram mencionadas como desordeiras. Ao falar de um baile realizado no salão do Recreio organizado por “*homens de*

¹⁶⁴ *Jornal de Piracicaba*: “Algazarra”, 19/11/1908, p. 2.

¹⁶⁵ *Jornal de Piracicaba*: 12/01/1901, p. 2.

cor” assim chamados pela matéria, disse ter havido boa concorrência e o jornal agradeceu o convite enviado a eles¹⁶⁶. Com isso vemos que não podemos generalizar o que o jornal escreveu, pois não só havia diferentes autores, mas um autor pode mudar suas ideias. A identidade de grupo não é algo homogêneo, assim como a identidade pessoal também não é estática. Para um determinado indivíduo, ou grupo, há múltiplas identidades.

Além desses problemas na cidade, a prostituição fazia parte da vida noturna. Esse era um tema raramente discutido pelo jornal. No período estudado não encontramos nenhum editorial falando sobre o assunto, bem diferente da questão do alcoolismo, das desordens e do jogo. Em uma notícia policial um conflito entre um barbeiro e o dono de um restaurante na Rua Direita expôs essa questão: “não é a primeira vez que o restaurante ‘Vesúvio’ incomoda a policia, entretanto continua aquelle foco de desordens e caftinagem ostentando-se alli livremente”¹⁶⁷. Em uma notícia sobre desordens, na casa da meretriz Maria Pinheiro na Rua Santo Antonio, houve uma confusão entre ela e Antonio Garcia¹⁶⁸.

Alguns moradores da Rua da Glória pediram ao jornal, para que falasse à polícia, para tomar providências contra os abusos que ocorriam nas proximidades da Rua 15 de Novembro. Nesse local a algazarra era frequente por conta de uma casa tolerada, que servia de pretexto a serenatas que se prolongavam por horas seguidas incomodando a vizinhança¹⁶⁹.

Em outra matéria pediu-se a atenção da polícia para conter a algazarra feita às noites na casa da “marafona”¹⁷⁰, Maria Bange, que havia acabado de se mudar para a Rua da Palma, entre as Ruas Prudente de Moraes e 13 de Maio¹⁷¹. Outra notícia em que tivemos o conhecimento um pouco mais da prostituição na cidade foi por conta de tiros disparados entre rapazes que estavam próximos a um bordel, na Rua Alferes José Caetano, esquina da Rua do Conselho¹⁷². Em outra notícia mulheres foram presas por desordem:

Foram ante-hontem presas, no largo Santa Cruz, por ocasião do samba a preta Francisca Laura Corrêa e a horizontal¹⁷³ Maria Claudina, vulgo “Maria Veada” que, bastante alcoolizadas, promoviam desordens (*Jornal de Piracicaba*: “Desordens e Prisões”, 14/05/1913, p. 2).

¹⁶⁶ *Jornal de Piracicaba*: “Baile”, 16/ 01/1903, p. 2.

¹⁶⁷ *Jornal de Piracicaba*: “Desordem”, 17/11/1902, p. 2.

¹⁶⁸ *Jornal de Piracicaba*: “Entrudo”, 23/01/1906, p. 1.

¹⁶⁹ *Jornal de Piracicaba*: “Pelo Povo”, 24/03/1906, p. 2.

¹⁷⁰ Significa mulher de trapos, sem olhos, nem boca, nem nariz. A palavra tem origem árabe e quer dizer mulher enganadora. A palavra tem também como uso popular no sentido de prostituta.

¹⁷¹ *Jornal de Piracicaba*: “Com a policia”, 20/02/1910, p. 2.

¹⁷² *Jornal de Piracicaba*: “Tiros”, 02/08/1910, p. 2.

¹⁷³ Também tem o sentido de prostituta.

Os bordéis e as prostitutas não foram grandes destaques do jornal, quando apareceram foi por conta de alguma confusão. Fizeram parte de um lazer que não aparecia nas colunas sociais, que não era divulgada pelo jornal, mas que fazia parte dos divertimentos noturnos e obscuros da cidade.

Alguns locais de lazer da cidade, mesmo não tendo grande espaço na imprensa faziam parte do cotidiano das pessoas, que se reuniam por diversos motivos, deixando de lado as diferenças sociais. O Largo Santa Cruz, por exemplo, por suas constantes reuniões, com jogos, bebidas, comidas, música e dança atraía grande parte da população.

Em uma matéria intitulada “Santa Cruz”, um jornalista descreveu sua experiência com os divertimentos, no Largo Santa Cruz. Segundo ele, lá havia uma igreja muito pobre e de má arquitetura, onde ocorriam festas e romarias. Homens, mulheres, crianças, velhos, moços, ricos, pobres, enfermos, sãos, iam para lá por fé. Ele se definiu como um homem cético e que ia mesmo por causa das maravilhas e coisas bonitas da festa. Como resultado, voltou convertido pelo que viu:

Bem no centro do pateo arde crepitante enorme fogueira, inundando de luz, calor e fumo o espaço ocupado pela concorrência piedosa.

Em torno estão os botequins abarrotados de iguarias succulentas e beberagens capitosas.

A fartura culinária, exposta em grandes tableiros, vai impregnando o ambiente com o cheiro activo dos condimentos excitantes.

Estomagos haja para coisas tantas e tão boas...

Aquí é o leitão assado com rodellas de limão gallego; allí é o peixe frito em molho de tomates acolá é o frango recheiado com cebolas e ramos de salsa; mais adeante a variedade cresce e temos á vista e ao alcance de todas as bolsas amendoim torrado, pinhão cosido, pé de moleque, rapadura, tanta, tanta coisa...(..)

Quanto aos jogos, isso nem é bom falar (...)

Começa a dança...

Um moleque retinto, mais pernostico do que faceiro, chapéo cahido á banda, parte em requebros desenvoltos a requestar a fada dos seus sonhos, uma negra de quadril volumosos, que acode e saracoteia num derriço tentador. E os namorados se procuram, se afastam e retrocedem numa umbigada estalante, que traduz e diz muito mais e melhor do que todo esse arrulhar choramingas dos mais poetisados idyllios de amor.

Então o creoulo embevecido domina a scena cantando:

Fui no mar coiê marmello,

Fruíta no mar não tem;

Vim de lá tudo moiado

Das onda que vai e vem...(..) (*Jornal de Piracicaba*: “Santa Cruz”, 28/04/1909, p. 1).

O povo continuou cantando e ele achou tudo esplendido e sublime. Uma sociedade sem etiqueta, sem formalismo, que o agradou pela simplicidade e que o tornou devoto de Santa Cruz. Essa foi uma matéria na qual a festa popular, no Largo Santa Cruz, teve melhor descrição. O jornalista foi como um espectador, com o olhar de alguém de fora, achando tudo

diferente e exótico. Segundo ele, todos os segmentos da população se reuniram por conta da fé na Santa Cruz. Mas, por seu depoimento, vemos que o que levou muitos para lá foram também os atrativos da festa, pela diversão, pela boa comida, bebida e dança.

Segundo Cecílio E. Netto (2000), muitos locais considerados sem higiene, abandonado pela Intendência e criticados pela imprensa, como a Rua do Porto ou o Largo Santa Cruz, lugares onde poucos se atreviam a frequentar, por serem conhecidos como locais de bebida e jogo desenfreado atraíam diversos setores da população. Ninguém resistia a tanta festança, às barraquinhas que vendiam guloseimas, aos cantores de cururu, às danças caninha verde e ao caterê. Os momentos de lazer podem ser usados nos discursos dos jornais para qualificar ou desqualificar alguns tipos de divertimentos, mas os diferentes segmentos da sociedade acabavam se reunindo, muitas vezes, de forma a deixar de lado as diferenças sociais e culturais em nome da descontração.

Um dos grandes momentos de encontro de diferentes segmentos da sociedade era no Carnaval, esse era um tema com grande destaque pelos jornais. Foram inúmeras matérias, notícias discutindo qual era a forma ideal de se festejar, e quais os costumes que deveriam ser banidos da cidade.

3.2 O Carnaval e as Divergências

Podemos afirmar que a respeito do lazer na cidade, foi o assunto mais comentado e, também, o mais polêmico nas páginas do jornal. Eram muitas as opiniões sobre o Carnaval, alguns diziam que a festa estava desanimada, que havia perdido o brilho, outros que a festa, em si, nem deveria ocorrer, por ser uma desculpa para cometer loucuras. Uns diziam que o entrudo¹⁷⁴ já não podia mais ser tolerado e que o carnaval deveria ser mais civilizado, de acordo com a nova sociedade.

O Carnaval é uma boa forma de ver como as diversões entravam nos discursos sobre a modernização, quais foram as formas de diversão que deveriam ser realizadas na cidade e quais as atitudes reprováveis pela imprensa. Percebe-se uma tentativa de civilizar o Carnaval, colocando-o de acordo com a cidade moderna.

O Carnaval acontecia na rua, nos salões e em casas familiares. Segundo Roberto da Matta (1983), a rua indica o mundo, com seus imprevistos, incidentes e paixões, ao passo que a casa remete ao universo controlado, onde as coisas estão em seus devidos lugares. A rua

¹⁷⁴ A palavra Entrudo em Portugal significa pessoa ridícula ou muito gorda. Esse costume consistia em molhar o oponente desavisado, lançando-lhes outras coisas, como pós, ovos, líquidos perfumados etc.

implica movimento, novidade, ação, enquanto a casa a harmonia, a calma, o descanso. Em casa as relações são regidas pelas hierarquias visíveis, na rua é preciso um pouco mais de esforço para localizá-las. A rua implica falta de controle e afastamento, as relações contratuais não são precisas, nela o carnaval assume forma de um encontro aberto, nos clubes e nos salões os lugares sociais são mais marcados. Mas isso não é algo rígido. Nos salões se podem observar aspectos da rua e da casa, assim como na rua também podemos ver relações pessoais e lugares sociais reforçados.

O Carnaval era esperado com ansiedade, movimentando quase toda a cidade. Porém, o jornal parecia muitas vezes insatisfeito, dizendo que não tinha mais o brilho e a graça dos tempos anteriores. Em 1902, o *Jornal de Piracicaba* descreveu como se passaram estes dias de festa. Nas ruas, os mascarados faziam a folia da cidade, mas afirmou que: “para se dizer a verdade, estavam em sua maioria mal trajados e sem espírito”¹⁷⁵. A falta de animação foi mencionada pelo jornal, as brincadeiras do *tradicional* “você me conhece”¹⁷⁶ havia sido bastante fraca. Muita gente estava fantasiada de dominós, mas nada faziam. Somente um, que a matéria acreditou ter sido um humorista local, animou as ruas. Podemos perceber que o jornal indicava certa decadência do carnaval, não só havia a perda dos bons costumes, mas também da identidade da festa, marcada pela alegria. Ao invés dos prazeres refinados e elegantes, o Carnaval estava oferecendo os instintos liberados num universo caótico e sujo.

Essas reclamações, por conta do jornal, nos indicam um desejo de uma festa aos moldes das que estavam ocorrendo em outras cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo, onde o Carnaval era inspirado nos bailes de Veneza.

Por outro lado, no Jardim Público, segundo essa matéria, a animação foi extraordinária. O belo local estava ainda mais magnífico do que nos dias comuns, a banda Stipp tocou lindas peças no coreto. O jogo de *confetti* e serpentina ocorreram friamente. No entanto, com pesar, o jornal mencionou o excessivo pó que ali se encontrava e pediu à Câmara que irrigasse aquele local para a comodidade dos frequentadores. Vemos que os problemas urbanos afetavam os momentos de diversão, a falta de espaços adequados ao lazer moderno afetava a imagem que tinham da festa. Para que o Carnaval e o lazer em geral se tornassem mais civilizados era preciso reformas urbanas e investimentos nos espaços de divertimentos.

¹⁷⁵ *Jornal de Piracicaba*: “Carnaval”, 11/02/1902, p. 1.

¹⁷⁶ Era a pergunta que as pessoas mascaradas faziam no carnaval, uma brincadeira.

Essa matéria afirmou que o local onde a festa teve maior brilho foi no extinto Recreio Piracicabano, onde ultimamente havia funcionado o “Café Cantante”: “Os vastos salões desta casa estavam garridamente enfeitados, tornado de um aspecto deslumbrante. Lá affluíu a rapaziada do bom gosto”¹⁷⁷. Lá, se preparou pomposos bailes de mascarados com os salões ornados com luxo. Os rapazes da sociedade haviam organizado grupos carnavalescos, não deixando que o carnaval passasse tão friamente como nos últimos anos. Aproveitaram para lembrar à polícia da conveniência da proibição das grosseiras línguas de sogra, dizendo ser um brinquedo estúpido e inconveniente.

Podemos perceber a forte campanha dos jornalistas por um refinamento do carnaval, para modificar sua imagem de festa do povo e para adquirir novo *status*, de festa elegante. Era necessário, para isso, além de grupos que organizassem festas particulares, os corsos¹⁷⁸, que o poder público contribuísse e regulamentasse os comportamentos, como foi o caso da proibição da língua de sogra, das laranjinhas, das fantasias impróprias como as de índio e até de carros com críticas. Os jornalistas não estavam preocupados com o bem-estar da população, mas com a imagem da cidade.

Concluiu a matéria, se referindo aos Zés Pereiras¹⁷⁹, que com varas de marmelo se defendiam dos moleques insólitos: “É um sistema de defeza que muito censuramos. A nossa auctoridade policial não devia de modo algum consentir taes varas que prejudica immensamente o nosso reconhecido desenvolvimento, de cidade culta”¹⁸⁰. As brincadeiras foram criticadas pelo jornal, pois poderiam levar à brigas e discussões, prejudicando a ordem.

A matéria também ressaltou os diversos locais nos quais ocorriam as festas de Carnaval, com aspectos positivos e negativos. Haveria uma forma ideal e adequada para se divertir. Os salões eram o ideal, neles os bailes eram mais animados, a decoração mais elegante, o bom gosto se fazia presente e com maior ordem. No Jardim, tudo corria bem, salvo os já conhecidos problemas com a falta de irrigação. Nas ruas da cidade, os dominós não conseguiam animar, não faziam nada, segundo o jornal. A cidade se dividia em vários espaços para comemorar o Carnaval, as pessoas tinham várias opções de onde festejar, dando a cidade um aspecto diferente do restante do ano. Os espaços adquiriam novas funções e significados.

¹⁷⁷ Idem.

¹⁷⁸ Eram os desfiles de carros enfeitados.

¹⁷⁹ Eram grupos de pessoas que faziam batuques com instrumentos.

¹⁸⁰ Idem.

Segundo Francisco Iglésias (2003), um memorialista da cidade, os grupos de mascarados vestidos como dominós tinham varas de marmelo com que batiam nos meninos que os provocavam. Estabelecia-se um corre-corre. Grupos pequenos de 2 ou 4 mascarados imitavam animais. Usavam também das famosas laranjinhas de cêra¹⁸¹, que molhavam as pessoas. No Jardim Público as batalhas de confete se faziam presentes e, segundo ele, a discriminação étnica ocorria. Lá havia dois círculos, um que contornava o repuxo de mármore e outro mais por fora: “No centro brincava a fina flor; no outro, de raio maior, brincavam e talvez se divertiam os mais ou menos desprotegidos da sorte”. Com isso, podemos pensar que a distinção social se dava inclusive em locais públicos e em festas populares, mesmo sem uma imposição, as pessoas “se colocavam em seu lugar”, segregavam por conta de identificações e também por preconceito.

Além do Jardim Público, outro local de lazer das pessoas mais pobres se reunirem no Carnaval, eram nos Largos Santa Cruz e no Largo Bom Jesus, no Bairro Alto. Lá ocorriam batuques animados. Outros grupos de pessoas também se reuniam em salões organizados por pessoas mais pobres.

O último dia do Carnaval de 1902 foi muito mais animado e barulhento. Carros conduzindo crianças fantasiadas deram um ar pitoresco à cidade. Um carro de boi conduziu uma banda, após os carros de críticas, que falavam sobre algum assunto do momento. O Grupo dos Promptos foi organizado na última hora, percorrendo as ruas centrais da cidade, mas apesar do imprevisto foi apreciado. No Jardim, então devidamente irrigado, além das serpentinas e confetes, línguas de sogra, bisnagas e outras novidades apareceram.

Dentre os mascarados, o que se destacou foi um vestido rusticamente de caipira, com uma foice e um embrulho de roupas: “foi quem conseguiu arrancar boas e gostosas gargalhadas. Os ditos picantes, as anedotas engraçadas foram ouvidas com toda a atenção”¹⁸². A matéria ressaltou também o papel da polícia, dizendo que se portou corretamente, não havendo um único fato que tivesse prejudicado a festa de Carnaval.

Essa matéria apontou um fator interessante, já que um “caipira” foi o que chamou a maior atenção, contando histórias que animaram a população. A figura do caipira foi satirizada, não parecendo ter uma identificação com a população, a cidade buscava se distanciar dessa imagem e do estigma do caipira.

¹⁸¹ Laranjinhas ou limões de cheiro eram bolinhas de cera que continham água perfumada, eram usadas para atirar nos transeuntes ou em colegas e familiares.

¹⁸² *Jornal de Piracicaba*: “Carnaval”, 13/02/1902, p. 1.

Apesar da euforia com relação às novas formas de divertimentos, havia, para muitos, o sentimento de perda das características do passado, uma saudade dos tempos em que as relações eram mais próximas entre as famílias, mostrando que toda essa modernização tinha um preço. Francisco Lagreca fala um pouco desse sentimento de perda com relação ao carnaval:

Enormes, verdadeiramente enormes têm sido as transformações por que está passando a sociedade d'esta terra. Si estendermos os olhos para as longinhas regiões do passado e procurarmos os usos e costumes do povo piracicabano, notaremos com grande espanto a diferença que hoje existe nas relações que ligam as famílias entre si, constituindo desse modo a sociedade em que vivemos [...]

Outr'ora, muito antes de principiar o carnaval, todos se preparavam satisfeitos para esse divertimento que propina a cada individuo o licor saboroso de um regosijo intenso. Que podemos aguardar da parte d'esses que agora sahem pelas ruas, fazendo gracinhas e dizendo ditos sem espirito e até indecorosos, mostrando atravez da mascara afevelada no rosto a descrença e o desespero que lhes suffocam a alma?[...]

Essa juventude que actualmente se vê caminhando pelos passeios e pelas ruas, é uma juventude acabrunhada, uma mocidade tristonha, macilenta, doentia, pallida como uma flor emmurhecida (*Jornal de Piracicaba: "Chronica", 24/02/1903, p. 1*).

O autor dessa crônica, disse que em vez de bandos infantis que corriam de um lado para o outro jogando confetes, antigamente havia mascarados engraçados, animados e moderados ao mesmo tempo. Para ele, num país como o Brasil e numa cidade como Piracicaba, na qual havia muitas belezas naturais, não se deveria imitar o povo francês: “comprando esses papéisinhos chamados confetti e que afinal de contas só servem para, além de incomodar, profanar ainda os cabellos e as vestes das nossas teimosissimas meninas”¹⁸³. Disse que com tantas flores que existiam nos jardins, ao invés de atirarem confetes, deveriam cobri-las de flores. Isso, em sua opinião, seria muito mais bonito e gentil. O confete, a serpentina, o lança-perfume procuravam aliar a loucura da folia típica do entrudo, à sofisticação das brincadeiras ao estilo francês, sendo ao mesmo tempo popular e sofisticado (FERREIRA, 2004).

Para além da questão dos confetes, ele também disse que as famílias piracicabanas estavam fugindo dos mascarados e o motivo para isso era a degeneração e imoralidade dessas brincadeiras. Os mascarados não podiam mais pular para dentro das casas como faziam antigamente com gentileza e respeito, quase sempre davam razões para que lhes aplicassem bengaladas, por falta de delicadeza, que se deveria ter em casas de família: “Não se pode mais

¹⁸³ *Jornal de Piracicaba: "Chronica", 24/02/1903, p. 1.*

apertar a mão de um mascarado, porque logo vem o abuso, a chalaça ofensiva, a estupidez dos homens sem educação e sem título algum nas escalas sociais”¹⁸⁴.

Outro jornalista, com saudades dos tempos antigos, disse que o Carnaval tinha mais graça, quando o povo andava na fartura: “bons tempos aquele”¹⁸⁵. A sociedade, segundo ele, tinha agora um jeito melancólico e triste, quando tentavam fugir disso atiravam-se aos prazeres perniciosos, cometendo brincadeiras reprováveis e imprudentes. Antigamente, dizia ele, moços e moças invadiam as casas armados de laranjinhas, corriam pra lá e pra cá, numa diversão animada. O Carnaval já não tinha mais o mesmo encanto, o jogo de confete estava sem graça e sem espírito. Ele afirmou que, mesmo que o entrudo voltasse, não teria a mesma graça e seria mal acolhido, pois os costumes estavam mudados. Havia uma mistura de saudades dos tempos antigos, quando o entrudo fazia parte do Carnaval e o reconhecimento de que esse já não se encaixava na sociedade.

A culpa da decadência do Carnaval seria da mocidade, que perdera os bons costumes, o bom humor e o bom ânimo. Segundo Lazzari (2001), isso também se evidenciou na imprensa de Porto Alegre, que expôs qual a função dessas festas: “As festas populares são a florescência da sociedade. Como as flores adornam as plantas, as festas alegam os povos. Um povo que não irradia em festas é como uma árvore que não mais se cobre de flores: está doente, está condenado...” (*Correio do Povo*, 25 de fev., 1906). Aquele Carnaval desanimado seria o sintoma de uma sociedade doente.

É importante ressaltar que nem todos compartilhavam dessas opiniões, já que muitos saíam às ruas para brincar, sem se preocuparem com uma suposta decadência do Carnaval. A maior evidência de que o Carnaval estava vivo era que o jornal escrevia inúmeras matérias sobre ele, sinal de que era um grande interesse, dele e de seus leitores. Havia uma disputa pela ocupação de um mesmo espaço, a luta pelo que cada grupo acreditava ser o Carnaval legítimo.

O Carnaval também era um momento de fazer críticas, através dos carros alegóricos traziam à tona os temas mais discutidos no momento. Em 1903, por exemplo, algumas críticas divertiram o público, carros enfeitados conduziam crianças fantasiadas, transitavam pelas ruas e praças, tendo maior aglomeração no Jardim Público. Um pequeno grupo de empregados da fábrica de cerveja Wagner, percorreu várias ruas da cidade com o tema Noiva da Colina. Dentre as críticas, sobressaiu a que fez menção à questão do Acre, no qual um cavalo muito magro, com um cavaleiro também esguio, sobre um grande rolo de papel, o qual estava

¹⁸⁴ Idem.

¹⁸⁵ *Jornal de Piracicaba*: “O Carnaval”, 14/02/1904, p. 1.

escrito a palavra Diplomacia desfilou. Concluiu a matéria prevendo a organização de uma sociedade carnavalesca formada pelos comerciantes da cidade.

Em 1906, o Carnaval não foi esquecido. Segundo o jornal¹⁸⁶ entrudo se fez presente e quem não queria se molhar ficou em casa. As ruas principais ficaram intransitáveis, com tanta gente que circulava. O desfile dos carros saía do barracão na Rua Prudente de Moraes, próximo a linha da Ituana. Às quatro e meia da tarde iniciou o desfile. O primeiro foi o carro reclame da casa Ao Rei dos Barateiros, no qual um rei veio sentado em seu trono, com guardas, todos bem vestidos. Logo após, veio outro carro com seis meninas representando a instrução. Cada uma trazia uma fita com os nomes das escolas da cidade. O terceiro carro representava uma crítica à luz elétrica. Depois veio o carro da Fabrica Arethusina, representando o trabalho. Seguiu-se a propaganda da casa “Au Trocadeiro”. Depois, o carro da vitória fazendo propaganda da Água Salutaris. Em seguida, veio o carro da escola agrícola, que fez muito sucesso.

Podemos perceber que nesse ano conviveram diversos tipos de carnaval. O entrudo não deixou de ser realizado e também os desfiles de carros. Elementos do Carnaval considerado atrasado ocorreu junto com o moderno, sem grandes conflitos. Não deixaram de se divertir à moda antiga, só porque tinham novas diversões. Mas um jornalista, que descreveu o desfile daquele ano, lembrou-se do edital publicado no jornal da cidade, sobre a decisão da polícia de proibir o entrudo nos desfiles, pois poderia causar confusão, além de danificar os carros.

O Carnaval estimulava a criatividade, inclusive dos comerciantes da cidade, que aproveitavam esses momentos para vender diversos artigos e fazer sua propaganda nos carros que desfilavam. Um anúncio da loja Rodrigues apareceu no jornal:

O Carnaval
 O Rodrigues, me contaram
 (isto aqui, á puridade
 Si bem que não acreditte
 Apesar de ser verdade)
 Mandou vir á *Livraria*
 Sortimento collossal
 Para as honras ao deus Momo
 Pr'as festas do carnaval
 E vende tudo, o Rodrigues,
 Por um preço sem rival
 Só mesmo porque deseja
 Influir o carnaval.
 Sem Fim (*Jornal de Piracicaba*: “O Carnaval”, 13/02/1904, p. 1).

¹⁸⁶ *Jornal de Piracicaba*, “Carnaval”, 25/02/1906. p. 02.

O lazer movimentava a economia da cidade. Nos dias de Carnaval muitos ganhavam um dinheiro extra, vendendo as laranjinhas. O comércio se beneficiava vendendo diversos artigos. Em uma notícia, a livraria Rodrigues usou da polêmica do entrudo em seu favor de forma bastante inusitada, com ironia:

A policia prohibiu o entrudo assim também como multará todo aquelle que deixar de comprar, na Livraria Rodrigues, lança perfumes, conffetti, serpentinas e outros artigos de carnaval, que é onde elles são vendidos mais barato (*Jornal de Piracicaba*: “Proibição”, 03/03/1908, p. 2).

A livraria usou da polêmica do entrudo para chamar a atenção do leitor. Com isso, poderemos perceber que a população estava atenta às medidas das autoridades com relação ao entrudo. Se as laranjinhas foram proibidas, isso não indicava que não podiam se divertir, haveria novos artigos para brincar o carnaval, como o lança perfume, os confetes, as serpentinas etc.

Além do jornal, nos desfiles de carros também havia propagandas. Percebe-se, através das fontes, que nos corsos, aos poucos diminuíram os carros de críticas aos problemas da cidade e foram substituídos por carros de propagandas. Em 1910, a loja Da Lua e a cerveja de Rio Claro se apresentaram com carros ornamentados¹⁸⁷. Com a diminuição das críticas nos desfiles perdeu um pouco de seu caráter contestatório e divertido, mas ganhou uma nova cara, já que o comércio aprimorou os carros e investiu neles.

Apesar da grande espera pelo carnaval, quase sempre ao se aproximar dos dias de festejo, a polêmica do entrudo voltava às páginas do jornal, com todo o tipo de manifestação, a maioria contra. Naquele tempo essas brincadeiras foram tratadas como vulgaridades populares. O entrudo era assunto frequente no jornal, o que pode nos indicar que ainda era muito praticado. Em 1904, a polícia permitiu as brincadeiras do entrudo, porém, o jornal aconselhou que fizessem o uso dos confetes, que era considerado algo mais delicado e mimoso:

Que graça nos causa vermos as senhoritas fugirem das ruas, para assim se escaparem ás laranjinhas e bisnagas?...
O Jogo de *confetti*, ao contrario, attrahe-as para as ruas e jardim o que tem outra graça.
No nosso modo de ver, a policia devia prohibir esse brinquedo, pois bem pode elle trazés mãs consequencias. Nem todos estão dispostos a voltar molhados para casa,

¹⁸⁷ *Jornal de Piracicaba*: “Carnaval”, 10/02/1910, p. 1.

quando não recebem uma constipação. Do que houver será ella a responsavel (*Jornal de Piracicaba*: “O entrudo”, 13/02/1904, p. 1).

No mesmo ano, Felix de Mattos escreveu contra os perigos de voltar às brincadeiras do entrudo. Afirmou que era coisa do passado, as laranjinhas e as bisnagas, na qual as pessoas se atiravam e molhavam-lhes em verdadeiras lutas atirando, umas às outras, baldes de água, desprezando os mínimos preceitos de higiene e saúde:

Ora isso se dava em outros tempos. Hoje, com o progresso da sciencia e, portanto, das sociedades cultas e civilisadas, o jogo das *laranjinhas* deve ser prohibido, não deve ser sustentado por uma juventude que tantos conhecimentos tem do que é bello e do que é agradável. Além disso, esse divertimento constitue um desrespeito, uma grave profanação ás delicadezas naturaes da mulher, cujas vestes e cujos encantos requerem de todos os homens a maxima consideração e gentileza (*Jornal de Piracicaba*: “O Carnaval”, 14/02/1904, p. 1).

O jornalista protestou para que as autoridades não permitissem tais comportamentos, pois poderia levar à doenças fatais, como a tuberculose. Concluiu, dizendo que essa deveria ser a opinião de todos que quisessem que Piracicaba fosse uma cidade distinta entre as cidades paulistas. Havia uma tentativa de fazer com que a população compreendesse que o entrudo era maléfico, que poderia causar doenças, além de ser algo pouco delicado, principalmente quando dirigido às senhoritas.

Apesar de uma parcela da sociedade querer o fim do entrudo e a imprensa auxiliasse nessa campanha, muitas vezes não era suficiente para romper com estes costumes. Assim como Piracicaba, outras cidades também tinham estas brincadeiras. Segundo uma matéria, assinada por Felix de Mattos, fazia anos que o entrudo tinha desaparecido e voltou com bastante empolgação no ano de 1904:

ella que surge esse anno affrontando os fóros de cidade aristocrata e linda que se orgulha gosar a nossa Piracicaba e atacando violentamente a gentileza que reveste os divertimentos que as pessoas gentis costumam engrinaldar de flores e de attractivos formosos.

Mas é inglorio commentar-se mais esse assumpto.

Lamentamos apenas com profundo sentimento que não fosse prohibido o jogo das *laranjinhas* no carnaval deste anno.

A posição que esta cidade occupa entre as mais adiantadas do Estado paulista é cheia de responsabilidade e não pode ser assim desdoirada pelo entusiasmo de risonhas almas, amigas dos prazeres de entrudo, dos folguedos satanicos de Mômô (*Jornal de Piracicaba*: “O entrudo”, 19/02/1904, p. 1).

Essa foi uma opinião do cronista, já que as fontes mostraram que o entrudo não havia desaparecido, pois houve reclamações sobre ele antes de 1904. A permanência do entrudo, mesmo a contragosto desses jornalistas, indica que eram práticas populares enraizadas e que

não seriam modificada por simples imposição das autoridades. Foi preciso uma construção negativa desses costumes e uma imagem positiva de outros tipos de carnaval. Os costumes do Carnaval não seriam mudados de uma hora para outra.

O Entrudo foi mais uma vez criticado no *Jornal de Piracicaba*:

Para traz!

É este o brado que devemos soltar deante dos indivíduos de baixa esphera, boçaes, supinamente sujos e de physionomias patibulares, que, de posse dum lança-agua qualquer, saem á rua e asquerosamente mettem-se a molhar as familias que passam e as pessoas que andam tratando dos seus affazeres quotidianos (*Jornal de Piracicaba*: “O entrudo”, 04/03/1905, p. 1).

Ele afirmou que essas pessoas acabavam prejudicando a imagem da classe operária, elemento de progresso das nações e a quem deviam o seu desenvolvimento. Utilizou o termo “imbecis”, para falar daqueles que participavam do entrudo e os criticou por falarem aos transeuntes palavras injuriosas. Para ele, os lança-perfumes e outros inventos carnavalescos adequados à civilização eram toleráveis entre pessoas amigas, que respeitavam as conveniências sociais. No entanto, era diferente do que estava acontecendo, na quais pés rapados, bêbados e sujos molhavam senhoras ou cavalheiros que estavam em trânsito nas ruas ou em hora de sesta na janela de suas casas. Ele pediu às autoridades que se não proibissem estes atos, pelo menos então coibissem os abusos que estavam acontecendo, pois em momentos não refletidos, pessoas de boa índole eram levadas a cometer atos que em seu íntimo reprovava.

Podemos perceber que o jornal contribuiu na construção de uma imagem depreciativa desses costumes. O que mais incomodava era que pessoas que não se conheciam, ou não eram próximas se vissem no direito de molhar os outros, desrespeitando as hierarquias sociais, afinal eram os dias da loucura.

Em 1906, as autoridades policiais mais uma vez decidiram não proibir os jogos de entrudo. O jornal, ao mesmo tempo em que não queria esses comportamentos considerados atrasados em sua cidade, era cuidadoso com a questão da liberdade individual, a qual tanto defendia. Uma matéria sobre esse assunto, no *Jornal de Piracicaba*, disse ser necessários limites com relação às brincadeiras. Um acontecimento exemplificou os problemas pela falta desses limites. Foi o caso de senhoras que, ao saírem da igreja foram assaltadas por um grupo de garotos armados de laranjinhas e procuravam molhá-las, obrigando-as a fugirem.

Nessa matéria, o jornalista se dizia inimigo do entrudo, que esse era uma brincadeira insuportável dos tempos passados, não tendo mais razão de existir e que seria suportável

apenas no âmbito privado, na intimidade das pessoas que apreciavam tais brincadeiras¹⁸⁸. A preocupação com a imagem de cidade civilizada aparece, a população deveria contribuir para que a reputação da cidade fosse mantida, evitando alguns costumes que não condiziam com a cidade desejada.

Em 1909, uma notícia lembrou aos leitores que mesmo a polícia não tendo lançado um edital proibindo o entrudo ela já era proibida por lei. A matéria colocou que talvez fosse melhor a polícia lançar um edital para que a população não interpretasse seu silêncio como um consentimento para com as brincadeiras, pois ela teria um péssimo hábito e tendência para a violação das leis. Essa discussão, sobre se devia ou não permitir o entrudo, entrou numa questão mais ampla, que era a falta de consenso sobre o legal e o ilegal, o tolerável e o intolerável. Muitas vezes, servia de pretexto para abusos da polícia, que agia de forma injusta, punindo uns e protegendo outros, provocando ainda mais confusão (LAZZARI, 2001).

Através do combate ao entrudo podemos notar que havia uma preocupação, principalmente com o Carnaval popular, nas ruas e praças. Percebe-se o preconceito contra os hábitos populares, vistos como perigosos, como causadores de confusão.

Para uns faltava animação, para outros o carnaval por si era uma desculpa para libertinagem e o vício. Um cronista fez uma crítica ao Carnaval dizendo que era um disfarce para as pessoas cometerem imoralidades, na qual os homens sérios colocavam as máscaras nos rostos dando vazão às mais degradantes paixões: “Carnaval! tu és enfim, o factor retrogradante da civilização dos povos! [...] Vai te embora com Belzebu, teu companheiro, e não voltes mais”¹⁸⁹. O carnaval aparece como um reflexo da corrupção dos costumes, denunciando a hipocrisia da fachada da sociabilidade moderna. Essa matéria mostra uma voz conservadora bastante forte com espaço no jornal.

Mais uma crítica contra imoralidade do Carnaval foi escrita, o Sr. J. R. Carvalho, Ministro do Evangelho, disse que felizmente os dias de Carnaval haviam acabado. Se nos tempos de seus avós, que jogavam ovos podres e água choca era um verdadeiro delírio, o Carnaval dos tempos atuais era uma verdadeira loucura:

Os divertimentos do carnaval, chamados entre nós vulgarmente- Entrudo, são um resto, e uma imitação das festas que os gentios celebravam neste mesmo tempo, para honrar o deus do vinho, e de toda a sensualidade, o demônio, que se fazia adorar nos mais infames vícios.[...]

¹⁸⁸ *Jornal de Piracicaba*: “O entrudo”, 21/02/1906, p. 1.

¹⁸⁹ *Jornal de Piracicaba*: “O Carnaval”, 14/02/1904, p. 1.

E por ventura não se vê entre nós os christãos, trazendo os mesmos costumes do paganismo? Na verdade é mais que ridiculo um christão tomar o character e figura do pagão e do bruto segundo a sua loucura.

Ha um esquecimento verdadeiro do que é, e por isso parece dizer: *Comamos, bebamos, divertamo-nos, porque amanhã morremos* (*Jornal de Piracicaba: “O Carnaval”, 18/02/1904, p. 1*).

Ele continuou sua crítica dizendo que, nesses momentos, as pessoas perdiam o bom senso, se entregavam a loucura e indecência, evidenciadas em gritos e corridas, nas modinhas e em tudo que se pudesse imaginar. Concluiu, dizendo que era um protesto a esse divertimento cuja natureza era incompatível com o cristianismo.

O Carnaval supera os limites dos espaços e das hierarquias existentes no cotidiano. Por isso, o uso da expressão “isto é uma loucura” porque o mundo social tão preocupado com as hierarquias e as lógicas do “Você sabe com quem está falando?” se defronta com o Carnaval, que oferece mais aberturas e em que as fronteiras do lugar social são ultrapassadas.

Alda Follet escreveu ao jornal em editorial na coluna “Frivolidades” contra as festas do Carnaval. Ela começou a matéria analisando o termo carnaval, que tem seu sentido implícito: orgia da carne. Ela disse se admirar que na imprensa os escritores lamentassem a frieza do Carnaval, este “bacanal” hediondo, que tinha conseguido atravessar os séculos e que para ela já deveria estar sepultado:

Este, sob uma apparencia encantadora, debaixo de uma mascara branqueada, é, no entanto asqueroso no interior (...)

No seculo actual, seculo de luzes e de vida intellectual, o carnaval devia ser uma palavra morta, e estas mascaras de papelão deviam apenas figurar nos museus de antiguidades (...)

Dir-se-á que o carnaval é útil; que dá vida e animação ás cidades, lucro ao comercio etc. Um erro! (...)

Queremos nos divertir? Desejamos que as cidades tenham vida e alegria? Que as nossas ruas e logradouros regorgitem de garrulas creanças e senhoritas joviaes? Pois bem, não nos faltam meios: Façamos convescotes, alegres *gardens-party*, ao mesmo tempo instructivos, a festa das arvores e das petalas odoríferas das flores os *confectti*. Eduquemos as nossas creanças, alegrando-as com divertimentos do nosso século (...) (*Jornal de Piracicaba: “Carnaval!”*, 25/02/1911, p. 1).

Segundo a autora, tornava-se necessário acabar com essa festa selvagem, assim como já havia sido proibido o entrudo. Nos bailes carnavalescos o vício deturpava a moral e a razão. Pediu aos intelectuais que o combatessem, em todos os meios e com as luzes de suas ideias esclarecidas, esse folguedo bárbaro e atrasado, ensinando aos filhos o desprezo ao vício e a corrupção da moral e dos costumes. No entanto, ela não condenou, em absoluto, os carros elegantes e enfeitados que conduziam a passeio as crianças, dizendo que era até gracioso. Ela condenou, também, os mascarados: “Pelo typo de mascara que o individuo escolhe avaliamos

o que elle é quando está mascarado, isto é, sem mascara.”¹⁹⁰. Segundo ela, a pessoa usava a máscara para cometer atos que tinha vontade, mas não os realizava, por medo de prejudicar sua imagem perante a sociedade. Essa foi mais uma denúncia da hipocrisia da sociedade, que usava os dias de festa carnavalesca e as máscaras para ser quem de fato queria e fazer o que tinham vontade. Podemos notar a vontade de se modificar os costumes, de torná-los mais elegantes, com gestos mais polidos e instrutivos. A crônica escrita pela autora nos mostra uma mulher colocando suas opiniões no jornal, algo que raramente vimos nas fontes.

A adesão aos desfiles, apreciados pelas elites locais mostra a tentativa de colocar o povo como espectador, já que os desfiles eram realizados pelos comerciantes e pelos estudantes da cidade. Essas pessoas deveriam representar a imagem da cidade, demonstrar seu bom gosto, seus valores, seus padrões estéticos e morais.

No dia 16 de fevereiro de 1904, o jornal descreveu o Carnaval. Uns atiravam os delicados confetes, outros as bárbaras e estúpidas laranjinhas. O jornal classificou os participantes da festa pelos comportamentos. Os mascarados avulsos corriam pelas ruas com a tradicional brincadeira *Você me conhece?* Na qual a opinião do jornal foi negativa sobre a brincadeira, chamando-a de imoral e sem espírito: “Não vimos sequer um mascara espirituoso, porquanto todos, mais ou menos usavam de espirito engarraffado”¹⁹¹. Com essa matéria, vemos que o alcoolismo era bastante presente nos dias de Carnaval e que isso prejudicaria o brilho das festas.

O grupo *Vittorio Alfieri* fez uma passeata pela cidade, mas o que teve mais animação foi o entrudo, principalmente na esquina da Rua Moraes Barros, com o largo da Matriz. O jornal disse, nessa matéria, não reprovar o entrudo, já que foi autorizado pelos poderes públicos. Há mais de dez anos essas brincadeiras haviam sido proibidas e estavam de volta com toda força. Segundo a matéria, o policiamento foi bom, a vigilância foi eficiente: “não se registrou nenhuma desordem, o que é de admirar-se com o grande ajuntamento de povo que tem havido”¹⁹². Concluiu a matéria, dizendo sobre a importância dessas festas, dos momentos de alegria e entusiasmo, para que esquecessem um pouco dos pesos da vida.

Com essa matéria, vemos que, apesar de grupos carnavalescos estarem se organizando, o entrudo permanecia. Para que as festas tivessem certa ordem, o policiamento foi reforçado, no Rio de Janeiro, anteriormente aos dias de Carnaval, já recolhiam algumas pessoas suspeitas

¹⁹⁰ Idem.

¹⁹¹ *Jornal de Piracicaba*. “O Carnaval”, 16/02/1904, p. 1.

¹⁹² Idem.

a cadeia a fim de evitar mais confusões. Vemos, também, que colocou a importância do Carnaval apenas como um momento para esquecer e extravasar, sem maiores significados.

Em mais uma matéria na primeira página, com o título “Entrudo”, ocorreu uma opinião moderada com relação a essas brincadeiras, dizendo que mesmo que as outras sociedades civilizadas e cultas já tivessem abolido o entrudo ele havia voltado e nada podiam fazer. Não pediu o fim do entrudo, mas que as autoridades colocassem limites e agissem com energia, para que não tomassem proporções de selvageria. Segundo a matéria, o povo, que já tinha mais cultura e moralidade do que nos tempos antigos, saberia discernir quando deveriam conter as brincadeiras.

Ocorria por parte das autoridades e dos intelectuais da cidade uma busca por um Carnaval mais civilizado, com mais requintes e com gestos mais contidos. Em uma matéria da coluna “Dominical”, afirmou que o baile daquele ano iria ocorrer no teatro: “o local mais apropriado e mais de acordo com a solenidade que se projecta imprimir á festa”¹⁹³. À tarde, pelas ruas da cidade, ocorreu a exibição de moços e moças fantasiados com riqueza e originalidade, muitas costureiras estavam finalizando suas encomendas para essa grande festa. Dentre as fantasias algumas já eram esperadas como a do *chrysanthème*, bem como a de Luíz VI. Contra a diversidade incômoda das ruas, se levantou defensores por um Carnaval mais culto, sofisticado, apropriado e superior.

Enquanto as elites locais apreciavam o concerto musical e o baile no teatro, garotos ficavam no largo do teatro cometendo, segundo o *Jornal de Piracicaba*, uma verdadeira balbúrdia, que deveria ser reprimida pela polícia local. Diferentes carnavais conviveram na cidade. Haveria uma forma ideal para comemorar o carnaval, enquanto outras eram tratadas com descaso ou preconceito.

As opiniões sobre o carnaval eram das mais diversas, como pudemos observar. Uma matéria do jornal falou sobre a grande empolgação para os dias de folia. Dizia que, finalmente, chegara os dias de prazer, dias de bebedeira, de amor, de volúpia, dos desejos, dias de bamboleio e maxixe: “Que alegria, Que festa! Que prazer!” e seguiu o versinho:

E o Zé lá vai gritando:
Viva o Zé Pereira
Que a ninguém faz mal
Viva a bebedeira
Do dia do carnaval!
Zum bururum!
Zum bururum!...

¹⁹³ *Jornal de Piracicaba*: “Dominical”, 21/02/1909, p. 1.

Viva o Carnaval! (*Jornal de Piracicaba*: “Carnaval”, 05/03/1905, p. 1).

A respeito do entrudo, ocorreram matérias que o elogiavam dizendo que as laranjinhas, as bisnagas, os lança-perfumes animavam os dias de Carnaval. Porém, em 1907, a polícia proibiu as práticas do entrudo. O *Jornal de Piracicaba* ficou bastante satisfeito com essas medidas, dizendo que o Carnaval estava muito mais delicado, com os jogos de confetes, serpentinas e os lança-perfumes.

O Carnaval de 1911 foi bastante agitado, em editorial, o *Jornal de Piracicaba*, elogiou as festas dizendo que haviam sido três dias de felicidade, dias risonhos, esquecendo das tristezas e lutas da vida, nos quais as pessoas se atiraram à mais louca alegria. Os mascarados estavam com bastante espírito, muitos carros conduziram alegres rapazes que lançavam confetes e serpentinas, colorindo as ruas. A batalha de lança-perfumes chegou ao delírio, moços e moças esqueciam pequenas cerimônias. O melhor havia acontecido nos bailes em casas particulares, onde se deram os mais fortes e entusiasmados ataques de lança-perfume. O primeiro dia da festa, ocorreu na casa do Sr. Guilherme de Mattos, o segundo, na de Antonio Ribecco e o terceiro, na de José Basilio de Camargo que, segundo as fontes, foram muito gentis com seus convidados. Essa foi uma matéria bastante entusiasmada e contente com os festejos de Carnaval, chegando a afirmar que: “si Piracicaba não for o paraíso terrestre, nenhum outro lugar o será”¹⁹⁴. Lamentou o fim dos festejos, dizendo ter ficado a saudades e a esperança de serem igualmente felizes no próximo ano.

Para que o entrudo desaparecesse foi preciso que novos valores e costumes fossem colocados em seu lugar. A molhadeira seria substituída pelos confetes e no lugar do mascarado, o folião sem malícias. Tratou-se de uma dicotomia para diferenciar o entrudo do Carnaval e costumes atrasados dos costumes modernos, de forma a não deixar dúvidas qual seria o melhor.

O Carnaval era uma festa popular que reunia a população de forma geral, mesmo que tivessem locais próprios para a elite se reunir, as ruas e o jardim público eram locais onde por alguns momentos se esquecia das diferenças sociais. Porém, mesmo o Jardim sendo público, onde todos poderiam frequentar, houve uma matéria, pedindo à polícia que não deixassem entrar pessoas com comportamentos e aparência suspeita: “Sendo o ponto preferido pelas famílias piracicabanas para os brincos carnavalescos e dada a sua fraca iluminação, seria da

¹⁹⁴ *Jornal de Piracicaba*: “Lanterna Mágica”, 02/03/1911, p. 1.

maior conveniencia que alli se impedisse a entrada de garotos, maltrapilhos e gente alcoolizadas”¹⁹⁵.

Percebemos, então, que a ideia de que o carnaval era uma festa, onde “todos” se reuniam com alegria, se esquecendo das hierarquias sociais, é uma imagem idealizada. Assim, como a sociedade continuava bastante desigual isso também se refletia nos momentos de lazer, que não são momentos à parte, separados da realidade. O lazer, influencia e é influenciado por fatores econômicos, políticos, sociais e culturais. A matéria acima é um exemplo disso. As elites piracicabanas tentavam evitar o encontro com os problemas sociais, não queriam partilhar dos mesmos espaços dos grupos desfavorecidos, quando isso era possível. A proibição de pessoas mal vestidas e, principalmente, alcoolizadas era bastante complicado, pois os excessos da bebida era comum nos dias de folia em toda a sociedade.

A convivência com a multidão anônima nos dias de folia tendia a ser cada vez mais desagradável e perigosa. As sociedades carnavalescas e a ocupação de novos espaços para a festa foi uma tentativa de se afastar dos comportamentos rudes do povo, para um Carnaval mais distinto e civilizado. O Carnaval não deve ser considerado apenas um momento de inversão da ordem, mas como uma tensão criadora que acontece num momento reservado.

Buscar o lazer como forma de paz social é uma visão altamente conservadora. Visando a ordem, instrumentaliza o lazer como recurso, para um ajustamento das pessoas em uma sociedade supostamente harmoniosa ou um fator que ajuda a suportar a disciplina e as imposições sociais ocupando o tempo com atividades equilibradas e corretas do ponto de vista da “moral” (MARCELLINO, 1996).

O carnaval foi visto de diversas formas, são bons exemplos das visões a respeito do lazer pelos jornais de Piracicaba. O Carnaval refinado, com jogos de confetes ou pétalas nos salões e com os modernos carros que desfilavam pelas ruas eram bastante admirados pela ordem e beleza. Podemos perceber a busca por uma imposição da ideia de civilização, através das notícias de Carnaval.

A festa foi colocada como um momento para extravasar, se divertir e se esquecer dos problemas. Era vista como falta de seriedade. A declaração no jornal, após os dias de folia, mostra um pouco dessa visão: “Agora passado os três dias do carnaval, reentra a gente no enfadonho ramerrão da vida au jour le jour e volta a tratar das chamadas coisas serias (...)”¹⁹⁶. No entanto, se era algo que não era sério, por que tanta atenção e discussão sobre o Carnaval?

¹⁹⁵ *Jornal de Piracicaba*: “Carnaval”, 03/03/1908, p. 2.

¹⁹⁶ *Jornal de Piracicaba*: “Dia a Dia”, 15/02/1907, p. 1

Se não era algo importante, por que foi tão vigiado e precisou ser modificado através de medidas e de discursos reprovando determinadas atitudes?

O que podemos concluir sobre o carnaval na cidade é que foi algo muito importante na busca por uma modernização, que implicava em mudanças de comportamentos e na forma de se divertir, a fim de se construir uma sociedade civilizada. Podemos pensar, também, que essa modernização e civilização não ocorreram de forma passiva por conta da população, que mantiveram suas tradições, como o entrudo.

Com as matérias sobre o lazer, percebemos que havia diversas opiniões a respeito de um mesmo assunto e que o jornal não tinha uma homogeneidade. De um lado, vemos críticas ferozes ao entrudo, ao Carnaval, ao jogo, à embriaguez e aos bares, de outro, vemos que ele era tolerável e até positivo, como válvula de escape, para o resto de um ano de dificuldades e trabalho duro.

O conceito de cidade pode ultrapassar a ideia de ser um lugar arquitetonicamente pensado para alojar pessoas, corpos, empresas, objetos, ruas, bairros, mas como um conjunto de representações que formam o tecido urbano, em um ambiente culturalmente rico, capaz de manter tradições e construir novos hábitos e ideias.

CONCLUSÃO

Podemos dizer que por meio das matérias do jornal percebemos que ocorreram na cidade de Piracicaba muitas mudanças, tanto estruturais como culturais. Queriam uma cidade que expressasse o progresso do interior paulista. A imprensa via potencial para que Piracicaba fosse uma das mais desenvolvidas do Estado. Havia um forte desejo para que ela desenvolvesse ao máximo seu potencial, econômico, social e cultural.

No período estudado, entre 1900 e 1914, a questão urbana se desenvolveu, pois os problemas foram pensados de forma sistemática e buscou-se resolvê-los através da técnica e da racionalização. A cidade foi um local onde os perigos e os mistérios andaram juntos. Nelas, identidades foram construídas e escondidas na massa urbana. Viram a cidade como um corpo doente, que deveria ser sanado. Os urbanistas, os policiais e outros, foram chamados a impor a ordem na cidade, reforçando, muitas vezes, a exclusão e legitimando as desigualdades sociais. A questão social e a urbana eram vistas como realidades objetivas, como problemas que necessitavam de um enquadramento.

A sociabilização na cidade trouxe questões complicadas para os poderes públicos, como os problemas relativos às multidões, à criminalidade e às desordens. A polícia teve um forte papel na preservação da ordem urbana ao reprimir pessoas que cometiam atos que não estavam socialmente permitidos como as bebedeiras, brigas, confusões e roubos. Tinha um papel importante para que a cidade alcançasse os moldes de cidade civilizada, no entanto, vimos que alguns policiais faziam parte do cenário de desordens na cidade.

A imprensa, bem como a polícia possuía também sua missão civilizatória através da formação de opinião e de discursos ideológicos. Separava a ordem da desordem, redefinindo a moral e os comportamentos dos habitantes da cidade. Dizia o que era desejável ou não, o que era adequado, delimitava o socialmente aceitável, inclusive criticando posturas municipais e atitudes das autoridades.

As matérias do jornal, muitas vezes, serviam como um manual de civilidade, como um guia moral e de costumes. Mas nele também encontramos embates entre as diversas concepções do que seria desejável para a sociedade.

Novos códigos éticos, novos referenciais morais e de condutas iam se formando. A cidade mudara suas construções, suas ruas, o número de habitantes circulando, rostos diferentes e diversos apareciam, modas cada vez mais rápidas tornando a cidade muito mais complexa.

Os costumes mudaram, deixando alguns moradores perplexos pela perda de seus referenciais, sobre os quais pautavam o seu comportamento. Tratava-se de uma nova maneira de ser e estar na cidade. Os novos valores urbanos remetiam a um modo burguês de ser, pautado pela individualidade e individualismo. No entanto vimos que a solidariedade se fazia presente, e as boas ações eram admiradas pela imprensa.

Os momentos de diversão muitas vezes atraíram um grande número de pessoas promovendo o encontro e a sensação de que a cidade estava agitada. Esse clima de alvoroço é o que caracteriza as grandes cidades, permite que o indivíduo se perca na multidão ao mesmo tempo em que ele se individualiza e constrói sua identidade pessoal e coletiva.

O lazer fez parte do processo de uma construção de ideia de urbanidade. Através dele a imprensa mostrou quais os comportamentos adequados à nova ordem social. Apontou as melhores formas de se divertir e quais eram prejudiciais à paz social e ao progresso almejado.

Foi também através do lazer que contatos familiares puderam ser perpetuados, nos clubes, nos teatros, nas festas particulares. Foi por meio do lazer que se vivenciou a cidade moderna, das aparências, das modas, das invenções tecnológicas. Mas foi também nas diversões que se vivenciou o lado obscuro das cidades, dos vícios, da violência.

A imprensa e a população reivindicaram espaços públicos mais saudáveis, propícios a atividades ao ar livre, dentro de uma concepção na qual se valorizava a higiene, a ordem, a educação e a estética. Ocorreu um novo papel da cidade e um novo papel do lazer, que convergia o imaginário do progresso, da civilidade e do cosmopolitismo. A cidade e o lazer não foram apenas expressões do processo civilizatório, mas fez parte desse processo.

A partir dos Jornais percebemos os diferentes conceitos de lazer, e as visões desse lazer nos mostram ideologias. Os divertimentos da época ajudaram a perpetuar imagens e a dominação de uma elite. Através dessas imagens foram vistos, ao mesmo tempo, momentos privilegiados para negar imposições, momentos de resistência à nova ordem burguesa, de encontro, trocas, enfim, momentos que demarcavam e classificavam as múltiplas identidades da cidade moderna.

O *Jornal de Piracicaba* teve um lado de crítica e denúncia dos problemas da cidade. No entanto, manteve seu poder por meio de negociações. Por mais que se dissesse imparcial em questões políticas, teve um forte papel na formação de opinião e, ao denunciar os problemas da cidade, mostrava seu descontentamento. Dizia falar em nome da população, mas tinha um discurso muitas vezes conservador e preconceituoso, sobretudo com a população negra.

Concluimos que havia, por parte da imprensa, um forte desejo de fazerem parte de uma cidade moderna, limpa, bela, ordenada, educada e culturalmente elevada. Mas que boa parte da população estava preocupada com sua sobrevivência, com a liberdade de jogar, de beber, de falar mais alto, de se expressar e de ter seu lugar na cidade. *A Belle Époque* não foi um momento só de harmonia, no qual a influência francesa era predominante, como se construiu por parte de uma historiografia. Mas foi também uma época de problemas, de conflitos sociais, de preconceito e de exclusão dos mais pobres, na qual se conviveu temporalidade distintas, modernização com ambiente rural. Foi um momento de grandes contradições.

Com essas diversas sensações e experiências da modernidade como vimos com as diversões podemos perceber que o conceito de cidade ultrapassa a ideia de ser um lugar pensado para alojar pessoas, corpos, empresas, objetos, ruas, bairros, mas como um conjunto de representações que formam o tecido urbano, em um ambiente culturalmente rico, capaz de manter tradições, construir novos hábitos e ideias. As cidades são expressões do humano, da cultura humana, são imprevisíveis e vivas, por isso ainda temos muito a descobrir sobre elas.

FONTES

Gazeta de Piracicaba (1900-1914).

Jornal de Piracicaba (1900-1914).

CAMARGO, Manoel de Arruda. *Almanak para o anno 1900*. Piracicaba (1899), (IHGP).

KRAHENBUHL, Hélio (org). *Almanaque de Piracicaba* (1955). Piracicaba, (IHGP).

NEME, Mario (org). *Almanaque de Piracicaba* (1936). Piracicaba (IHGP).

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Rita. *Festa à Brasileira - sentidos do festejar no país que “não é sério”*. 1a. ed. Internet: Ed. eBooksBrasil / Os Urbanitas, 2001. v. 1. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/festas.htm>>. Acesso em: 26/01/2009.

BALCÃO, Lier Ferreira. “A cidade das reclamações”. In: *PESQUISA EM HISTÓRIA: Cidades*. São Paulo: PUC/SP e Olho d’Água, novembro/1999.

BANN, Stephen. *As Invenções da História*. São Paulo: UNESP, 1994.

BENVENUTTI, Alexandre Fabiano. *As reclamações do Povo na Belle Époque: a cidade em discussão na imprensa curitibana (1909-1916)* Curitiba, 2004. (Dissertação de Mestrado-UFPR)

BERBERI, Elizabete. *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*/ Pierre Bourdieu; tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre; RS: Zouk, 2008. 560p.

_____. *O Poder Simbólico*. Tradução Fernando Tomaz – 2.ed. Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil, 1998.

BRANDÃO, Angela. *A fábrica de ilusão: o espetáculo nas máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba (1905-1913)*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1994.

BRESCIANI, Stella. *Imagens da Cidade. Séculos XIX e XX*. São Paulo: Anpuh, 1994.

BRETAS, Marcos Luiz. *Ordem na cidade: o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Roco, 1997.

BRUHNS, Heloisa T; GUTIERREZ, Gustavo L. (org). *Representações do Lúdico*. Campinas, SP: Autores associados, 2001.

CALVINO, I. *Cidades invisíveis*. (Trad. Diogo Mainardi). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CAMARGOS, Márcia. *Villa Kyrial. Crônicas da Belle Époque Paulistana*. São Paulo: SENAC, 2001. Moderna, 1998

CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*, Rio de Janeiro, Campus, 1997.

CARRADORE, Hugo Pedro. *Retrato das tradições piracicabanas (história e folclore)*. 2. ed. Piracicaba, SP: IHGP, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2).

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho Lar e Botequim. O Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Ed Brasiliense, 1986.

_____. *Cidade Febril*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre Práticas e Representações*. Lisboa, Difel, 1990.

_____. “O mundo como representação”. In: *Estudos Avançados*, 11(5), 1991, pp. 173-191

COSTA, Pietro. *O conhecimento do passado: dilema e instrumento da historiografia*. Juruá, 2007 (trad. Ricardo Marcelo Fonseca)

CUCHE, Denys. *A noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.

CUNHA FILHO, Valter Fernandes da. *Cidade e Sociedade: a gênese do urbanismo moderno em Curitiba*. Tese de Mestrado apresentado na UFPR, Curitiba: 1998.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis - Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque amazônica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

DOIN, José Evaldo de Mello; PEREIRA, Robson Mendonça (orgs). *A Belle Époque caipira: a saga da modernidade nas terras do café (1864-1930)*. Franca: UNESP-FHDSS/CEMUNC, 2005.

DOIN, José Evaldo de Mello; PERINELLI NETO, Humberto; PAZIANI, R. R.; PACANO, Fabio A. “A Belle Époque Caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930) - a proposta do Cemumc”. *Revista Brasileira de História*, v. 27, p. 25-54, 2007.

DUMAZEIR, Joffre. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: SESC, 1980.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2000.

FALCON, Francisco J. C. *História e Cultura. História hoje: Balanços e perspectivas, IV Encontro Regional da ANPUH*. Rio de Janeiro 1990, outubro.

FAUSTO, Boris. *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880 - 1924)*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FENELON, D.R. (org.) *Cidades*. São Paulo: Olho d'água, 1999.

FERREIRA, Felipe. *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FLORES, M. B. R. ; CAMPOS, E. C. “Carrosséis urbanos: da racionalidade moderna ao pluralismo temático (ou territorialidades contemporâneas)”. *Revista Brasileira de História*, v. 27, p. 267-296, 2007.

FOLLIS, Fransérgio. *Modernização urbana na Belle Époque paulista*. São Paulo: UNESP, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.

FRANÇA, Tereza Luiza; CAVALCANTI, Kátia Brandão. “Um olhar histórico acerca do lazer: o encantamento crítico-científico-sensível de uma pesquisadora no domínio da educação, educação física, esporte”. In: *Congresso brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, VIII.*, 2002, Ponta Grossa. As ciências sociais e a história da educação física, esporte, lazer e dança. Anais... Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: 1936

FREITAS, Antonio Francisco Ribeiro de. *Discurso da mídia: um estudo de caso*. Maceió: EDUFAL, 1999.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada*. 1980, Brasil, Zahar Editores, p.158

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A. 2003. 7ª ed. ou reimpressão.

HEERS, Jacques. *Festas de Loucos e Carnavais*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1987.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

IGLÉSIAS, Francisco de Assis. *Memórias de um agrônomo: à noiva da colina- Piracicaba*. Piracicaba (SP): Agronômica Ceres, 2003.

IORIO, Regina Elena Saboia. *Intrigas & Novelas. Literatos e literatura em Curitiba na década de 1920*. Tese de Doutorado apresentado na UFPR, Curitiba: 2003.

KOGURUMA, Paulo. *Conflitos do imaginário: a reelaboração das práticas e crenças afro-brasileiras na “metrópole do café”, 1890-1920*. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2001.

LAZZARI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*. Campinas, SO: Editora Unicamp/Cecult, 2001.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à cidade*. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

- MARCELLINO, Nelson. *Estudos do Lazer: uma introdução*. Campinas, SP: Autores associados, 2002.
- MARTIN, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *Imprensa e Cidade*. São Paulo: UNESP, 2006.
- MASCARENHAS, G. “Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro”. In.: *Estudos Históricos* - FGV, Rio de Janeiro, v. 23, p. 17-39, 1999.
- MELO, Victor Andrade de, e WERNECK, Christianne Luce Gomes. “Os estudos sobre o lazer no Brasil”. *Revista Movimento*. Porto Alegre - 2004
- MORAES, José Geraldo V. de. *Cidade e cultura urbana na Primeira República*. 6. ed. São Paulo: Atual, 2001
- NEDER, Gizlene. “Cidade, Identidade e Exclusão Social”. In: *Tempo*. Rio de Janeiro, Vol.2, n.º 3, 1997.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia da Letras, 1993.
- NETTO, Cecílio Elias. *Memorial de Piracicaba no século XX*. Piracicaba: Instituto Histórico Geográfico, 2000.
- NETTO, Samuel Pfromm; SODERO, Carlos Roberto Sodero Martins. *Pena, Escudo e Lança*. 2ed. Piracicaba- SP: *Jornal de Piracicaba/ PNA*, 2003.
- NEVES, Margarida de Souza, e HEIZER, Alda. *A ordem é progresso: o Brasil de 1870 a 1910*. 14. ed. São Paulo, Atual, 1991.
- ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade. A França no século XIX*. 1.ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.
- PADILHA, Márcia. *A cidade como espetáculo. Publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001.
- PAZIANI, R. R. “Outras leituras da cidade: experiências urbanas da população de Ribeirão Preto durante a Primeira República”. *Tempo* (London), UFF - Niterói/RJ, v. 10, n. 19, p. 175-200, 2005.
- PECHMAN, Robert Moses. “Os excluídos da Rua: Ordem urbana e cultura popular”. In: *Imagens da Cidade. Século XIX e XV*. São Paulo: Anpuh, 1994.
- PECHMAN, Sergio; FRITSCH, “Lilian. A reforma urbana e seu avesso: algumas considerações a propósito da modernização do Distrito Federal na virada do século”. In: *Revista Brasileira de História*, v.5, n 8/9, Setembro de 1984/abril de 1985.

_____. *Cidades estreitamente vigiadas: O Detetive e o urbanista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

PERECIN, Marly Therezinha Germano. *A Síntese Urbana (1822-1930). Contribuição à História de Piracicaba*. Piracicaba: IHGP/ Ed. Shekinah, 1989.

PEREIRA, Magnus R. M. “Cortesia, civilidade, urbanidade: conversando com Norbert Elias sobre a conformação do espaço e das sociabilidades na cidade medieval portuguesa”. In: *História: Questões & Debates*. Curitiba, v.16, n.30, 1999, p. 111-146.

PESAVENTO, S. J. “Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias”. *Revista Brasileira de História*. V. 27, p. 7-23, 2007

_____. *Exposições Universais. Espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. “Modernidade cultural brasileira: redescobertas da nação”. In: *Revista Textura-Canoas*: Ed ULBRA, 1999 p.5-15.

_____. “Muito Além do Espaço: Por Uma História Cultural do Urbano”. In: *ESTUDOS HISTÓRICOS*. Rio de Janeiro n. 16, p. 279-290, 1995.

_____. *O espetáculo da rua*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1996.

_____. *O Imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

_____. *Os pobres da cidade. Vida e trabalho 1880-1920*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.

_____. (org) *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

PONTE, Cristina. *Para entender as notícias. Linhas de análise do discurso jornalístico*. Florianópolis: Insular, 2005.

POSTER, Mark. *Cultural History and Postmodernity*. New York: Columbia Press, 1997.

RAGO, M. L. *Do Cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar, Brasil, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. “Imagens da prostituição da Belle Époque paulista”. In: *Cadernos Pagu: de trajetórias e sentimentos*. São Paulo: Unicamp, 1993, p. 31-44

RAMINELLI, R. J. “História Urbana”. In: Ronaldo Vainfas; Ciro F. Cardoso. (Org.). *Domínios da História*. RIO DE JANEIRO: CAMPUS, 1997.

RECKERT, Stephen. “O signo da cidade”. In: *O imaginário da cidade*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

RODRIGUES, Ana Cláudia de S. *A cidade de Franca e suas vozes: O impacto do golpe de 64 na imprensa local*. Franca, 1997 (monografia de conclusão de curso - UNESP).

SANTOS, Carlos José F. dos. *Nem Tudo Era Italiano: São Paulo e Pobreza (1890-1915)*. São Paulo: Annablume, 1998.

SÊGA, Rafael Augustus. *Melhoramentos da Capital (Curitiba, 1913-1916)*. Curitiba: Tese de mestrado, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. *A república das imagens*. São Paulo: Revista Carta Capital, p. 29, 2004.

_____. “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio”. In: *História da vida privada no Brasil República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Orfeu extático na Metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.

SILVA, Eduardo. *As queixas do povo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SILVA, Glaydson. “Antiguidade romana e a desconstrução das identidades nacionais”. In: FUNARI (org) *Identidades, discurso e poder*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. v. 1. 133 p.

SIMÕES, José Luis. *Escola para as elites, cadeia para os vadios. Relatos da Imprensa Piracicabana (1889-1930)*. Piracicaba: Tese de doutorado, 2005. UNIMEP

_____. “História do Lazer em Piracicaba-SP (1900-1912)”. In: *XVII Encontro Regional de História ANPUH*. Campinas 2004.

SPOSATI, Aldaiza. *Vida urbana e gestão da pobreza*. São Paulo: Cortez, 1988.

STORCH, Robert D. “O policiamento do cotidiano na cidade vitoriana”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 5, n. 8/9, p. 7-33, set. 1984/abr. 1985.

TERCI, E. T. *A Cidade Na Primeira República: Imprensa, Política e Poder em Piracicaba*. São Paulo, 1997. Junho (Tese de Doutorado em História Social- USP).

TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. *Piracicaba no século XIX*. 1. ed. Piracicaba, SP: IHGP, Editora Degaspari, 2003.

WEBER, Eugen Joseph. *França fin-de-siècle*; tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.